BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

DIRIGIDA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

N.º 1

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XX

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

BOLETIM

DE

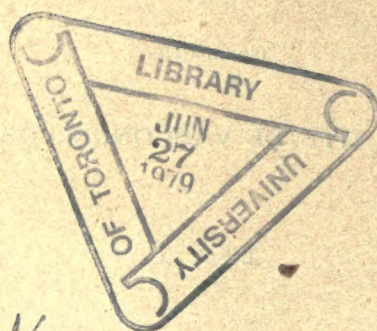
ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

DIRIGIDA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

N.º 1

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XX

ADVERTENCIA PRELIMINAR

ONSTANDO o Museu Etnologico de duas secções principais, Arqueologia e Etnografia, e tendo ele, já desde 1895, como orgão d'aquela *O Archeologo Português,* terá agora como orgão da segunda secção o presente *Boletim,* que porém não se circunscreverá nas cousas possuidas pelo Museu, mas tomará mais largo ambito, como *O Archeologo* faz.

Os assuntos tratados no *Boletim* serão freqüentemente analogos ou iguais aos que se tratam n-*O Archeologo,* só com diferença de epocas, visto que a Arqueologia é em muitos casos Etnografia do passado, e a Etnografia, no que toca ao estudo (Ergografia, Ergologia) dos objectos materiais que provêm da tradição, é, por assim dizer, Arqueologia do presente.

Museu de Belem, dia de Ano Bom de 1919.

J. Leite de Vasconcellos.

Aprestos de costura

A molher portuguesa d'outr'ora recatava-se muito mais que a moderna. De certo que amava e casava, como hoje; mas os amores eram mais serios, e o casamento mais consentaneo ao intuito, e por isso mais solido. A sua vida passava-se principalmente em casa, no cuidado do arranjo d'esta e da familia.

Do ideal de uma dona do sec. XIII diz o trovador D. Fernam Garcia Esgaravunha:

> .. sabe bem fiar e bem tecer,
> e talha mui bem bragas e camisa,
> .. lava bem e faz bõas queijadas,
> e sabe bem moer e amassar,
> e sabe muito de bõa leiteira,

no *Cancioneiro* de Colocci-Brancuti[1]. Esta dona moía provavelmente em um moinho de mão, como o que ainda hoje se usa pelas aldeias da Beira, no Algarve, etc., menos complicado que a atafona ou zanguizarra. A roca a exalta um adagio: *não ha casa forte, onde a roca não anda*[2], e o tear o ennobrece outro: *mais vale magro*

---

[1] N.º 384 (= 1511). Cfr. tambem D. Carolina Michaëlis, *Randglossen*, I, 6.

A proposito do *Cancioneiro* de Colocci-Brancuti convem perguntar porque é que, estando ele agora (1919) á venda em Roma, por ter falecido o seu último possuidor, o D.or Ernesto Monaci, o nosso Govêrno o não adquire para um arquivo, biblioteca ou museu. Outros Governos, ao que me consta, estão dispostos a licitá-lo, se nós o deixarmos ir.

Não poderá sair dos cofres publicos uma quantia para a compra de um grande monumento da nossa literatura medieval?

A não o adquirirmos, não só aquelas nações onde ás cousas literarias e scientificas se concede mais importancia do que em Portugal, se rirão de nós, por nos privarmos da posse de um inestimavel tesouro, mas os nossos proprios vindouros nos acusarão de lh'o não legarmos.

Póde acaso hoje parecer custoso comprar por uns tantos milhares de escudos um manuscrito; contudo, d'aqui a seculos, ninguem pensará no valor pecuniario (que, seja qual for, é minimo para um estado), e só se dirá com amargura: *os Portugueses do século* XX *perderam a ocasião de praticar um acto eminentemente patriotico e louvavel, qual o de dotar o seu patrimonio literario com uma preciosidade unica!*

Quem quiser conhecer qual a importancia do codice ou manuscrito de que estou falando leia D. Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, tomo II, p. 49 e seguintes.

[2] Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «roca».

no tear, que gordo no monturo[1]. Que regalo de vida doméstica, tal como a compreendiam os nossos avós do seculo de quinhentos, não se adivinha da leitura dos *Contos e historias* de Fernandez Trancoso! No *Tableau de Lisbonne en 1796* lê-se que é principalmente nas janelas que as molheres lisboetas aparecem, e poucas na rua[2]. Ainda por 1870 e tantos raras vezes se via no Porto uma senhora fóra de casa em dias de semana.

Agora, nas duas capitais, e noutras terras importantes que as macaqueiam, as senhoras, tanto casadas, como solteiras, que não têm obrigações quotidianas que as prendam, passam grande tracto de tempo na pastelaria, na loja de modas, ou a mostrarem-se nos passeios. Os filhinhos ou os irmãozinhos ficam entregues ás amas. Que importa cuidar da casa? Elas tambem possuem direitos que o *feminismo* lhes outorga, ainda que uma escritora francesa, muito famosa, do sec. XIV–XV, Cristina de Pisan, que sem razão julgam alguns campeadora de feminismo, escreveu:«Femmes ont l'entendement, certes, mais pour l'honnesteté où elles sont enclines; ce ne seroit pas chose convenable que elles se alaissent monstrer en jugement aussi bauldement que les hommes»,—ao que uma comentadora, nossa contemporanea, acrescentou, com justa firmeza de criterio: «Christine, invoquant l'*honnesteté,* c'est-à-dire la convenance, pour empêcher la femme de paraître en public et la retenir discrètement dans le cercle familial, est bien de son temps, et cinq siècles en retard sur les *suffragettes*. Aussi je ne vois pas, pour ma part, comment on pourraît l'enrôler sous la bannière du féminisme sans outrer on dénaturer la portée de ses opinions»[3].

As senhoras não só, como digo, se evidenciam desarvoradamente por toda a parte, mas andam trajadas de modo bastante descomposto: já não me refiro aos arrebiques[4], usados desde sempre[5], e desde sempre criticados, por produzirem fealdade no rosto, e fazerem

---

[1] Idem, *ibid.*, s. v. «tear». Isto é: mais vale tea modesta, que porco gordo.

[2] P. 78 sgs.

[3] Vid. *Le Livre des Trois vertus et son milieu*, por Mathilde Laigle, Paris 1912, p. 122.

[4] *Arrebique* (*arrabique,* ou *rebique*) significa propriamente «postura ou côr artificial, com que as molheres pintão o rosto» (*Diccionario* da Academia).

[5] Ovidio, por exemplo, escreveu, entre outras obras congeneres, uma sobre cosmeticos, que ficou incompleta, e sem titulo, ainda que de ordinario se lhe chama *Medicamina faciei*. Nos vv. 51–52 diz o Poeta á dama romana: *disce*.. || *candida quo possint ora nitere modo.*

dano á pele [1]: refiro-me á exposição do peito nu, tão descoberto, que ás vezes a vista dos transeuntes penetra misterios que lhe deviam ficar inacessiveis; refiro-me ao modo como os braços saem de entre rendas e cambraias, despidos por inteiro; refiro-me, emfim, à curteza do vestido e respectivas saias, ostentada com verdadeiro desassombro de impudicicia. São modas! Parece porém que devia fazer-lhes reacção o bom senso, e a castidade, que é a qualidade mais preçada na molher, e algo superior á formosura, ás prendas manuais, ao luxo, á riqueza.. Pondera o mesmo Ovidio, que ha pouco citei em nota:

> Prima sit vobis morum tutella, puellae:
> Ingenio facies conciliante placet [2],

e o nosso Garção:

> .. Todos sabem
> Que o valor não consiste nos vestidos,
> Antes seguem as modas.. [3]

Não haverá pais, irmãos, maridos, que olhem com reflexão para tanto desregramento que se desencadeia em volta d'eles? Fica-se a pensar como serão as gèrações que hão-de vir d'essas inconscientes, embora risonhas, escravas da tesoura de Paris!

Estou falando de Etnografia, não devo ir mais longe em considerações analogas, para não entrar os umbrais da Etica [4]. Ainda assim, bem se entende que falo no geral.

Na cidade podem encontrar-se, e felizmente encontram-se com freqüência, esposas, mães e meninas dignissimas, que condizem de modo muito exacto com o quadro poetico em que Luis de Campos

---

[1] Diz Juvenal:

> Intolerabilius nihil est quam femina dives.
> Interea foeda aspectu ridendaque multo
> Pane tumet facies aut pinguia Poppaeana
> Spirat, et hinc miseri viscantur labra mariti:

nas *Satiras*, VI, 460 sgs.

Em tempos muito mais proximos de nós fala António Gomes d'Oliveyra, *Idylios maritimos y rimas varias*, Lisboa 1617, fl. 37 sgs., de uma dama que, sendo formosa, estragavá o rosto com pinturas.

[2] *Medicamina faciei*, vv. 43–44.

[3] *Obras Poeticas*, Lisboa 1778, p. 150.

[4] Não é por falta de zumbaias que as ridiculas e incóngruas modas de que a cima falo desfiguram a sociedade: dramaturgos, caricaturistas, jornalistas, moralistas, todos de consum lhes põem ferrete; mas em vão!

as pintou[1]; é, todavia, na aldeia que sobretudo devemos buscá-las. Aí a depravação civilizada não chegou ainda tanto. Aí existe, mais que algures, a *molher de bom recado*[2], *que enche a casa até o telhado*[3]. A aldeã, quando a familia, a cozinha, o forno ou o campo a não chamam, ocupa-se de ordinario em trabalhos que se relacionam com o vestuario, isto é, com a fiação, a meia, a costura. De tudo isso oferece a nossa Etnografia documentos curiosissimos, já a folklorica, já a ergografica ou tecnografica. Vou aqui indicar alguns que se referem a costura. Todos provêm do Alentejo, e se guardam no **Museu Etnologico, em Belem.**

I. «Costura» de cortiça

As molheres, quando costuram, têm as agulhas, linhas, tesoura, dedal, etc., em um recipiente que recebe na lingoa comum o nome de *açafate,* pronunciado popularmente *çafate.* O *Diccionario* da nossa Academia define *açafate:* «cestinho tecido de verga, de tres ou qua-

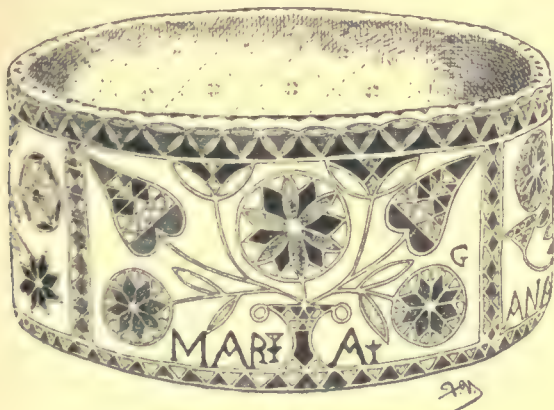



Fig. 1

tro dedos de altura, sem arco, nem asas, e ordinariamente serve para trazer a costura, roupa e cousas semelhantes». Pelo que tange á costura, acrescentarei que o referido recipiente póde não só ser de vêrga (de *vimem* na Beira; de vime, de *frexo,* de *saice,* de *jambujo* no Algarve; etc.), mas de cortiça. No primeiro caso dão-lhes vários nomes, além do de *açafate* ou *çafate* (Sabugal, Mondim da Beira): *cacifro*

[1] Apud *Parnaso Portuguez Moderno*, de Theophilo Braga, Lisboa 1877, pp. 152-153. A poesia intitula-se mesmo: «Esposa, filha e mãe».

[2] Ou *de bom recato.*

[3] Roland, *Adagios*, 1.ª ed., p. 241.

ou *gigo de costura* (Tarouca), *cesto da costura* ou *balaio* (Alportel[1]), *cesta da costura* ou *de costura* (Avis, Loulé, Albufeira[2]) e simplesmente *costura* (Beja, Santiago de Cacem, Mexilhoeira[3]). Quando o recipiente é de cortiça, ouvi só dar-lhe este último nome, isto é, *costura* (Estremoz). Tambem póde ter aplicação de recipiente de costura uma caixinha de madeira, e neste caso chama-se *caixa de costura* (Setubal, etc.). Recipiente mais apurado (com repartições para os objectos), porém não popular, é o *estojo da costura* (Lisboa, etc.).

Vou aqui falar de uma *costura* de Santa Vitoria (Estremoz).

É de cortiça, e como se patenteia do desenho (fig. 1[4]), tem fórma cilindrica: altura $0^m,123$; diâmetro $0^m,25$. Excepto o fundo, que é liso, e o interior, que é forrado de papel pintado, toda a superficie externa, ou parede, está coberta de gravuras. O desenho do bôrdo consiste apenas em linhas, que formam zigue-zague. O desenho da parede, se planificarmos esta, veremos que consta de quatro secções, separadas horizontalmente por linhas, e verticalmente por tiras, ou fitas, formadas da adjunção de losangos, dispostos uns sôbre os outros, e tambem entre linhas. Além d'isso ha duas cercaduras em toda a volta da caixa: uma inferior, igual á do bôrdo; outra superior, formada de triangulos.

Uma das secções temo-la belamente desenhada diante de nós: um vaso de flores estilizadas, duas d'elas cordiformes (digo que são flores, e não folhas, por causa da disposição, e de se figurarem folhas verdadeiras noutros lugares, provídas de peciolos); ao lado do vaso, tanto de um lado como do outro, o nome da possuidora, isto é, MARI—A; no campo G, inicial do sobrenome ou do apelido.

As secções restantes contêm outros vasos de flores estilizadas, não faltando tambem flores cordiformes. Numa das secções lê-se: ANACLETO JOSÉ, provavelmente o nome do artista; noutro «1888», data, como creio, da feitura.

O artista revestiu de côr vermelha, preta e azul todas as gravuras; em alguns lugares talhou a cortiça, e do amago d'esta resultou côr branca.

---

[1] Serve tambem para ter cousas de comida: o pão que vai á mesa, figos da merenda, da sobremesa ou de dar a alguma visita que chega, etc.

[2] É curioso que em Avis ouvi dizer o *cesta da costura* (parece que a terminação de *cesto* foi atraida pela de *costura*).

[3] Na Mexilhoeira a *costura* ou é redonda, ou sôbre o comprido; lisa ou pintada. Ha recipientes ou *canastrinhas* semelhantes, para conterem fruta que vai à mesa.

[4] Desenho de Francisco Valença.

2. Fôrmas de dobar

As linhas que se dobam nestas fôrmas são para fazer cordões. Estão aqui diante duas fôrmas de buxo, representadas nas figs. 2 e 3 [1], e ambas provenientes do Ameixial de Estremoz (têm no livro das entradas os n.os 6058 e 6059). Altura 0m,11.

A posição é a da fig. 3 (dois lados), com as duas pontas voltadas para cima, como já se disse na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 420–421, onde se figurou uma de Fronteira. A fôrma representada na fig. 2 (dois lados) disponho-a invertida, porque o artista assim a imaginou, para representar nela, como se nota do desenho, um ser humano estilizado.

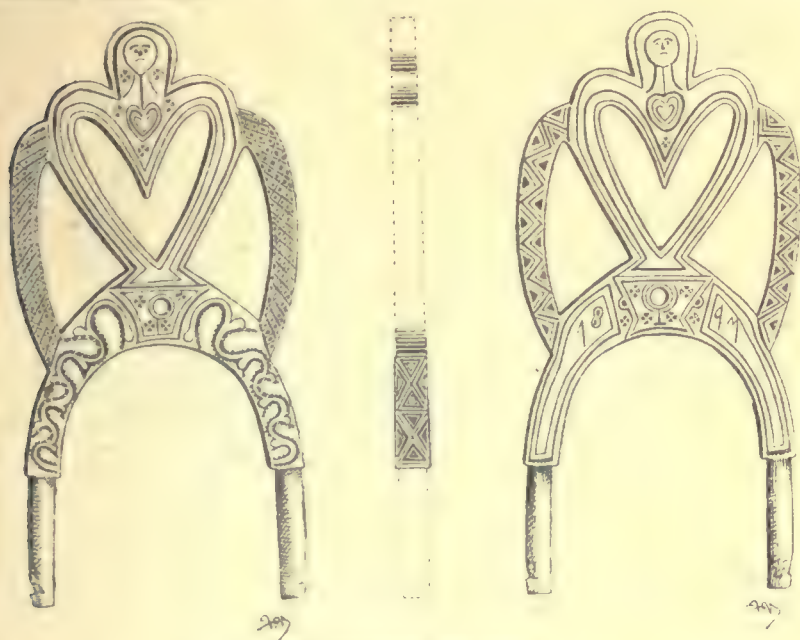



Fig. 2, ao invés (dois lados)

Num dos lados da fig. 3 temos, segundo parece, um vaso como decoração principal, rodeado de ornatos tirados do reino vegetal, ramos e simples folhas, e outros de fantasia, para encher espaço. No lado oposto temos tambem, como parece, um vaso (especie de calix), acompanhado de folhas, flores e outros ornatos de fantasia. Tudo isto é gravado.

A fig. 2 representa no seu conjunto, como disse, um ser hu-

[1] Desenhos de Francisco Valença.

mano: este é do sexo feminino, com o peito de fórma de coração, cintura delicada, e os braços arqueados para a parte superior e lateral da coxa. Do pescoço pende um fio que segura uma medalha, tambem cordiforme, uso muito vulgar nas molheres. A disposição das extremidades da fôrma dão a ilusão de que a molher tem as saias arregaçadas e muito conchegadas ás pernas (como acontece em certos trabalhos campestres do Alentejo). A fôrma está ornamentada dos dois lados, e em todo o bôrdo, até o joelho: gravura feita ao de leve, estando ao mesmo tempo pintadas as linhas da gravura (côr

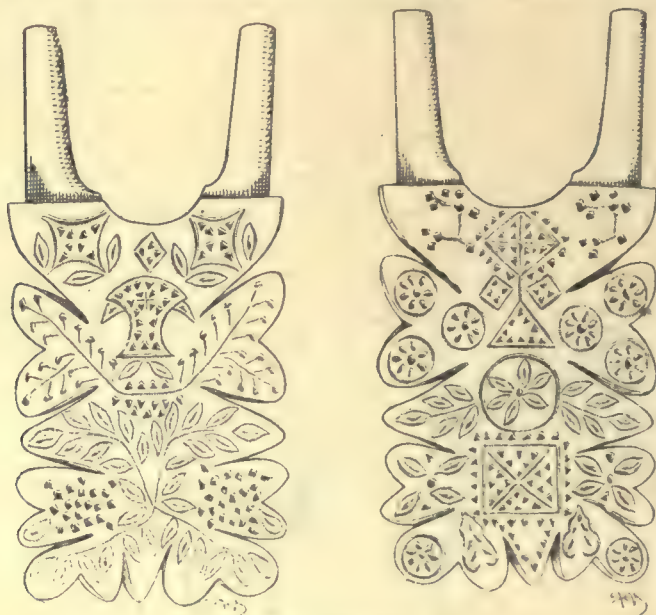



Fig. 3 (dois lados)

vermelha, azul e verde). Os ornatos são de fantasia, pela maior parte geometricos. Num dos lados representou-se a data da feitura, isto é «1897», com dois dos algarismos na parte superior de uma das coxas, e os restantes dois na outra.

3. Furador

Na fig. 4[1], temos um furador de madeira (comprimento $0^{m},125$), que se aplica para fazer *ilhós*. A parte que serve propriamente para a operação é de secção circular, e está aguçada no extremo. O cabo está esculturado de varios feitios. Este objecto veio de Fronteira.

[1] Desenho de Ruy Sedas Pacheco, Ex-Preparador do Museu Etnologico.

Em algumas terras do Minho usa-se para rasgar o *folhelho* do milho um instrumento igual, tambem de pau e artistico, chamado «esfolhador» (vid. adiante, p. 33).

Fig. 4

Os tres objectos que ficam descritos acima devem-se á habilidade de pastores alentejanos. Já a respeito da arte pastoril eu disse algumas palavras n-*O Arch. Port.*, XVII, 288, nota, e XIX, 300 sgs., e bem assim na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 221 sgs. Do uso do «coração», como tema de arte popular, falei na mesma revista, XIX, 399.

J. L. DE V.

Leiteiro e carapuças da Madeira

O S.or Emanuel Ribeiro, habil Professor da Escola Industrial de Xabregas, esteve ha tempos na ilha da Madeira, e, como preza

Fig. 5

muito a Arte e a Etnografia, tomou lá alguns desenhos e fotografias, que me ofereceu, de cousas etnograficas.

Na fig. 5 publíco a fotografia de um leiteiro, que leva na cabeça a tradicional e caracteristica carapuça.

Fig. 6 Fig. 7 Fig. 8

As figs. 6 a 8 reproduzem tres desenhos de fórmas da mesma carapuça, que é cobertura geral de *vilões* e *vilôas:* uma das fórmas usa-se em dias de festa, as outras em tempo ordinario.

J. L. DE V.

Louça do Algarve

Em companhia de Guilherme Gameiro, Desenhador, que foi, do Museu Etnologico, hoje falecido, fiz em 1904 uma excursão pelo

Fig. 9 Fig. 10

Algarve. Na aldeia de Bensafrim desenhou ele tres vasilhas de barro, que vão indicadas com os n.os 9, 10 e 11.

O n.º 9 é o famoso «cantaro de Loulé»; o n.º 10 uma «infusa» ou «bilha»; o n.º 11 um «barril».

Acêrca da louça de Loulé, diz o S.or Charles Lepierre: «*Loulé* é o centro mais importante para a louça comum: existem aí umas

25 pequenas oficinas.. *Os telheiros* de Loulé são muito antigos, trabalhando neles os proprios donos, pais, filhos, etc.; o pessoal é muito rotineiro .. Ainda assim a louça de Loulé é a mais apurada do

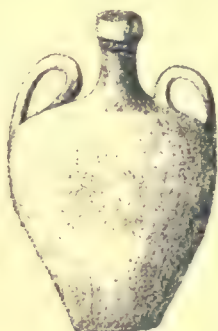



Fig. 11

Algarve, e, pelas peças que tenho, posso dizer que é talvez das melhores louças comuns do país. As fórmas das louças, ainda que elementares, não deixam de ter alguma elegancia: podem-se citar aí os *cantaros* muito altos, de duas asas, de bôca estreita, e esguios»[1].

J. L. de V.

Adelino das Neves

No estudo da poesia e musica populares portuguesas desempenhou certo papel Adelino Antonio das Neves e Mello (Filho)[2]: e por isso entendo que posso falar d'ele no *Boletim*, e juntamente publicar o seu retrato. Pois que no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio & Aranha não se lê a respeito de Adelino das Neves quasi nada, apesar de este haver escrito várias obras, e pois que não me consta que haja alguma biografia d'ele, aproveito a ocasião para ampliar o meu artigo um pouco além dos limites que bastariam para uma notícia de caracter meramente etnografico[3].

[1] *Cerâmica portuguesa moderna*, 2.ª ed., Lisboa 1912, p. 74.

[2] Era assim que ele escrevia, isto é: *Filho*, em vez de *Junior*.

[3] As minhas fontes são: as obras de Adelino (umas que possuo, outras que consultei fóra da minha livraria); informações que me deu de viva voz a Ex.ma Viuva; uns apontamentos autobiograficos (incompletos) de Adelino, que a mesma Ex.ma Viuva me ofereceu. O retrato obtive-o d'esta senhora, por intermedio do S.or Candido Augusto Nazareth, de Coimbra, antes de eu a conhecer pessoalmente.

O nosso autor nasceu em 6 de Maio de 1846 em pleno mar, pelas alturas da ilha de Santa Helena, a bórdo d'um navio português que da China trazia para o reino a mãe e o pai. Este chamava-se Adelino Antonio das Neves e Melo, casado com D. Domingas Carneiro de Melo (natural de Manilha: Filipinas), e exercia ao tempo o cargo de fisico-mor em Macau, depois de o ter exercido na India. Era filho do D.^or Antonio José das Neves e Mello, Lente de Filosofia na Universidade de Coimbra, e Director do Museu Botanico [1]. Além de medico, o pai do nosso biografado gostava de coleccionar cousas antigas e curiosidades. Oficialmento, a patria de Adelino Junior está na freguesia de S. Quintino, perto de Lisboa (Sobral de Mont'Agraço), porque nela se batizou. Deu motivo a isso o ter aí uma quinta seu tio por afinidade o D.^or Antonio Ribeiro da Costa Holtreman, que lhe foi padrinho.

Regressados a Portugal, os pais de Adelino estabeleceram-se em Coimbra, aos Arcos do S. Bento, onde seus antepassados tinham vivido. No tempo proprio começaram a dar ao filho educação literaria. Em 1860 concluiu Adelino os preparatorios liceais, e entrando logo para a Universidade, ficou formado em Direito em 1865, na idade de 19 anos. Em 1872 casou em Lisboa com a Ex.^ma Senhora D. Felicia Leito Velho, que aí vivia [2]. Póde cronologicamente ser aqui mencionado que Adelino das Neves conviveu com Camilo Castelo Branco, quando este esteve em Coimbra, em 1875. As relações entre os dois datavam de epoca anterior a 1875, mas tornaram-se agora mais intensas, como o proprio Adelino diz nos *Senilia*, Pará 1899, p. 11, — obra de que adiante tornarei a falar —, e como se patenteia de cartas que o grande romancista dirigiu ao seu amigo [3].

Em 1878 foi Adelino das Neves nomeado Comissario da policia de Coimbra, cargo então criado; serviu até 1879, em que pediu a demissão, por quéda do ministerio, mas tornou a exercer as funções de 1881 a 1886, em que novamente se demitiu, indo viver para uma quinta que tinha ao pé de Coimbra. A tal proposito, diz-lhe Camilo numa carta, de que se transcreve um trecho nos apontamentos autobiograficos:

---

[1] Vid. a sua biografia n-*A Nação* de 23 de Agosto de 1870 (artigo de F. A. Rodrigues de Gusmão).

[2] Originaria de Trás-os-Montes. Foi seu pai o B.^el Bernardo Teixeira de Moraís Velho, do Mogadouro, que exerceu a advocacia no Brasil.

[3] Algumas d'elas foram publicadas pelo D.^or J. M. Teixeira de Carvalho in *A Galera*, 1914, n.° 2, e 1915, n.° 4, e por Manoel Cardoso Marta, *Cartas de Camillo*, Rio-de-Janeiro & Lisboa, 1918, p. 2, onde o editor pouco diz de Adelino.

«Não sei se deva dar-lhe os parabens por se eximir de capita-
»near a policia da volteira e turbulenta Coimbra. Acho que sim, e que
»devo dar-lh'os muitos sinceros, e adcinja-se, quanto possa, á felici-
»dade quieta e monotona da familia. Ahi tem de portas a dentro
»duas formas de paraiso que o ceu dos christãos de certo lhe não
»dará mais perfeito: esposa e filho. Entre elles irá serenamente
»caminho da outra existencia, que eu lhe concedo por hypothese;
»se porem se metter muito nos tremedaes da vida interior, terá muitas
»occasiões de arrependimento, e raras de satisfação».

Com o exercicio da função de Comissario de policia se relaciona um facto que muito o honra. Tendo-se declarado incendio na parte superior d'um predio em cujas baixas havia uma oficina de fogueteiro, Adelino Neves, acompanhado de seu Amanuense Cesar da Rocha, abalançou-se a entrar nela, e removeu de lá, já em meio de fumo e de ardentes chispas, um caixote que continha tres arrobas de polvora — e assim evitou uma explosão, de fatais conseqüencias. Por isso os dois foram galardoados com a medalha de «filantropia, merito e generosidade».

Em 1886 fez uma viagem a França para se instruir, a qual viagem, segundo ele diz nos citados apontamentos, influiu bastante no plano da sua vida. Resolvendo dedicar-se á vida diplomatica, por o não atrairem as subtilezas do fôro, foi sucessivamente nosso Consul em Zanzibar (1889), Demerara (Guiana Inglesa), Pará, e Rio Grande do Sul. Em 1904 voltou de licença ao reino, para a quinta de Coimbra. Por esse tempo começou a sofrer da vista, vindo depois a cegar. Em 1906 mudou a residencia para Lisboa, e cá faleceu, de repente, em 1912, de sincope cardiaca, no dia dos anos da esposa, senhora dotada de grandes virtudes, que foi sempre sua desveladissima companheira em todos os lances da vida: em Coimbra, nas viagens, nas peregrinações, e nos ultimos e amargos dias.

Creio que deixo mencionadas as principais datas da vida particular e pública de Adelino Neves. Passarei agora a tratar das obras que publicou, ás quais adicionarei uma notícia de alguns ineditos.

As obras impressas são dez, que vou indicar pela ordem dos tempos:

1. *Musicas e Canções Populares*, colligidas da tradição. Lisboa 1872; 241 páginas. Esta obra, a que servem de epigrafe os versos de Tomás Ribeiro,

> Quem quer prazer suave e amor divino
> feche na mansa aldeia o seu destino,

e que Adelino dedicou a sua espôsa, encerra, depois de breve *Advertencia*, cinco grupos de cantigas: 1.º, de Coimbra; 2.º, do Minho; 3.º, de Trás-os-Montes; 4.º, dos Açores; 5.º, *cantigas do berço*. Muitas das cantigas vêm acompanhadas de musicas. Quando Adelino das Neves estudava em Coimbra, costumava passar as ferias (o que fez até ao 4.º ano) em Penha Longa (concelho do Marco de Canaveses) com seu tio o Dr. Adriano das Neves e Mello, antigo Lente de Teologia da Universidade, que ali era Abade[1]. Ao contacto com a gente da aldeia, que no Entre-Douro-e-Minho suaviza constantemente o trabalho rural com cantorias, e nos dias de festa dança e toca, mais talvez que nenhum outro povo de Portugal, ganhou Adelino Neves gôsto da musica do povo e da literatura oral, e pensou em organizar uma obra sôbre o assunto. Assim apareceu o livro cujo titulo a cima copiei. O proprio autor diz na advertencia preliminar: «Este cancioneiro não é mais do que um singelo ramo de flores silvestres colhidas ao acaso pelo campo». Para o livro concorreram tambem estudantes e amigos do autor: levavam-lhe cantigas das respectivas terras, e Adelino escolhia e aproveitava as que lhe convinham. Devo porém observar que cinco anos antes do aparecimento das *Musicas e Canções*, isto é, em 1867, havia Theophilo Braga publicado o *Cancioneiro Popular:* é pois natural que Adelino bebesse aqui a sua primeira inspiração para o estudo do *Folk-Lore*. Que Neves conhecia o mencionado trabalho de Theophilo Braga, o confessa no já citado opusculo *Senilia*, p. 31, ao referir-se á acção de Garrett na colheita da poesia popular (cf. adiante, § 11). Já nos meus *Ensaios Ethnographicos*, I, 303, eu disse que a colecção de Adelino das Neves era geralmente fiel. Se o trazer a lume canções populares não constituia novidade, como acabamos de ver, constituia-o a publicação de musicas. Nunca ninguem até então no nosso país se lembrara de atender a este ramo da estetica popular, apesar da riqueza d'ele; só muitos anos depois tornou a atender-se a isto, e escassamente. Vê-se portanto com que discernimento Adelino das Neves iniciou a sua carreira literaria. É de lamentar que não persistisse nos estudos folkloricos. Espirito activo, mas pouco desejoso de se fixar fortemente num ponto, o que acontece com freqüencia entre os Portugueses, preferiu divagar por outros campos, como adiante veremos. Apenas no que toca á poesia popular, pensou Neves em fazer 2.ª edição do seu livro, para o que redigiu, entre 1872 e 1889, um prologo, que existe manuscrito,

[1] Morreu de repente, em 1864, quando Adelino andava no 4.º ano de Direito; legou a este metade dos bens que possuia.

Adelino das Neves

e que a Ex.^{ma} Viuva espontaneamente me ofereceu[1]. No que toca a outros ramos da Etnografia, ou portuguesa ou de fóra, espalhou observações várias por outras obras que escreveu (vid. adiante, §§ 7, 8 e 9).

2. *Crenças religiosas e sociais*. Coimbra 1875 (folheto).

3. *Estudo sôbre o regimen penitenciario e a sua applicação em Portugal*. Coimbra 1880. Volume de 142 páginas, dedicado a «Antonio Rodrigues Pinto». Diz Neves, na dedicatoria, que apesar da repugnancia que tinha ao fôro, ainda chegou a achar gôsto num estudo de direito criminal: e assim nasceu este livro.

4. *O estudo da historia, segundo os processos scientificos de Henry Thomas Buckle*. Coimbra 1882.

5. *As formigas*. Coimbra 1883. Conferencia feita no Instituto de Coimbra. O folheto é *separata* do jornal d'esta associação.

6. Em 1884 realizou-se em Coimbra uma exposição distrital, que deu motivo a uma conferencia feita pelo D.^{or} Augusto Felipe Simões acêrca da Escultura coimbrã do sec. XVI. Como porém o conferente se suicidasse, sem deixar redigida a conferencia para o prelo, Adelino das Neves recompô-la, e ela foi publicada no volume intitulado *Exposição districtal de Coimbra em 1884*, Coimbra 1884, pp. 117–123.

7. *Apontamentos para a historia da ceramica em Coimbra*. Coimbra 1886. Este opusculo nasceu tambem da exposição de que falei no paragrafo anterior. As observações de Adelino das Neves são principalmente de caracter historico, e têm importancia não só com relação á ceramica coimbrã do sec. XIII ao XIX, mas á Etnografia geral portuguesa, pois o autor menciona muitos nomes de vasilhas e medidas do sec. XVI. — Valia a pena reproduzir o opusculo, retocando o em notas.

8. *Zanzibar*. Coimbra 1896. Livro de viagem, onde o Autor, no que pertence á Etnografia, fala como se vive em Zanzibar, e traduz do suali um conto popular, adagios, e em verso uma poesia e o comêço de um poema. A pp. 139–140 alude, de passagem, á missa portuguesa *do galo* (Natal).

9. *Guyana Britanica: Demarara*. Coimbra 1896. Este trabalho contém 14 capitulos; em alguns d'eles o Autor pôs observações de Etnografia local (superstições, cantares, trajos, etc.).

---

[1] D'este prologo, em que ha uma parte que não merece imprimir-se, publicarei noutra ocasião os extractos que me parecerem dignos d'isso.

10. *Senilia*. Pará 1899. Livrinho de 105 páginas: conjunto de recordações do passado, como o proprio Autor diz no prologo. Consta de apontamentos biograficos de varios autores, e de artigos fugitivos. Entre aqueles autores contam-se Camilo (com transcrição de cartas), João de Deus, Guimarães Fonseca, etc. Os outros artigos são, por exemplo, sôbre Coimbra e o descobrimento da Madeira.

Com excepção do n.º 5, por ser de historia natural, todos os restantes trabalhos de Adelino das Neves patenteiam, mais ou menos, inclinações historicas ou etnograficas. Os mais importantes a tal respeito são os que se intitulam *Musicas e Canções* (§ 1) e *Ceramica em Coimbra* (§ 7). Embora ambos feitas sem profundeza, ninguem que trate da nossa literatura scientifica deve deixar de os lembrar com simpatia.

Adelino das Neves deixou manuscrito o seguinte, que a Ex.ma Viuva me mostrou:

11. «*João de Deus*. Inauguração do seu retrato no Retiro Litterario Portuguez do Rio de Janeiro em 15 de Junho de 1895». Breve noticia com transcrição de poesias de João de Deus. Este artigo foi reproduzido, com algumas modificações, nos *Senilia;* aí diz Neves, na p. 29, que o escreveu estando de passagem no Rio, onde assistira á festa.— Lê-se neste artigo a respeito de Garrett: «Preparava tambem os espiritos para apreciar um genero poetico que estava completamente desprezado entre nós ou era olhado com indifferença pelos doutos: refiro-me á poesia popular, que elle colligio e reconstruio nos seus cancioneiros, salvando preciosissimas relíquias do passado, que estavam prestes a perder-se na tradição oral: mais tarde Theophilo Braga realça e desenvolve a importancia de semelhantes estudos». Transcrevi estas linhas, por elas se relacionarem com o estudo da poesia popular, objecto principal do presente artigo.

12. Um album, em cujo comêço se lê: «Adelino das Neves e Mello || *No ermo* || poesias». Grande parte do album está porém em branco: apenas existem nele dezasseis poesias, uma d'elas datada de Outubro de 1885 (Granja), e outra de 1888 (Vizela); algumas escritas no Buçaco. São versos sentimentais, de que dou aqui duas amostras (talvez as melhores):

Nunca mais

Mal eu diria,
Feliz outr'ora,
Que n'uma hora
Acabaria

Morta!

Que tristeza, meu Deus! quem julgaria,
Ao vel-a perpassar alegremente,
Que assim viesse a morte de repente
Para a roubar da nossa companhia!...

Essa alegria,
Essa ventura,
De que só dura
Na phantasia

Um leve esbôço
Desvanecido!
Hoje não posso

Tirar calor
Das frias cinzas
Do meu amor.

No pequenino leito, em que jazia,
Parecia dormir serenamente;
Nenhum terror de a ver a alma sente,
Embora esteja inanimada e fria.

E ha de assim baixar á sepultura,
E ha de em pó e cinza converter-se
Tão gentil graça e tanta formosura!...

Mas nem toda a belleza é transitoria,
Vive sempre, e jamais pode esquècer-se
A belleza do bem—sôpro de gloria.

13. Terminarei esta bibliografia, dizendo que Adelino das Neves durante algum tempo se habituou a escrever um diário da sua vida. Segundo a Ex.ma Viuva me informou, começou a escrevê lo em 1889, na volta de Zanzibar, e fórma volumes que abrangem catorze anos. Li algumas paginas, onde ha observações curiosas de acontecimentos e de pessoas.

*

Do que fica exposto conclue-se que as aptidões e os gostos de Adelino das Neves eram multiformes. Cultor da Etnografia, do Direito, da Poesia, da História Natural, da História da Arte, funcionario publico, viajante: que assunto houve para que ele não olhasse? Até era coleccionador de moluscos terrestres! Diz Teixeira de Carvalho: «De seu avô, lente de Botanica, herdara o S.or Neves e Mello a paixão pelas sciencias naturais. De seu pai, coleccionador apaixonado de pedras, livros e moveis raros, o culto da Arte» [1]. Poderei acrescentar que á formatura em Direito o levou a convizinhança da Universidade, e ao funcionalismo esta mesma formatura. Ao gôsto da Etnografia ja acima me referi. E o das viagens e o da poesia d'onde lhe vieram? O das viagens por além-mar ele proprio declara que a ida a França muito influiu na sua vida,—além da natural tendencia ambulativa ou peregrinatoria dos Portugueses, pondero eu [2]. Quanto à poesia, qual é o espirito engenhoso que não se sente poeta em Coimbra?

Assim fica explicada toda a génese psiquica do nosso autor.

J. L. de V.

---

[1] In *A Galera*, 1915, n.º 4, num artigo intitulado «Camillo em Coimbra».

[2] Disse-me uma vez num comboio de Hespanha um empregado dos caminhos de ferro hespanhois «que nunca vira quem viajasse tanto como os Portugueses; que os encontrava sempre!».—A observação é, porém, já muito antiga.

Estrelas de figos

A figueira, com quanto exista por toda a terra de Portugal, não cresce em parte alguma com tanta abundancia como no Algarve, de que constitue uma das riquezas, e onde ao mesmo tempo fórma um dos elementos mais curiosos da paisagem. O povo canta-a de Norte a Sul em variadas canções, como póde ver-se no vol. II da obra de A. Tomás Pires, n.os 3032–3046. Pelo meu lado publico a seguir duas que ouvi a uma molher algarvia:

Quem me dera[1] ser figueira,
Enxertada no valado,
Do que ser rapaz solteiro,
Empregado num soldado!

Da figueira nasce o figo,
Do figo nasce a sciencia:
Do homem nasce a maldade,
Da molher a paciencia.[2]

A primeira d'estas cantigas julgo-a inedita; a segunda é variante dos n.os 3039–3042 de Pires, e contém nos dois ultimos versos

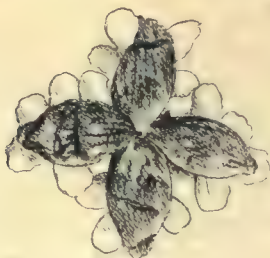



Fig. 12

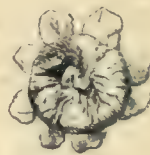



Fig. 13

um conceito de antinomia entre o homem e a molher, o qual se manifesta noutras muitas cantigas, e já aparece em folhetos de «cordel» do sec. XVIII[3], ascendendo mesmo aos *debates* da literatura medieval[4].

---

[1] Por: *Mais quisera.* Houve confusão com outros começos de cantigas.

[2] O povo pronuncía *paciença* e *sciença.*

[3] Por exemplo: *Bondade das mulheres contra a malicia dos homens*, 17.. (está roto o exemplar de que me sirvo); *Malicia dos homens contra a bondade das mulheres*, 1759; *Primeira carta apologetica em favor e defensa das mulheres*, 1759; *Segunda carta*, etc., mesma data.

[4] Dos «debates», ou *débats* medievais, diz G. Paris: «l'usage en remontait à l'antiquité et avait sans doute été perpétué par les *joculatores*» (*La littérature française*, 3.ª ed., § 110). Se aqui fosse o lugar proprio, eu poderia juntar outras notícias literarias acêrca dos *debates*.

Entre as diversas fórmas que no Algarve dão aos figos secos, escolho duas que se representam (1/2) nas figs. 12 e 13 (desenhos de Saavedra Machado), e se chamam *estrelas de figos*. A fig. 12 é uma *estrela de quatro pontas* (tambem as ha de seis e mais), feita de dois figos grandes, que se abrem, se retalham, e se adaptam entre si, tendo-se-lhes prèviamente cortado o pé; a 13 é uma *estrela redonda*, feita de um só figo (tambem com o pé arrancado), que se corta em redor. Uma e outra estão ornamentadas de amendoas descascadas, que de mais a mais servem de raios á 2.ª estrela.

Ao sabor material dos figos agrega-se assim um pouco de sabor espiritual, proveniente da *arte* com que os prepararam.

J. L. DE V.

Capote & lenço

Na fig. 14 (desenho de Saavedra Machado) representa-se uma molher de *capote & lenço*, segundo um modêlo que existe no Museu Municipal de Beja. O *capote & lenço* eram outr'ora trajo muito corrente, tanto de senhoras, como de molheres do povo, por todo o Portugal; hoje estão em decadencia, postoque já por vezes os eu observasse em Lisboa. Informam-me de que no Algarve as viuvas trazem a extremidade do lenço (preto) por baixo do cabeção, e que só as solteiras o trazem (branco) por cima, conforme o tipo da fig. 14. No sec. XIX publicaram-se várias colecções de estampas que representam trajes e tipos populares, das quais deu uma util resenha o S.or H. Ferreira Lima num opusculo intitulado *Costumes portugueses*, Lisboa 1917. Não raro aparecem á venda nos alfarrabistas estampas sôltas; possuo muitas aí adquiridas, ou oferecidas por amigos, e entre elas as seguintes: *mulher de capote e lenço*, do litografo Macphail, que exercia a sua profissão por 1840 e tantos; *mulher de capote e lenço em Lisboa*, do litografo Palhares (1.ª colecção, n.º 43: cfr. Ferreira Lima, p. 25). Ambas as litografias

Fig. 14

estão coloridas; os capotes, de côr escura, são de cabeção e gola, e cobrem o corpo até os pés, vendo-se apenas em baixo uma tira de vestido azul, num, e uma leve nesga de vestido vermelho, noutro; um dos lenços fórma ponta atrás, que fica no ar; o outro lenço vai cair para as costas; ambos são brancos, e atam-se debaixo da barba.

J. L. DE V.

Relogios de sol

Nas seguintes figuras temos representados em pequenissima escala, relogios de sol, de pedra:

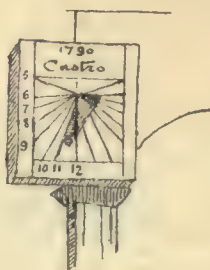



Fig. 15 Fig. 17 Fig. 16

1) O primeiro (fig. 15), encimado pela cabeça, como penso, de um «Mouro», existe na Rua Verde, em S. Gregorio (Melgaço), perto do rio Trancoso, e da ponte internacional, fixo sobre a parte anterior de um *caniço* ou «espigueiro»;

2) O segundo (fig. 16), com a fórma de busto, a que o povo chama de facto *Mouro* (como lá se lê), vê-se na Casa do Pégo, do S.or Manoel Gonçalves Ferreira, em Rates, pousado sobre uma coluna (no vertice do «capacete» do Mouro ergue-se uma cruz que atravessa um galo, tudo de ferro: catavento);

3) O terceiro (fig. 17), em que se lê a data de «1790», e a palavra *Castro,* que creio significa o apelido de quem mandou fazer a obra, está tambem sobre um espigueiro, no Minho, em local porém de que ignoro o nome.

A fig. 15 assenta em um esbôço feito por um curioso; as figs. 16 e 17 em desenhos do S.or A. Cruz, da Póvoa de Varzim.

Acêrca de relogios de sol, pertencentes ao Museu Etnologico, vid. a *Historia* d'este, p. 240; e acêrca de relogios de sol romanos e gregos vid. *De Campolide a Melrose*, p. 15.

J. L. de V.

Carrancas fontanárias

Não só o uso de carrancas fontanárias era vulgar na antiguidade classica, mas d'ele temos um exemplo entre nós, da epoca romana: vid. *Religiões da Lusitania*, III, 247 (carranca de bronze, achada no Minho pelo D.or Alves Pereira, e hoje pertencente ao Museu Etnologico). Como muitos outros usos antigos, este perpetuou-se até a actualidade.

Na fig. 18 reproduz-se o desenho de uma fonte granitica de Vila do Conde, feito pelo S.or A. Cruz, da Póvoa de Varzim. Esta fonte é de caracter monumental, com aspecto de fachada de edificio, em cuja dianteira, em baixo, um tanque recebe a ágoa que costuma brotar de duas carrancas barbadas, postas a par, mas afastadas uma da outra. A fachada está ladeada de pi-

Fig. 19

Fig. 18

lastras, em cada uma das quais se levanta uma piramide. No frontão pousa um vaso de pedra (a que noutros do mesmo genero corresponde por vezes uma cruz), e no timpano vê-se um navio — brasão de armas da vila, o que indica que foi a Camara Municipal quem mandou construir a fonte.

Nesta fonte há, como disse, duas carrancas. Em fontes mais modestas póde existir só uma, como, por exemplo, numa fonte de

S. Romão (Seia), chamada *do Caraças* (ou *do caraça?*): vid. fig. 19, segundo um desenho tomado *in loco* por um curioso. Nesta *caraça* ou carranca, que é de granito, a ágoa sai por um cachimbo metalico, posto despropositadamente, pois que por um cachimbo só deve sair fumo.

J. L. DE V.

Aldravas de ferro

Nas figs. 20 a 29 (desenhos do S.or Abel Viana, Professor oficial de Fradelos, concelho de Famalicão) temos *aldravas*, de ferro,

Fig. 20 Fig. 21 Fig. 22 Fig. 23 Fig. 24

de bater á porta. Muitas d'elas ostèntam como ornato superior uma cruz, que é originariamente destinada, como penso, a evitar que

Fig. 25 Fig. 26 Fig. 27 Fig. 28 Fig. 29

os espiritos maus entrem em casa pela entrada natural ou porta. Cruz analoga se vê nos *espelhos* das fechaduras, pela mesma razão, como já expliquei na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 206, nota 6.

J. L. DE V.

Vasilhas de barro

Nas figs. 30 a 32 representam-se tres vasilhas de barro:

Fig. 30 Fig. 31 Fig. 32

Um *cantaro*, de 0^m,55 de altura;
Um *pote*, de 0^m,42 de altura, e de 0^m,29 de diametro na boca;
Uma *infusa*, de 0^m,39 de altura.

Desenhos de Saavedra Machado, feitos do natural em Faro (Algarve).

J. L. DE V.

Habitação

I

A fig. 33 representa uma casa de Senhorim (Nelas), segundo um desenho de Saavedra Machado, feito por uma fotografia de Ful-

Fig. 34 Fig. 33

gencio Rodrigues Pereira, falecido Preparador do Museu Etnologico.

Sob o aspecto etnografico a casa só tem notavel a varanda de madeira: para ela dá um quarto de dormir, de que se vê um janêlo. As paredes são de grandes lajes de granito, rocha propria da região.

II

Por todo o Portugal as casas dos pobres são terreas. No Algarve, porém, e no Alentejo, nas aldeias, tanto pobres como ricos forram geralmente o rés-do-chão de formigão ou de tijolo, artisticamente disposto. Quando colocam o formigão (ainda fresco), assentam em cima capachos, e batem-nos com malhos de madeira (redondos), ficando impressas no chão as voltas dos capachos, como se vê na fig. 34.

Fig. 35

III

Na fig. 35 mostra-se a frontaria de um forno de Cacela (Algarve). No Sul é vulgar estarem os fornos fóra da casa, mas junto ou perto d'ela; umas vezes a bôca d'estes fica também para fóra, outras para dentro da casa.

IV

Muitas vezes á entrada da habitação ha um recinto descoberto, mas murado, que como que faz corpo com a casa, recinto que tem varios nomes conforme as provincias: *terreiro, patio,* etc. Na fig. 36 (desenho de Guilherme Gameiro, feito por um apontamento de um curioso) mostra-se um d'estes recintos, de uma casa da Granja (Baião), certamente do sec. XVIII: tem portão largo, com cruz e piramides na cornija, e parreira na frente. A cruz foi manifestamente posta para afugentar da entrada os maus espiritos. Houve aqui o mesmo intuito da cruz dos batentes figurados a p. 26. N-*O Arch. Port.*, XXII, 48, publiquei um portal de Montalegre analogo ao da Granja.—As casas de que se trata representam, de ordinario, tal ou qual nobreza ou limpeza.

Fig. 36

J. L. DE V.

Barcos de Aveiro

Reproduzem-se nas figuras seguintes varios tipos de barcos usados na costa de Aveiro:

Fig. 37

Fig. 38

Fig. 37, barco ao entrar no mar;
Fig. 38, barcos na Costa Nova;

Fig. 39, barco saleiro;
Fig. 40, bateira para pesca de sardinha e outro peixe.

Fig. 39

Fig. 40

Todas as figuras assentam em fotografias que um amigo me ofereceu.

J. L. DE V.

Bôlo antropomorfico

O boneco de pão doce, representado na fig. 41, segundo desenho do S.or Francisco Valença, é do mesmo tipo dos de que falei na *Hist. do Museu*, p. 203 e nota (fig. 104 da p. 385): e vid. *O Arch. Port.*, XIX, 395–396, e a *Rev. Lusit.*, VI, 240. Pães d'estes vendem-se vulgarmente em Lisboa, nas padarias, etc.— O costume existe noutros pôntos de Portugal.

Fig. 41

Tambem na Beira comem no dia de Todos os Santos (1 de Novembro) uns pães estreitos e compridos, de trigo, chamados *santoros* (plural de *santoro*, ou *sanctoro*, de *sanctorum*), — vid. *Ensaios Ethnogr.*, II, 186 —, que são, quanto a mim, estilização de figuras zoomorficas ou antropomorficas, e representam provavelmente vestigios de sacrificios (aos mortos? pois no dia 2 comemora a Igreja *os fieis defuntos*: cf. *Rev. Lusit.*, VI, 246–247). Não faltam entre nós curiosas fórmas de pães, cada um com seu nome especial: *cacete*, *moléte*, *bôlo podre* ou *pão podre* (por oposição a simples *bôlo* ou *pão de trigo*), *semea*, *triga-milha*, *bôlo de milho*, *caucra*, *brendeiro* (de *merendeiro*), conforme a especie de cereal ou a maneira de preparo.

J. L. DE V.

«Bonecas» de chaminés do Sul

Quando nas *Religiões da Lusit.*, III, 593 sgs., me ocupei de alguns vestigios do paganismo existentes entre nós, falei do costume

Fig. 42

Fig. 43

Fig. 44

de fixar na parede da chaminé, junto á lareira, uma figura chamada *boneca* em uns sitios, *frade* ou *sempre-noiva* noutros, etc., e dei desenhos a pp. 605–606 (figuras humanas, e estilizações). Este costume,

que suponho ascende aò paganismo, tenho-o observado muitas vezes no Alentejo, no Algarve e na Estremadura Transtagana; na Cistagana só o observei, que me lembre, uma vez (concelho de Cadaval); nas outras provincias creio que nunca o observei.

Nas figs. 42 a 46 reproduzem-se *frades* de cozinhas de S. Geraldo (Montemór-o-Novo), do «monte» da herdade da Comenda da Igreja (no mesmo concelho), e do «monte» da herdade do Berlongo (Alcacer do Sal); uma *boneca* de Machede (Evora, 1898); uma *sempre-noiva* de

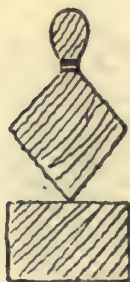



Fig. 45

Fig. 46

Fig. 47

Cacela (Algarve): tudo feito de tijolo. Na fig. 46 reproduz-se uma *sempre-noiva*, de Cacela, ou de perto, feita de pedra, a primeira que vi d'este material. A última tem as seguintes dimensões: $0^m,64$ de altura, e $0^m,40$ de largura na base. Por aqui se avaliam *plus minus* as dimensões das outras.

J. L. DE V.

«Cegonha» de Grandola

Chama-se em algumas partes *cegonha* a um engenho de tirar ágoa de um poço, engenho e nome já provindos de epocas muito remotas, como mostrei n-*O Arch. Port.*, XXII, 9-11. Na fig. 48 reproduz-se um desenho de Saavedra Machado, feito por um apontamento do falecido Guilherme Gameiro, que o tomou em Grandola, no qual desenho se vê um homem que tira ágoa d'um poço por intermedio duma *cegonha*.

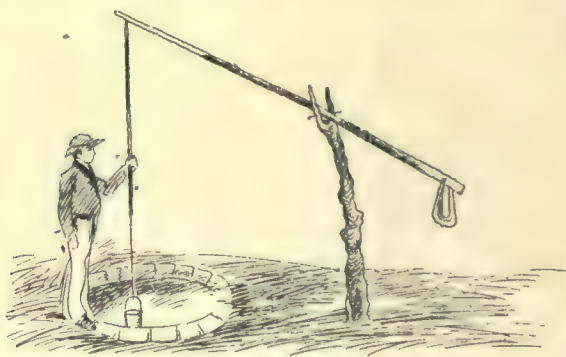



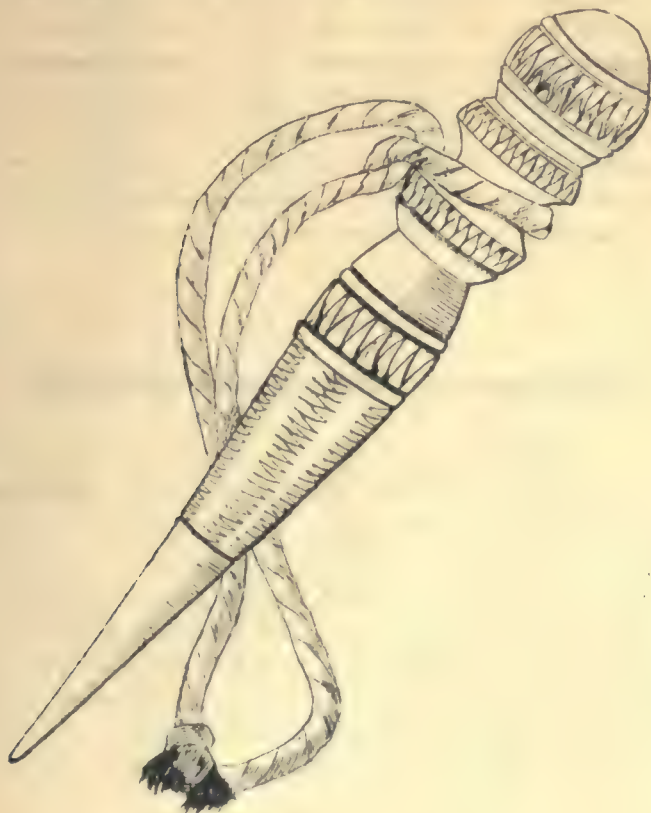
Fig. 48

Se a palavra *cegonha*, na fórma c i c o n i a, ascende, pelo menos, aos secs. VI–VII da era cristã; se os Romanos usaram engenhos como este: o que tudo consta do citado artigo d-*O Archeologo:* a fórma do poço existia já tambem entre nós na epoca romana (*O Arch. Port.*, XXIII, 130). Fórma de um *puteus* ou «poço» romano temo-lo, por exemplo, em Rich, *Dict. des antiq*, s. v. «*girgillus*».

J. L. de V.

Esfolhador

As brácteas que envolvem a espiga da maçaroca do milho (*Zea mais* dos botanicos) têm varios nomes, conforme as terras: *carepa* (a mais interna), *camisa*, *folhelho*, *folhato*, *capêlo*, etc. A operação de

Fig. 1ª

as rasgar, para extrair a espiga, chama-se, tambem conforme as terras, *esfolhada* (*desfolhada*), *descamisada* (*escamisada*), *descasca*, *escapúla*.

e constitue por vezes grande folguedo, pois são rapazes e raparigas quem, juntos, a faz. Á alegria que então reina alude, entre outras, uma canção que ouvi no Alto-Minho:

Tomára eu que viesse
O tempo que ha-de vir:
O tempo das *esfolhadas*,
Para m'eu *adevertir!*

Não pretendo porém agora descrever uma esfolhada, só quero falar de um instrumento artistico que serve para rasgar o *folhelho*, e que se mostra de tamanho natural na figura anexa[1]: é um ponteiro de buxo, torneado. Podemos considerá-lo formado de cabo e ponta: as saliencias do cabo e a parte superior da ponta estão ornados de gravuras lineares, que formam uma espécie de zigue-zagues.

Este instrumento denomina-se *esfolhador*. Em vez d'ele serve tambem um simples prego, ou as próprias unhas de quem esfolha. O esfolhador traz junto um cordão, que se ata numa das reintrancias do cabo; nele se enfia o punho, não só para o instrumento andar seguro, mas para ficar pendente, se a pessoa que o maneja precisa de interromper o serviço que está fazendo.

O exemplar que serviu para o desenho foi oferecido, segundo um costume vulgar, por um rapaz á sua namorada. Provém do Alto-Minho (Coura), e pertence agora ao Museu Etnologico.

J. L. DE V.

Espécimes de arte popular alentejana

I

Os objectos representados nas figs. 50 e 51, que ficaram demasiado resumidos, pois o primeiro tem $0^m,19$ de comprimento, e o segundo $0^m,09$, são de madeira, e denominam-se *sovinos* de *descamisar* ou *desencamisar* as maçarocas ou espigas do milho. Usam-se no Alentejo. Ao acto de descamisar chama-se *descamisada*, que tem aqui a mesma significação que noutras regiões *esfolhada*. Ambos os objectos estão artisticamente lavrados; o primeiro deixa ver no cabo um apendice de argolas maciças, que permite ao objecto andar pendurado.—A palavra *sovino*, ainda não arquivada, que eu saiba,

1 Desenho de Manoel António Madeira, Empregado do Museu Etnologico.

em dicionarios, tem tambem a fórma *sevino,* que ouvi em Ponte de Sôr: representa o masculino de *sovina*, palavra igualmente aí usada com a mesma significação.

Sovina é aportuguesamento do hesp. *sobina* «clavo de madera», que tem origem no lat. *supinus*, 3: vid. Meyer-Lübke, *Et. Wb.*, § 8462. Outra significação de *sovina,* mais proxima da hespanhola: pauzito aguçado que serve para pregar a cortiça (Grandola) — e, por extensão

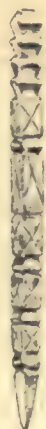
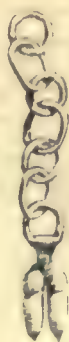



Fig. 50 Fig. 51 Fig. 52 Fig. 53

de significado, para espicaçar os burros (ibid.); tem 5 a 10 centímetros de comprimento. Vid. outras acepções nos dicionarios. Em Trás-os-Montes: *sorinhas* «dois pregos de pau que servem para segurar os atafais á albarda» (*Rev. Lusit.*, v, 106, artigo de A. Moreno). *Sorinha,* por causa do *nh,* póde ter vindo directamente do lat. supina, sem intermedio do hespanhol.

II

Os objectos representados nas figs. 52 e 53 são *correntes* ou *cadeias* de relogio, de madeira, maciças; terminam em bolotas, ornamentação freqüente na nossa arte popular, principalmente na do Alentejo, como região abundante de arvores que as produzem. Imitam as *correntes* ou *cadeias* metalicas.

*

Estes quatro objectos foram feitos por pastores.

J. L. de V.

Santo Antonio numa mercearia

Na Beira e no Norte, como provincias onde a religião possue mais raizes que nas do Sul, é costume nas lojas de venda ter na parede fronteira á porta da rua um nicho de madeira com a imagem de Santo Antonio, ás vezes ladeada de jarrinhas com flores. Hoje as crenças vão-se apagando ou modificando, mas este costume observa-se ainda não raramente. A ele se fez referencia nas *Religiões da Lusitania*, III, 595–596, onde foi considerado como vestigio pagão, pois os negociantes romanos veneravam Mercurio, e havia em Bracara Augusta um *Genio do mercado*, conhecido por uma inscrição gravada num cipo.

Fig. 54

Já se entende que tanto o *Genio* e Mercurio, como Santo Antonio, representavam ou representam papel de protectores do comércio.

Dá-se na fig. 54, segundo um desenho do S.or A. Cruz, da Póvoa de Varzim, um aspecto de uma mercearia d'aquela vila: lá está em cima o nicho de Santo Antonio.

J. L. DE V.

Polvorinho artistico

A caça tem sido entre nós, desde sempre, e quanto o podemos saber por documentos medievais, fonte de subsistencia, e fonte de divertimento. Já n-*O Arch. Port.*, XXI, 170, juntei algumas notas, sobretudo bibliograficas, a este respeito. O mais que eu poderia dizer deixo-o para a minha *Etnografia*. Aqui só quero notar que se hoje não é muito grande o número das pessoas que vivem exclusivamente da caça, ou alimentando-se d'ela, ou fazendo d'ela industria, é infinito o das que se divertem caçando. E como o homem

nos seus instrumentos de trabalho gosta de pôr ás vezes um pouco de arte, acontece que entre os proprios caçadores da aldeia existem aprestos venatorios que se tornam notaveis por sua beleza estetica.

Eis, por exemplo, na figura adjunta[1], um polvorinho ou *polvarinho* alentejano, feito de chifre de boi, no qual polvorinho dois artistas gravaram os mais variados desenhos.

O polvorinho, que tem de comprimento 0m,32, está naturalmente dividido em duas zonas por uma faixa de 0m,12 de largura, enfeitada de plumas dispostas obliqua e paralelamente. Ambas as zonas contêm desenhos, mas a de cima só em parte, e os desenhos são aí meramente de fantasia. Na zona inferior, a par de desenhos simetricos, mas de fantasia, isto é, dificeis de definir e de precisar, ha outros em que se descobrem temas muito queridos da arte popular: florões, animais de diferentes classes (mamiferos, aves, peixes, reptis), astros, uma cruz sobre uma peanha, uma viola, uma mulher com um ramo na mão. A estampa reproduz uma parte d'estes desenhos: o «sol», represen-

Fig. 55

tado por uma rechonchuda cara cercada de raios e posta dentro d'um circulo; por baixo d'ele, sucessivamente: uma data («189..», que devia ser «1892», como consta do lado oposto: vid. infra); o reverso d'uma moeda portuguesa (acaso uma «peça»); varios desenhos cordiformes, um d'eles acompanhado da respectiva «chave». Ao lado do «sol» vê-se um Sereia, disposta ao invés. Noutra parte do polvorinho ha uma segunda Sereia, maior que a presente, na posição de quem vai nadando. A alguns dos referidos temas,—flores, moedas, coração & chave, cruz—, me referi noutros lugares: vid. *Etnografia Artistica*, I, 6-10; *O Arch. Port.*, XIX, 399; *De Campolide a Melrose*, p. 90, nota. Do coração & chave, como emblemas populares, fala tambem o D.or Claudio Basto na *Lusa*, I, 92 sgs. e 124 sgs. A Sereia é uma das poucas entidades da Mitologia popular portuguesa cujo nome, como creio, a antiguidade nos legou[2]: o povo não

[1] Desenho de Saavedra Machado.

[2] Cf.: *Religiões da Lusitania*, III, 594, onde cito um importante trabalho de Adolfo Coelho; e *Hist. do Museu Etnologico*, p. 233.

só a canta em canções[1], senão que a representa em edificios e objectos[2], e em brinquedos[3]. Para melhor se compreender como é que a mente popular concebe essa entidade, reproduz-se na fig. 55 outro desenho de Saavedra, que representa um assobio de barro colorido, dos que, pelas festas solsticiais de S. Antonio, S. João e S. Pedro, se vendem em Lisboa ao rapazio, na Praça da Figueira: o fabricante do assobio figurou aqui tambem uma Sereia (metade mulher & metade peixe), que se mostra em toda a plenitude das suas fórmas. O assobio pertence ao Museu Etnologico: vid. *Historia* do mesmo, p. 233[4]. De outros temas do polvorinho não preciso de falar em especial.

Contigua á faixa que divide o polvorinho em zonas, e inferiormente a ela, ha os seguintes dizeres, em duas linhas, de diferente tamanho: JUAUMANOEL 1892 DIA9 ‖ JACITUARCENTU. As letras que dizem «DIA9» significarão «dias», estando «9» por «S». Os nomes «João Manuel» e «Jacinto Arcenio (= Arsenio) Dias»[5] devem designar as pessoas que enfeitaram o polvorinho (certamente pastores), e «1892» a data da conclusão. É a primeira vez que me ocorre um trabalho d'estes, devido a dois artistas.

J. L. DE V.

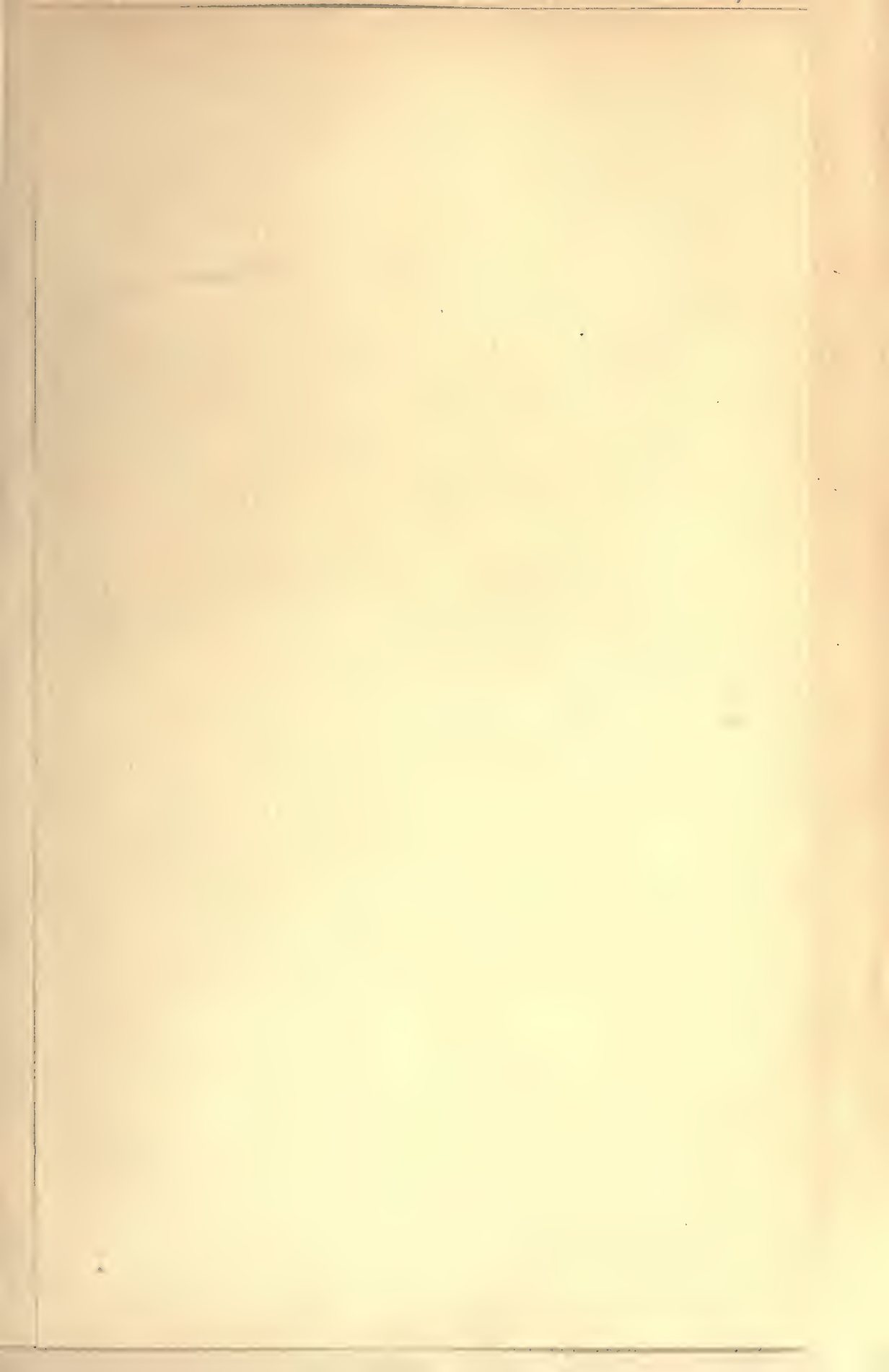
---

[1] Vid.: *Tradições pop. de Portugal*, §§ 185 e 356; e Pires, *Cantos populares*, t. I (1892), p. 249 sgs.

[2] Por exemplo: numa casa do Porto (vid. *Trad. pop. de Portugal*, já cit., § 356); em tapetes (cfr. *O Arch. Port.*, XI, 189: artigo de D. José Pessanha, com uma estampa); em ornatos de igrejas; em fontes.

[3] Costuma o povo ter um papel com várias figuras, que se dobra multiplamente, de modo que com parte d'umas figuras se completem outras, sendo cada figura acompanhada d'uma quadra. Possuo alguns d'estes papeis em que se vê, por exemplo, uma Sereia, o Sol & a Lua, Cristo crucificado, os martirios, um coração, uma chave, uma «agulha de marear», um vaso com um ramo, um castelo, uma viola, um navio, uma mulher. Estes papeis chamam-se *cartas*, e por vezes *cartas da Sereia*, e trocam-se afectuosamente entre namorados e pessoas amigas. Conheço o costume por todo o Portugal; ele contudo tem manifestamente origem culta. As mais antigas cartas que possuo são dos meados do sec. XIX, mas sei de uma, que não possuo, a qual será dos começos d'esse seculo, senão dos fins do XVIII. Ás vezes as figuras de que falo estão desenhadas numa carta propriamente dita: tenho uma carta assim. A cartas de amor com *gatimanhos*, como coração asseteado, coração levado em unhas de lião, se refere Jorge Ferreira (sec. XVI) na *Eufrosina*, III, II (ed. de Farinha, p. 181).— Acêrca do emblema do *Sol & da Lua* vid. o que escrevi n-*O Arch. Port.*, XXII, 137–138.

[4] Cf. tambem *Rev. Lusit.*, III, 82 sgs. (artigo do D.or Ferraz de Macedo).

[5] Pelo exame da disposição das palavras no polvorinho é que digo que *Dias* pertence ao segundo nome, e não, como ao repente parece, ao primeiro.

Chaminés da Estremadura e Algarve

Por mais de uma vez tenho falado de chaminés artisticas do Alentejo e Algarve: vid. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 206, onde

Fig. 57 Fig. 56 Fig. 58

faço várias referencias bibliograficas; na mesma obra, pp. 385 e 387, publiquei desenhos de algumas.

Na fig. 56 publico o de uma do Cadaval (Estremadura), feito pelo S.^or^. Avelino Pereira em 1918; e nas figs. 57 e 58 desenhos de chaminés de Cacela (Algarve), feitos por Saavedra Machado, segundo apontamentos de um curioso.

J. L. DE V.

Costumes e panoramas do Alentejo

As estampas II e III, que assentam em fotografias que de Safira se dignou enviar-me o Ex.^mo^ Conde do mesmo titulo, tiradas por um amador, representam o seguinte:

Est. II.—Uma *monda de sarguço*, numa *folha* de *montado d'azinho:* as azinheiras lá se erguem na parte posterior do quadro, torcidas e esguedelhadas. As raparigas da monda chamam-se *mondadeiras* (termo tambem aplicado ás que mondam o trigo): no seu trajo avulta o avental, de que fazèm grande uso neste serviço. Á direita da fila das mondadeiras vê-se o *manageiro,* que vinha trazer ás raparigas água numa bilha, e ficou parado, como elas, a olhar para o fotografo.

que se entende estava adiante; no trajo do manageiro note-se o *barrete,* cuja ponta se dobra para o lado, e o *pelico,* que nesta parte do Alentejo se chama tambem *çamarra.*

Est. III. — Uma campina, estendida adiante dum compacto e ramalhudo *montado de sôbro,* e separada d'ele por um regato, em cujas margens ha choupos, e que corre num valezinho entre estes e o montado, — valezinho proprio para cultura de milho.

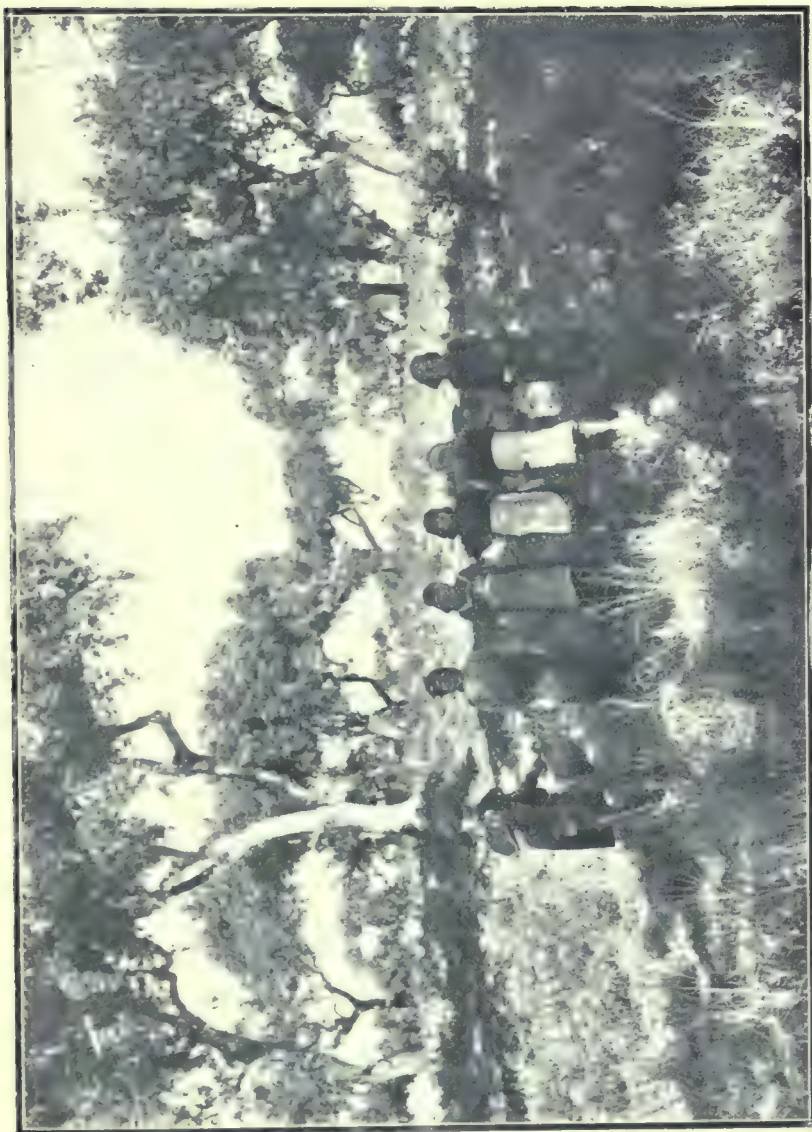
J. L. DE V.

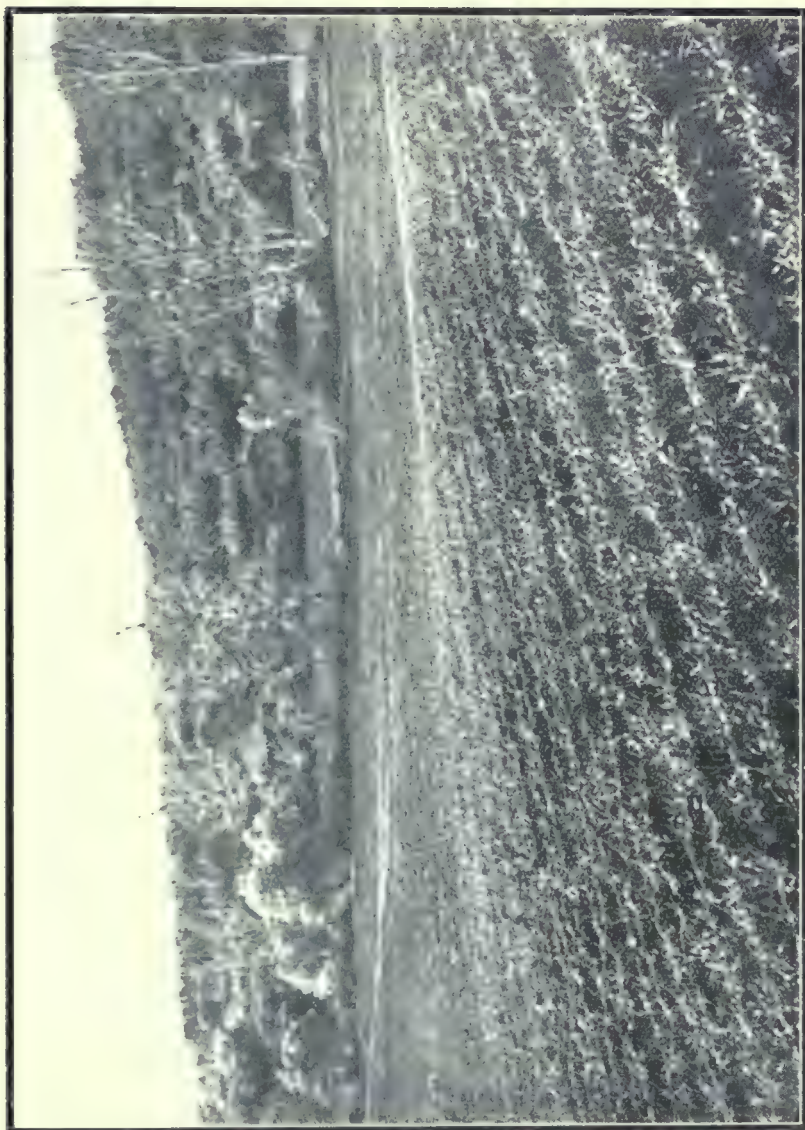
Espécime português de raça negra

N-*O Archeologo,* I, 67, falei dos *Mulatos* de Alcacer do Sal, provenientes de Africa, nos quais especifiquei os seguintes caracteres, além da côr: cabelo encarapinhado, fórma platirrinica do nariz. Na ocasião em que escrevi o artigo (1895) informaram-me de que em alguns se sentia ainda o cheiro especial chamado *catinga.*

Fig. 59

Ultimamente tive ocasião de ver alguns exemplares dos mesmos Mulatos; por eu não me dedicar especialmente á Antropologia, não fiz as observações que um antropologo faria, mas notei em uma molher prognatismo muito manifesto. Eles proprios dizem que são *atravessadiços,* isto é, «mestiços», em sentido geral[1]. A côr varía: ha individuos que são, por assim dizer, palidos ou morenos, e outros muito foscos, quasi pretos. A titulo de curiosidade reproduzo na fig. 59 o retrato de um individuo de S. Romão do Sado, pertencente á raça de que estou falando: é amulatado, com as mãos mais brancas na palma, que no dorso, cabelo e barba um pouco encarapinhados, nariz largo. Os vizinhos chamavam d'antes a esta gente *Pretos do Sado* ou *Pretos de S. Romão,* porque havia lá realmente muitos Pretos. «S. Romão era uma ilha de Pretos», ouvi referir a vários Mulatos; ou: «algum tempo havia lá muito

[1] Os antropologos chamam especialmente «mestiços» aos individuos que resultam do cruzamento de Indios com Europeus ou com Pretos; vid. G. Frizzi, *Anthropologie* (coleeção alemã de Göschen), p. 19. Nos *Apologos Dialogais,* p. 24, diz D. Francisco Manoel: «*mistiça,* filha de Braemene».

Rancho na monda do sargaço

ESTAMPA IV

Campo de trigo

Preto encarapinhado». Ainda hoje se usa *Preto* como alcunha ou apelido: Fulano *Preto*, Fulana José *Preta*. É natural que a singularidade da existencia de pessoas pretas ou mulatas e encarapinhadas entre brancas provocasse lendas como a da mencionada «ilha de Pretos», ou cantigas no gôsto da seguinte, originaria, já se vê, de brancos:

Ó Sado, ó Sado,
Ó Sado, Sadete[1],
Meus olhos não virão
Tanta gente preta,

cantiga cantada num «baile». Noutro «baile» alguem cantou tambem:

Ó Senhor dos Martires,
Cá da Carvalheira[2]
É o pai dos Pretos
De toda a Ribeira[3],

ao que outrem respondeu:

Lavrador João,
Inda aqui s'tou eu:
Se ele é pai dos Pretos,
Tambem o é seu.

Pouco a pouco a raça vai-se diluindo no grosso da população circunvizinha; merecia a pena estudar profundamente o assunto, e para ele mais uma vez chamo a atenção dos nossos antropologos, que aí encontrariam elementos para a solução de vários problemas (cruzamentos, transmissão de caracteres, etc.): esse estudo devia estender-se ao das localidades para onde os Pretos ou Mulatos do Sado têm emigrado. Pena é que não se descobrisse ainda algum documento que nos esclarecesse acêrca da data em que na Ribeira do Sado se fixou a raça africana («raça negra»), cujos descendentes estão diante de nós.

J. L. DE V.

Capador

Na fig. 60 (desenho do S.or G. Filipe, Coimbra) vê-se um *capador* que toca a «flauta de Pan». A respeito d'esta «flauta» vid. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 244 e nota (e fig. 165 da p. 409).

[1] *Sadête*, fórma criada pela rima, que fica, ainda assim, imperfeita.

[2] Ermida da Carvalheira, onde está a imagem do Senhor dos Martires (concelho de Alcacer).

[3] *Ribeira*, isto é, *Ribeira do Sado*: é o nome que em Alcacer se dá ás terras de semeadura das duas margens do Sado. A Ribeira do Sado constitue pois uma divisão natural, ou região secundaria, da Estremadura Transtagana. Coligi a proposito muitas cantigas curiosas:

Ribeira do Sado | *Toda ela é minha*

de tal a tal (mas da localidade). Não é agora ocasião de as publicar.

O capador anuncia-se á entrada das povoações rurais com a modulação prolongada e repetida da «flauta», propriamente chamada *gaita de capador*, que ele toca levando-a da esquerda da bôca para a direita, e seguidamente da direita para a esquerda. Logo que o som se ouve, as molheres acodem pressurosas, e chamam-no para junto das porcas que devem ser capadas; ao mesmo tempo vêem-se as crianças (rapazinhos e meninas) fugirem para todos os lados, transidas do terror que o estranho lhes causa, pois a cada passo as mães as ameaçam com o capador, como com o Papão. O operador

Fig. 60

trabalha, isto é, *capa* ou castra, pondo o pé no pescoço da porca, que está deitada no chão, com as pernas seguras por outros: consiste a operação no arrancamento ou extracção das *ragas* (ovários), para a porca poder engordar melhor, impossibilitada, como fica, de criar.

É claro que o capador, além de capar ou castrar as porcas, castra outros animais: os proprios machos d'elas quando velhos, etc. Os porquinhos pequenos são em geral capados (pelo menos na Beira) pelos donos, ou por curiosos, não se tornando pois necessaria aqui a presença da sinistra e imponente pessoa de que estou falando.

Um individuo da Beira Baixa informou-me que nessa provincia, pelos meados do sec. XIX, os capadores éram franceses, e que ti-

nham uns uma área de trabalho, por exemplo, a Beira, outros outra, por exemplo, a vizinha provincia do Alentejo. Um amigo meu da Beira Alta informou-me que por esse tempo tambem lá havia um capador francês. A respeito das demais provincias não tenho presentemente informações.

Na primorosa figura a que estas linhas servem de comentario, o capador, de jaqueta, manta ao ombro, encostado a um bordão, e grande chapeu na cabeça, o qual o defende do sol nas ambulações, passa pelos labios com a mão direita a «flauta», que pela sua fórma tanto se aproxima da *syrinx* greco-romana, e tambem tem hoje paralelos em vários paises. A gaita chamada na Extremadura *apito* e hespanhol *pito* (cf. o ditado: em quanto se capa, não se assobia), denomina-a Bluteau no *Vocabulario* «capador», e diz: «instrumento portatil de varios canos em diminuição, que se tange correndo pela bôca, e se chama *capador*, porque o costumam tanger aqueles que vem ás vilas a capar porcos». O capador, se anda muitas vezes a pé, como do desenho do S.^or^ Filipe se deduz, e eu assim os tenho visto, anda tambem não raro a cavalo.

J. L. de V.

Francisco Rolland

É conhecidamente Francisco Rolland autor de um livro de *Adagios*, impresso a primeira vez em 1780: vid. Innocencio, *Dicc. Bibliog.*, s. v.; e os meus *Ensaios Ethnog.*, I, 156–158.

Francisco Rolland nasceu em França, em Saint-Antoine de Vallouise (Briançon), e estabeleceu-se em Lisboa, como livreiro-editor, no sec. XVIII. Outros livreiros franceses teve Portugal pelo mesmo tempo: Bertrand, Borel, Martin, Orcel, ainda hoje em parte representados por sucessores. No navio em que veio Rolland vinha para o reino uma senhora, de uns 15 anos, chamada Maria Catarina van Bockstail, Polaca de nação (talvez porém de origem holandesa), filha de um emigrado. Rolland, que em idade se lhe avantajava apenas num lustro, conheceu-a, e depois casou com ela, de quem teve varios filhos.

Havendo-me eu, após a publicação dos *Ensaios*, relacionado em Lisboa, por intermédio do meu chorado Mestre e amigo o S.^or^ Epiphanio Dias, com umas senhoras descendentes de Rolland, obtive d'elas noticia das poucas particularidades biograficas que aqui publico, e autorização para reproduzir na est. IV um retrato d'este, a

oleo, que as mesmas senhoras possuem (fotografia do D.or Joaquim Fontes) e um autografo, que igualmente lhes pertence, e no qual se faz referencia ao tomo II do *Thesouro de prègadores*, do Bispo do Maranhão, D. Frei Antonio de Padua. Por descargo de consciencia devo acrescentar que ao autografo se segue no mesmo papel outro documento em que o Procurador Geral da Provincia da Arrabida diz que recebeu a quantia que Rolland no documento se obrigára a pagar (não vale a pena copiar o recibo).

J. L. DE V.

Os pinhões na Etnografia

Creio que é na Estremadura e ao Sul do Tejo que a *Pinus Pinea* dos botanicos, ou pinheiro manso, mais abunda. Quanto á denominação, direi que em algumas localidades (Ilhavo, Avis, Ponte de Sor) se diz *pinheira:* em Sesimbra esta denominação convem unicamente ao pinheiro manso quando ainda pequeno. *Pinheira,* como substantivo, parece ter tido outr'ora extensão maior, pois aparece na toponimia do Minho, do Algarve, da Estremadura Cistagana. Em casos porém como *casal da Pinheira, quinta da Pinheira,* que se lêem em diccionarios geograficos, não póde facilmente decidir-se se *Pinheira* designou originariamente a arvore, ou não passa de mero apelido de molher, como feminino de *Pinheiro,* vulgar apelido de homem[1]. A semente do pinheiro manso chama-se vulgarmente *pinhão*, que pode ser *durazio* (de tegumento ou casca dura), e *molar* (de tegumento ou casca branda).

A colheita dos pinhões varía com as terras, e com a importancia dos pinheiros, segundo ha mais ou menos. No distrito de Leiria, por exemplo, os pinhões constituem apreciavel fonte de receita. Vou indicar os diversos actos na sua colheita e preparo.

Quando as pinhas estão criadas ou maduras, *derribam-nas* ou *derrubam-nas: derribar* ou *derrubar* as pinhas é fazê-las cair por

---

[1] Já noutro lugar me referi a este costume de dar feminino a sobrenomes e apelidos, originariamente masculinos: vid. *O Arch. Port.*, XXI, 170, nota, onde citei exemplos do sec. XVI. Nos Livros de linhagens não faltam testemunhos mais antigos (sec. XIV e XIII–XIV), como *Brava, Coelha, Gata, Giroa.* Modernamente a cada passo ouvimos: Maria *Moirôa* (filha de um *Moirão*), Mariana *Pimpona* (descendente de um *Pimpão*), e congeneres. O S.or J. J. Nunes, na sua copiosa *Gramatica Historica,* ao tratar do genero (secção II, cap. 9), não fala d'isto. O costume existe tambem em galego: Maria *Brava,* Isabel *Feijoa,* etc., sec. XIII, XVI e XVII, no *Bolet. de la Academia Gallega,* I, 7-8 (artigo de Murguía)

Francisco Rolland

Amostra de autografo:

Devo à Provincia de S.ta Maria da Arrabida a quantia de Sincoenta mil reis preço porque ajustei o manuscripto do segundo tomo do Livro intitulado Thesouro de Pregadores, composto pelo R. P. M. Fr. Antonio de Padua, Religioso da mesma Provincia de que eu me utilizei, e mandei imprimir; e me obrigo a pagar a dita quantia de ajuste no prefixo termo de cinco Mezes contados da data desta obrigação, e passado o dito termo, poderá a dita Provincia por seu Ex.mo Syndico Geral pôr esta obrigação em juizo contra mem para a haver, para o que obrigo meus bens, e pessoa. Lisboa, 10 de Jan.ro de 1778.

Franc.co Rolland

A quantia a que aqui se faz referencia foi paga pelo signatario: vid. p. 44.

intermedio de um gancho, que se adaptou á extremidade de uma vara. Quem faz a operação (o *derrubador das pinhas*), sobe á arvore, segurando-se na propria vara, depois de fixa numa pernada: é de cima da arvore que as pinhas se *derribam* ou *derrubam*. Os *derrubadores*, ao mesmo tempo que *derrubam* as pinhas, *derrubam* lenha (ramagem dos pinheiros) e *esgalham* as pernadas. Para tudo isto levam consigo uma *machadinha de mão*, à cinta.

Derribadas ou caidas as pinhas no chão, transportam-nas para casa em *poceiros* ou cestos de vime (*poceiro* é o mesmo que no Norte e na Beira chamam *cesto vindimo*), se são em pouca quantidade, ou em carros, se são em quantidade grande[1].

Em seguida são *esquentadas* numa fogueira, feita no *patio* ou na eira, e *esbòchadas*, com uma pedra ou uma marreta: *esbòchar* quer dizer «extrair os pinhões». A êste acto chamam *desbócha* (não *esbócha*, como seria mais natural).

Os pinhões, depois de separados das escamas, ficam num montão, e são limpos das impurezas que os acompanham (pedaços de cascas, etc.), e medidos ao *alqueire* ou seus submultiplos (*quarta* e *oitava*).

Nesta altura do trabalho os pinhões podem ter dois destinos: serem *torrados* no forno, com a propria casca; ou serem *britados*.

Quando torrados com a casca, forma-se neles uma greta, e aí se introduz um canivete, a fim de acabar de abrir a casca, e se extrair a amendoa, para se comer. Pelo Natal, Ano-Bom e Reis é costume as familias tê-los em casa em pratos, para comerem, ou para oferecerem a visitas: neste último caso, vão-nos descascando e comendo, à medida da conversa. Também é costume os rapazes trazê-los no bolso, donde os vão descascando e comendo pelo dia adiante. Estes costumes estão tão generalizados, que, por ocasião das referidas festas, não ha ninguem que não procure arranjar pinhões. As familias pobres até permitem que os seus filhos (rapazes) vão algumas semanas antes do Natal *ao rabisco*, quer dos pinhões que os derrubadores por acaso deixaram de derrubar, quer dos pinheiros que, por terem produzido pouco, ou estarem insulados, não valeu a pena derrubar em fórma.

Passemos agora á *britada*. Esta ou é feita por conta do dono dos pinhões, ou, o que é mais geral, por conta de quem os compra para negócio.

---

[1] Os carros podem ir armados de *taipais*, ou de *sebes* de vime, ou simplesmente com *fuqueiros* (foeiros). Neste último caso fazem uma *carrada* de *ramada* (ramagem), deixando no centro uma cavidade, onde as pinhas se lançam.

Juntam-se á noite, em serão, na cozinha ou na *casa de fóra*, várias raparigas do campo, cada uma das quais segura no regaço, com a mão esquerda, uma pedra arredondada e achatada, e tem na direita outra menor: na primeira pedra, disposta horizontalmente, apoia os pinhões, um por um, a pino, e com a outra, que serve de martelo,

Fig. 61

brita-os, isto é, descasca-os. A pedra maior chama-se *calço*, a menor chama-se *britadeira*. São objectos de caracter prehistorico!

Na fig. 61 representa-se, segundo uma fotografia tirada pelo meu antigo aluno universitário D.^or Manuel Heleno, uma britada: raparigas de chapelinho sentadas, e junto d'elas dois tocadores, e três namorados. Nas figs. 62 e 63 representa-se, segundo desenhos do S.^or Francisco Valença, um *calço*, de 0^m,11 de largura e 0^m,08 de altura, e uma *britadeira*, de 0^m,07 de largura, e 0^m,04 de altura.

Não raro na *britada* se cantam cantigas, como:

Se me quer's ouvir cantar,
Madrugadas e serões,
Vai ao lugar dos Barreiros[1]
Á *britada* dos pinhões.

Acabemos, acabemos,
Venha de morrer agora!
Vamos a *britar*, pinhões
Para nos irmos embora.

---

[1] Lugar da freguesia de Amor, perto de Leiria, conhecido ao longe pela grande quantidade de pinheiros que lá ha.

De ordinário o trabalho termina por dança.

Tudo o que até aqui fica dito do distrito de Leiria refere-se a Monte-Real e baseia-se em informações do D.or Manoel Heleno, a quem já acima me referi.

Noutras terras, onde os pinhões não têm tanta importancia comercial, vogam costumes mais simples. No Cadaval, por exemplo,

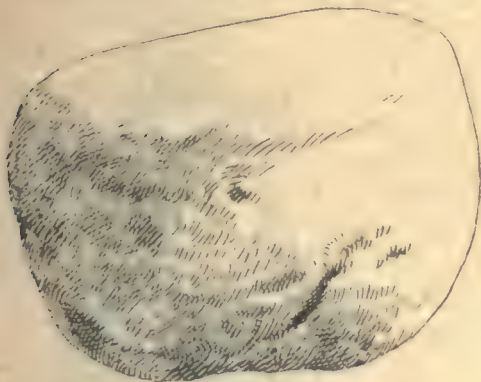
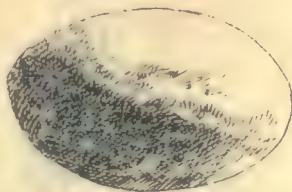



Fig. 62 Fig. 63

os homens e rapazes sobem aos pinheiros, *engatinhando*, e é com as mãos que apanham as pinhas e as deitam ao chão: sòmente, se as pinhas estão fóra do alcance da mão, as batem com uns paus que já levam consigo para isto.

Quando está caido certo número de pinhas no chão, forma-se com elas uma roda, e deita-se-lhes por cima lenha (tojo, urzes e *scama*), a que se lança fogo. Chama-se a isto uma *assada*. O fogo mantem-se por espaço de uma hora. Em seguida britam-se as pinhas com uma pedra ou com um martelo, e assim se extraem os pinhões.

*

Os pinhões, depois de britados, podem tambem ser torrados, ou em monte, ou enfiados em linhas brandas (neste último caso mais levemente torrados): levam-nos ao fôrno em latas, ou colocam-nos no proprio lar do fôrno, após a cozedura da broa. Os pinhões enfiados em linhas chamam-se mesmo *enfiadas*, e vendem-se de terra em terra, pelas portas, ou em arraiais de festas. Nas festas os rapazes fazem momentaneamente com as *enfiadas* correntes de relógio, e as raparigas colocam-nas ao pescoço em guisa de cordões ou colares: depois uns e outros levam estes objectos para casa, e comem-nos, ou oferecem-nos a pessoas amigas. —Uma das festas em que

mais pinhões se vendem é a de S. Amaro, na freguesia do Soito da Carvalhosa: o Santo venera-se em uma capela.

A venda das enfiadas está a cargo de molheres, que se denominam *pinhoeiras* (Leiria). Na fig. 64 reproduz-se uma litografia, n.º 39 da colecção de Palhares (cf. supra, p. 23), e na fig. 65 a estampa 17.ª do fascículo 3.º da colecção intitulado *Ruas de Lisboa*[1], em ambas as quais se vêem molheres que vendem pinhões, uma até especificada

Fig. 64 Fig. 65

como de «Leiria». As estampas datam dos meados do sec. XIX, e são coloridas, mas, para maior facilidade da reprodução, faz-se aqui esta sem as côres originais. Em Monte Real são ás vezes as proprias *pinhoeiras* quem *desbocha* em casa do dono. Quando compram os pinhões, é já com esta condição. O dono aproveita assim os residuos (*cascos* ou pinhas) para queimar.

[1] Este fascículo, bem como alguns outros exemplares de estampas etnograficas que possuo do mesmo genero, devo-os ao obsequio do meu amigo o S.ºr Antonio Victorino Ribeiro, a quem por serviços analogos já me referi noutros trabalhos: *De Campolide a Melrose*, pp. 121(-122), nota 1; *Da Numismatica em Portugal*, p. 104, nota 1, e p. 150, nota 1.

Os pinhões torrados sem casca ou sem serem enfiados costumam vender-se já simples, já de mistura com passas de uvas, num caso ou noutro em cabazinhos, que se denominam *medidas* (*medida* de pataco, de meio-tostão, etc.: outr'ora!).

*

Independentemente de servirem para se comerem, os pinhões servem tambem para jôgo de rapazes. Ha várias especies de jogos: ao *par & nunes* (*nones*) ou *par & pernão*, ao *rapa*, ao *palmo*, á *barroca*, á *parede*. Na fig. 66 reproduz-se, tambem segundo um desenho do S.or Francisco Valença, um *rapa* de pau do Museu Etnologico: especie de piãozinho, de secção quadrada, o qual tem em cada face uma letra que significa respectivamente R(apa), d'onde o nome do objecto, T(ira), D(eixa), P(õe); joga-se, torcendo entre o dedo *pollex* e o *index* ou o *maximus* o eixo superior do *rapa*[1].

Fig. 66

Brinquedos d'estes se encontram noutros paises. Em França, por exemplo, uma das espécies do *toton* tem em cada uma das quatro faces respectivamente A(*ccipe*), D(*a*), R(*ien*), T(*otum*), e o nome *toton* veio-lhe do T(*otum*), como ao nosso jogo veio de R(*apa*). Em Italia corresponde-lhe o *girlo* «sorte di dado segnato con lettere su i quattro lati, con una punta o perniuzzo in mezzo per farlo *girare*»: a palavra não se encontra no Dicionario da Crusca, mas trá-la o italiano-francês de Barberi, Paris 1884. O rapa chama-se em hespanhol *perinola:* «el cuerpo de este juguete es á veces un prisma de cuatro caras marcadas con letras, y sirve entonces para jugar á interés», diz o *Dicionario de la leng. castell.*, publicado pela Academia. Quanto á Alemanha devo ao S.or D.or Johannes Bolte o conhecimento de um livro de F. M. Böhme, Leipzig 1897, intitulado *Deutsches Kinderlied und Kinderspiel,* onde a p. 643, § 554, se desenha um brinquedo (*Kreisel*) análogo ao nosso rapa; tem quatro faces, em

---

[1] Os verbos *tirar* e *pôr*, que aqui aparecem, usam-se juntos, em várias frases, por causa do sentido antitético que têm: *donde tirão e não põem, cedo chegão ao fundo* (em Bluteau, *Vocab.*, VIII, 176), ou, com fórma moderna, *d'onde se tira e não se põe, falta faz* (Algarve); *sem tirar nem pôr*, por «exactamente»; o que no citado Bluteau se diz *eu não tiro nem ponho* («he modo de falar proverbial», acrescenta ele).

cada uma das quais se figura respectivamente uma das seguintes letras: A=gewinnt *Alles* (ganha *tudo*), H=Halb gewonnen (ganhada só *metade*), O=*Nichts* (nada, ou zero), S=*Setzen* (isto é, o que joga tem de acrescentar alguma cousa, ou *pôr*),—e joga-se pelo Natal a nozes, ou, na sua falta, a feijões. Vid. um desenho na fig. 67. O proprio S.or Prof. Bolte reproduz na *Zs. der V. f. Volkskunde*, XIX, 403, n.º 30, uma notícia d'este jôgo no sec. XVII (*Spielhöltzlein*, com as palavras latinas *Omnia, Nihil, Pone, Trahe*), e junta em nota valiosas indicações bibliográficas. Tambem na Boemia, segundo informação do S.or Prof. Zūbati, da Universidade txeque (ou cheque) de Praga, se usava ainda nos fins do sec. XIX e começos do XX (hoje parece que já não) um brinquedo constante de uma especie de pião de seis faces, denominado *šamburina*, fig. 68, o qual se jogava a dinheiro nas festas religiosas: cada face tinha um número representado por pontos, e os jogadores eram seis: cada um apostava que, deitando o pião com os dedos, ficaria ao de cima certo número: se ficava, recebia quintuplicado o preço da aposta (isto é, recebia os cinco valores postos pelos restantes): por exemplo, se cada um dos jogadores havia posto uma coroa, o que ganhava recebia cinco.—Já os Etruscos e os Romanos tinham dados ou tesseras, de jogar, com numeros e letras, os quais podiam ao mesmo tempo servir para adivinhações e sortilegios: vid. *Dict. des antiq. gr. et rom.*, s. vv. «tessera» e «turben» («turbo»).

Fig. 67 Fig. 68

J. L. DE V.

Berços infantis

Usam-se entre nós muitas especies de berços, geralmente de pau, mas ás vezes de cortiça; também póde servir de berço uma canastra: vid. alguns desenhos na *Rev. Lusit.*, X, 14–16: são berços, pelo menos três, de gente pobre, e por isso modestos; só um é mais apurado. Ha porém berços muito ricos. Uma cantiga do Natal diz:

> Filhos d'homem rico
> Em *berço doirado*:
> Só vós, meu Menino[1],
> Em palhas deitado[2].

[1] O Menino Jesus.

[2] *Revista de Ethnologia*, de Adolpho Coelho, p. 33.

Um berço infantil

De facto está, por exemplo, um berço com doirados, no Palacio Nacional de Quèluz, berço em que dormiram alguns principes portugueses: vid. fig. 69 (desenho de Francisco Valença). No Nordiska Museet de Estocolmo, ou «Museu do Norte», admiram-se tambem os de Carlos XII, rei da Suecia, que nasceu em 1682, e de Gustavo Adolfo IV, que nasceu em 1778: berços doirados e artisticos. De outro berço principesco com doirados, onde

Fig. 69

dormiram todos os filhos da Rainha Vitoria de Inglaterra, berço feito em 1840 para a que depois foi Imperatriz Frederico, da Alemanha, se fala na revista intitulada *Zur guten Stunde*, XIV (1894), p. 28–B, num artigo que se denomina «Eine fürstliche Wiege». Não de berço doirado, mas de um rico berço de pau preto, de estilo do sec. XVIII, pertencente á familia dos Sepulvedas, de Bragança, dá-se uma reprodução na est. V, segundo uma fotografia.

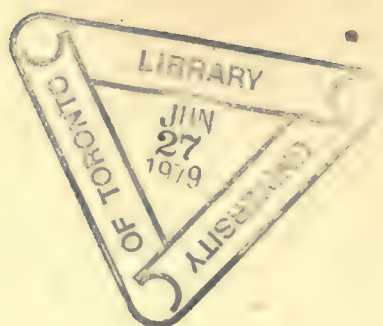
J. L. de V.

OBSERVAÇÃO FINAL

A figura emblematica que exorna o frontispicio d'este *Boletim* reproduz um famoso quadro de um dos consagrados mestres da pintura portuguesa o S.or José Malhôa; o cabeçalho da «Advertencia preliminar» (composto á vista de coisas tipicas da nossa Etnografia) e a letra capitular (tipo de lenço provinciano) devem-se à inteligencia do S.or Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnologico, que para a sua execução se inspirou em objectos existentes no mesmo Museu (1920).

J. L. DE V.

ÍNDICE

Além do emblema do frontispicio, do ornato do cabeçalho, e da letra floreada que inicia o texto, ha neste 1.º numero do *Boletim* 69 figuras, e VI estampas.

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

DIRIGIDA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

N.º 2

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XXIII

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

BOLETIM

DE

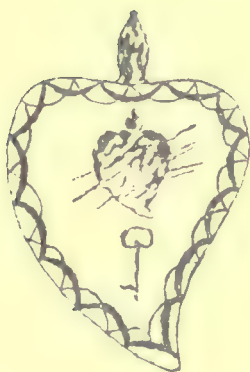
ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

DIRIGIDA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

N.° 2

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XXIII

Os cinco sentidos

NO Museu de Machado de Castro, em Coimbra, guarda-se um *prato grande*, de faiança, que vai adiante gravado, segundo um desenho do S.or Alvaro de Lemos, Professor da Escola Normal Primaria d'aquela cidade, e meu antigo e distinto aluno no Curso de Bibliotecario-Arquivista.

O prato tem na orla do anverso uma cercadura provida de elementos vegetais, e no campo, ao meio, dentro de uma especie de «silva» ou coroa, umas palavras que dizem: *o q(uin)to apalpar;* por baixo das palavras está um desenho, a modo de ramo linear, e fóra da silva uma data: *1707* (ou *1703*).

Em meu entender, este prato, como a primeira vez que o vi, em 1919, eu disse a alguem que me acompanhava, faz parte de uma serie representativa dos cinco sentidos: o desenho que se vê sob as palavras, e que descrevi como parecido com um ramo, será um azorrague ou disciplinas, emblema aqui do sentido do tacto. Outros pratos deveriam ter respectivamente: um ôlho, um ouvido, um nariz, e acaso uma lingua, — ou emblemas semelhantes.

A serie ceramica de que estou falando é paralela a uma serie de paineis, de caracter popular, como o prato, os quais uma vez vi na Beira-Alta: a eles me referi n-*O Arch. Port.*, XXII, 134–135, onde citei, como comparação, cantigas populares, e versos de Almeida Garrett, — e para lá remeto o leitor.

No prato de Coimbra as côres empregadas na pintura, em campo ou fundo brando, são azul e castanho.

O Director do Museu, Ex.mo S.or A. A. Gonçalves, tão competente em cousas d'arte, como amavel para com os visitantes, — e á sua amabilidade devo a permissão de publicar o prato —, não deixou de concordar com a minha explicação, quando em conversa lh'a expus.

Fig. 1

Para ilustração do assunto, juntarei aqui mais umas notas.

Na exposição de Arte Ornamental que se realizou em Lisboa em 1880 figurou «uma colcha de linho bordada a retrós de côres, com figuras emblematicas dos cinco sentidos, designadas com palavras portuguesas», o que mostra que fôra fabricada cá. Obra do sec. XVIII, pertencente em 1880 a uma casa de Viseu [1].

Vê-se que o tema dos cinco sentidos era bastante geral na arte, pois nos aparece em pintura, em ceramica, e em bordados.

Pelo que toca á poesia popular, já no *Arch. Port.*, XXI, 172, publiquei esta cantiga de Estremoz, dirigida á figura do Gadanha, que encima o tanque do Rossio de S. Brás, naquela vila:

Quando a Estremoz cheguei,
Ao lago me fui lavar:
Cinco sentidos que tinha
Ao Gadanha os fui entregar,

a qual cantiga com outras que juntamente eu ali publicára, e com parte do meu artigo, foi reproduzida no *Eco de Estremoz,* de 3 de Junho de 1923, sem indicação da origem.

A cantiga do Gadanha é imitação da primeira de uma serie de outras que, como disse n-*O Archeologo,* se cantam, com o titulo

---

[1] Vid. Filippe Simões, *A exposição retrospectiva de arte ornamental,* Lisboa 1882, p. 19.

de «Os cinco sentidos», em varias partes de Portugal, e de que dou aqui um espécimo, segundo uma versão de Loulé (cantigas de amor):

Passei pela oliveira,
Cinco folhas lh'acolhi:
Cinco sentidos que eu tinha
Todos em ti empregui[1].

O primeiro é *vêr*,
Esse é o meu desejo:
Olho p'ra um lado e pra outro,
Eu por mim nunca te vejo!

O segundo é *ouvir*,
Eu por mim não oiço nada:
Oiço suspiros e ais,
Que se me parte esta alma!

O terceiro é *cheirar*
Num raminho de alecrim:
Todas as paixões se acabam,
Só a minha não tem fim!

O quarto é *gostar*,
Que gosto poderei ter,
Vivendo de ti ausente?
Mais me valia morrer!

O quinto é *apalpar*,
Só a ti apalparei,
Só p'ra dar-te gosto a ti,
Ó minha alma, ó meu bem!

Vale a pena observar que analogas cantigas populares se cantam na Galiza:

N'un jardín do teu país
Cinco rosiñas collín:
Eran os cinco sentidos
Que eu tiña postos em ti.

O *primeiro*, é *ver* a prenda
Que no mundo mais eu quero:
Durmindo estou, e soñando,
Soñando estou que te vejo.

O *segundo*, é *oir* sempre
Vozes do teu corazón:
Eu non sei de que maneira
Lhe collín tanta afizón.

O *terceiro*, é o *gustar*:
¿E que gusto poido eu ter
Estando ausente de ti
E non poderte ir a ver?

O *cuarto* sentido é *ulir*
Entre rosas de um jardín:
Solo lhe pido, rapaza,
Que non te olvides de min.

O *quinto*, é solo tocar:
Eu nunca nada toquei;
O que te pido, rapaza,
É que me gardes a lei[2].

As tradições galegas andam tão unidas com as portuguesas, por causa da comunidade das origens e da vizinhança geografica, que esta analogia nas cantigas nada tem que nos surpreenda. Surpresa nenhuma ha tambem em vermos que, sendo por intermedio dos sentidos que nos pomos em relação com o mundo, a namorada seja para o namorado tudo quanto nesse mundo existe, tudo quanto possa ser objecto de sensibilidade.

J. L. de V.

---

[1] = empreguei. Linguagem local.
[2] Vid. *Boletín de la R. Acad. Gallega*, n.º 64 (1912), p. 110.

Coleira de cão

Foi sempre costume vulgar, desde a antiguidade até hoje, dar nomes aos animais domesticos, para os chamar, e para eles se afazerem a lidar com o homem, e a obedecer-lhe, como escravos ao seu senhor. A nomes d'estes me referi no meu livro *De Campolide a Melrose,* Lisboa 1915, pp. 48(-49), nota 1. Nomes gregos é latinos de cães lêem-se muitos no *Dict. des antiq.*, de Daremberg & Saglio, s. v. *canis* (artigo de E. Cougny), p. 889, col. 2, e em *Die antike Tierwelt*, de O. Keller, I (1909), pp. 134–135.

Ás vezes, modernamente, os nomes gravam-se nas coleiras com que se prendem os cães: vid. um exemplo na figura junta, copiada de uma das estampas que acompanham a *Gaticanea,* poema heroi-comico de João Jorge de Carvalho, edição de 1816 (Lisboa). A coleira tem escrito MALUCO, nome do cão. Na estampa reprèsenta-se um gato a morder a perna traseira direita do cão, e outro a morder a perna dianteira esquerda; mas suprimiu-se isso, e desenhou-se por inteiro o cão[1].

Debaixo da estampa lê-se a seguinte sextilha:

> Por forte e vençedor, a clara Fama
> Me cinge de carrasco a invicta frente,
> E em ruidoza vôz meu nome acclama
> Por ver que fiz á força d'unha, e dente
> A sisco reduzir, em brava guerra,
> Quantos gatos miavão sobe a terra.

Efectivamente adeja no ar a figura da Fama, que coloca sobre a cabeça do cão uma coroa de carrasco (carvalho), e toca uma trombeta, segura pela mão esquerda.

Coleiras antigas de cães com os nomes d'eles não conheço nenhuma; todavia Otto Keller, *ob. cit.*, I, 129–130, fala de uma que tinha junto uma chapa com uma inscrição respectiva ao dono do animal, e a quem achasse este, se se perdesse.

J. L. DE V.

---

[1] Desenho de Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnologico.

Apontamentos para a etnografia madeirense

Habitação troglodítica

Percorrendo quási toda a ilha da Madeira, em sucessivas excursões, observámos que o Madeirense ainda hoje tem, por vezes, habitação troglodítica.

Não nos devemos espantar com esta verdade, porque ela não revela uma característica de selvagem, como é opinião de alguns autores. Nem sempre o trogloditismo é cunho de povos no limiar

Habitação troglodítica; construção de 1922 · Sitio da Ponte Vermelha Concelho da Ribeira Brava — Madeira

da civilização: é muitas vezes o resultado das condições do ambiente físico que obriga o homem a construir na rocha a sua habitação.

Não é o desconhecimento do progresso, mas sim a falta de espaço e de segurança que leva, algumas vezes, o Madeirense a viver em meio duma encosta numa *furna*, vendo cair por diante as *quebradas* que vêm de cima sem danificarem a sua habitação. É vulgar saber-se que uma destas derrocadas soterrou uma casa e matou tantas pessoas, principalmente no tempo do inverno; é precisamente por isso que o habitante da Madeira, lutando com falta de espaço e segurança, resolve fazer a sua habitação cavada na rocha, ora basalto de côr escura, que alterna variadamente com diferentes conglomerados, ora tufo, ora conglomerados ùnicamente.

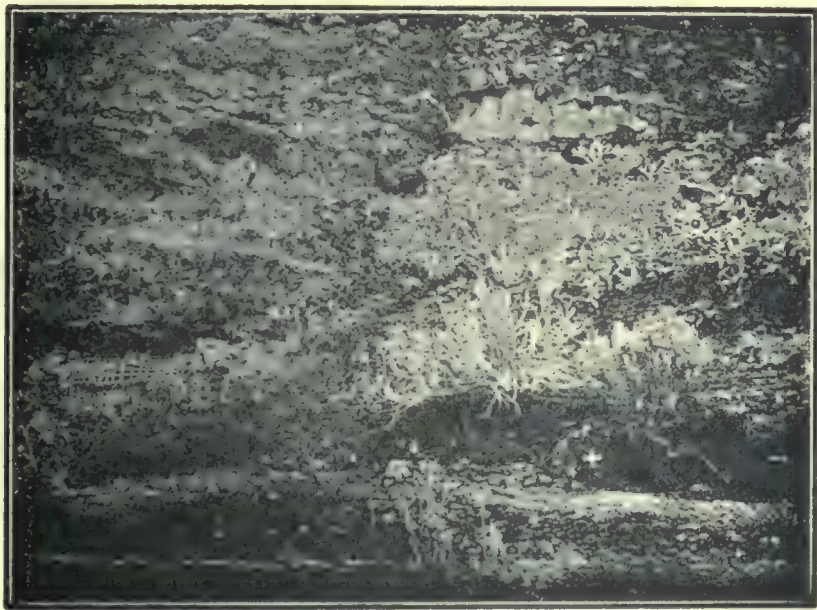
E tudo isto porque a ilha da Madeira é extremamente acidentada, de montanhas e picos emmaranhados, donde a multiplicidade e diversidade de vertentes, apresentando nos seus 828 quilómetros quadrados de superfície vinte e três picos cuja altitude máxima varia entre 975 a 1:950 metros; no sentido do seu comprimento estende-se uma elevação geral donde partem serranias irregulares e sinuosas, cortadas por sulcos profundos, que vêm mergulhar-se abruptamente no mar ou que ficam suspensas à beira do Oceano, em posição majestosa, dando-nos abismos que como o «Redondo

Habitação meio troglodítica

dos Ingleses», ou «Eira do Facho», se olha a 589 metros de altitude. Diremos de passagem que, em virtude destes factos, a Madeira não tem praias extensas.

É pelos sulcos das montanhas, pelos vales profundos, que correm os ribeiros e as ribeiras, aumentando as suas águas, em correria doida, e arrastando tudo no percurso; põem assim essas correntes de águas caudalosas em perigo a habitação edificada em sítio descuidado. Mas a acidentação do terreno oferece-nos aspectos que não podem ser excedidos, de lindos e majestosos que são.

A habitação troglodítica é, ora permanente, ora temporária, e estão neste último caso as *furnas* onde dormem os lavradores na época da colheita dos cereais e alguns pastores.

A *furna* é uma cavidade feita na rocha com auxílio de picareta e por vezes de *brocas*, ou explosões de pólvora ou dinamite, com umas aberturas regulares, alargando interiormente e tendo geomètricamente fórma rectangular. São bastante regulares, por conseqüência, as suas paredes. Umas vezes tem uma ou duas aberturas, às quais se aplicam portas vulgares, quási sempre de madeira de castanheiro, que giram sôbre si mesmas, e que têm superiormente duas aberturas circulares ou quadradas, vedadas por uma rêde metálica, para ventilação; ora dá-nos a impressão duma casa térrea vul-

Ruinas duma casa de habitação de colmo, meio metida na rocha.
Sitio do Lugar — Vila da Ribeira Brava — Madeira

gar, que fôsse encaixada na rocha, porque apresenta a fachada toda caiada de branco, onde se vêem as portas e janelas com persianas, com o beiral de telha de Marselha, tendo os compartimentos estucados e assoalhados. São habitações de um só pavimento e que constam geralmente de três compartimentos, dois com portas exteriores e um com janela, e que comunicam interiormente por duas portas onde se empregam as ferragens das modernas construções. Estas últimas características pertencem às *furnas* do segundo tipo, porque as do primeiro quási nunca têm divisões, e quando as têm são esteiras de *cana de roca* pregadas ao alto em paus que se encaixam nas paredes.

O confôrto destas habitações (2 tipos) é muito pouco, porém oferecem por vezes um bem-estar que as habitações, mais vulgares ali, feitas de pedra sôlta, cobertas de côlmo, e quási sempre calçadas ou de terra batida, nos podem dar; contudo as *furnas* são anti-higiénicas e desconfortáveis, comparadas com as casas dos *remediados* das vilas e dos próprios campos.

Nas vivendas do primeiro tipo a mobília compõe-se, geralmente, dum catre e duma caixa ou arca de qualquer madeira indígena, um alguidar de barro vidrado, uma gamela de til, um banco ou cadeiras tôscas, por vezes também uma mesa tôsca, e pouco mais; a caixa ou arca quási sempre serve de mesa.

Nas do segundo tipo encontramos o mobiliário mais apurado, se bem que não vai muito além do já exposto. Estas têm, geralmente, como disse, três compartimentos: um é destinado ao casal, outro aos filhos, e o terceiro é sala de visitas e de jantar e onde as mulheres se entregam ao bordado durante a estação do inverno, porque quando o tempo é bom, tomam as refeições e bordam ao ar livre, cantando desde o pôr do sol até á noite como os bandos de passarinhos que perto as desafiam. A cozinha fica quási sempre ao lado numa gruta ou abrigo, ou, quando é possível, num telheiro duma só água, ou palheiro; por vezes é na cozinha que se come.

As *furnas* são habitadas por alguns lavradores e pescadores; encontram-se estas vivendas em toda a ilha, quer no litoral quer no interior. Citaremos, ao acaso, duas habitações do segundo tipo no sítio da Ponte Vermelha, ao lado direito de quem segue da Ribeira Brava para a Serra de Água: estas construções são relativamente modernas, pois foram edificadas há uns oito anos.

O número de habitações dêste tipo é menor do que o do primeiro. Dêste encontraremos, por exemplo, as furnas do sítio do Ilheu, no concelho de Câmara de Lôbos, e muitas moradas nos concelhos da Ribeira Brava e de S. Vicente, etc.

Há também habitações meio encaixadas na rocha: delas temos um exemplo frisante no sítio da Tintagaia, no concelho da Ribeira Brava. São em muito menor número que as descritas anteriormente; apresentam a mesma divisão interna e têm, por vezes, lojas e primeiro andar. A parte que sobressai é coberta com telha, zinco ou côlmo, havendo para isso um travejamento parcial de madeira de castanho.

Muitas vezes a *furna* deixa de ser habitação, e passa a ter outras aplicações. Em alguns sítios dão-lhe a designação de *lapas*.

Como habitação temporária devemos mencionar as muitas furnas, hoje desprezadas. que os trabalhadores fizeram quando construíam

as levadas da Ribeira do Inferno, do Monte Medonho e do Rabaçal; aí guardavam os explosivos e as ferramentas do seu ofício, e aí dormiam muitas vezes, pela grande distância a que estavam dos casais mais próximos da Serra.

Ao lado destas *furnas*-habitações há também aquelas onde criam gados e arrecadam os produtos das fazendas e aparelhos de pesca, havendo algumas à beira das estradas transformadas em pequenas mercearias, tabernas, armazéns, etc.

Ainda modernamente se fazem estas construções com todos os intuitos indicados, apesar de, com o ouro que a colónia madeirense traz do Brasil e América do Norte, se terem edificado dispendiosas vivendas onde existe mais elegância, higiene e confôrto, mas indubitàvelmente mais perigo.

Quantas e quantas vezes, ao passarmos por certas casas à beira de abismos ou com verdadeiras muralhas a suster alguma derrocada, nos tememos de ali viver!

JOÃO ESTÊVÃO PINTO
(Aluno da Faculdade de Letras de Lisboa)

Vida portuguesa antiga segundo documentos iconograficos

«Voltemos os olhos para os monumentos d'aquellas eras antigas em que ellas fielmente se reflectem».

HERCULANO, *Opusculos*, v (3.ª ed.), 101.

As artes plasticas, se podem constituir por si mesmas elementos de Etnografia, tornam-se tambem para o etnografo muitas vezes fontes de informação, porque o artista possue o dom de reproduzir na pintura, na gravura, na escultura, e na arquitectura, isto é, no desenho, as impressões que recebe na contemplação do que o rodeia. Tais fontes são sobretudo preciosas para o indagador das cousas do passado, na impossibilidade em que ele se encontra de as examinar directamente.

Ora certos livros antigos contêm vinhetas, tarjas, letras capitulares, e outras gravuras, que representam scenas venatorias, piscatorias, campestres, domésticas, e bem assim industrias, edificios, trajos, veículos, armas, instrumentos musicos, concepções miticas e religiosas, aspectos de batalhas, tipos sociais, numa palavra, tudo quanto fórma assunto etnografico. Em caso analogo estão alguns manus-

critos, no que toca a ornatos que os embelezam. Por outro lado ha esculturas, de pedra, de madeira, de barro, que representam pessoas, lendas, quadros de genero; ha azulejos, loiças, vidros, telas, retabulos com pinturas de variados actos da vida humana. Percorrendo as demais artes, a da medalha, a toreutica, a tapeçaria, etc., não escassearão materiais etnograficos da mesma natureza.

Creio que com arquivar reproduções de desenhos como os que ficam mencionados se prestará serviço á sciencia. A isso se destina pois a secção que ora se inaugura no *Boletim*. A tentativa oferece porém ás vezes dificuldades, não só quanto á denominação exacta de objectos que diferem dos actuais, para a qual nos faltam seguros pontos de apoio, mas quanto ao julgamento do caracter nacional de alguns desenhos, por exemplo, dos de livros impressos por individuos de nacionalidade não portuguesa. As gravuras que exornam esses livros são originais, ou vieram de fóra? Nem sempre se saberá responder. Vid. o que a este respeito disseram: Ribeiro dos Santos, «Origem da Tipografia em Portugal» in *Memor. de Lit. da Acad. das Sc.*, t. VIII, 2.ª ed., pp. 72 e 136; Sousa Viterbo, *A gravura em Portugal,* p. 4; e D. Carolina Michaëlis, *Autos portug. de Gil Vicente,* Madrid 1922, pp. 60–69. Em todo o caso, quando as gravuras, ainda as que porventura não tenham origem nacional, concordarem com costumes e ideias nacionais, não hesitarei em as reproduzir. Por causa das duas dificuldades que apontei, sobretudo da primeira, não se admirem os leitores se no que vão ler se lhes depararem por vezes erros, omissões, e dúvidas.

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

Embora o *Boletim* se destine primeiramente á Etnografia moderna, as cousas que o constituem estão ás vezes tão unidas ás que constituem a Etnografia antiga, que mais vale estudar tudo junto,

do que em separado. Não seguirei nenhuma ordem cronologica ou específica. O meu estudo não passa de mera colecção de achegas avulsas, destinadas a obra maior.

1. Scena de caça, do sec. XVI. Gravura tirada do frontispicio do t. II das *Ordenações* manuelinas, de 1514 (exemplar da Biblioteca Nacional)[1].—Um individuo com um pau na mão esquerda caminha em terreno hervoso e pedregoso, e açula com a direita dois cães contra duas lebres e um coelho, que fogem a bom fugir adiante d'ele, por um bosque. O caçador tem na cabeça chapeu de grande *fralda*[2], veste *pelote*[3], e calça çapatos.—Vemos aqui um exemplo de caça primitiva, em que o caçador leva por unica arma um pau, sistema ainda hoje, em certos casos, corrente entre nós.

Fig. 5

Fig. 6

2. Scena de pesca, do sec. XVI. Gravura que tem a mesma procedencia que a anterior. Um individuo, sentado numa escarpa á beira-mar, pesca á linha, descansadamente: tem como o caçador, chapeu e pelote.

3. Scena agraria, do sec. XVI: gravura que tem a mesma procedencia das anteriores. Um individuo, de pelote e gorra, com uma enxada nas mãos, está cavando a terra com grande atenção.

---

[1] As *Ordenações*, por causa das estampas que as adornam, são bastante curiosas, quanto ao assunto de que me estou ocupando. Vid. uma descrição d'elas no t. XVII do *Dicc. Bibliografico* de Innocencio & Aranha, p. 121 sgs., onde se reproduzem as estampas. Estas correspondem aos assuntos tratados nos diferentes livros das *Ordenações*.

[2] Para sabermos os nomes de alguns trajos antigos, podemos ás vezes recorrer aos dicionarios latino-portugueses, quando esses trajos se pareçam com os romanos. Jeronimo Cardoso (sec. XVI) no seu *Dictionarium* traduz o latino *galerus* por «chapeu de *pouca fralda*», isto é, de «pouca aba». Por isso empreguei no texto *fralda*.—Por «chapeu», tambem outr'ora se dizia *sombreiro*, por exemplo, G. F. Trancoso, do mesmo seculo, *Contos*, ed. de 1624, fl. 76; mas esta palavra tinha a par a significação de «guarda-sol», pois Cardoso traduz com ela o latim *umbella*. Hoje *sombreiro* conserva ainda as duas significações, conforme as terras.

[3] J. Cardoso traduz o latim *tunica* por «pelote», e *tunica manicata* por «pelote com mangas». Tambem Trancoso fala de pelote de mangas e fralda: *Contos*, fl. 12.—O trajo que usa o nosso caçador parece-se com a *tunica manicata*.

Porto d'ele jaz um cestinho arredondado, de duas asas, com a merenda.

4. Scena agraria do sec. XVI: gravura procedente das *Ordenações*, como as tres anteriores. Um individuo lavra pacificamente a terra: com a mão esquerda péga na rabiça de um arado, que levam dois bois, de cujos corpos só porém se vêem os quartos trazeiros; com a direita segura uma aguilhada, provída de pàzinha ou *arrelhada*, na extremidade inferior[1]. O lavrador, de pelote, tem na cabeça um chapelinho de pouca aba, mas alta, como os das Varinas, á maneira de barrete dobrado para cima; nos pés calça çapatos iguais aos do caçador e cavador, de que já falei; nas pernas veste *meias-calças* ou polainas[2].—Acêrca das fórmas do arado português e nomenclatura das suas peças, vid. Adolfo Coelho in *Portugalia*, I, 407 sgs.

Fig. 7

Fig. 8

5. Tres prisioneiros descobertos e carregados de ferros, e de mãos postas pedem misericordia (ao rei): gravura extraída das *Ordenações* de 1514 (ultimo tomo). Os prisioneiros estão de joelhos sobre um estrado. A figura da esquerda representa um homem, de barbas flutuantes; a do meio representa provavelmente uma mulher, como se vê do cabelo; a da direita, que tem descoberta uma perna, representará tambem um homem. O vestuario da figura do meio tem mangas, de larga abertura dianteira. Os ferros ou cadeias prendem

Fig. 4

[1] O termo *arrelhada* vem em Bento Pereira, *Thesouro*, que o define: «instrumento de alimpar o arado», e lhe dá *rulla* como equivalente latino. A *rulla*, ou *rallum*, era de facto uma especie de pá que se adaptava ao topo inferior da aguilhada.

[2] Cardoso, num raro livrinho que possuo, intitulado *Dictionarium*, e que deve ser o *frugiferum* (no meu exemplar falta o rosto), põe a p. 28, entre o vestuario das pernas, as *meas-calças*, ao lado das ciroulas, calções, piugas, borzeguim, etc.; e traduz essa expressão por *tibialia*.

os pescoços de todos os tres prisioneiros, e alem d'isso os dois punhos do primeiro, e uma perna de cada um, ligando-se por fim entre si num dos angulos do estrado, onde os segura uma fechadura quadrada.

6. Pessoa algemada e levada de rastos por um cavalo, que vai montado por um cavaleiro que empunha na dextra um chicote. Gravura extraída do *Flos Sanctorum*, ed. de 1513, fl. 122 *v* (exemplar da Biblioteca Nacional)[1]. O castigo ou suplício de atar á cauda de um cavalo uma pessoa condenada á morte, já aplicada na antiguidade[2], ainda se aplicou em Lisboa em 1728[3]. Numa sentença impressa, que possuo, de 1830, manda-se igualmente que certos reus, condenados á morte, sejam «arrastados desde a cadêa até o lugar do postibulo»: deve entender-se arrastados por cavalos. Tambem igual pena figura no romanceiro popular: quando o marido de D. Ana ou D. Infanta vem de longe, não conhecido por ela, e lhe pede o corpo, a esposa responde-lhe ofendida:

Fig. 9

Fig. 11

Cavaleiro que tal diz { A volta do meu jardim.
Devia ser amarrado { Ao rabo do meu cavalo[4].

Os romances populares conservam notícia de muitos costumes do passado.

7. Gaiteiro, vestido analogamente ao lavrador do § 4: gravura extraída da *Relaçam dos arredores de Lisboa*, 1625 (exemplar da Biblioteca Nacional, $\frac{219}{\text{vermelho}}$, secção de reservados). No meu livro *De Campolide*

Fig. 10

[1] O *Flos Sanctorum* não é original português. Ele proprio se dá como tradução da *Ystorea Lombarda*, isto é, da *Historia Lombardica*, ou *Legenda aurea*, de Jacobo de Voragine (sec. XIII). Algumas das gravuras do *Flos Sanctorum* aparecem noutras obras, por exemplo, na *Copilaçam da regra.. do Padre.. Sam Francisco*, Lisboa 1530 («per Hermã Galharte»), que vem descrita no Catalogo 10.º da Livraria de José dos Santos, Lisboa 1914, p. 49 sgs.

[2] Vid. Du Boys, *Hist. du droit criminel des peuples anciens*, Paris 1845, p. 432.

[3] Pinho Leal, *Portug. ant. e mod.*, IV, 381.

[4] Vid. o meu *Romanceiro Portuguez*, Lisboa 1886, p. 44.

a Melrose, Lisboa 1915, pp. 83 (–85), nota, juntei algumas notícias acêrca da historia da gaita de fole. Este instrumento musico foi muito querido outr'ora entre nós, e ainda o é em algumas regiões: a arte e a poesia apoderaram-se d'ele, e não faltam nem obras que se lhe refiram, nem gravuras ou esculturas que o exaltem. Ha uma figura igual numa obra hespanhola, impressa em Lisboa em 1589, em casa de B. Rodriguez, com o titulo de *El pastor de Philida* (exemplar da Biblioteca Nacional, secção de reservados, n.º $\frac{141}{\text{preto}}$): reproduzi porém a primeira figura, e não esta, apesar de mais antiga, porque a *vara* da gaita está aqui incompleta. Uma mesma gravura serviu para as duas obras, como não raro acontece.

Fig. 12

Fig. 13 Fig. 15

8. Prègador que prega num pulpito modesto, seculos XV–XVI. Do *Flos Sanctorum* (já citado), fl. 199.

9. Ex-votos do sec. XV–XVI, levados a S. Antão. Do *Flos Sanctorum* (já citado), fl. 26. Os ex-votos, pendurados de uma vara horizontal, consistem em duas pernas, uma mão e dois corações. Já me referi a esta gravura na *Hist. do Museu Etnologico,* pp. 28–29. Acêrca de ex-votos antigos (sec. XIV), vid. *O Arch.* Port., XXII, 142.

Fig. 14

10. Temos aqui a figura de um berço com uma criança (sec. XV–XVI): a um lado um bispo, sentado numa cadeira, de mitra e baculo, abençoa a criança; do outro a mãe, de lenço na cabeça e mãos postas, reza com devoção; na parede abre-se um postigo de rotula (postigo de arco de volta redonda, com uma divisão horizontal ao meio). Poderá entender-se que a criança está doente; a cabeça envolta num lenço, sobressae d'entre a roupa do berço, e pousa numa almofada. Gravura extraída do *Flos Sanctorum* (já citado): vid. fl. 27, 159, 165. A fórma do berço é mais uma para juntar ás que publiquei na *Revista Lusitana,* X, 14–16.

11. Concepção antiga do Diabo: de unhas nos pés, e galhos na cabeça, como um bode. Do *Flos Sanctorum* (já citado), fl. 41.

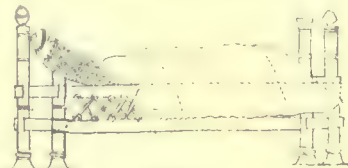
A figura tem um letreiro, numa fita, que diz «Satan». O focinho parece-se com o de um orango-tango; o apendice que sobressae abaixo do galho direito deve ser uma orelha disforme.

12. Grelha antiga: do *Flos Sanctorum* (já citado), fl. 121. Igual ás de hoje.

13. Personagem que trabalha sobre um cepo com formão e maço. O trajo é analogo a outros de que já falei: chapeu de aba curta, pelote, çapatos. Do *Flos Sanctorum* (já citado), fls. 176 *r* e 136 *r*.

Fig. 16

Fig. 17

14. Um bispo, de mitra na cabeça, baculo na mão direita, e um livro na mão esquerda, está sentado numa cadeira. Na parede do compartimento abre-se uma janela rectangular de rotula (cf. supra, fig. 10). Do *Flos Sanctorum* (já citado), fl. 41.

15. Personagem em cabelo, de pelote (sem mangas) e çapatos segura com as mãos uma tenaz. Do *Flos Sanctorum* (já citado), fl. 105.

16. Concepção antiga da Morte: um esqueleto, de pé, em chão remexido (de cemiterio), sobraça á esquerda um caixão, e encosta-se com a mão direita a uma pá. Do *Flos Sanctorum* (já citado), fl. 166. Entende-se que a pá é para tirar a terra da sepultura, e o caixão para conter o cadaver de cada homem.

17. Leito do sec. XII. Do Comentario do *Apocalipse* de Lorvão (na Torre do Tombo)[1]. Leito de certo luxo, com colunas e rendilhado de madeira (especie de balaustrada).

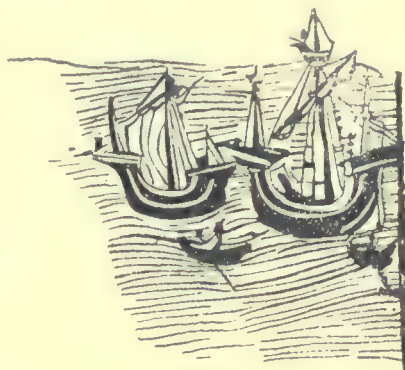



Fig. 18

18. Naus e barcos do sec. XV–XVI. Das *Ordenaçoes* manuelinas (já citadas), frontispicio do t. III. As naus têm porém já para o tempo caracter um tanto arcaico e estereotipado.

J. L. de V.

---

[1] Acêrca d'este Comentario, cf. *O Arch. Port.*, XXIII, 238.

Teares

Tecer era antigamente uma das ocupações mais vulgares e constantes da mulher portuguesa. Quasi não havia casa que não possuisse um tear. Cf. *Boletim de Etnografia*, n.º 1, p. 6, e *O Arch. Port.*, v, 199.

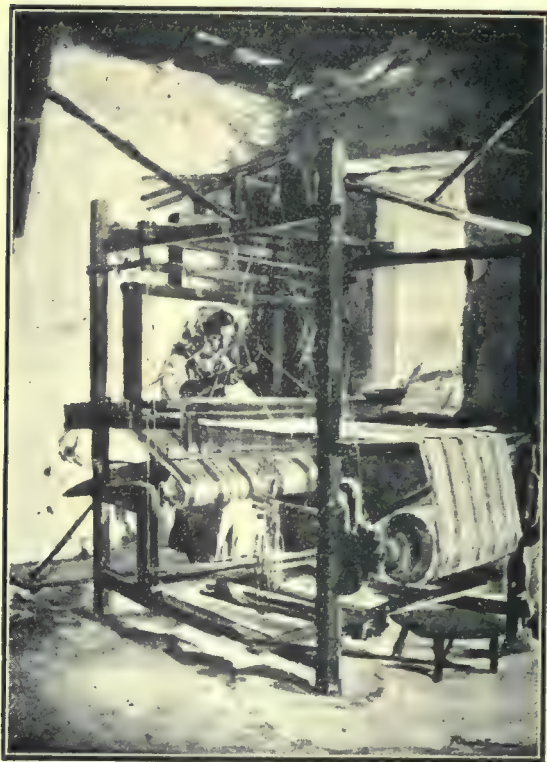



Fig. 1

Na impossibilidade de, por falta de tempo, especificar aqui, com os seus nomes, todas as peças que constituem os teares, segundo as provincias, vou porém publicar tres espécimes d'essa curiosa e util máquina.

1. Temos na fig. 1 uma fotografia de um quadro exposto pelo S.or Alberto Sousa, ha anos, no Museu do Carmo (fotografia tirada pelo S.or A. F. Settas, da Imprensa Nacional).

2. Na fig. 2 um desenho do mesmo ilustre artista Alberto Sousa, extraído de um seu album. O tear desenhado pertence a Nisa.

3. Na fig. 3 uma fotografia de um modêlo de tear (de dimensão pequena) existente na secção etnografica do Museu Etnologico, e provindo do Minho.

Ultimamente publicou o D.or Laranjo Coelho, na *Revista Lusitana*, XXII, uma gravura de um tear como ilustração de um importante artigo que aí inseriu respectivo á industria dos cardadores de Castelo de Vide. A gravura está acompanhada de nomenclatura da peça. Esta nomenclatura suprirá por agora a falta que acima notei no meu artigo, e para ela remeto o leitor.

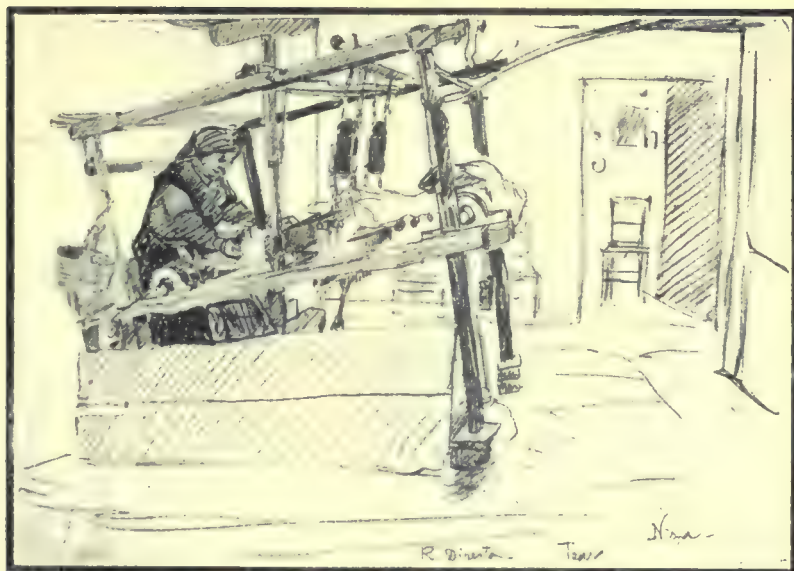



Fig. 2

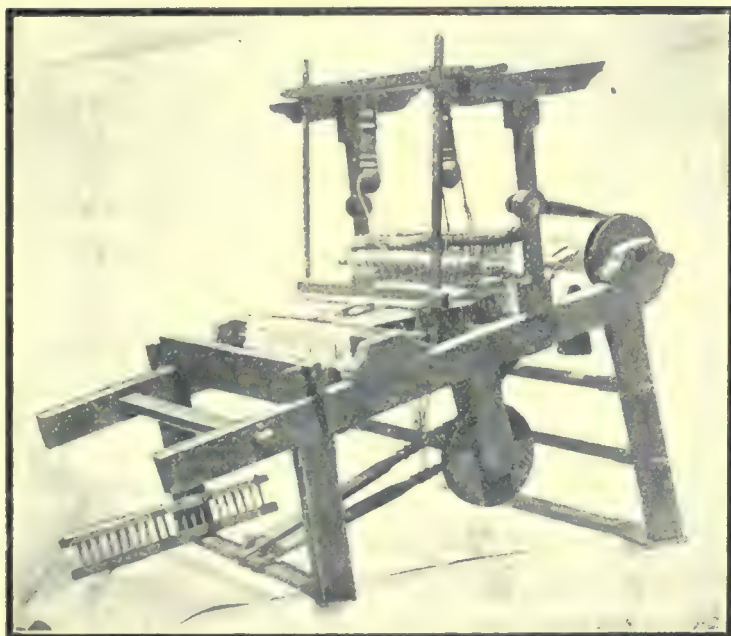



Fig. 3

«Espelhos» de portas

Chama-se *espelho de porta* ou *de fechadura* uma chapa de ferro que se prega na porta exterior de uma casa, no lado oposto ao da

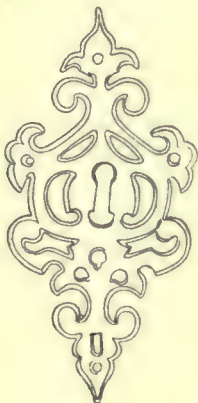



Fig. 1 Fig. 2 Fig. 3 Fig. 4

fechadura, chapa em que ha uma abertura para entrar a chave. Um espelho d'estes pode ser muito singelo, com fórma puramente geometrica, por exemplo, de losango, ou recortado, tomando então várias fórmas artisticas.

Fig. 5

Já no *Boletim* n.º 1, p. 26, se publicou um de uma casa de Estremoz; aqui se publicam outros, existentes no Museu Etnologico: figs. 1 a 5[1].

Excepto o tipo da fig. 5, todos os outros são vulgares, ainda que o tipo da fig. 2 é mais complicado do que de costume. O tipo da fig. 5 fórma verdadeiramente uma cruz, que na sua parte superior faz lembrar a da Ordem de Avis. Como noutros lugares tenho dito, a cruz que se vê em alguns d'estes tipos destina se na origem a afugentar os espiritos maus, isto é, na crença popular, o Diabo. Cfr. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 206, nota 6.

J. L. DE V.

---

[1] Desenhos do S.r Saavedra Machado, antigo Desenhador do Museu.

Pescador da Figueira da Foz

A fig. 1 representa um pescador da Figueira da Foz, no momento de concertar uma rede de pesca: tipo de lobo do mar, mãos calosas, cara de grossas feições, enrugada, e coberta de barba, barrete na cabeça, com a ponta terminada em borla, e caída para trás. Tem nas mãos uma *agulha de rede,* de madeira[1].

Fig. 1

O barrete, de extremidade conica, tal como o vemos na cabeça do pescador, usa-se mais ou menos por todo o Portugal; na Beira-Alta chamam-lhe *carapuça*, palavra correspondente a *caperuza*, em hespanhol, onde se aplica a um objecto da mesma fórma. Antigamente tambem as Saloias usavam carapuça, como ainda agora as Viloas da Madeira (cf. *Boletim,* n.º 1, p. 14)[2]. A palavra *barrete* relaciona-se com *barrete* em hespanhol, *barette* ou *barrette* em francês, *barretta* em italiano: tudo vindo do lat. birrus ou birrum, manto de capuz.

---

[1] A gravura assenta numa fotografia do S.or Pereira Monteiro, que me foi oferecida pelo D.or Correia Monteiro, Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

[2] O trajo das Saloias conhecemo-lo por várias estampas dos fins do séc. XVIII e começos do XIX, publicadas em fascículos (Cfr. Ferreira Lima, *Costumes portugueses*, Lisboa 1917). Informam-me que á porta de certas igrejas do território saloio, por exemplo S. João das Lampas, ha umas mesas de pedra, chamadas «das carapuças», onde as Saloias punham as carapuças, ao entrarem para a missa. Uma cantiga popular, ou popularizada, diz:

Sou Saloia, trago botas,
Tambem trago o meu manteu,
Tambem *tiro a carapuça*
A quem me tira o chapeu.

que ouvi aos Saloios, e de que A. Th. Pires dá uma variante nos seus *Cantos pop. portug.*, t. IV, p. 159.

Os Sardos usam um barrete que lembra o nosso, como observei em Roma; chama-se *berrita* em logudorês[1]. Num folheto italiano que tenho presente, impresso em Florença em 1921, figura-se igualmente um individuo de barrete como os que cá se usam.

Todos estes barretes se assemelham ao que os Gregos chamavam πῖλος e os Romanos *pileus* ou *pileum*, tambem usado por outros povos. A palavra *pileus* confundem-na os autores latinos ás vezes com *apex, galerus,* e *tutulus*. O *pilus* ou o πῖλος era usado por gente modesta: pastores, caçadores, artifices, trabalhadores rurais, mendigos, marinheiros; e tambem ás vezes por mulheres. Caía para diante, ou para trás, como o nosso barrete. Do assunto tratou o S.^or^ Pierre Paris num artigo do *Dict. des antiquit.* de Daremberg & Saglio[2]. Veja-se na fig. 2[3], de tamanho natural, um bronzezinho romano do Museu Etnologico, provindo do Algarve: cabeça feminina, de *pilus*, cuja ponta pende para diante.

Fig. 2

Em latim toma-se *pileus* ou *pileum* por simbolo da liberdade, porque, ao passo que os homens livres podiam trazer coberta a cabeça, os escravos não, e só punham o barrete quando recebiam a alforria, d'onde a expressão: *servos ad pileum vocare*[4]. No citado *Dict. des antiquités*, s. v. «Libertas», num artigo do S.^or^ A. Blanchet, reproduz-se uma moeda de ouro do imperador Cómodo, em que se representa a deusa Liberdade com o *pileus* na mão, analogo ao nosso barrete. Á moeda faz tambem referencia o S.^or^ Paris. Costuma chamar-se *barrete frigio* a esse simbolo da liberdade: de facto, em latim ha *phrygium* (scil. *pileum*) no sentido de barrete frigio[5].

J. L. DE V.

Gestos artisticos

I

Tendo visitado ha anos em Viana do Castelo o museu ceramico do S.^or^ D.^or^ Luis de Oliveira, chamou a minha atenção, entre outras peças d'essa colecção rica e notavel, uma saboneteira de faiança, em

[1] Cf. Max L. Wagner, *Das ländliche Leben Sardiniens*, p. 140.

[2] s. v. *pileus, pileum*.

[3] Desenho de Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnologico.

[4] Cf. Forcellini, *Lex. tot. latinit.*, s. v. «pileum».

[5] Em Georges, *Lat.-deutsches Hdw.*, s. v. «Phryges».

cuja tampa se figurára uma rapariga nua, com a mão esquerda pousada na coxa, a cabeça encostada á dextra, e o respectivo cotovêlo fixo no joelho: gesto de meditação.

Fig. 1

A saboneteira, segundo o S.[or] D.[or] Oliveira, é do sec. XVII, e foi fabricada em Lisboa.

Na fig. 1 reproduzo uma fotografia que ele me enviou em 1919. Certamente está já incluida no livro que depois deu a lume sôbre a exposição de faianças que se realizou em 1915 em Viana. Não posso agora verificar: em todo o caso, escrevo a presente notícia para poder dar aos leitores do *Boletim* amostra de um curioso gesto que pertence á classe dos que publiquei na minha *Etnografia Artistica*, fasc. III, Lisboa 1917, separata do vol. II da *Alma Nova*.

II

No Instituto de Medicina Legal do Porto ha algumas amostras de tatuagem encontradas em cadaveres, e conservadas na propria pele que se separou d'estes, entre elas a que se representa na fig. 2, segundo uma fotografia que me enviou o D.[or] Pedro Victorino. Temos aí o amuleto emblematico da *fé, esperança, e caridade* (cruz, âncora, e coração)[1], sob o qual, entre dois ramos ou silvas, se vêem duas mãos, com parte dos respectivos punhos, apertadas uma na outra, isto é, o gesto de *apêrto de mão*. Em linguagem familiar diz-se *dar uma mãozada* por «dar ou apertar a mão».

Fig. 2

Aperta-se a mão:

1) como cumprimento de saudação, e tambem de despedida;

[1] Cf. *De Campolide a Melrose*, pp. 92, 93 (e nota 1).

2) em sinal de agradecimento por um beneficio recebido;
3) para felicitar alguem, ou dar-lhe pesames;
4) para confirmação de palavra dada, ou acôrdo;
5) como simbolo juridico: casamento, etc.
6) de modo geral, como sinal de amizade.

Ao gesto de dar a mão se refere um pouco Diogo de Paiva de Andrada, *Casamento perfeyto,* ed. de 1726 (o A. é do sec. XVII), p. 65. Do mesmo gesto nos antigos se ocupa Sittl, *Die Gebärden der Griechen und Römer,* Leipzig 1890, p. 28, etc. Acêrca dos Germanos Grimm, vid. *Deutsche Rechtsalterthümer,* cap. IV, Symbole, II, § 1. A proposito do rito da mão velada ou coberta, estudado num artigo de H. Bächtold, em alemão, nas *Archives suisses des trad. pop.,* vol. XX, cita ele, a p. 11, esta frase de Du Méril: «en accordant une main ouverte, on la donnait réellement et irrévocablement».

Duas mãos apertadas uma na outra, como na tatuagem aqui desenhada, aparecem ás vezes como emblema de sociedades comerciais.

J. L. DE V.

Tipos e cousas do Alentejo

I

Ao primoroso lapis do S.[or] Alberto Sousa se devem os seguintes desenhos de pessoas e cousas que ele observou numa feira de Castro Verde, desenhos que me permitiu extrair de um dos seus albuns para aqui:

1. Aldeão, de suiças, cabelo desalinhado que cai na nuca, e chapeu de pano, de largas abas, na cabeça (fig. 1). O pobre homem está meditabundo. Ao chapeu aqui desenhado pode aplicar-se esta cantiga alentejana, tão rica de conceito, como caracteristica da provincia em que se canta:

Alentejo não tem sombra
Senão a que vem do ceu:
Assenta-te aqui, menina,
Debaixo do meu chapeu.

2. Quatro aldeãs: uma d'elas (fig. 2) com lenço na cabeça, atado no alto d'esta; outra (fig. 3) de chapeu, e tambem com lenço na cabeça, atado sob o queixo, e a ponta caida para as costas; duas (figs. 4 e 5) igualmente de chapeu e lenço, mas este atado em ambas

de outra maneira. Entre nós é freqüente as mulheres da aldeia andarem de chapeu, ainda que não em toda a parte. Em algumas regiões da Estremadura, da Beira e Entre-Douro-e-Minho o chapeu é de fórma muito especial.

Tambem o chapeu das Alentejanas, considerado em geral, não deixa de ser lembrado em cantigas; por exemplo, nesta dos *Cantos pop. port.*, de A. Th. Pires, II, n.º 4523:

—Ó minha pombinha branca,
Que é da fita do chapeu?

—Tenho-a na minha gaveta,
Ó meu seraphim do ceu.

Nas figs. 3 e 4 vêem-se em verdade fitas largas nos chapeus, cada uma com seu laço.

3. Fórmas de vasilhas de barro: respectivamente, *panela* (fig. 6), *infusinha* (fig. 7), *quartas* (figs. 8 e 9), *tigela* (fig. 10).

É enorme não só a quantidade de fórmas de vasilhame que ha entre nós, mas a nomenclatura; e esta varía de região para região. Assim em Tolosa, concelho de Nisa, a par de *quarta* dizem *infusa* ou *cantarinha*; noutras partes *bilha*; no Algarve ouvi chamar *quarta* a uma vasilha de fórma de anfora romana, isto é, de duas asas. Alem das significações que os dicionarios dão a *quarta*, como vasilha, e como medida de cereais e legumes, tem na Beira-Baixa a de medida de vinho (20 quartilhos).

II

O mesmo ilustre artista, a quem a Etnografia portuguesa deve tantos serviços, divulgada como está por ele em inumeros desenhos e aguarelas de alto valor, consentiu que do seu album se copiasse mais o seguinte:

Fig. 11 — de uma casa de Estremoz: suponho ser postigo de porta, analogo ao que se publicou a pag. 184 do vol. XXI do *Arch. Port.*, fig. 10—*a*. De ferro, um e outro.

Fig. 12 — *espelho* de porta, com seu apendice artistico, um e outro de ferro. O *espelho* está encimado de uma coroa real; o apendice é cruciforme. De uma casa de Estremoz. Parece obra do sec. XVIII. Cf. *Boletim*, n.º 1, p. 26.

Fig. 13 — batente de porta, de ferro: cão de «rabo alçado». Sendo o cão um animal que guarda a casa e a porta, é muito natural o escolherem-no como ornato de um batente; mas tenho visto ba-

tentes que representam outros animais: lagarto, etc. Num artigo do D.or Teixeira de Carvalho, publicado n-*A Patria* de 22–VI–1920, fala ele tambem de um «*batente de porta,* de quinta», que representava «um animal de ferro, de dentes á mostra, lingua de fóra, cauda encaracolada, produto ingenuo de industria popular, batente que ele possuia em sua casa, em Coimbra, onde uma vez m'o mostrou. Pode ver-se um espécime d'estes batentes no Museu Etnologico de Belem, exemplar vindo de Braga. Hoje, os batentes zoomorficos estão substituidos por outras fórmas (*mão,* porque é com a mão que se bate á porta, etc.), e já não se usam; os que conheço, datam do sec. XVIII ou de seculos anteriores. O seu protótipo está na epoca romana, como consta de um de bronze, achado em Coruche, e agora guardado igualmente no Museu Etnologico: representa um gamo.

J. L. DE V.

Adelino das Neves

2.º artigo

Este artigo tem por fim ampliar a notícia biografica publicada no *Boletim,* n.º 1, pp. 15–21.

1. Outros trabalhos de Adelino das Neves, de que tive conhecimento por comunicação da Ex.ma Viuva:

a) *Historia de Portugal,* manuscrita (principiada a passar a limpo, como consta de uma nota a lapis, em 1 de Abril de 1892). Começa por um prologo onde diz que condena a divisão da historia em reinados, e propõe dividi-la em epocas, indicadas por acontecimentos importantes:

1.ª epoca (autonomia nacional), de 1112 a 1383, precedida de uma breve introdução acêrca de diversos actos ocorridos anteriormente na Peninsula Iberica;

2.ª epoca (conquistas e descobrimentos), de 1383 a 1536;

3.ª epoca (decadencia), de 1536, data do estabelecimento da Inquisição, a 1640;

4.ª epoca (restauração), de 1640 a 1820;

5.ª epoca (liberdade), de 1820 á actualidade.

Com 3 apendices: cronologia dos reis; geologia do continente; Portugal extra-continental; dinastias nacionais.

Fórma um volume in-folio de 379 páginas (contando o indice), escrito pelo A. com boa letra. Tem uma dedicatoria a Adolfo Lou-

ESTAMPA I

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6

Fig. 7

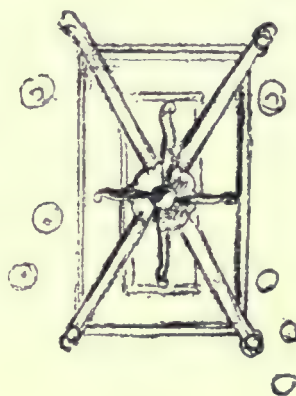
Fig. 8

Fig. 9

Fig. 10

Fig. 11

Fig. 12

Fig. 13

reiro, em duas folhas sôltas: uma com o nome d'este, outra com uma espécie de carta.

Não me foi possivel ler a obra, de modo que pudesse aqui falar d'ela pormenorizadamente; apenas a percorri, e vi que contém notícias valiosas, e está geralmente documentada com menção de obras impressas.

Mereceria a pena que alguem competente a lesse, a analisasse, e a julgasse.

b) Dois artigos mss., pequenos, intitulados, respectivamente: *O Brasil e as missões no seculo XVI; Socialismo.*

c) Tradução versificada d'*O Estudante de Salamanca,* por D. José de Espronceda. Manuscrita.

d) Folhetins em jornais: «A cama», no *Tribuno Popular,* de 22 de Abril de 1871 (Coimbra); «A cozinha», *ibidem,* de 29 de Abril de 1871; «A nova primavera», tradução de Heine, na *Correspondencia de Coimbra,* de 15, 18 e 22 de Julho de 1876;« O testamento de Olivette», tradução de Catulle Mendès, no *Tribuno,* já citado.

e) Apreciação literaria dos *Estudos sobre alguns portos comerciais,* de A. Ferreira Loureiro, publicada num número do *Conimbricense* de 1888.

2. Das *Musicas e canções* fez-se uma tiragem em papel comum, e outra (de poucos exemplares) em papel melhor. Possuo um exemplar de cada um dos papeis. O exemplar de papel melhor, ofereceu-m'o afectuosamente o D.^or^ A. Cymbron Borges de Sousa. Tem uma dedicatoria autografa do autor feita a um seu amigo.

3. Quando a mesma obra se publicou (1872), alguns jornais de Coimbra, Porto e Lisboa, por exemplo, o *Conimbricense,* o *Primeiro de Janeiro* e o *Diario de Noticias,* deram notícias d'ela, as quais são concordes em louvar a novidade da empresa. Tambem Adelino das Neves recebeu cartas de varios escritores, que o elogiam pela publicação, por exemplo: de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, de Innocencio Francisco da Silva, de A. A. Teixeira de Vasconcellos (possuo os originais, por dádiva da Ex.^ma^ Viuva). Visto que estão firmadas por nomes de pessoas muito conhecidas na nossa literatura, e já falecidas, copio-as aqui por ordem das datas:

Primeira carta

Redação do *Jornal da Noite* — R. da Paz, 7. Lisboa, 18 de Fevereiro de 1873. — Ex.^mo^ S.^or^ — Recebi o seu livro e a carta mui atenciosa que o acompanhava. Por ambos lhe fico em grande obrigação.

O livro veiu preencher uma lacuna e tenho-o na conta de serviço nacional. Foi pena que nas musicas não venha escripta para piano a mão esquerda, dar-lhe-hia maior voga.

Os estrangeiros andam sempre a perguntar pelos nossos cantares nacionaes, agora já se lhes póde responder com o seu curiozissimo livro. Eu que me criei na aldeia e vivi n'ella os primeiros 22 anos da mocidade, sinto prazer intenso em ler aquelas cantigas, algumas das quais tão minhas conhecidas são. Receba com os meus agradecimentos o testemunho da consideração e estima com que sou

De V. Ex.ª att.º v.^dor e obrig.^do—*A. A. Teixeira de Vasconcellos.*

Segunda carta

Lisboa, Rua de S. Filipe Nery, 26. Fevereiro 25, de 1873. — Ex.^mo Snr.—Tenho á vista a sua obsequiosa carta de 19 do c/ mez, e o formoso volume das *Musicas e canções populares*, que com ella me enviou. Uma e outro lhe agradeço cordialissimamente, desejando que o acolhimento e aplauso do publico lhe sejam compensação condigna das fadigas e despezas, que decerto empregou no desempenho desta ardua taréfa. Quanto a mim deve V. Ex.ª lisongiár-se de haver prestádo ás letras patrias um atendivel serviço nesta publicação de nova especie entre nós, o que muito abona o seu judicioso discernimento, não menos que o seu amôr ás cousas da terra que nos viu nascer.

Reservo para depois da leitura mais pausada e reflexiva que a obra merece comunicar a V. Ex.ª as observações inherentes ao assumpto, que por ventura me ocorrerem.—Sou com afectuosa consideração, Certo V.^dor e Obri.^do- *Innocencio Francisco da Silva.*

Terceira carta

Ex.^mo Snr.—Agradeço com profundo reconhecimento a carta delicada e o valioso brinde que V. Ex.ª teve a bondade de enviar-me.

Criada na aldeia desde a infancia, teem-me embaládo aquelas agrestes cantigas os sonhos e as alegrias da mocidade, é por isso que ellas se ligam aos meus olhos a muitas recordações queridas e immortaes; o que duplica o valor da colleção que V. Ex.ª juntou com tão inteligente e fino gosto.

É muito para imitar-se o exemplo que V. Ex.ª acaba de dár, e tanto mais que todos os paizes se orgulham justamente das suas poéticas tradições populares, e que só nós as votamos a bárbaro desprezo, sem nos lembrármos sequer que o povo é o maior de todos os poétas, porque bébe as suas inspirações na natureza, fonte

mais haurivel e sempre limpida, que os falsos sistemas e as falsas escolas não logram turvar.

Creia V. Ex.ª que conservarei agradabilissima recordação da sua primorosa delicadeza, e que me assigno com distinta consideração

De V. Ex.ª Veneradora e reconhecida. — Pinteus, 26 de Março de 1873. — *Maria Amalia Vaz de Carvalho.*

4. Os *Apontamentos para a historia de ceramica* vão ter 2.ª edição em 1924, na importante livraria d'esta cidade, «Portugalia», que fará reproduzir no princípio do livro a biografia que escrevi de Adelino das Neves.

5. Havendo-se dito no *Boletim*, p. 21, com palavras do D.or Teixeira de Carvalho aí transcritas, que o pai de Adelino das Neves era coleccionador de livros, vem a proposito lembrar que na *Bibliografia das bibliografias portuguesas*, de Albino Anselmo, p. 33, se cita o *Catalogo* da sua livraria, como impresso em Lisboa em 1881; volume de 156 páginas in-8.º

J. L. de V.

Etnografia do jornalismo

O jornalismo começou entre nós no seculo XVII. Já em *Relações* manuscritas de Severim de Faria (1610–1641) se lhe póde descobrir o protótipo[1]; todavia, como isso ficou inedito, temos de buscar os começos da nossa imprensa periodica na *Relação* de 1625–1627, e mais particularmente na *Gazeta* de 1641[2].

D'então até hoje, com maior ou menor desenvolvimento, e subordinados a varios principios, nunca deixou de haver jornais em Portugal: e tão intenso é o gôsto que d'eles existe, que até em vilorias de somenos categoria acontece encontrar a gente um jornaleco, ás vezes mal impresso, em mau papel, cheio de improperios contra este e contra aquele, — mas como lampião social!

---

[1] Vid. o que escrevi no *Boletim* da 2.ª classe da Academia das Sciências de Lisboa, t. VIII, pp. 238-240.

[2] Vid. Alfredo da Cunha, *O Diario de Noticias* (sua fundação, etc.), Lisboa 1914, pp. 253 e 281.

E serão os jornais sempre, ainda os que se publicam nas cidades, verdadeiros lampiões sociais, de boa luz? Quemquer responderá negativamente. Não é a imprensa tão amiude responsavel do desnorteamènto de pessoas e classes que mal sabem ler, mas que se deleitam ouvindo gabar deleterias doutrinas? Ainda que cabe a livros, ao teatro, e ao cinematografo a mesma responsabilidade, os jornais insinuam-se dia a dia, pela sua leveza literaria, em todas as mentes, e pela facilidade da compra, em todas as mãos. Não se produzem tantos crimes por imitação dos que eles periodica e enfaticamente, e em páginas salientes, se comprazem de relatar, pormenorizando dialogos, e juntando gravuras de locais de delitos, e retratos de criminosos? Não depende de louvaminhas de jornais a má direcção que muitos espiritos tomam na carreira literaria ou na carreira politica, imaginando que os elogios que lhes fazem os compadres ou os parceiros são os que ha-de fazer-lhes a posteridade? Se, em vez de louvaminhas inconscientes ou levianas, se exercesse critica sábia e sã, os resultados variariam! E que direi de certos anuncios? Custa a admitir que em terra civilizada se disfarce tão pouco o impudor, a trôco de uns miseros centavos, e outr'ora a trôco de dez reis! Sem duvida que a missão da imprensa periodica é muito elevada: e muitos jornalistas ha, ou têm havido, que a compreendem perfeitamente; mas eles formam acaso a minoria.

Vieram estas comesinhas considerações a proposito de eu querer dizer, como vou de facto dizer, que do jornalismo, considerado em geral, pertence tambem algo á Etnografia. Já não falo de titulos de caracter regional, *v. g.: O Trasmontano, O Mirandez, O Minho, O Beirão, A Beira-Baixa, A Bairrada, Terra Estremenha, Jornal Saloio, O Ribatejano, O Azeitonense, Alto-Alemtejo, O Alemtejo, O Algarvio, Eco do Algarve, Diario da Madeira, Correio dos Açores,* nem de emblemas que acompanham ou justificam titulos, por exemplo, uma *figa* num raro jornal de 1826, chamado assim mesmo, isto é, *A Figa*, e um pastor serrano num jornal de Seia, *A Serra:* falo de circunstancias exteriores, como locais de venda acomodados a isso, com mais ou menos caracter, e de rapazinhos que apregoam jornais pelas ruas.

Especializarei os vendedores. Alguns artistas têm já aproveitado para tema de suas composições o tipo do *garoto dos jornais*, por exemplo, Bordalo Pinheiro, em jornais de caricaturas; e até se agregou um á estátua levantada ao jornalista Eduardo Coelho na alameda de S. Pedro de Alcantara, em Lisboa. Desejando eu que na *Etnografia Portuguesa,* que estou preparando, figurasse tambem

um rapaz dos jornais, tomei a liberdade de pedir á ilustre artista a Ex.ma Senhora D. Alice Rey Colaço tivesse a bondade de m'o desenhar, e ela correspondeu ao pedido com a pericia e graça que os leitores admiram no desenho junto: aí se vê um rapaz de barrete na cabeça com a ponta ao vento, em mangas de camisa, calças curtas, e descalço, o qual rapaz transporta pendente do ombro esquerdo, e apoiada pelo braço e mão do mesmo lado, a *mala*, e na dextra um jornal avulso, cujo nome vai declamando, um pouco inclinado para diante. *Mala* é o nome que os rapazes dão á sacola aberta em que levam os jornais, feita de pano, de sarapilheira, ou de oleado.

No momento em que á porta da redacção ou tipografia de jornais importantes eles são distribuidos aos rapazes que hão-de vendê-los, é curioso ver com que furia estes os agarram, e com gritos partem para todos os lados: como se um mólho de foguetes se inflamasse de repente e dispersasse no chão, sem poder ninguem apagá-los! Outra particularidade digna de nota: quando varios vendedores estão por acaso juntos em conversa amiga, e vem alguem para comprar um jornal, a familiaridade desapareceu logo, e cada um, o qual mais lesto, procura passar-lh'o. *Primeiro eu, depois tu!*

A par com rapazes ha tambem adultos que exercem a mesma profissão, embora aqueles sejam mais tipicos. Mulheres é que nunca observei que apregoassem jornais pelas ruas; vendem-nos, sim, ás vezes, mas sentadas e quietas em sitios certos, e geralmente caladas.

Por ocasião das festas do ano novo e pascoa costumam, menos porém hoje do que outr'ora, os entregadores de jornais deixar nas casas dos fregueses papeis com versos aí impressos, em que dão as *boas festas*, e pedem uma gratificação pelo trabalho que exercem quotidianamente. Como a civilização moderna tende, ou nos parece isso, para prosificar muitas cousas da vida social e doméstica, tornando-as mecanicas, e por isso mais práticas e mais simples, os vendedores ou entregadores de jornais vão substituindo os versos por insipidos bilhetes de visita. Estes costumes são comuns aos carteiros.—Para que não se percam, reproduzo aqui dois dos papeis

poeticos a que aludi, os quais me ofereceu em Braga um amigo: num d'eles fala um entregador de jornais, no outro um carteiro. Conservo a ortografia.

A

A dar-vos as boas festas,
Hoje aqui venho, senhor,
Cumprir um dever sagrado,
Dever d'um entregador.

Prestai, prestai attenção
Ao que é promto em vos servir,
E com muita anciedade
Um favor vos vem pedir...

A *consoada* de vós
Eu espero receber,
Para em noite do Natal
Mais d'um brinde vos fazer.

Ao entregador d'*Atalaia*
Dai uns *cobrinhos*, senhor,
Qu'elle por vós rogará
Ao Divino Redemptor.

B

O Moraes, tão diligente
No serviço do Correio,
Ousa dar as boas festas
A seus Amos sem receio.

Espera se lhe perdôe
O seu grande atrevimento;
Lhe despachem — *Como pede* —
O seguinte Req'rimento:

Illustrissimos senhores,
Diz o pobre e bom Moraes,
Que, falto de cabedaes,
Do éstro não sente os ardores.
Anda frio, sem calores,
Todos bem sabem porquê....
—Pede pois, que se lhe dê
Por um pouco attenção,
Que lhe deis algum tostão:
E Receberá Mercê.

Do jornal (*Atalaia*) a que na primeira composição se alude, apareceu a lume o tomo I em Braga em 1854; o carteiro Moraes que fala na segunda composição exerceu na mesma cidade o seu oficio por 1860.- Os requerimentos feitos a alguma autoridade acabavam d'antes com as seguintes iniciais «E. R. M.» (= espero receber mercê; mas em geral interpretava-se «E.», como a conjunção *e*, e assim se lia), e que o despacho favoravel se resumia por vezes em «como pede».

Com esta explicação se entenderão melhor os versos do carteiro (ela não será necessaria para muitos leitores modernos, mas sê-lo ha para leitores futuros).

J. L. de V.

Banho santo

A agua que se colhe para bebida, ou com que se lava ou banha o corpo, ou algumas de suas partes, por ocasião da festa de S. João Baptista, tem muitas virtudes, no conceito do vulgo: cf. Ad. Coelho, *Revista de Etnologia*, pp. 76–77, e as minhas *Trad. pop. de Portugal*, §§ 163 e 165.

Na Figueira da Foz toma-se então o *banho santo*, de que a gravura adjunta dá um exemplo[1]. Propriamente são tres banhos: um, to-

mado de tarde, em 23 de Junho; outro, tomado á meia-noite de 23 para 24; outro, na manhã de 24.

J. L. de V.

Cozinha alentejana

Temos na página seguinte, um lindo desenho que representa um canto de uma cozinha alentejana de gente pobre. Foi feito pela Ex.ma Senhora D. Fausta Sá, jovem e esperançosa artista, que com esta produção se apresenta pela primeira vez em público.

A cozinha no Alentejo (refiro-me ao concelho de Avis, ao qual pertence a cozinha desenhada) raramente se chama assim, mas *casa de fóra*, porque é o primeiro compartimento que se patenteia a quem entra na casa: a porta da rua dá logo para ela. A cozinha, além de desempenhar a primacial função que o seu nome indica, serve de refeitorio. Os camponios comem em mesinhas baixas, como a que se publica adiante, p. 52, fig. 2.

---

[1] Fotografia do S.r Pereira Monteiro, da Figueira, que amavelmente m'a ofereceu.

Ao lado esquerdo está o *pial* (poial) *dos cantaros,* de alvenaria, e caiado; vêem-se aí pousadas duas quartas[1]. Uma rapariga da casa ou *cachopa,* de *casaco* (blusa de riscado), *saia* e *avental, lenço*

na cabeça, *botões* («brincos») nas orelhas[2], e calçada de *tairocos* ou *tamancos* (de sola de pau), prepara-se para deitar agua de uma das *quartas* num copo de vidro, grosseiro e de asa. Sob o poial ha um

[1] Acêrca da *quarta* vid. supra, p. 27, figs. 8 e 9.

[2] Quando os brincos são arcados, chamam-se *argolas.* É só quando são pequenos que se chamam *botões.*

vão em que se guarda *loiça de fogo* (isto é, de ir ao lume: panelas e tigelas), e alguidares. Na parede está pendurada uma *copeira* de pau, descanso do copo de beber. Ainda que o *poial dos cantaros* tem em cima geralmente *quartas* e não *cantaros*, o nome indica que ele na origem se destinou a estes. O mesmo acontece com a palavra *cantareira*, que em algumas cozinhas alentejanas fica sobranceira ao poial, e significa «prateleira», e com a equivalente palavra *estanheira*, destinada primitivamente a pratos de *estanho*, e agora a quaisquer pratos.

Já noutros lugares eu disse que as casas dos Alentejanos são em regra muito asseadas e arranjadas. Cf. *O Arch. Port.*, XXI, 160.

J. L. DE V.

Nicho de uma casa

Por devoção religiosa era costume d'antes colocar na parte externa de algumas casas, para o lado da rua, nichos com santos dentro. Tais nichos muitas vezes eram alumiados por um candeeiro, pendente de um suspensorio de ferro, candeeiro que em aldeias sertanejas, ou burgos esquecidos, constituia não raro a unica iluminação da respectiva rua.

Na figura junta, feita por uma aguarela de Saavedra Machado, temos um nicho d'estes, que se vê em Estremoz, fronteiro ao Hotel Comercial. Nicho e suspensorio são aqui mais ou menos artisticos.

*

Outr'ora, e em grande parte ainda hoje, a casa de habitação era, pelo que toca ao sobrenatural, isto é, á superstição e á crença, verdadeiro baluarte contra o influxo de entidades mágicas, e verdadeiro santuario em comunicação com o Ceu, para oração e acção de graças.

Logo sôbre o portão do patio uma cruz entre piramides[1], e na porta de entrada da casa um espelho de fechadura e uma aldrava

---

[1] Vid. *Boletim*, n.º 1, p. 28.

cruciformes[1]; pregada na porta, por dentro ou por fóra, uma ferradura esquerda de mula[2], ou pintado um sino-saimão[3]; na tranqueira ou no telhado uma *pedra-raia* (ou *pedra de raio*) contra raios e coriscos[4]. Na parede interior de uma sala, outra ferradura, revestida de estôfo, como que oculta a olhares estranhos e curiosos[5]; por todos os lados, já tambem em salas, já em quartos de dormir, estatuetas de santos, molduras com imagens, crucifixos; á cabeceira da cama, ou perto d'esta, uma pia d'agua benta de loiça, geralmente artistica, um *agnus-Dei* contra trovões, um rosario, *bentinhos*. É costume trazer da procissão dos Ramos, e ter em qualquer sítio da casa, suspensas do tecto, ou nos frisos, pernadas de alecrim e de louro, que foram benzidas pelo padre, e livram igualmente de trovoadas. Do mesmo modo se guardam assim, ou em gavetas, alecrim e marcela, colhidos em dia de S. João, antes do sol-nado: o alecrim é contra bruxedos, e a macela, tomada em chá, tem virtudes estomacais (Arganil). De certo que a marcela ou macela é, por si mesma, estimulante do estomago, e tonica, mas, quando apanhada d'aquela maneira, as suas propriedades terapeuticas aumentam, segundo o povo. Ao que fica dito agreguemos amuletos varios, livros religiosos; campainhas que se tocam quando troveja; e já não falo de benções[6], nem (por sentido muito profano) de um gato preto que é bom ter em casa, realmente, ou imitado de pano, com olhos de botões de madreperola[7]: a significação do gato de pano está obliterada, mas a do gato verdadeiro, não, e aqui mesmo na capital vigora grandemente. Dizem alguns que quem tem um gato preto em casa, tem sempre dinheiro: foi talvez por isso que em tempo houve em Lisboa uma loja de louça artistica, chamada *do Gato Preto*. Tambem tenho ouvido que quando uma doença está para cair numa casa, cai no gato preto, e não na gente. Em Arganil generalizam este papel expiatorio do gato a todos os animais da casa. D'entre os animais domesticos ha-os que são particularmente beneficos, como o boi, cujo bafo é sagrado[8].

[1] Vid. *Boletim*, n.º 1, p. 26.
[2] Cf. *O Arch. Port.*, XXIII, 241.
[3] Vid. *O Arch. Port.*, XXIII, 241.
[4] Por exemplo, no Cadaval.
[5] Tenho observado isto em Lisboa.
[6] Vid. *Collecção de benções ecclesiasticas*, nova ed., Lisboa 1858, pp. 25-28 (benções da casa e do leito).
[7] Vid. *Rev. Lusitana*, X, 74, nota 5.
[8] Vid. *Trad. pop. de Portugal*, p. 177.

As andorinhas, que fazem ninho nos beirais do telhado, dão igualmente protecção: e ninguem por isso as mata. Especie de totemes!

Vê-se como a casa está protegida sobrenaturalmente. Á mesma classe pertencerão as *bonecas, sempre-noivas, frades* das cozinhas meridionais, conforme o que escrevi nas *Religiões da Lusitania*, III, 597; e pertencem os nichos do tipo aqui figurado. Paralelos aos nichos são paineis de azulejo, com imagens, que fazem parte do revestimento exterior das paredes. E devem alem do que fica dito mencionar-se oratorios no interior da casa, e capelas junto d'esta, ou internas, nas quais se diz missa semanalmente, ou em certas circunstancias.

É provavel que na origem fosse protecção supersticiosa da casa uma pomba de barro que costuma enfeitar os angulos dos telhados, por exemplo, na Estremadura Cistagana e nos Açores; mas d'isso não posso aqui tratar.

No forno, tão relacionado com a casa, grava-se com caracter apotropaico um sino-saimão e uma cruz: cf. *Arch.*, XXIII, 238.

Se não enumerei todas os casos respectivos á protecção sobrenatural da habitação, mencionei contudo factos suficientes ao etnologo para estabelecer longa serie de elos no encadeamento historico da superstição, e ao moralista ou ao estadista para ver quanto tem ainda que fazer para libertar de peias o espirito de pessôas que mais crêem na eficacia de um amuleto contra trovoadas, do que na de um solido pára-raios.

J. L. de V.

Objectos etnograficos do Alto Alentejo

Numa excursão que em 1920-1921 fiz nos arredores de Tolosa do Alentejo obtive para o Museu Etnologico os seguintes objectos etnograficos, com o concurso de meu Primo o D.or António Maria de Gouvêa Biscaya Horta, objectos desenhados por Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnologico.

a) De cortiça: dois recipientes de fórma de *cágado*, e assim chamados, os quais servem para neles se ter pimentão em pó, destinado á comida: um d'eles de $0^m,153$ de comprimento, vai desenhado na fig. 1 (parte superior) e na fig. 2 (perfil, de tamanho menor). Um *cocho* para beber agua, provído de cabo (todo o objecto tem de

comprimento 0^m,230). Outro *cocho*, especie de prato, que serve para nele se comer (tem de diametro 0^m,232; ha outros maiores). Figs. 3 e 4;

b) *Corna*, com fundo e tampa de cortiça, de 0^m,085 de altura maxima (é, pois, menor que as usuais); tem na superficie exterior a data de «1919», e as iniciais *A F*, que significam *A*(*ntonio*) *F*(*elicio*). Fig. 5.

c) *Cabaço*, ou recipiente feito do bojo superior d'uma cabaça, com fundo de cortiça (na parte mais estreita) e tampa da mesma substancia,—o qual tem várias serventias: para conter sal; para fazer as vezes de corna (vão aí, por exemplo, azeitonas para se comerem no campo); para se guardarem sementes; o pescador leva nele minhocas com que pesca; altura 0^m,114. Fig. 6.

d) Outro *cabaço*, feito d'uma cabaça a que se cortou parte do bojo inferior; serve de vasilha para tirar o vinho da pipa, e tambem de funil. Comprimento 0^m,195. Fig. 7.

e) Tabuleta de madeira, de 0^m,122 de largura, para desmamar os bezerrinhos, segurando-lh'a no septo do nariz. Fig. 8.

f) Duas *chaves* de madeira para fixarem as extremidades do colar das cabras, feito de coiro. Comprimento de cada um: 0^m,93. Figs. 9 e 10.

g) Aguilhão de pedra de um rodizio de moinho; antigo, achado no campo (Tolosa): cf. *Historia do Museu Etnologico*, p. 226. Comprimento: 0^m,055. Fig. 11.

h) Candeia de lata, de gancho, e com os espelhos de fórma de coração, voltado com a ponta para cima. Altura: 0^m,173. Fig. 12.

Todos estes objectos, excepto o último, tem caracter de indústria primitiva, embora o objecto *e*) fosse certamente importado. A candeia, pelo seu ornato, pertence á serie artistica a que se fez referencia n*O Arch. Port.*, XIX, 399.

J. L. DE V.

Trajos alentejanos

O S.or Alberto Sousa, a quem já neste número do *Boletim* me tenho referido, fez o obsequio de permitir que aqui fossem reproduzidos de um dos seus albuns os seguintes desenhos de trajos que ele observou numa feira de Nisa:

1. Mulher de chaile pela cabeça, e nesta, sobre o chaile, chapeu desabado, como o dos homens, senão realmente um chapeu de ho-

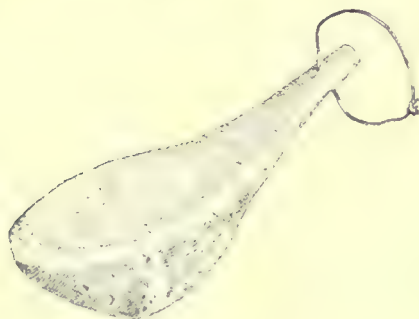
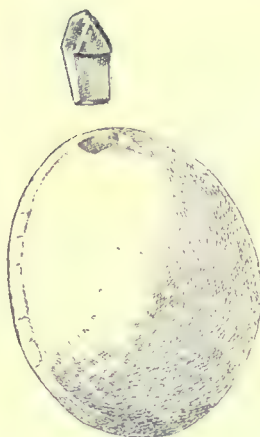
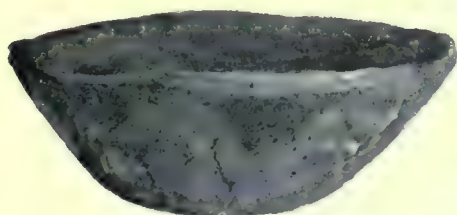



Fig. 2 · Fig. 1 · Fig. 3 · Fig. 4 · Fig. 6 · Fig. 5

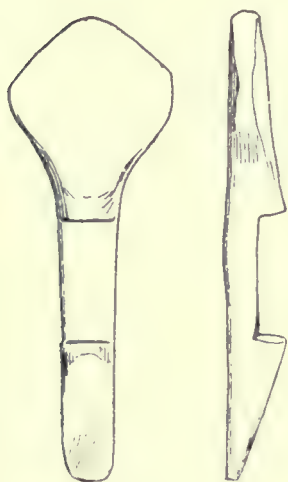



Fig. 10

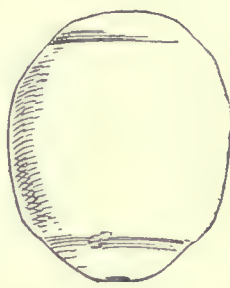



Fig. 11

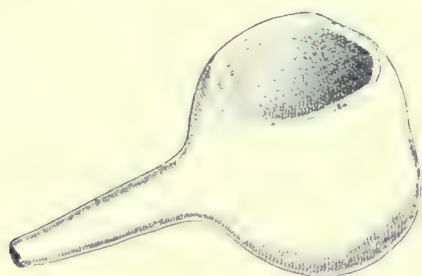



Fig. 7

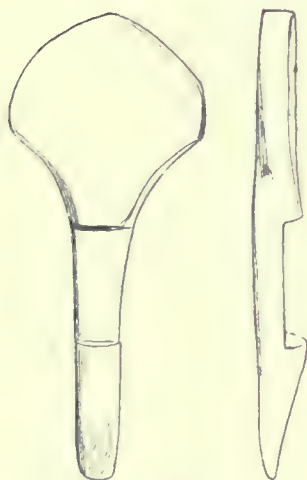



Fig. 12

Fig. 9

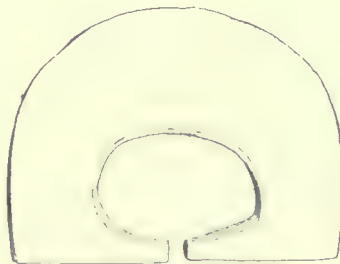



Fig. 8

mem. Leva por acaso um embrulho debaixo do braço direito, e na mão respectiva uma vasilha. Fig. 1.

2. *Penteado.* O modo de compôr o cabelo varía constantemente, tanto em homens como em mulheres: e sempre assim foi, desde a antiguidade.

Fig. 1

No cabelo das duas raparigas aqui desenhadas figs. 2 e 3 temos um modêlo de penteado de *martelo,* ou de *pôpo.* Por *pôpo* entenda-se *poupo,* masculino de *poupa,* outro nome (Valpaços) do rôlo que as mulheres fazem no toutiço (*occiput*). Pois que a ave chamada poupa, *Upupa epops,* LINN., tem o alto da cabeça adornado de um conjunto de penas, o povo comparou com ele o rôlo do cabelo da mulher, e aplicou-lhe o nome da ave. Em Guimarães dizem, no mesmo sentido, *pucho* (com *ch*) ou *tôco;* em Avis, *trôço*; em Lisboa, *monête;* em Rio Maior, *carrapito;* e algures, *carrapicho,* palavra que só difere d'aquela no sufixo.

Vem a pêlo dizer que na *Memoria historica de Nisa,* do D.^or Motta e Moura, parte II, Lisboa 1877, pp. 110–113, se dão algumas notícias de varios trajos de Nisa.

Fig. 2 e 3

3. *Homem de calções.* Os calções foram outr'ora muito usados entre nós, sobretudo nos secs. XVII e XVIII, moda comum a outros paises. A Revolução Francesa acabou com os calções (*culotte, culot-*

tes), substituindo-os por calças, e por isso os revolucionarios foram chamados pela aristocracia *sans-culottes* (no singular *sans-culotte*).

Fig. 4

A substituição fez-se tambem cá, mas ainda modernamente se encontra em varias localidades, não só tradição pouco antiga do uso de calção, senão ainda o proprio uso d'eles.

Dos meus apontamentos etnograficos extráio as seguintes notícias:

—No concelho de Miranda do Douro os calções são ainda trajo corrente (*calçõu, calçones*).

—Em 1892 vi-os pelas ruas da Guarda em homens da raia.

—Em Monsanto, concelho da Idanha, ainda um ou outro velho os usa, como lá observei em 1916.

—No concelho de Castelo-Branco os calções foram por fim só usados no campo por porqueiros e ganadeiros (era desprêzo não os usarem); mas em 1916 havia ainda na propria cidade dois homens não pastores que andavam com eles.

Em Malpica (concelho de Castelo-Branco), cujos habitantes se chamam *Malpiquêros*, os calções têm ainda alguma voga. Eu mesmo vi na cidade em 1916 um *Malpiquêro* assim vestido.

—Ha anos conheci em Castelo de Vide um homem que usava ás vezes calções, e que até os vestiu uma vez de proposito para eu ver.

Por 1890 existia no Sousel um individuo, por alcunha o *Carujo* (isto é, *o velho Carujo*, como no Alentejo costuma dizer-se), que os usava.

Em 1863 esta peça de vestuario era ainda comum em Manteigas, como se diz no *Almanach de Lembranças* d'esse ano, p. 86.

—Em pequeno conheci um *bento*, de cujo vestuario os calções faziam parte: vid. *Trad. pop. de Portugal*, p. 308.

—Disseram-me em 1921 que eram ainda usados em Alegrete.

Um velho de 80 anos contou-me em Monchique em 1917 que no seu tempo conhecera ainda os calções de alçapão.

Informaram-me no Alto-Minho que os calções eram lá trajo usado no começo do sec. XIX.

Por 1876 havia na Taipa, concelho de Aveiro, um velho que os usava; em 1898 faleceu em Requeixo, do mesmo concelho, um individuo de 85 anos, que ainda vestiu calções depois de homem feito.

No tempo dos calções concorriam com eles polainas de borel, com carreira de botões e pala. Muitas pessoas traziam meias por baixo das polainas, outras não traziam nada. Como tradição dos calções costumam os camponeses velhos, no referido concelho de Aveiro, arregaçar as calças e pôr polainas. Esta tradição apoia-se em utilidade prática, pois quando roçam mato não têm de estragar calças.

—Aos calções dos Campinos me refiro adiante, pp. 49–50.

—Outra tradição dos calções, mas literaria, a encontramos em cantigas e parlengas populares, onde essa palavra se emprega, por eufemismo. Basta dar aqui dois exemplos de cantigas:

Fui á figueira aos figos,
Ataquei-me de limões:
Veio o dono dos marmelos,
Agarrou-me nos calções.

Os olhos requerem olhos,
E os corações corações:
Os folhos da sua enágoa[1]
Requerem os meus calções

Vê-se que os costumes nunca morrem de repente, mas a pouco e pouco.

Deixo de falar do uso dos calções no Entrudo, nas crianças, em certos actos cerimoniosos (a Academia de Sciencias de Lisboa, por exemplo, permite pelos estatutos aos seus socios usarem-nos), e ainda ha pouco tempo na côrte.

No desenho do S.or Alberto Sousa (fig. 4) está representado, como ele me informou, um individuo de Malpique: calções e polainas de botões amarelos e pala, colete assertoado, jaqueta e chapeu de aba larga. Tudo de saragoça. Debaixo do braço esquerdo vai um pano dobrado e um guarda-sol, de que só se vê a *mão* ou cabo. Como no concelho de Castelo Branco ha Malpique e Malpica, não sei se o individuo é realmente d'aquela terra, se houve confusão do nome d'ela com o da segunda, porque é de Malpica que conheço calções, segundo disse acima. Sendo exacta a primeira suposição, ficariamos sabendo de mais um local na geografia dos calções.

J. L. DE V.

---

[1] Por *anágua*.

Etnografia estremenha

1. *Fiandeira Mindrica* (de Minde).

Mulher de meia idade, que traja *vestido* inteiro, de riscado, com *viros* da mesma fazenda ao nivel dos seios, avental de *barra*, e lenço na cabeça, atado na nuca. Está fiando grande *rocada* de linho com toda a satisfação e delicadeza, em meio de um mato; o fuso gira-lhe entre o dedo polegar e o indicador da mão direita, e nele se vai formando a *maçaroca*. Fig. 1.

Fig. 1

Fig. 2

2. *Um Mindrico.*

Mostra-se na fig. 2 um pedaço da serra de Minde, ermo e escalvado, onde se vê de pé um habitante da região, calçado de sapatos, á moda do Sul, e com *barrete* na cabeça; traz além d'isso *cinta* ou faixa, e está em mangas de camisa, com a jaqueta dobrada no antebraço esquerdo. No restante vestuario não há nada que especificar.

3. *Panorama cartaxeiro.*

Temos na fig. 3 um trecho de panorama cartaxeiro, isto é, dos arredores do Cartaxo: á direita do observador um *casal*, com porta de postigo, para o qual casal se dirige um carreiro ou atalho que

parte da estrada, onde estão paradas duas senhoras; á esquerda, um *moinho de vento,* de velas desmanteladas. De cada lado do car-

Fig. 3

reiro sobressai um *valado,* com *piteiras,* planta muito meridional, entre nós.

4. *Moinho de vento.*

Na fig. 4 patenteia-se; mais amplamente, o mesmo ou outro

Fig. 4

moinho de vento da figura anterior, com seus *postigos* rectangulares, que dão luz para o interior.

5. *Capela.*

A capelinha representada na fig. 5, pertencente ao lugar da Gocharia, concelho de Alcanena, tem notavel o alpendre da frente:

Fig. 5

Fig. 6

é igual ao que se encontra em algumas casas antigas da Estremadura cis- e transtagana, como tenho visto, por exemplo, nos concelhos do Cadaval, Leiria, e Alcacer.

6. *Um festeiro.*

Ordinariamente, quando se quer fazer uma festa religiosa, de certa pompa, e com caracter geral, nomeia-se uma comissão que se encarrega de, por peditorios, leilões, etc., alcançar dinheiro para acudir ás despesas. Os membros da comissão chamam-se *mordomos* e *mordomas*, por exemplo, nos distritos de Viseu e Portalegre, e *festeiros* e *festeiras*, por exemplo, na Estremadura.

Em algumas terras estremenhas é costume, alguns domingos antes da festa, ir a comissão pelas povoações proximas angariar donativos e esmolas, acompanhada de uma filarmonica, que desperta as gentes, e provoca generosidades:

A fig. 6 expõe-nos um dos *festeiros*, isto é, o *juiz*, da festa da Senhora da Graça dos Bogalhos, concelho de Alcanena: está em cabelo, de suiças, veste *opa*, e segura com a mão esquerda a *bandeira* da Senhora, que ele dá a beijar pelas casas. — Ao lado vê-se um rapazito, de *barrete* caído para o lado direito, em mangas de camisa, com uma vara horizontalmente na mão, e a olhar para o *festeiro*. — Algumas carvalhiças completam o quadro.

Não ha festa sem sermão[1]; ao findar o sermão, o prègador costuma ler do pulpito um rol com os nomes dos festeiros que hão-de promover a festa do ano seguinte. Depois os festeiros antigos vão

Fig. 7

com musica entregar as bandeiras ao principal, ou juiz, dos festeiros recentemente nomeados.

7. *Levantar de redes.*

Vê-se na fig. 7 um grupo de pescadores no momento de levantarem as redes do savel no local em que a *vala* de Santo Antonio (Ribatejo) entrega as suas aguas ao Tejo.

---

[1] Ou *sermôa!* Assim ouvi uma vez em Medelim a um padre classificar por satira, e talvez por despeito, um fraco sermão que outro prègara. A palavra é-me tambem conhecida de outras terras. E até diz o povo ás vezes «oh! que *sermôa!*», pouco mais ou menos no sentido de «oh! que *sermão!*», para indicar longa reprimenda ou ralho. Tambem tenho ouvido (distrito de Coimbra) na

8. *Pescador da Nazaré.*

Traja *blusa* de flanela de lã (por dentro *camisa*) e *calças* da mesma fazenda. Tem *barrete* na cabeça caído para a direita, e *cinta* de lã na cintura. Fig. 8.

Fig. 8

No verão, quando anda no mar, usa ceroulas brancas.

9. *Barcos do Tejo.*

Fig. 9: barco que conduz pessoas do Campo nas inundações do Tejo. Chamam-se *Campo* os terrenos marginais do rio, destinados a pastagem, semeadura, e vinha: propriamente, só até onde chegam as inundações (terrenos de aluvião). O *Campo* toma diferentes apelidos: *Campo da Golegã* (direita do Tejo), *de Almeirim* (esquerda), *de Alpiarça* (esquerda), *de Vila Franca* (direita), *da Alhandra* (direita), *de Valada* (frèguesia do Cartaxo: direita do Tejo). Este último *Campo* figura já num documento do sec. XV (vid. Gama Barros, *Hist. da Administração*, IV, 64): *Campo de Valada*. Tambem tenho ouvido *Valada do Ribatejo*, para a distinguir de outras *Valadas*.

Campinos são os guardas das propriedades do *Campo*, e de gado

---

mesma acepção *seramôa* e *seramonete* (por **sermonete*), com suarabacti de *a*. Frases: «hoje temos *sermão!*», «hoje temos *seramonete!*» Para se arredondar e completar a frase: «hoje temos sermão e missa cantada!» Como d'entre as ideias que dominam a vida do nosso povo a religião é uma, a par, por exemplo, com o campo, o mar, e outr'ora a realeza, acontece que ela se reflecte a cada passo na linguagem em frases estereotipadas, como esta, em metaforas, etc.: *está a dar a alma ao Criador*, diz-se de uma cousa que está a acabar; *este ano temos a pascoa ao domingo como o ano passado*, isto é, acontece o que d'antes acontecia; *fiat lux!* quando se acende uma luz; *estar sempre com o credo na boca*, isto é, em aflição ou temor de perigo; *pobreza franciscana*, por muita pobreza (ás vezes em sentido ironico); *a ordem é rica e os frades são poucos*, por abundancia de meios de vida, que podem ou hão-de gastar-se á vontade; *trabalhar para o bispo*, isto é, de graça, ou *gratis pro Deo*; *ao fundo todos os santos ajudam*. Tenho a propósito d'isto muitos apontamentos que não posso aqui publicar, por vir fóra de proposito.

grosso (bovideo e equideo), sobretudo do gado bovideo bravo. Caracterizavam-se pelo seu cavalo competentemente aparelhado[1], e pelo tra-

Fig. 9

Fig. 10

[1] O aparelho consta de: albarda com enchimento de palha centeia, por cima uma pele de carneiro ou de cabra, ainda com as unhas; estribos de pau com ferragem de ferro. No aparelho vai á frente uma manta de côr *(manta raiana; manta da Golegã)*, e atrás o alforge.

4

jo: *barrete* verde, de cercadura ou *carapinha* encarnada; colete encarnado, atacado na frente e nas costas; *jaleca,* ordinariamente muito curta, e trazida com freqüencia a tiracolo, e nela, como ornato, muitos botões de madreperola; calção escuro com fivela de prata a baixo do joelho; meia branca e bordada; sapatos de salto de prateleira, esporas de fivela; no inverno casaco de oleado. Na mão, pampilho, quando guardadores de bois bravos. Hoje quasi só aparecem assim em touradas e solenidades. Nas horas vagas em que estão guardando o gado, ocupam-se muito a fazer não só *galrichos* (alcofas pequenas,

Fig. 11

de junco ou de junca, para transporte de peixe miudo que eles proprios pescam, ou que compram), cachimbos de pau e colhéres de chifre, mas trabalho proprio de mulheres: renda, meia, croché, — quasi como Hercules, quando vestido de trajos femininos, fiava ao pé de Omphale, para se lhe tornar querido! No Museu de Rafael Bordalo Pinheiro, organizado com tanto gôsto pelo S.[or] Cruz Magalhães, está exposta uma agua-forte em que o grande Artista desenhou um Campino no acto de fazer meia; no mesmo Museu me mostrou a S.[ra] D. Julieta Ferrão, afilhada e inteligente colaboradora do S.[or] Magalhães, outro desenho de Bordalo Pinheiro, de igual assunto, traçado a lapis num album.

10. *Pastagens.*

Na fig. 10 panorama cartaxeiro, composto de oliveiras e pinheiros. Ao lado das arvores pasta gado bovino e caprino.

Na fig. 11 um pedaço do Ribatejo, junto da *vala* de Sant'Ana, onde está em descanso uma manada de touros. Perto ha poços de água. Esta vala, na linha de água, vem dos lados de Rio Maior ao Tejo: acaba na Azambuja, no sitio das Obras Novãs. Diz-se que d'antes era navegavel até S. João da Ribeira (Rio Maior): hoje só é navegavel de Sant'Ana para a Azambuja.

As onze fotografias em que assentam as gravuras que acompanham este artigo foram tiradas pela Ex.^ma^ Senhora D. Berta Mayer de Oliveira Machado, do Cartaxo, que amavelmente m'as ofereceu.

J. L. DE V.

Mobilia popular alentejana

As figuras que acompanham este artigo assentam em fotografias amavelmente tiradas em Gáfete (Alto-Alentejo) pelo S.^or^ Antonio de Gouvêa.

Fig. 1

Na fig. 1 temos um *cadeirão*, tambem chamado *cadeira de encôsto*, de madeira. Corresponde ao que noutras localidades chamam *bancão* (Beira).

Na fig. 2 vê-se uma mesa de comer, e bancos em que se sentam quando comem. É notavel que, passando os Alentejanos por gente

Fig. 2

encorpada, aqui se sirvam de mobilia tão deminuta. Esta provavelmente é assim, para se poupar espaço nas casas.

J. L. de V.

Etnografia vária

1. De um bilhete postal do Photo-editor M. C. (Lisboa 1911), extráio, com a devida venia, a fig. 1, onde se vê um rapaz de Unhais da Serra (concelho da Covilhã) no momento em que regressa do mato, carregado com um feixe de lenha. Está de barrete na cabeça, aqui chamado *garruço*[1], em mangas de camisa e jaqueta caída do ombro esquerdo, calças dobradas em baixo, e descalço.

2. Nas figs. 2, 3 e 4, temos respectivamente vasilhame de Nisa (empedrado), Pampilhosa do Botão, e Vila Real de Tras-os-Montes; na fig. 5, um coração de filigrana de ouro, feito em S. Cosme de Gondomar, e usado por mulheres, suspenso de um cordão que trazem ao pescoço.

---

[1] Palavra que creio deriva de *gôrro* : **gorruço* > **guerruço* > *garruço*.

ESTAMPA V

Fig. 1

Fig. 5

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Os desenhos em que assentam as gravuras devo-os á amizade do S.or Emanuel Ribeiro, distinto Arquitecto, e Professor da Escola Industrial de Xabregas.

Ao *coração* na arte e poesia populares me referi em *O Arch. Port.*, XIX, 398, e no meu livro *De Campolide a Melrose*, p. 93, nota. Cf. tambem Luís Chaves, *O amor português*, Lisboa 1922, pp. 35–39.

J. L. de V.

Batentes de porta zoomórficos

Nas figs. 1 e 2[1] publicam-se dois batentes de porta, do tipo igual ao da fig. 13, est. II (vid. supra, p. 27), e tambem de ferro: ambos

Fig. 1 Fig. 2

representam mais ou menos fantasticamente, animais: um parece que um lagarto, mas com a cauda enrolada para cima; outro um cão, com a cauda em posição semelhante. Estes dois batentes podem ver-se no Museu de Machado de Castro, em Coimbra: o rótulo que os acompanha diz que foram aí depositados por Teixeira de Carvalho.

---

[1] Ao meu amigo S.or Alvaro de Lemos, distinto Professor da Escola Normal Primaria d'aquela cidade, devo os desenhos que serviram para as gravuras, e que ele fez com toda a exactidão.

Nem dos batentes aqui publicados, nem do que tem o n.º 13, est. II (p. 27), tenho as medidas; eles porém hão-de ter de comprimento entre 1 e 2 decimetros.

J. L. de V.

Bateira da Afurada

O desenho que acompanha este artigo, e que devo á amizade do distinto pintor o S.or Joaquim Victorino Ribeiro, representa-nos uma *bateira* da Afurada. A Afurada fica no concelho de Gaia, fronteira a Lordelo do Ouro, e o barco destina-se a pesca em geral, e principalmente á do *mexoalho* (que serve para adubo dos campos).

No barco estão dois barqueiros, de *carapuça* e *camisola:* as pernas não se vêem por inteiro, contudo eles costumam andar de calças

curtas, e descalços. Cada um empunha seu remo. Ha remos que *trabalham* em forquilhas de ferro. Os que se figuram no desenho têm na parte inferior e mais larga um buraco onde encaixa um eixo de madeira, que está fixo na borda do barco. Ao conjunto do eixo e respectivo remo chama-se *tolete*[1].

J. L. DE V.

---

[1] Cf. Victorino Gomes da Costa, *Guia de instrucção profissional de marinheiro*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.— A palavra *tolete* vem do fr. *tolet* (de origem germanica, isto é, escandinavica; cf. Meyer Lübke, *R. E. W.*, n.º 8710).

Azulejos etnográficos

Os azulejos, sobretudo os dos séculos XVII e XVIII, são boa fonte para o estudo da Etnografia, pois freqüentemente se representam neles scenas da vida quotodiana, pescarias, caçadas, banquetes, jogos e também actos da vida jurídica e religiosa, e, por outro lado, trajos, móveis, jardins. Quem pudesse publicar todos os azulejos de carácter etnográfico, fazer dêles um *corpus*, com comentário e comparações, que linda obra levaria a cabo!

No que vou dizer procuro ùnicamente reünir, a êste respeito, apontamentos avulsos.

I

Rêde de pesca

Na fig. 1 reproduz-se[1] uma das scenas dos azulejos que enfeitam o *parque* de Santa Cruz de Coimbra, os quais, segundo uma data que neles se lê, reproduzida de outra antiga, foram fabricados em 1749. A scena é muito simples: uma praia com arbustos, que em frente se reflectem na água, e nesta uma rêde, quieta, do tipo chamado *cêrco,* com dois peixes que tentam escapar-se, fazendo sair fóra a metade anterior do corpo.

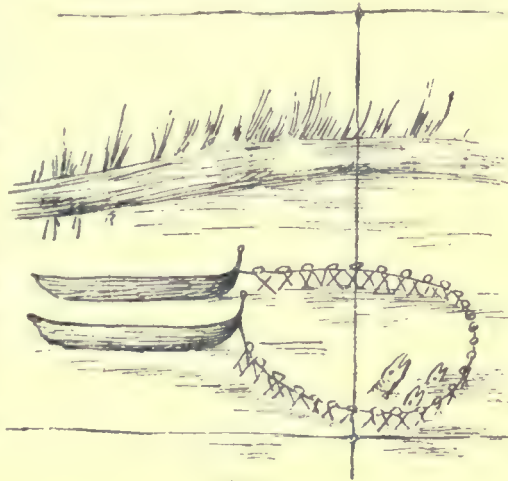



Fig. 1

Para melhor elucidação do leitor, aqui se transcreve o que da palavra *cêrco* diz Baldaque da Silva, *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa 1908, pág. 490:

1) «Rêde que se emprega nas armações de atum».

[1] Segundo um desenho do Sr. Álvaro de Lemos, Professor da Escola Normal Primária de Coimbra.

2) «Nome genérico de todas as rêdes que circundam ou cercam um determinado espaço das águas, não permitindo a fuga do peixe. Antigamente, para encaminhar os peixes para as armações de pesca, usavam-se os *cercos de correr*».

Quanto aos peixes pintados no azulejo de Coimbra, creio que não se pode dizer se são realmente atuns, se peixes indeterminados.

II

Caça e pesca ao candeio

Em azulejos do mosteiro de S. Vicente de Fóra, que datam do sec. XVIII, representam-se algumas scenas que correspondem a tradições nacionais, a par de outras que têm origem estrangeira.

Á primeira classe poderá pertencer a *caça ao candeio,* que se reproduz na fig. 2 (desenho de Francisco Valença), e se vê em

Fig. 2

azulejos da escada que conduz ao actual Liceu de Gil Vicente. Ainda hoje, por exemplo, na região de Vila Franca de Xira se caçam *ao candeio* as seguintes aves: calhandras, cochichos, labercas (lavercas).

Em Avis e outras terras caçam-se *ao candeio* coelhos e lebres. O *candeio* é um recipiente de arame, aberto no alto, e de uns 3 a 4 decimetros de altura, com dois arames em cima, que se prendem ao pescoço do caçador, e uma haste de madeira, com forcado, que se

prende á cintura. Dentro do candeio vai cortiça acesa, com chama, que encandeia ou deslumbra os animais que se desejam caçar, e andam a pastar de noite.

Á caça ao candeio se referem as *Ordenações Manuelinas,* citadas por Moraes, o qual produz tambem um trecho da *Nova Floresta* de Bernardes, onde este diz que a filosofia do tempo deslumbra «e *pesca* os que vivem cegos nas trevas da ignorancia». O candeio servia, de facto, igualmente para pescar: cf. Constancio, *Novo Diccionario:* «*candeo* ou *candeio,* facho que se accende de noite para pescar, caçar perdizes, etc». As fórmas do instrumento é que variavam.

J. L. de V.

Varios tipos de jugos e cangas de bois

I

Creio que fui eu quem principalmente chamou a atenção dos etnografos para os jugos e cangas artisticas dos bois portugueses: primeiro, em 1879, numa nota do *Boletim do Cancioneiro Português,* n.º 5, p. 18; depois, em 1881, num opusculo especial, intitulado *Estudo Ethnographico* (com estampas)[1]. Sem ter podido voltar ao assunto, reservo-me para tornar a tratar d'ele com algum desenvolvimento na *Etnografia Portuguesa,* que estou organizando. Entretanto aqui publico mais alguns jugos e cangas, como preparação para esse trabalho:

Fig. 1: *jugo* muito ornamentado (Porto), segundo uma fotografia que devo ao meu amigo D.or Carlos de Vasconcelos. Ao centro vê-se o sino-saimão; cf. o meu livro *Signum Salomonis,* pp. 95 e 122.

Fig. 2: *jugo* de Ponte de Lima, do tipo do jugo representado na figura antecedente. Segundo uma fotografia.

Fig. 3: *canga* de Azoeira, concelho de Mafra: com um sino-saimão em duas partes.

---

[1] Acêrca do jugo na Hespanha conheço dois importantes estudos de Aranzadi: *El yugo vasco-uztarria,* San Sebastian 1905; e umas páginas na *Etnografia* (obra do mesmo autor publicada de colaboração com Hoyos Sainz), 1917, pp. 39-55.—Tendo eu estado em Astorga e Lião de Hespanha em 1922, vi que os bois puxam aí os carros jungidos por jugos (*yugos*) que pousam em molhelhas (*mollidas*).

Fig. 4: *canga* de Bucelas; está ornada com figuras do *sino-saimão dobrado:* cf. o meu citado livro, pp. 111 e 119.

Fig. 5: *jugo* de Lisboa; tem tambem repetida a figura do *sino-saimão* dobrado.

Fig. 6: *canga* da Barrosinha (Alcacer do Sal); tem um monograma duas vezes, que significa *J(oaquim) A(ntunes) R(eis) P(ires)*, dono antigo da casa a que pertenceu o jugo.

Fig. 7: *canga* de Montemor-o-Velho, com uma figura que o povo chama simplesmente *sino-saimão,* mas que é o *dobrado:* «para não vir mal aos bois».

Fig. 8: *cangalho* de Quèluz, que serve para um só boi: desenho de Francisco Valença (1922).

No Porto fazem diferença entre *canga* e *jugo,* conforme o que escrevi no *Estudo Ethnographico.* Noutras terras, umas vezes dizem *canga,* outras *jugo,* sem diferença essencial nos objectos. Em Caminha ouvi chamar *cangão* à canga, e *canga* ao jugo alto de «varandas» (cfr. figs. 1 e 2). Quer os jugos, quer as cangas, ou cangões, de que aqui falo, assentam imediatamente no pescoço dos bois, sem intermedio de *molhelha,* que porém se usa em muitas terras. Vid. nas figs. 9 a 11, extraidas de bilhetes postais, a maneira como os bois andam jungidos nos arredores do Porto, onde eles são de ordinario guiados por crianças de um ou do outro sexo.

Como comparação publíco a seguir cinco jugos da Galiza (*xugos*), figs. 12 a 16: a fig. 12 assenta em um desenho que me enviou o meu amigo D. Federico Maciñeira y Pardo, etnografo galego bem conhecido; as quatro restantes assentam em desenhos de Saavedra Machado, feitos por esboços que eu proprio lá tomei[1].

*

Quando num povo observamos factos ou objectos etnograficos iguais ou semelhantes aos de outro povo, nem sempre a semelhança ou a igualdade resultam de relações geneticas ou historicas; elas ás vezes são apenas fortuitas, devidas a coincidencia nas circunstancias geradoras: diz-se então que ha *convergencia.*

---

[1] Em 1887 fez uma referencia aos jugos e cangas o S.or Joaquim de Vasconcellos no n.º XXVIII de uma serie de artigos sobre «Industrias portuguesas», publicada no *Comercio do Porto* (vid. 11 de Setembro de 1887), e em 1916 publicou o S.or E. Frankowski em Lisboa um folheto, que me enviou, com o titulo de «As cangas e jugos portugueses» (separata da *Terra Portuguesa*), onde naturalmente, após tantos anos, vai mais além do que eu fôra em 1881.

Atentando no paralelismo que existe entre os objectos escandinavicos, de Upland (Suecia), representados, segundo fotografias, nas figs. 17 a 24, e os jugos e cangas do Baixo-Minho (figs. 1 e 2) e Beira Ocidental (vid. o meu citado opusculo), seriamos levados no primeiro momento a considerar esse paralelismo como mera convergencia; talvez haja porém aí mais alguma cousa do que convergencia.

Os objectos escandinavicos são de madeira, como os jugos e cangas: só diferem no emprêgo, visto que, embora destinados a fazerem parte de arreios de animais de tracção, servem (ou serviam, pois já não se usam) para o dorso de cavalos e não para o pescoço de bois. São uma especie de cangalhos a que se prendiam os varais de uma carroça, quando tinha de ser puxada por um só animal.

Vi muitos d'estes objectos no «Museu do Norte» (*Nordiska Museet*) de Estocolmo, em 1921, e de lá são as fotografias que aqui publíco, as quais me foram amavelmente oferecidas pelo ilustre etnografo sueco D.^or^ Nils Litberg, Conservador d'aquele Museu. As semelhanças dos cangalhos de Estocolmo (ou *bow-saddles*, como se lhes chama no *Guide to the collections of the Northern Museum Stockholm*, de S. Ambrosoli, 1912, p. 30), sobretudo dos que têm neste artigo os n.^os^ 17 a 21, com os jugos minhotos, é palpitante: até em alguns se esculpiram estrelas de seis raios, como no Minho; os vasados do corpo superior dos cangalhos n.^o^ 17 a 19 lembram tambem os dos jugos.

Em museus de Helsingfors (Finlandia) e de Eger (Txeco-Slovaquia) vi objectos semelhantes. De objectos da Finlandia nos dá muitos desenhos a notavel obra de Sirelius, intitulada *Suomen kansanomaista kulttuuria* («Civilização do povo finico»), tomo I, pp. 401-404.

Da fig. 25, tirada de uma fotografia de um quadro do mencionado Museu de Estocolmo, que me foi enviado pelo S.^or^ D.^or^ N. Åberg, Professor da Universidade de Upsala, vê-se tambem como é que se usavam os *bow-saddles*.

Em Lisboa os varais das carroças puxadas por muares ligam-se aos *mangotes* do *arreio* que vai sôbre o dorso do animal: e ha alem d'isso *tirantes* de coiro, de borracha, de corda ou de ferro (correntes) que prendem a carroça á *colheira* ou *coalheira* enchumaçada do pescoço, para o animal poder puxar. A palavra *colheira* veio-nos de Hespanha (*collera*), com outras palavras conexas: *cavalhariça* (que usamos a par de *cavalariça*), e *cavalheiro* (fórma paralela a *cavaleiro*). A parte do arreio escandinavico (fig. 25) correspondente á *colheira* portuguesa é porém de madeira, como o *bow-saddle*.

Aventei acima que a semelhança que existe dos jugos e cangas do Baixo Minho, e Beira Ocidental, com os escandinavicos não seria simples fenomeno de *convergencia*. Efectivamente, nos seculos IX a XI, estiveram naquelas regiões povos da Escandinavia, etc., isto é, piratas normandos, ou como eles a si proprios se chamavam, *Wikinger*[1]. Ora, supondo eu que talvez não fosse absurdo atribuir á arte dos Wikinger essa curiosa ornamentação dos *bow-saddles*, consultei um bom conhecedor do assunto, o S.or D.or N. Åberg, a quem já acima me referi, e êle me disse: «L'origine de l'ornementation des *bow-saddles* est une question très dificile à résoudre. La plupart des saddles appartient au 17–18 siècles; mais c'est bien sûr qu'ils signifient un développement qui remonte au moyen âge (etc.)». Com esta remota data concorda o que se lê no citado *Guide*, p. 29. «A collection of carved and painted harness saddles: among these is the oldest .. from 1638. It is decorated with the ornements characteristic of the East of Upland, which has many ancient features. As is well known, Upland has a great number of runic stones, which are beautifully adorned. It seems as if in some parts of the province the traditional decoration, which is now nearly 1000 years old, has not yet been given up».

Poderemos assim talvez admitir que a ornamentação dos arreios dos cavalos dos Normandos ou Wikinger passou para os jugos e cangas medievais dos bois do Baixo Minho e Beira, aí conservada até hoje.

J. L. DE V.

OBSERVAÇÃO FINAL

A figura emblemática que embeleza o frontispício d'este número do *Boletim* foi feita pelo inspirado artista S.or Saavedra Machado, antigo Desenhador do Museu Etnológico.

---

[1] Vid. o meu opusculo *Origem do povo português*, Lisboa 1923, pp. 5–6.

ESTAMPA VI

Fig. 1 — Jugo do Porto

Fig. 2 — Jugo de Ponte de Lima

Fig. 3 — Canga da Azoeira

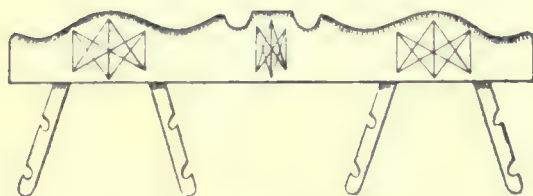



Fig. 4 — Canga de Bucelas

Fig. 5 — Jugo de Lisboa

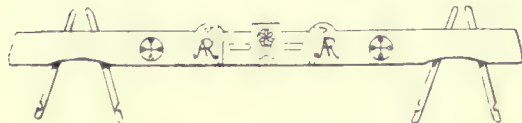



Fig. 6 — Canga da Barrosinha

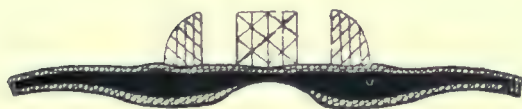



Fig. 7 — Canga de Montemór-o-Velho

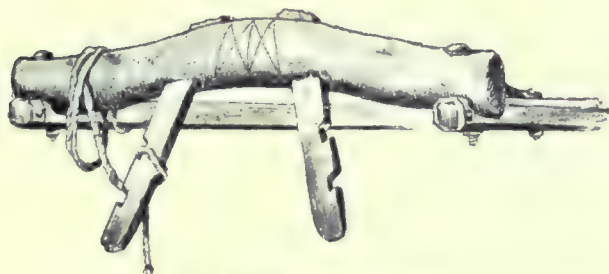



Fig. 8 — Cangalho de Quéluz

Fig. 9 — Arredores do Porto

ESTAMPA VIII

Fig. 10 — Arredores do Porto

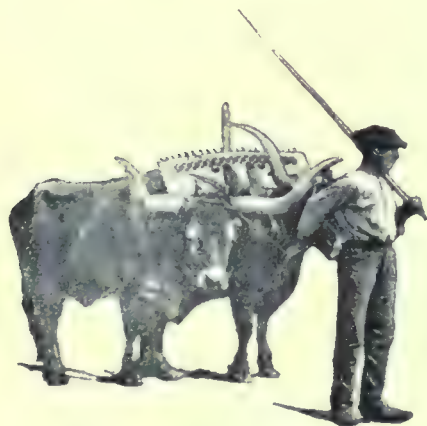



Fig. 11 — Arredores do Porto

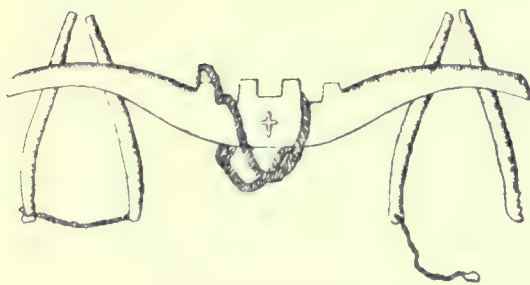



Fig. 12 — «Xugo» galego

Fig. 13 — «Xugo» galego

Fig. 14 — «Xugo» galego

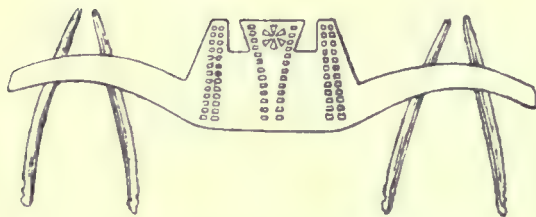



Fig. 15 — «Xugo» galego (de Santiago)

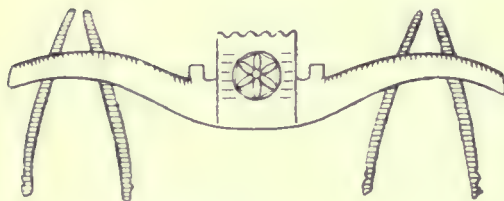



Fig. 16 — «Xugo» galego (de Santiago)

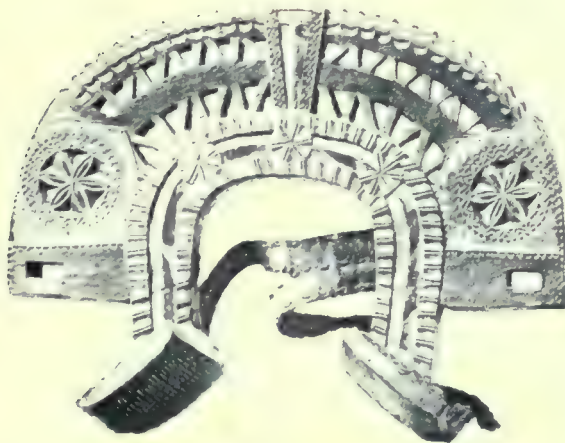



Fig. 17 — Cangalho escandinavico

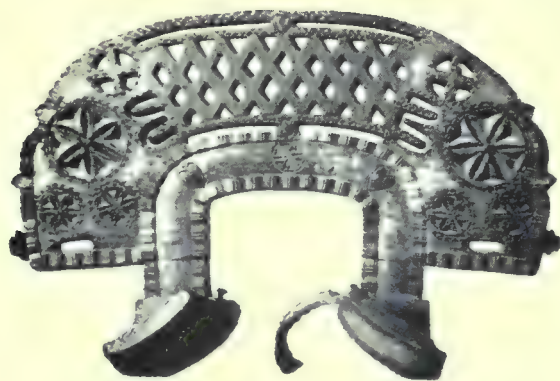



Fig. 18 — Cangalho escandinavico

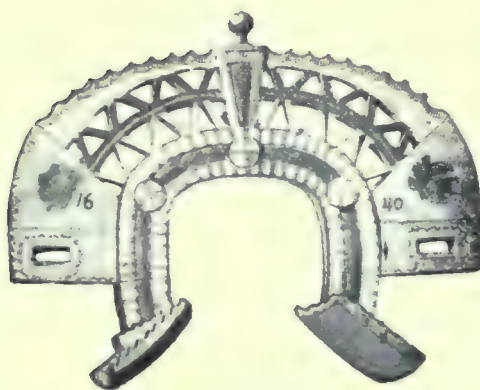



Fig. 19 — Cangalho escandinavico

Fig. 20 — Cangalho escandinavico

ESTAMPA XI

Fig. 21 – Cangalho escandinavico

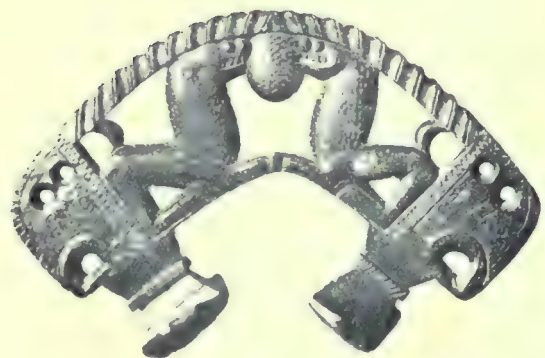



Fig. 22 – Cangalho escandinavico

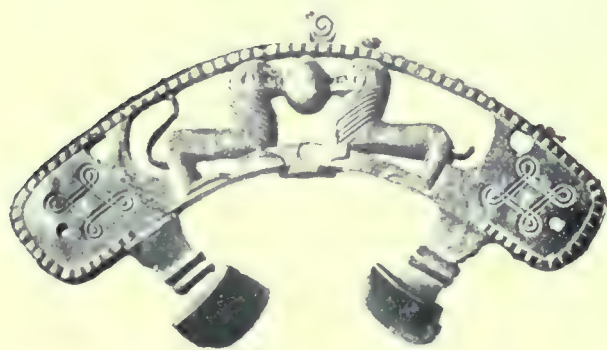



Fig. 23 – Cangalho escandinavico

Fig. 24 Cangalho escandinavico

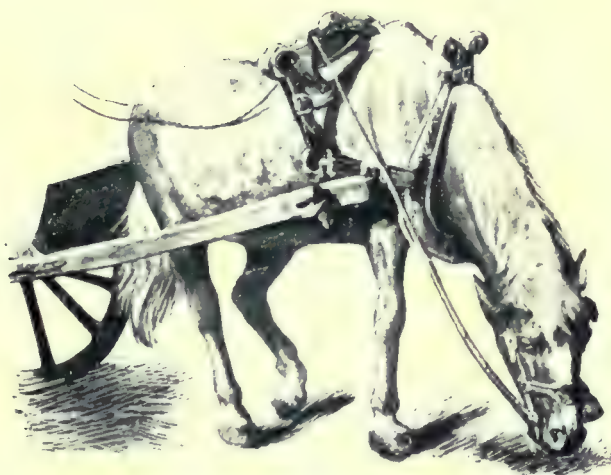



Fig. 25 — Cavalo aparelhado (Escandinavia)
(De um quadro do Museu do Norte)

ÍNDICE

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

DIRIGIDA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

N.º 3

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XXIV

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

DIRIGIDA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

N.° 3

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XXIV

Vida portuguesa antiga segundo documentos iconograficos

19.—O «Livro das fortalezas do reino» como fonte de Etnografia

O *Livro das fortalezas do reino* feito á pena por Duarte d'Armas no reinado de D. Manuel I (1495–1521), e ainda existente na Torre do Tombo, se é precioso pelo seu assunto principal (desenhos e plantas de fortalezas fronteiriças), é-o igualmente pelo que toca á Etnografia. Duarte tinha gôsto artistico, e era grande observador: por isso, ao desenhar as fortalezas, vistas de ordinario com a bandeira real arvorada nas torres, agrega aos desenhos, como decoração, panoramas variados (arvoredo, rios, patos a nadarem), e principalmente, para o meu caso, esboços etnograficos, relativos á vida religiosa, vida politica, e vida quotidiana. Antes, porém, de especificar um pouco estes esboços,

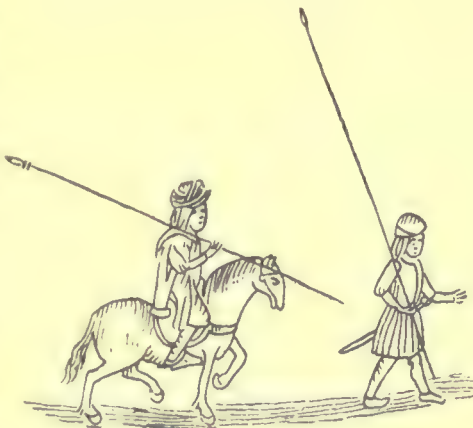



Fig. 1

desejo chamar a atenção do leitor para uma circunstancia que creio não foi ainda notada.

No decorrer dos desenhos deparam-se-nos com muita freqüencia

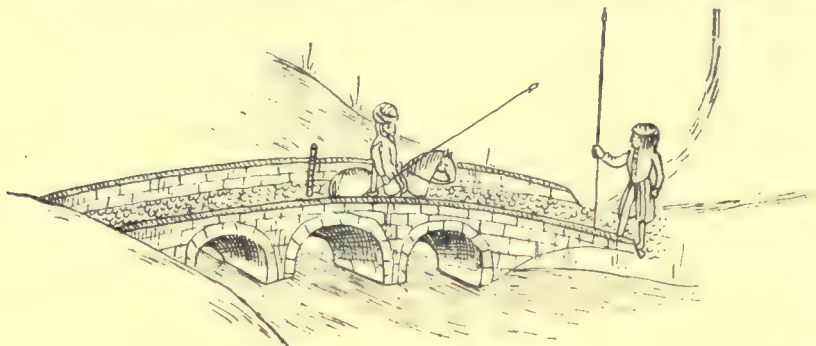



Fig. 2

duas figuras sempre juntas: um cavaleiro, de lança ao ombro, ou na mão, e um peão, muito lesto, tambem de lança, e ao mesmo tempo de espada curta á cinta, fig. 1, o qual vai ora na frente (e quasi sempre), ora atrás. Primeiro as duas figuras aparecem só de meio corpo, modestamente (fls. 24); depois por inteiro, e ás vezes estacadas diante das fortalezas a contemplar as altas muralhas.

Fig. 3

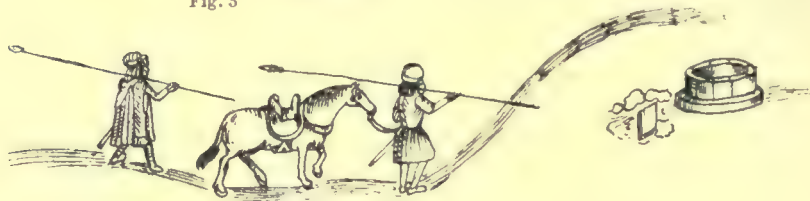
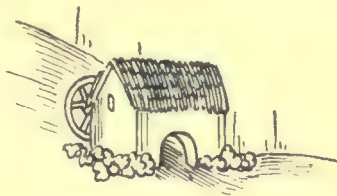



Fig. 4

A fls. 48 o cavaleiro fala com o peão, e este como que está respondendo; a fls. 65 passam a ponte do Côa, no Sabugal, e o peão pára voltando-se para o cavaleiro, fig. 2; a fls. 115 atravessam o rio Minho sentados num barco, um á prôa e o outro á pôpa, fig. 3; uma vez, fls. 61, na subida de um monte vêem-se os dois em

Fig. 5

baixo, e em seguida surgem mais acima, numa volta da ladeira; no desenho de fls. 105 o cavaleiro apeou-se, e o peão leva o cavalo

Fig. 6 Fig. 7

adiante á redea para lhe dar de beber num poço que se vê á direita, cêrca do caminho: isto permite observar melhor a sela d'onde pendem

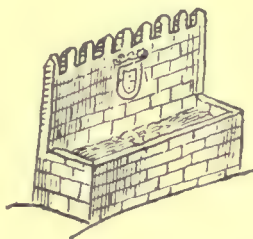



Fig. 8 Fig. 9

estribos largos, de que contudo só naturalmente se vê um (o da direita), fig. 4.

Quem são estas figuras? No meu entender, e isso parece-me evidente, são o proprio Duarte d'Armas montado num cavalo, e um

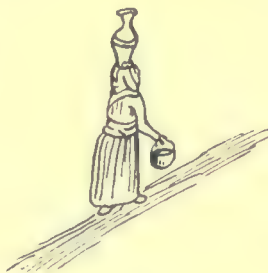



Fig. 10 Fig. 11

môço a pé. As lanças não representam aqui insignias de milicia, servem de armas de defesa, pois tambem a fls. 52 se vê um moleiro de *capucha*, o qual, acompanhando dois muares carregados de sacos de farinha, um d'eles (o de trás) até com chocalho, a leva ao ombro esquerdo, segura pela mão do mesmo lado (na mão direita tem uma

especie de arrocho ou vara para tocar os animais), fig. 5. Julgo bastante curioso o ter-nos deixado aqui Duarte d'Armas, embora não propriamente o seu retrato, ao menos um esbôço da sua figura, e ter-nos dado uma idea de como, para desenhar as fortalezas, jornadeava de umas para outras, a cavalo, e acompanhado de um môço, e *ipso facto* de como ambos trajavam: ele de gôrro, a modo de turbante, e tabardo de capuz, o môço de gôrro simples e pelote, e ambos armados como já vimos.

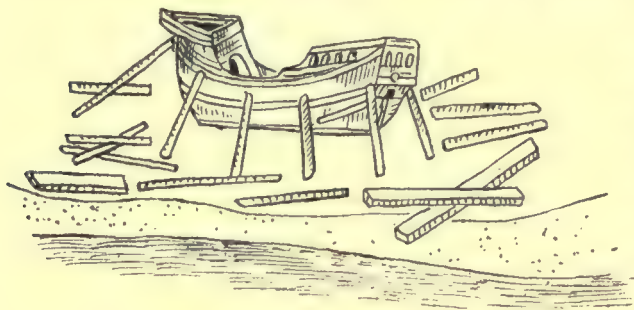



Fig. 12

Passemos agora á Etnografia.

Na vida material ora vemos, além do que já indiquei, um pescador com o seu môço, que leva a cana de pescar e um cabaz

Fig. 13

para o peixe (8), fig. 6, ora azenhas ou moinhos (1, 4, 65, 95), fig. 7, uma fonte coberta (Ouguela, 30), fig. 8, um tanque (83), fig. 9, uma

scena de mulheres que tiram água de um poço (Sul?) e a transportam em bilhas á cabeça, fig. 10; a fls. 30 uma mulher não só leva uma bilha á cabeça, mas na mão direita uma cesta, fig. 11, aqui mostra-se-nos um estaleiro (115), fig. 12, ali navios á vela ou ancorados, barcas com os respectivos remadores. O que respeita a vestuario, já o ilustre artista Alberto Sousa

Fig. 14

Fig. 15

aproveitou na sua obra o *Trajo em Portugal* o que havia importante. Duarte d'Armas representa sempre as povoações que pertenciam ás fortalezas. Embora as casas estejam estilizadas, observamos varios tipos: de andar baixo, de andar alto (por exemplo, 16, 19, 20, 29), com ou sem chaminé (a chaminé porém é rara: por exemplo, 35, 66), e no Norte casas cobertas de colmo, fig. 13. Quasi sempre as telhas, tanto de casas como de igrejas, são quadradas; mas ás

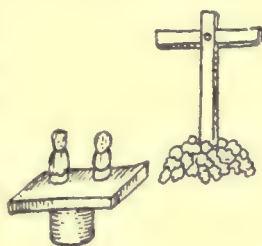



Fig. 16

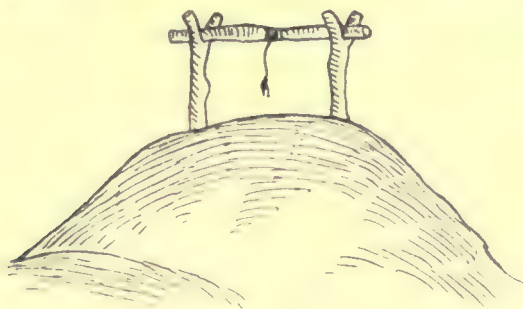



Fig. 17

vezes ha telhas compridas, curvas, por exemplo, a fls. 59; ha telhas quadradas a par de telhados de colmo, fls. 59 (Pena Garcia) e fls. 1

(Penas Royas). Não faltam casas de alpendre, nem tambem hortas e pomares perto das povoações.

Na vida religiosa temos no *Livro das fortalezas* muitos tipos de igrejas e capelas, por exemplo, fls. 56, a igreja de Segura,

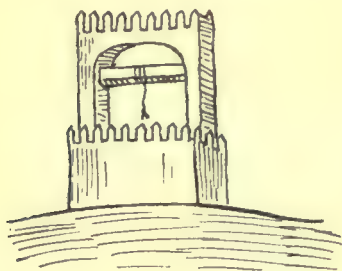
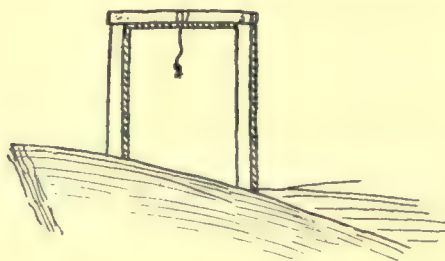



Fig. 18 Fig. 19

com torre encostada á parede direita, e alpendre ou galilé á entrada, e na torre uma ave como catavento, fig. 14; varias formas de cruzeiros, por exemplo, fls. 50 (Montalvão), entre dois renques de varas, fig. 15. A fls. 65 vê-se junto do Sabugal uma cruz pousada num montão de pedras (calvario), e adiante d'ela uma mesa, que parece de pedra, com dois bustos em cima, fig. 16; o autor chama *altar* á mesa, e diz: «neste altar estãm dous santinhos velhos de paao». Todavia o que ele tomou por santinhos são ex-votos de madeira, que ainda hoje em Santo Amaro do

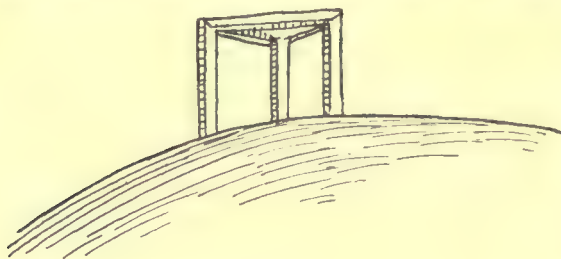



Fig. 20

Cortelho, precisamente no concelho do Sabugal, é uso pôr no adro da capela do santo. Conheço o mesmo uso na Beira Alta: entre Tarouca e Lamego havia por 1870 (ao presente não sei se ainda lá está) um cruzeiro de pedra em cujo pedestal e em cujos braços se acumulavam braços e pernas de pau, ali levados como promessas, e já carcomidos da chuva e do sol. No Museu Etnologico, secção de Etnografia, pode o leitor ver objectos semelhantes a estes que adquiri no concelho de Sátão em 1896. As ideas religiosas persistem muito tempo, e por isso não admira que esta prática do sec. XV–XVI se conservasse até agora.

No que toca á vida politica dá-nos Duarte d'Armas muitas informações, como já sabemos, a respeito de fortalezas e da ban-

deira e armas nacionais; contudo, como ele era muito observador, e amigo de assinalar aquilo que julgava caracteristico das localidades, desenha a cada passo fôrcas em várias posições, e picotas de varios e artisticos feitios, como consta de fls. 14, 31, 92, 95, 97 (fôrcas), figs. 17 a 21, e 55 (picota), fig. 22, e das figuras que de outras folhas extraiu o D.or Manuel Heleno para a monografia que, com o titulo de «Antiguidades de Monte-Real», deu a lume no volume XXV do *Archeologo Português* (d'onde fez edição aparte).

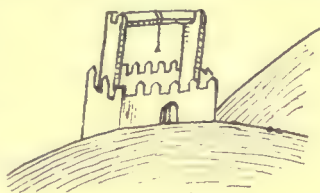



Fig. 21

Lê-se por vezes em antigos documentos uma frase que sintetiza o rigorismo da justiça medieval: *tronco, picota, e fôrca.* Os desenhos de Duarte d'Armas tornam bem expressivos, pelo menos, os dois ultimos termos da frase. Desenhos de prisões, suponho que os não fez, ou não os pôs claros.

Fig. 22

Eis aí, expresso de modo sucinto, o que mais adequado me pareceu para servir num estudo etnografico; e tudo isso conto aproveitar na minha obra de *Etnografia Portuguesa*, em que ha muito tempo trabalho.

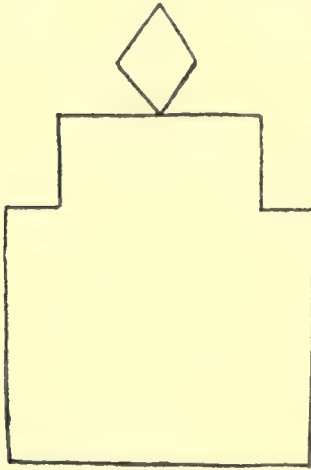
P. S.—Os desenhos que se publicam aqui foram extraídos do *Livro* pelo S.or Francisco Valença, desenhador do Museu Etnologico.

Lisboa, Setembro de 1925.

J. L. de V.

Boneca de chaminé

Por várias vezes, em escritos meus, me tenho referido á *boneca* que costuma fixar-se á parede da cozinha: vid., por exemplo, *Historia do Museu*, p. 209, e nota, e *Boletim*, n.º 2, pp. 31-32. Este costume, que primeiramente só observei no Alentejo e Algarve, observei-o depois tambem na Estremadura, isto é, nos concelhos do Cadaval e do Porto de Mós.

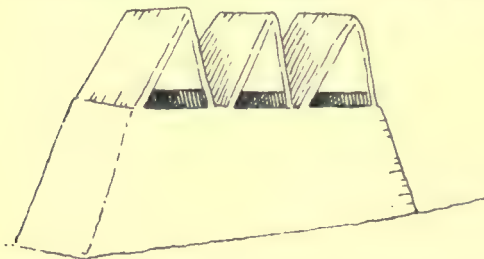
Na figura junta reproduz-se uma boneca de tijolo de uma cozinha do Peral. A dona da casa informou-me que os pedreiros que a haviam construido eram de longe, e tambem me disse que não sabia que tivesse nome especial.

Será conveniente arquivar maior número de exemplos de bonecas na Estremadura, para ver se se póde averiguar se o costume é aqui antigo ou não.

Se bem me lembro, encontrei outra boneca ha anos numa cozinha da Vermelha, do referido concelho do Cadaval, a que o Peral igualmente pertence.

Deixa-se á boa vontade do leitor o imaginar que a parte inferior da boneca, sobre a qual pousa o losango, é formada, não de um só tejolo, como ao repente parece do esbôço, mas de varios; o todo apresenta-se uniformente caiado,—e é por isso que de facto ha a ilusão de ali estar um tejolo unico.

J. L. DE V.

Chaminé extremenha

A chaminé que se representa na figura junta, existente numa casa da Estremadura Cistagana, é feita de tijolo, e caiada. O fumo sai pelas aberturas angulares que se vêem em cima.

Esta chaminé está muito longe de se parecer com outras chaminés artisticas que se admiram nas provincias meridionais, e até na propria Estremadura: vid. *Boletim,* n.º 2, p. 39. Onde o gôsto artistico mais predomina a este respeito creio ser no Sul. Cf. tambem o que escrevi na *Alma Nova,* n.º 3, de 15-IV-1926, p. 10 (artigo que saiu mutilado).

J. L. DE V.

Azulejos etnográficos

III

Cães com coleiras

Os dois desenhos figs. 1 e 2 foram extraidos de azulejos do parque de Santa Cruz de Coimbra (1749), ao qual já me referi no *Boletim* n.º 2, p. 55. Foi tambem o S.or Álvaro de Lemos, de quem aí falo, que teve a bondade de os extrair a meu pedido.

Fig. 1

Representam cães, de *coleira* e *guiso*. Acêrca das coleiras vid. o mesmo número do *Boletim*, p. 8. Quanto ao *guiso*, esfera metálica, ôca e fendida, que tem dentro uma bolinha cujo movimento a faz soar, relaciona-se com os chocalhos dos solipedes e do gado, cuja historia póde entre nós seguir-se já desde a epoca lusitana, como consta de exemplares existentes no Museu Etnologico Português (armarios 15, 19,

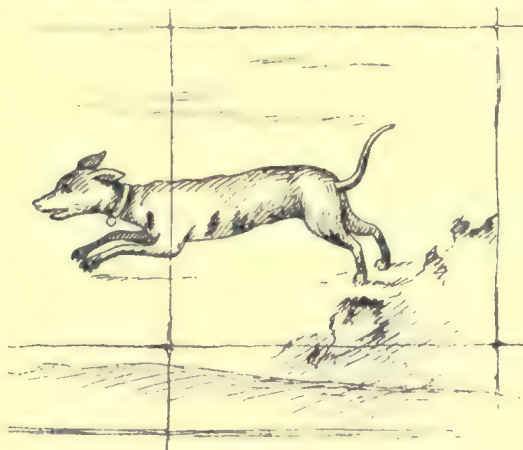



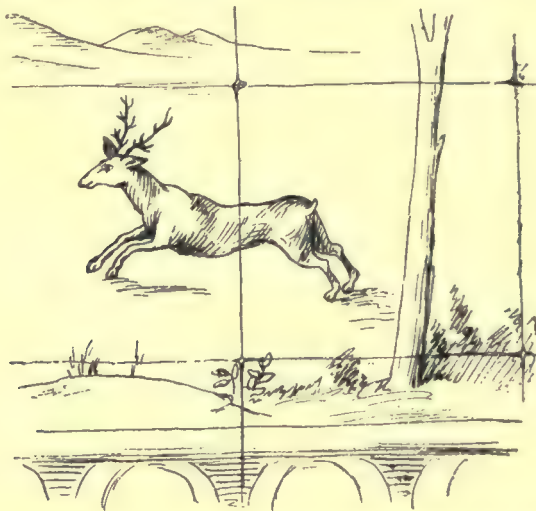
Fig. 2

40, etc., do salão chamado «de Estacio da Veiga»). No meu entender, guiso e chocalho destinavam-se na origem a expulsar os espi-

ritos maus que pudessem perseguir os animais: cf. *O Arch. Port.*, XXII, 332(–333), nota. Acêrca do papel profilatico de tais objectos vid. *Dict. des antiq.,* s. v. *amuletum*, p. 258 (artigo de Ch. Morel) e s. v. «tintinabulum», p. 341 sgs. (artigo de Espérandieu).

IV

Um veado

Nos azulejos artisticos figuram-se a cada passo scenas de caça: o veado e o gamo eram animais de que as nossas matas outr'ora

abundavam, e por isso muitas vezes aparecem em scenas de caça. O veado que vai representado na fig. 3 pertence á mesma serie de desenhos de que se falou no capitulo III.

J. L. DE V.

Recipientes de couro para vinho

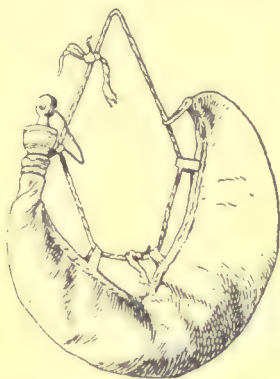
Sendo Portugal terra vinhateira, não admira que haja mil maneiras de envasilhar e transportar o vinho. Nas figs. 1 e 2 temos, por exemplo, respectivamente, uma *borracha* e um *gato,* de couro, destinados a serem transportados ao ombro de viajantes, caçadores, etc.

Estas duas vasilhas ou sacas pertencem ao Museu Etnologico, para o qual foram adquiridas pelo ex-Preparador Chaves Lopes. Os desenhos fê-los do natural F. Valença, Desenhador do mesmo Museu.

A proposito de *gato,* nome dado áquele recipiente por causa da perfunctoria semelhança que ele apresenta com um gato, quando enroscado no chão ou numa cama, lembrarei que ha muitos outros utensilios cujos nomes provêm metaforicamente dos de animais, e até em particular do de *gato;* porém não posso aqui tratar agora do assunto.

A nossa palavra *borracha* corresponde á palavra hespanhola que tem a mesma fórma, á francesa *bourrache,* que vem d'esta, e á italiana *borraccia.* Como sinonimo de «borracha», tambem em português ha

Fig. 1 Fig. 2

bota (cf. *botija,* fr. *bouteille,* etc.), palavra comum ao galego e ao hespanhol. Ouvi algures uns versos hespanhois, que dizem: Esta noche es noche buena, || alza la *bota,* morena, || que me quiero *embebedar* (por *emborrachar*).

J. L. de V.

Esmolas religiosas

As *irmandades,* ou confrarias destinadas a sufragios e a obras piedosas, são em parte sustentadas por esmolas. Para as receber

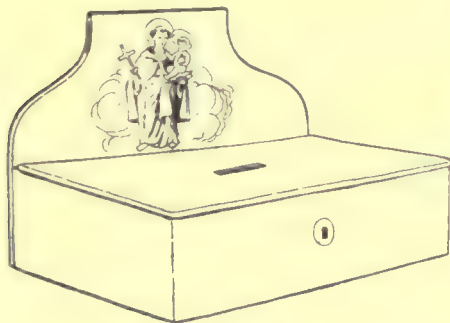
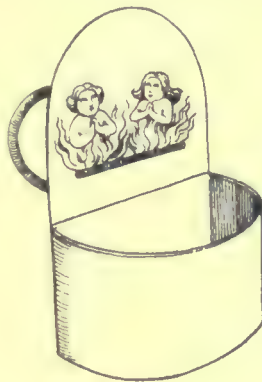



Fig. 1 Fig. 2

existem ás vezes nas sacristias das igrejas caixas proprias, de pau, chamadas *caixas das esmolas.*

Na fig. 1 (desenho do S.or Francisco Valença, feito de um apontamento de um curioso) representa-se uma de uma igreja alentejana, de 0m,20 de comprimento, com uma fenda para se deitar o dinheiro; na parte anterior do encôsto está a imagem de Santo Antonio, na sua posição hieratica: Menino-Jesus apoiado na mão e braço esquerdo, e cruz na mão direita.

Á mesma igreja pertence uma caixa de lata em que á hora da missa se pedem esmolas aos fieis, as quais ali se recolhem, — caixa de 0m,10 de largura, e representada na fig. 2.

Na parte anterior do encôsto vemos duas *almas* a arder no Purgatorio. A razão do tema está em se destinarem as esmolas principalmente a sufragios.

J. L. DE V.

Depois da matança do porco

Rico como um porco é expressão vulgar, deduzida da variedade de aplicações que tem a carne d'esse pobre animal, cuja morte, tão barbara, constitue motivo para grande festa de familia.

Uma das especies culinarias preparadas com carne de porco é o *chouriço*. Em Moncorvo talham a carne em um *prato* de madeira que tem a forma indicada na figura junta, segundo o exemplar do Museu Etnologico (desenho de F. Valença). O prato consta de uma especie de taça onde ao centro se levanta inteiriço com ela um cepo de fórma de tronco de cone, que tem a base para cima: é na base do cepo que propriamente se *miga* a carne, a qual cai *migada* e ensanguentada na taça.

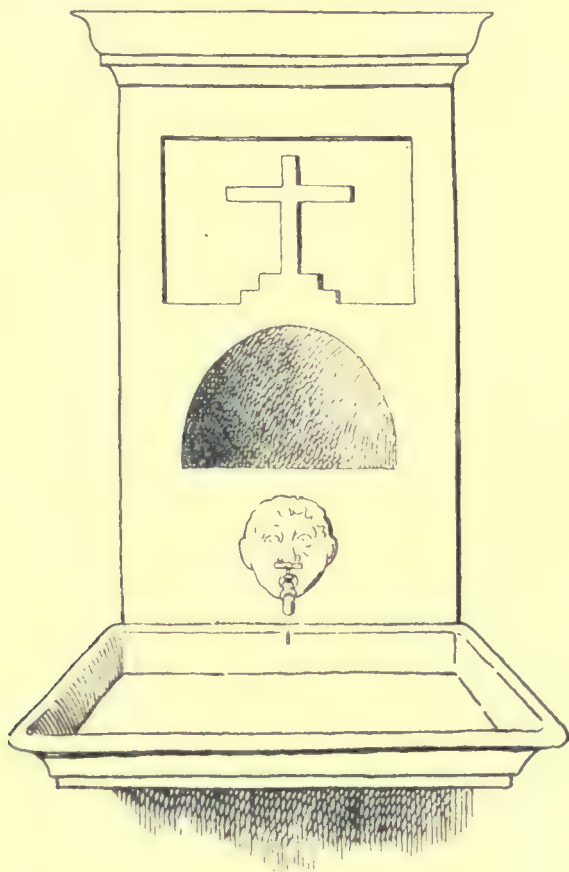
Diâmetro da taça: 0,282.

Á operação chama-se: *migar* a carne.

A palavra *migar* deriva do latim mica, que significa «migalha», e aplica-se tambem ao acto de esboroar pão sôbre uma tijela ou prato de caldo, e no Sul ao de segar couves para a panela. Se as couves se dilaceram com a mão, diz-se *aterçoar* (as couves), palavra derivada de *torção*: **atorçoar* (com dissimilação vocalica), por isso que as couves se *torcem* ao serem rasgadas.

J. L. DE V.

Fonte de uma sacristia

A fonte que vai desenhada na figura junta está na sacristia da igreja de Tolosa (Alto Alentejo): compõe-se essencialmente de reservatorio, bica, e tanque. Por causa da carantonha, cuja bôca serve

de bica, pertence ao tipo já estudado neste *Boletim*, n.º 2, p. 25. A agua que alimenta a fonte não é nativa, mas trazida de fóra para o reservatorio.

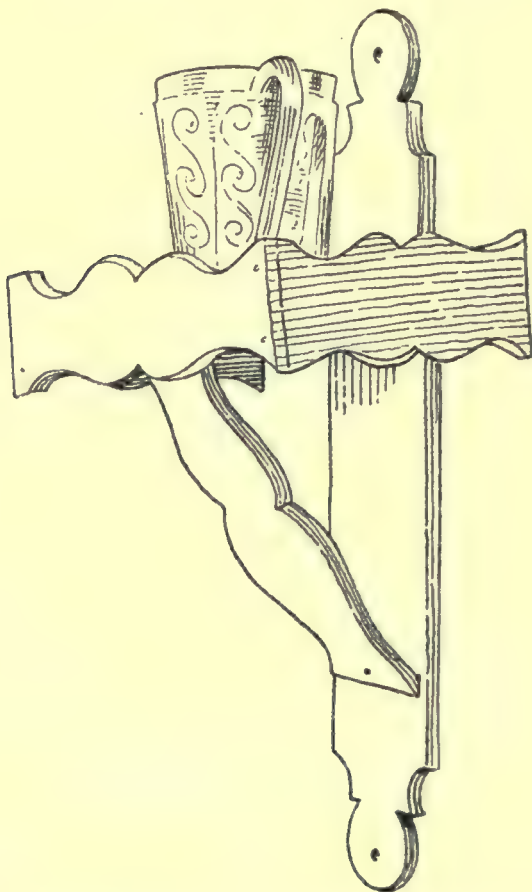
Visto ter a carantonha ou carranca em sua origem significação mitica, é curioso que apareça num templo; em todo o caso vemo-la aqui suplantada pela cruz!

O desenho que serviu para a gravura executou-o o S.^or F. Valença por um esbôço devido a um curioso.

J. L. de V.

«Copeiro» alentejano

A casa popular do Alentejo prima por boa ordem e asseio.

D'essas duas qualidades depende, por exemplo, o *copeiro* que se representa na figura junta (desenho de F. Valença).

Consiste numa especie de varandinha quadrangular, segura por duas tábuas: uma vertical, pregada por duas partes na parede, e outra inclinada, que sustenta por baixo a varanda propriamente dita. — Cf. *Historia* do Museu Etnologico, p. 207.

O exemplar que serviu para o desenho pertence àquele Museu, e adquiri-o no Alandroal.

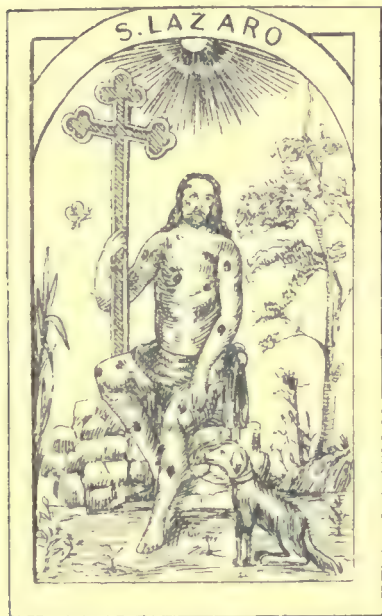
J. L. DE V.

Esmolas para S. Lazaro

Do antigo Hospital de S. Lazaro, de Lisboa, costumava ir d'antes, pelas casas dos habitantes, um empregado colhêr esmolas para

Fig. 1

S LAZARO
Advogado de Lepra Morffeia e Mal de Pelle

Fig. 2

esse estabelecimento de beneficencia pública. Quando lh'a davam, entregava como lembrança dois papelinhos em que se representavam respectivamente a imagem do Santo, colorida ou não, e uma cruz vermelha posta num pedestal.

Ás vezes o empregado, ao chegar a uma casa, estava já tão certo da caridade dos moradores, por os conhecer, que apresentava logo á pessoa que abria a porta os papelinhos, para ela os levar para dentro, e trazer depois a esmola.

Fig. 3

O empregado vestia de modo comum, sem trajo que o assinalasse.

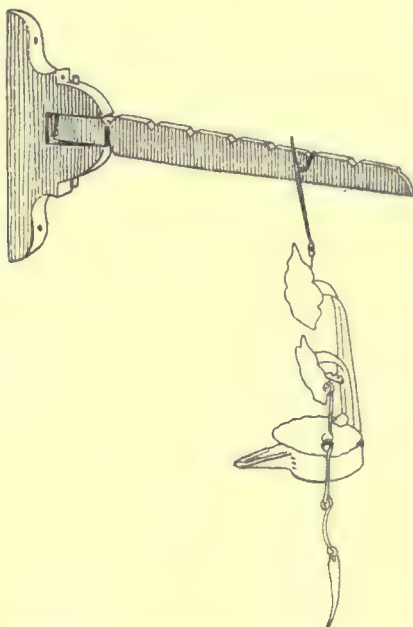
Nas figs. 1 e 2 reproduzem-se dois papelinhos que representam

a imagem de S. Lazaro, e na fig. 3 um que representa a cruz e uma legenda com o ano em parte em branco.

Os tres papelinhos existem no Museu Etnologico por oferta d'uma Senhora que me informou de que se lembra de que as esmolas se pediam n'aquelas condições, ainda por 1860 e tantos.

J. L. DE V.

Velador e candeia

Os veladores em que se penduram as candeias chamam-se em algumas terras *mancebos*. Na figura junta representa-se um, de madeira, que consta d'uma parte fixa e d'outra movel, com incisões, em uma das quais se pendura uma candeia, por um gancho de ferro.

A candeia é de lata, com dois espelhos, d'um dos quais pende o espevitador. O recipiente está tapado com tampa, tambem de lata.

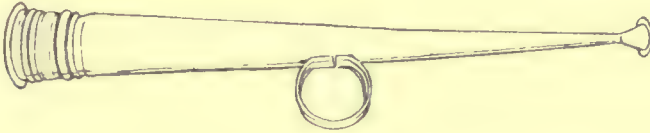
De candeias já se falou no *Boletim*, n.º 2, fig. 12.

O desenho em que assenta a gravura foi feito por F. Valença, Desenhador do Museu Etnologico.

J. L. DE V.

Para a venda do peixe

Os vendedores ambulantes de peixe anunciam este, umas vezes com pregões, outras com uma *corneta*.

Na figura junta representa-se uma *corneta* de lata do Museu Etnologico Português, de fórma conica, e asa, a qual corneta é usada

pelos peixeiros e peixeiras no concelho de Melgaço, quando vão pelas terras vendendo peixe.

A exactidão do desenho de F. Valença, Desenhador do Museu, dispensa maior descrição. Basta acrescentar que o instrumento tem de comprimento $0^{m},44$.

J. L. de V.

Medição poetica do vinho

Na tiragem do vinho do tonel para o *casco*, após a venda ao negociante, ocupam-se geralmente tres homens: o *medidor* (em regra o dono da adega ou pessoa de sua confiança); o que transporta o vinho para o casco; o *carreiro*, que está de pé no carro em que ha-de ir o casco. Quem transporta o vinho para o casco é um companheiro do carreiro, excepto se há só um carreiro, o que raras vezes acontece, sendo então preciso um *môço*. O carreiro recebe uns tantos litros de vinho para beber pelo caminho: metade á custa do vendedor, e a outra á do comprador; como outr'ora, antes de se usarem os litros, se usavam canadas, chama-se ainda hoje a este acto *dar as canadas*. Se em negocios de vinho, ele não havia de correr a jôrros! — Tudo o que digo refere-se ao Cadaval, o que não significa que seja só de lá.

O vinho está correndo do tonel para uma *celha* que se colocou sob a torneira. Então o medidor vai enchendo o almude, mergulhando-o na celha, e despejando-o em seguida num caneco que o moço entrega ao carreiro, para este, por seu turno, o despejar no casco. Observe-se que a palavra *almude* tem duas significações: «medida» (20 litros, isto é, um duplo decalitro, ou, como abreviadamente dizem: um duplo), e «vasilha» (feita de lata). O caneco é de madeira, e por natureza é maior que o almude.

Á proporção que o segundo carreiro ou o môço transporta cada caneco para o casco, enumera os almudes, junta uma rima ao número, e repete este no fim d'ela: o que tudo executa cantando. Á rima ouvi chamar *remate* ou *arremate*. Os remates são bastante curiosos, e aqui vou dar alguns exemplos que colhi no Peral.

Pois que ha poucos cascos que levem quarenta duplos, as rimas chegam só até esse número, quando chegam.

1. *O primeiro é Deus.*—Em regra dizem só isto; mas tambem ouvi: *Deus é o primeiro.* || *É bom ter muito dinheiro.*—Muita gente, quando começa um trabalho, sobretudo no Norte e na Beira, benze-se e reza. Assim uma mulher, quando começa a fazer meia; os trabalhadores rurais até ás vezes se benzem maquinalmente com o chapeu na cabeça. Conheço a este proposito uma cantiga popular minhota que começa:

   Em nome de Deus, amén,
   Padre, Filho e Espirito Santo!

   e se canta no principio de um *desafio* poetico. A gente do Sul não é hoje tão religiosa como a do resto de Portugal; mas a rima de que estou falando representa tradição antiga.
2. *Um e um são dois.* || *Quem tem vacas espera bois.* || *Olha os dois!*—Variante do remate: *Quem padece são os bois.*
3. *Dois e um são tres.* || *Inda cá volto outra vez.* || *Olha que são os tres!*—Variante do remate: *Estes vieram da feira das Mercês* (com referencia aos bois).
4. *Dois e dois são quatro.* || *Bela carne tem o pato.* || *Olha que são quatro!*—Variante do remate: *Belo arroz é o do pato.*
5. *Tres e dois são cinco.* || *Bebo branco* (sc. «vinho»), *quando não ha tinto.* || *Olha que são cinco!*—Variantes do remate: *a*) *É melhor a galinha que o pinto; b*) *Falo verdade, não minto.*
6. *Tres e tres são seis.* || *Depois do Natal vêm os Reis.* || *Olha que são seis!*
7. *Quatro e tres são sete.* || *Quem não póde não promete.* || *Olha que são sete!*
8. *Quatro e quatro são oito.* || *Não ha bôlo como o biscoito.* || *Olha que são oito!*

9. *Quatro e cinco são nove.* || *Ri-se* (ou *canta*) *o rico, e chora o pobre.* || *Olha que são nove!*
10. *Cinco e cinco são dez.* || *Descansam as mãos e trabalham os pés.* || *Olha que são dez!*—Variante do remate: *Não ha homem como Moisés.*
11. *Cinco e seis são onze.* || *É melhor a prata que o bronze.* || *Olha que são onze!* —Variantes do remate: *a*) *Toca o sino que é de bronze; b*) *Voa o papel e tine o bronze*, por alusão ao dinheiro que é em notas e em metal.
12. *Seis e seis são doze*, ou *Duas vezes seis são doze.* || *Toca o sino* (ou *os sinos*) *que é* (ou *são*) *de bronze* (cf. n.º 11). || *Olha que são doze!*
13. *Sete e seis são treze.* || *É meia pipa.*—A pipa corresponde ali a 25 almudes. Por ser metade da conta, não se diz muitas vezes remate; entende-se que o número fica assim bem expresso. Outras vezes dizem realmente remate, porém não tenho nenhum exemplo.
14. *Sete e sete são catorze.* || *Bota o pobre* (*sc.* «a esmola») *para o alfôrge.* || *Olha que são catorze!*—Variante hipérmetra do remate: *Sete para trás e sete para diante, á moda de alfôrge.*
15. *Oito e sete são quinze.* || *O dono da adega é que tem o timbre* (o que, creio, quere dizer generosidade de dar vinho). || *Olha que são quinze!*
16. *Oito e oito são dezasseis.* || *Sou o filho da Maria dos Reis.* || *Olha que são dezasseis!*
17. *Oito e nove são dezassete.* || *Quem quiser palha que a acarrete.* || *Olha que são dezassete!*—Parece que *palha* estará aqui ironicamente por «comida». Cf. uma cantiga popular, em que se fala de *serralha*, e termina assim:

Que é o sustento dos homens
Nos anos de pouca palha...

a qual ouvi algures. Tambem num *jôgo* ou *dança de roda* se canta:

O ladrão do meio Está preso a uma estaca:	Lá virá o ano Da palha barata!...

versos que conheço de várias terras, e do proprio Peral. Dizer que o homem come palha é chamá-lo burro. Tão freqüente é assimilar por graça o homem ao burro, que

na Beira Alta, quando um sujeito passa por outro e não o saúda, este comenta: «Nem sequer me disse: *ó burro, tu queres agua?*» Na mesma provincia, por ocasião de se dar de comer a muitos convivas, por exemplo, jornaleiros, musicos (numa festa), diz o patrão ao criado: o melhor é dar a cada burro sua faixa (entende-se de palha), isto é, sua ração.

18. *Nove e nove são dezoito.* Não ouvi remate especial; creio que se repete o do n.º 8.
19. *Dez e nove são dezanove.* || *Quem padece é o pobre.* || *Olha que são dezanove.*—Em vez d'este remate, tambem se repete o do n.º 9.
20. *Dez e dez são vinte.* || *Boa carne é a do pinto.* || *Olha que são vinte!*—Cf. a variante 1.ª do n.º 5.
21. *Dez e onze são vinte e um.* || *Não ha carne como a do pirum.* || *Olha que são vinte e um!*
22. *Onze e onze são vinte e dois.* || *Anda o carro adiante dos bois.* || *Olha que são vinte e dois!*—Variante do remate: *O vinho melhor vem depois.*

23 a 29. Repetem-se as rimas dos numeros das respectivas unidades. Ao n.º 25 ouvi porém aplicar esta rima: *Não ha vinho como o tinto,* a qual certamente se emprega tambem com o n.º 5.

30. *Quinze e quinze são trinta.* || *Não ha vinho como o de quinta.* || *Olha que são trinta!*

De 31 a 40 repetem-se as unidades nas rimas, como já a respeito d'alguns numeros vimos acima.

A repetição dos numeros, alto, faz que eles se fixem melhor na memoria, para não haver engano na contagem. As rimas devem ter a mesma razão, ainda que o nosso povo gosta sempre de pôr um pouco de poesia no que diz, como com freqüencia gosta tambem de pôr um pouco de satira. Alem d'isso o canto ajuda o trabalho. Umas vezes as rimas, que ficam transcritas, são despidas de graça, destinando-se simplesmente a produzir efeito acustico; outras vezes dá-se-lhes fórma de proverbio, ou até reproduzem expressões proverbiais, como na segunda frase do n.º 22. Em muitas alude-se a dinheiro, a comida e a bebida, ideas que estão sempre presentes ao espirito do povo. Não faltam igualmente alusões á religião, e á vida do campo, ideas que do mesmo modo lhe são muito familiares.

As rimas, ou se inventam na ocasião, mais ou menos vivazes, segundo a capacidade ou veia d'aquele que as emprega, ou transmitem-se tradicionalmente, dentro d'uma mesma povoação ou região, e até em parte correspondem ás que se usam no *jôgo do eixo*, onde se diz, por exemplo: *quatro, belo arroz faz o pato; seis, Maria dos Reis; oito, biscoito; nove, quem padece é o pobre*, ou *dá dez reis ao pobre, que a minha algibeira não tem cobre; onze, os sinos de Mafra são de bronze; doze, reval doze, dez e quatro são quatorze*. Cf. na *oração do Anjo Custodio: diz-me as duas*. Resposta: *as duas são as tabuas de Moisés. Diz-me as tres*. Resposta: *as tres são as tres pessoas da Trindade*. Etc. Vid. *Rev. Lusit.*, I, 246 (F. A. Coelho). Os rapazes, tanto em Portugal, como lá fóra, usam igualmente uma numeração ritmica especial: vid. os meus *Ensaios ethnographicos*, IV, 190, e 193–196.

Fig. 1

Quando, ao tirar-se o vinho da celha, ela começa a esvaziar-se, deixando de conter já bastante para o almude aí se mergulhar, tira-se aquele com uma vasilha chamada no Peral indiferentemente *canavarro* (e *canabarro*) ou *chifarro*. No concelho de Obidos ouvi-lhe sómente chamar do segundo modo. No Museu Etnologico ha dois exemplares, um diferente do outro, os quais obtive no concelho de Obidos, e vão representados respectivamente nas figuras 1 e 2 (desenhos de F. Valença).

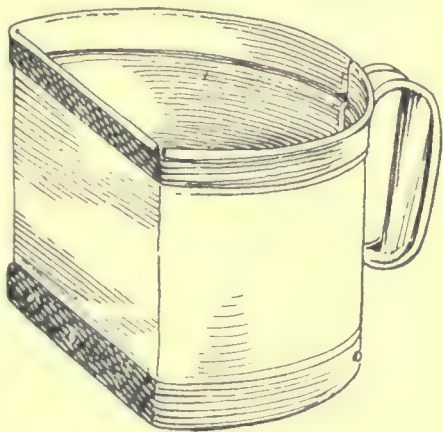



Fig. 2

a) Chifarro n.º 1. Tem fórma de tronco de cone, com a base para cima: é feito de *aduelas* de madeira cingidas de *arcos* de ferro, exactamente como os barris, cascos, e outras vasilhas de adega. Uma das aduelas prolonga-se para cima e serve de cabo. Dimensões: diâmetro da bôca $0^{m},217$; altura $0^{m},196$.

b) Chifarro n.º 2.— Tem fórma semi-cilindrica: é feito de folha

(lata), e apresenta uma asa na ponta convexa. Dimensões: largura (na secção vertical) 0^m,186, altura 0^m,147.

A proposito da palavra *canavarro* lembrarei que em Tras-os-Montes se entoam nas malhas do centeio uns versos em que ela entra:

Naquela ribeira...
Anda lá um peixinho vivo,
Anda lá um peixinho bravo...
Vamo-lo comer cozido...
Vamo-lo comer assado...
C'um *canabarro* de bom vinho tinto...
C'um *canabarro* de bom vinho claro...

vid. *Anuario das tradições populares,* Porto 1882, p. 22.

Talvez alguns leitores achem curiosidade em saber que o *casco,* de que acima falei, é uma vasilha de fórma de pipa, e que leva de 30 a 40 duplos. *Pipa,* na região de que estou falando, e noutras do Sul, não é vasilha, é medida de 25 almudes. Abaixo do casco está a *cartola,* vasilha da mesma fórma do casco, porém mais curta, e que leva de 25 (ou menos) a 30 almudes; abaixo da cartola está o *barril,* que leva até 15 duplos; abaixo do barril está ainda o *tinôco,* barril pequeno, que leva até 3 almudes. O casco tambem póde ter menos de 30 duplos, ir só até 15; com menos de 15 duplos, já se chama *barril,* que tem a mesma fórma do casco, diferindo apenas no tamanho. *Cartola,* por *quartola,* quere dizer $^1/_4$ de tonel, porque, no antigo sistema de medidas, o tonel levava duas pipas, e a pipa duas cartolas. *Tinôco,* palavra que deriva de *tina,* com o sufixo *-ôco* (deminutivo um tanto depreciativo), vai caindo em desuso, posto que eu a ouvisse no Peral a várias pessoas; em vez d'ela diz-se habitualmente *barril pequeno, barrilinho.* Póde chamar-se tambem *barrilinho* a um barril que leve até uns dez litros. As palavras *pipo, pipote* e *caneco,* em pleno uso no Centro e no Norte de Portugal, desconheço-as no povo da Extremadura, pelo menos no Cadaval e noutras terras.

O vinho não é levado directamente no almude para o casco, porque emquanto o moço transporta o caneco e canta, o medidor enche outro almude, e assim poupa tempo, que tão necessario é a quem trabalha.

*

Nos costumes que tenho mencionado, o vinho de que se fala é o *de pasto.* Relativamente á tiragem do vinho generoso, ou *vinho tratado,* entoam-se as mesmas rimas.

J. L. DE V.

Trajo de mulher

O desenho reproduzido na figura junta deve-se a Alberto Sousa, que já por outras vezes tem honrado as páginas do *Boletim*: vemos aí uma camponesa, de lenço na cabeça, atado sob o queixo, e chaile pelas costas. A mulher, isto é, a tia Rita Gregória, que o artista encontrou em Gouveia em 1916, tem as mãos pousadas uma na outra, e está voltada para a direita, na grave postura de quem conhece, embora não saiba definir, que alguma cousa extraordinaria se passa junto d'ela, pois Alberto Sousa, com uns traços de lápis, ia entregá-la á imortalidade.

J. L. de V.

Encôsto de panelas

Por quasi todo o Portugal se seguram com uma simples pedra (quando muito, com um seixo rolado) as vasilhas que ao lume se colocam no lar, e não têm em si mesmas apoio suficiente.

Pois o Alentejano até nisto mostra gôsto de asseio! Em vez de se servir de pedras, encosta as panelas ou a um *calço* de barro, ornamentado de linhas curvas enlaçadas entre si, —para melhor vista—, ou a um *tê-te panela,* de ferro. Nas figs. 1 e 2 (desenhos de F. Valença) mostram-se espécimes d'estas duas classes de objectos: um de 0m,085 de comprimento, o outro de 0m,14 de largura.

Pelo que toca às palavras:

Calço não passa de um nome verbal, tirado de *calçar,* do latim calceare, e ouvi-o no distrito de Evora, aplicado ao objecto representado na fig. 1, sendo todavia muito comum por todo o Portugal, até referido a qualquer encôsto de pedra.

Tê-te panela manifesta certa graça de formação: propriamente «tê-te, panela!» (sustenta-te!), com personificação imaginosa da vasilha, e o verbo no imperativo. Na linguagem ordinaria tambem dize-

mos «tem-te, não caias!». O *tè-te panela* ouvi-o na vila de Avis, onde é corrente. Comparavel a *tê-te panela* é *Caiagua* (= cai, agua!), nome de uma povoação proxima de Cascais (hoje chamada S. Pedro do Estoril), onde passa agua que *cai* no mar; cf. igualmente *câtâcégo* (= cáta, cego!), *bufagato* (= bufa, gato!), nome de um objecto de

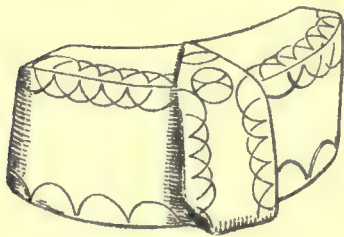
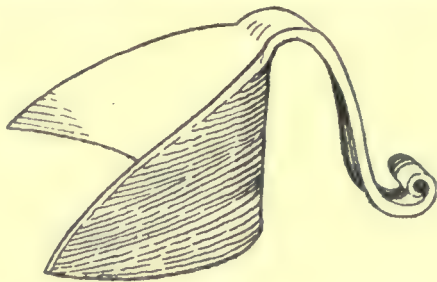



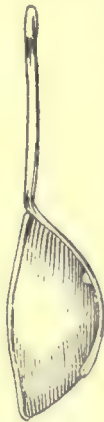
Fig. 1 Fig. 2

brinquedo infantil, *Cantagalo,* alcunha (= canta, galo!). Em todos estes compostos o segundo elemento é um vocativo.

Em vez das mencionadas palavras ouvi dizer a pessoas do Ervedal do Alentejo, e de Moura: *arrimador;* no Ervedal ouvi a par *arrumador,* com *u,* por etimologia popular ou por influencia do *m.*

J. L. DE V.

Maquía

Maquía é uma «medida de grãos e farinhas», e tambem «a porção que os moleiros tirão da farinha, e os lagareiros, do azeite que fazem para outrem» (Moraes). D'aí vem *maquiar,* não só em sentido proprio, mas em sentido translato, «roubar parte de ...».

O moleiro figura na tradição popular com pouca simpatia, por se pagar por suas mãos; sem embargo, ao mester de que se ocupa anda anexa muita poesia, e muita cousa de grande valor etnografico. Cf.: *Trad. pop. de Portugal,* § 343, c, e *Historia do Museu Etnologico,* p. 226. Só o moinho, de agua e de vento, bastava para escrever longo artigo! Tantas são as peças de que consta e os nomes respectivos.

A figura junta (desenho de F. Valença) mostra-nos uma antiga medida de ferro, de $0^{m},275$ de comprimento total, a qual servia aos moleiros para tirarem a maquia. Obtive-a no Peral (Cadaval), e pertence ao Museu Etnologico.

J. L. DE V.

Fontes

As fontes, além de formarem um dos mais belos ornatos da Natureza, quer quando artisticamente construidas, quer ainda quando simples borbotões surgentes á superficie do solo, dão a cada instante

aos etnografos ensejo para fazerem observações ou escreverem noticias.

Na figura junta reproduz-se um bilhete-postal que representa a Fonte da Varzea, na Figueira da Foz; foi-me enviado d'esta cidade em 3 de Setembro de 1923 pelo D.^or^ Manuel Heleno. Um grupo de raparigas volta da fonte com vasilhas á cabeça, cheias de agua; a fonte avulta no fundo de um monte; e pouco antes de chegar a ela, á direita de quem a ólha, vê-se um banco de pedra, feito de tres peças: *assento* e dois *pés*. Raparigas são na verdade quem mais freqüenta as fontes; e desde o sec. XVI os nossos poetas as cantam com agrado. Tambem elas aparecem muitissimas vezes em cantigas.

Nas *Tradições pop. de Portugal* falei de superstições (mitologia e religião) relacionadas com as fontes: §§ 160–168; e no *Arch. Port.*, II, 248–251, publiquei duas inscrições latinas que se lêem em fontes.

Ultimamente um amigo enviou-me uns apontamentos em que me diz que á saida da povoação do Tojal, cêrca de 7 quilometros de Loures, na Extremadura, ha um chafariz em que esculpiram um quadro representativo do Purgatorio, o qual quadro tem na parte superior um letreiro latino que se reduz facilmente a estes dois versos:

Venditur, haud gratis tibi nostra exponitur unda.
Solve preces, tantum venditur hoc pretio,

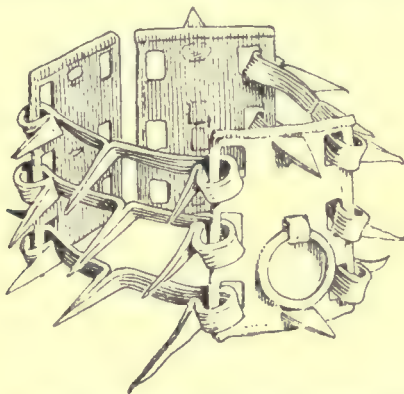
isto é, a um distico, que significa á letra: «a nossa agua não te é apresentada gratuitamente, vende-se. Reza; só por tal preço se vende». Entende-se que quem fala são as almas do Purgatorio, aqui quasi tidas por divindades tutelares da fonte.

Por baixo estão pois estas letras: *P*(adre) *N*(osso) *A*(ve) *M*(aria), com que se recorre á caridade dos viandantes.

J. L. DE V.

Coleiras de cão

II

As coleiras de cão (cf. *Boletim*, n.º 2, p. 8) têm várias fórmas, segundo o seu emprêgo. Por exemplo, as dos cães de guardar gado que pasta em locais onde póde ser atacado por lobos, são de ferro

e estão revestidas de puas, como se vê na figura junta (desenho de F. Valença, tomado do natural). O original guarda-se no Museu Etnologico, e obtive-o em Vila Viçosa.

J. L. DE V.

Gato preto

Aludiu-se no *Boletim*, n.º 2, p. 38, a um gato de pano preto, com olhos de botões de madreperola, que costuma estar pendurado nas salas, no Sul de Portugal, como enfeite; e já se havia dito na *Rev. Lusit.*, x, 74, nota 7, que este enfeite devia ter origem na superstição que atribue aos gatos pretos significação magica, segundo

a qual, os males que deviam ir para as pessoas vão para os gatos de tal côr.

Agora publica-se na figura junta (desenho de F. Valença) um espécime de gato de pano preto, existente no Museu; o gato tem ao pescoço uma fita verde e encarnada.

J. L. de V.

Foice de mão

A *foice de mão* de que se vê um desenho na figura junta, devido ao S.[or] F. Valença, que se regulou por apontamentos de um curioso, consta de duas partes: folha (de aço) e cabo (de buxo).

No cabo mandara o dono gravar um sinselimão (sino-saimão), «que livra de cousas ruins»: cf. *O Arch. Port.*, xxiii, 239-240. A foice que serviu para o desenho tem de comprimento 0^{m},38.

J. L. de V.

Gaiolas para grilos

Dos brinquedos infantis há uns que são inocentes, por exemplo, o *papagaio*, certos jogos, *rouxinois* (apitos de barro), etc., e outros que poderemos chamar malfazejos, pois se destinam a causar dano aos pobres animais: estão em tal caso as *gaiolas* de grilos.

1. As crianças em S. Tiago de Cacem, quando caçam um d'estes insectos, encerram-no numa gaiola feita de uma haste de cana em que se retalhou uma das extremidades: aí se colocou uma rôlha

Fig. 1 Fig. 2

de cortiça, e o grilo fica metido no espaço que medeia entre ela e um nó da cana. A gaiola dispõe-se com a cortiça para baixo, e pendura-se, como se vê da fig. 1. Comprimento do objecto: $0^m,282$.

2. Na fig. 2 representa-se também uma gaiola de grilos, usada em Miranda do Corvo: é porém de barro e tem o nome especial de *grileiro*. O grilo introduz-se por um orificio que fica nas costas da parte aqui visivel. Comprimento do objecto: $0^m,15$.

Os desenhos que serviram para as gravuras fê-los o S.or F. Valença, de exemplares existentes no Museu Etnologico.

Acêrca de outras gaiolas de grilos em Portugal vid. um artigo do S.or Luís Chaves na *Atlântida*, vol. VIII (1918), p. 696.

J. L. DE V.

Casas da Praia da Vieira

Em certa extensão da zona maritima da Beira Ocidental e Extremadura usa-se nas praias um curioso sistema de casas, construidas de madeira (paredes e sobrado), e suspensos em esteios da mesma substancia, enterrados na areia. A tais casas chamam na Extremadura *barracas*, e na Beira *palheiros*. Conheço-as *de visu* na Praia da Vieira (Leiria), na Costa Nova (Aveiro), e na Costa de Lavos (Figueira); e sei que existem tambem em Palheiros de Mira, como

Fig. 1

o nome o indica. É natural que o mesmo sistema existisse, ou exista, ainda noutras praias. Em Buarcos, por exemplo, ha um sítio chamado *Palheiros*, onde eles hoje não se observam, mas onde se vê que os houve. Temos pois uma linha destas construções em bastante extensão de costa.

Creio que quem primeiro falou de casas assim construidas foi Carlos Ribeiro, no *Relatorio* do Congresso de Bruxelas, p. 84. Tendo eu estado ha muitos anos na Cova de Lavos, referi-me aos palheiros de lá na *Rev. Lusitana*, III, 227: cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 57. Depois de mim trataram do assunto, com outro desenvolvimento, o hoje falecido Rocha Peixoto na *Portugalia*, I, 92–96, e Correia Monteiro na citada *Rev. Lusit.*, XIX, 142–156. Vid. tambem

E. Frankowski, *Hórreos y palafitos de la Península Ibérica*, Madrid 1918, pp. 66–69. Se mais alguem tornou a tratar, não o posso dizer ao certo.

Aqui reproduzo uns apontamentos que, em Outubro de 1923, tomei na Praia da Vieira, aonde fui em companhia do D.or Manuel Heleno, Conservador do Museu Etnologico. Devo notar que ha Praia da Vieira e Vieira, povoações que distam pouco uma da outra, e ficam separadas pelo pinhal de Leiria, ou *Pinhal Real*. Vieira é terra industrial de alguma importancia (fábrica de limas e de vidros); a Praia

Fig. 2

é habitada sobretudo por pescadores, a que no verão se agrega certo número de doentes que ali acodem de muitas localidades para tomarem banhos. Perto da praia entrega-se ao mar, variando por vezes de desembocadura, o rio Lis, que vem da serra de Porto de Mós, passa em Leiria, e foi cantado no sec. XVII por F. Rodrigues Lobo, *Obras*, ed. de 1723, p. 164, e em muitos outros lugares:

> Fermoso rio Lis, que entre arvoredos
> Ides detendo as agoas vagarosas...

Aludindo á *foz do Lis*, publica-se em Vieira quinzenalmente, com o mesmo título, um jornal «defensor dos interesses regionais».

Quando visitei a Praia da Vieira, encontrei-me com varios pescadores que estavam sentados ou deitados na areia, à beira-mar,

uns conversando e fumando, outros fazendo rêdes com agulhas de pau. Convidei dois d'eles a acompanharem-me a ver as *barracas*.

As tábuas que formam as paredes acham-se dispostas quasi sempre verticalmente; só raro se vêem tábuas atravessadas. Exceptuando o lar e a chaminé, que são de tijolo e cal, e o telhado, que é de telha, tudo o mais é construido de madeira de pinho, levada do adjacente *Pinhal Real*, ou, como tambem diz o povo, *Pinhal do rei*. Nenhuma pedra entra na construção. Quando as barracas ficam altas, sobe-se para elas por escadaria externa, já se entende, igualmente de madeira.

Fig. 3

Na frente, do lado do Oceano, correm extensas varandas, com portas que dão para dentro: d'ali, nos meses calmosos, se apanha o fresco, e no inverno o sol para remedio do desconfôrto que reina em toda a habitação, onde nada reveste a madeira das paredes dos quartos, e onde os leitos são feitos de tábuas postas sobre bancos. O gado acomoda-se em lojas formadas no rés-do-chão.

O uso de *barracas* vai em decadencia; não só muitas quasi jazem no solo desmanteladas e destelhadas, senão que não raro os esteios d'outras se escondem em meio da areia que o vento impele para lá sem cessar. Pessoas abonadas, ou mais desejosas de bem-estar, substituem-nas a pouco e pouco por *casas* propriamente ditas, com parede de tijolos e de *sorraipos*.

Apesar do que fica dito, ainda ali abundam *barracas* junto do mar. A parte oposta da povoação é que é constituida mais por

Fig. 4

Fig. 5

casas. Os pescadores tanto habitam *casas*, como *barracas*; preferem porém naturalmente aquelas, deixando estas para uso dos banhistas,

pelo que, fóra da epoca dos banhos, isto é, na mór parte do ano, elas ficam deshabitadas.

Vem a proposito mencionar um curioso costume. Os banhistas mais pobres e que levam consigo poucos aprestos caseiros, utilizam como candeia certas conchas que encontram na praia: para isso furam-nas no extremo mais estreito, se já não se acham furadas, metem no orifício uma torcida, e deitam azeite na concavidade. É um dos muitos modos de iluminação de caracter primitivo: cf. *História do Museu*, p. 211. Parecidas com tais candeias são as que se usam

Fig. 6

de barro nos lagares de azeite do Sul do Tejo, e muitas antigas, mas da epoca portuguesa, que se guardam no Museu Etnologico, aparecidas na Extremadura e noutras provincias: consistem em um recipiente concavo, que num dos bordos se adelgaça, formando um bico, para a torcida. Já as mortas civilizações do Oriente nos legaram lucernas assim fabricadas.

Temos de certo nas candeias da Vieira um fenomeno de etnografia que costuma chamar-se *convergencia*, por oposição a *supervivencia*. Fenomenos de supervivencia são aqueles que datam do passado, destoando da civilização actual. Fenomenos de convergencia são aqueles que, embora semelhantes a fenomenos antigos, não os continuaram historicamente, mas se produziram de modo espontaneo por um conjunto de circunstancias analogas ás que geraram os primeiros.

Voltemos á Praia. Notou-se acima que o rio Lis muda por vezes de desembocadura ou foz, por causa de assoreamentos. Uma das vezes arrastou consigo muitas barracas; e os pescadores improvisaram a proposito a seguinte canção:

Vamos todos atalhar
Esta desgraça tamanha:
O rio leva as *barracas*,
Ficam *steios* para lenha!

a qual ouvi da boca de um d'eles. Não é grande obra de arte, mas,

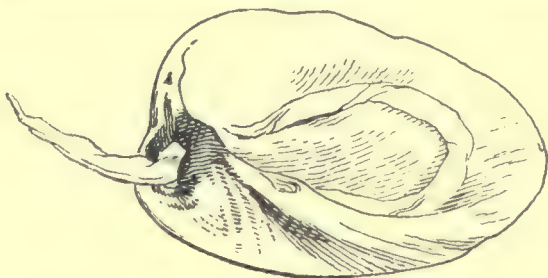



Fig. 7

além de documentar as palavras *barraca* e *esteios* ou *steios* (por aqui pronuncia-se *est-* inicial como *st-*, por isso *steios*), mostra que á inspiração poetica do povo raras cousas escapam, quer no campo social, quer no da Natureza.

Para a ilustração d'este artigo juntam-se as seguintes gravuras: figs. 1 a 6: aspectos do mar, de barcos de pesca e de algumas *barracas*, segundo fotografia que me enviou o D.or Vergilio Guerra Pedrosa, natural da freguesia de Vieira, e Professor de um dos liceus de Lisboa; fig. 7: desenho de uma candeia de concha, feito por F. Valença.

J. L. DE V.

Alminhas do Minho

Quem viaja, sobretudo pelas provincias do Norte e Centro, encontra a cada passo á beira dos caminhos nichos em que se pinta o Purgatorio, e que se destinam a provocar orações dos viandantes a favor das *alminhas* ali figuradas. Umas vezes os nichos são mais ou menos artisticos, com sua porta de vidro e lampeão, outros muito singelos.

Na gravura junta representa-se um que está ao lado da estrada que conduz do Pêso á vila de Melgaço: a gravura assenta num

desenho do distinto artista, o S.[or] Frederico Ayres, que a meu pedido o fez.

Acêrca das *alminhas* em geral, vid. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 66, onde se reproduz um trecho de um romance do Camilo, ilustrativo do assunto.

Nas *alminhas* costuma haver uma especie de mealheiro, ou uma caixa, para os fieis lançarem esmolas.

J. L. DE V.

Modos de acender o lume

O conhecimento do lume viria ao genero humano pelo raio, e pela chama resultante do atrito de arvores com arvores numa floresta, como se lê em Lucrecio (1), ou pelos vulcões e fogo natural do interior da terra. Segundo o mesmo poeta, o sol, com o seu calor, ensina-lo-hia a cozinhar os alimentos (2). Tão util invenção foi pelos Gregos atribuida a Prometeu Pirforo (*Πυρφόρος*) (3); outros povos criaram a este respeito muitas lendas (4).

Conquanto o uso do lume date de remotissimas eras, já seguramente do periodo prehistorico que os arqueologos chamam *che-*

lense (5), que é, em data, o segundo na sucessão da vida social, parece que ele não se generalizou logo por toda a terra; pelo menos, como diz um autor nosso, do sec. XVIII: «os habitantes das ilhas Marianas, descobertas em 1521, não tinham alguma ideia do fogo. A primeira vez que o virão, entendêrão que era hum animal, que se nutria de madeira: os que se chegavão perto, queimando-se, atemorizavão os outros, e só olhavão de longe, dizendo que eles tinhão sido mordidos de hum bicho terrivel, cuja respiração só era perigosa» (6). Para a imaginação dos Gregos e Romanos o lume era tambem um animal vivo. Não por concepção propriamente mitica, mas por efeito de metafora, dizemos no falar corrente que, quando se ateia fogo numa cousa, a labareda a *lambe*. O citado autor português prossegue afirmando que ainda no tempo, em que escrevia, varios povos das Filipinas, Canarias, America e Africa se não serviam de lume (7). Hoje, porém, não se sabe de tribu, por infima que seja, que não possua uso de lume (8), e do modo como os povos selvagens, por exemplo, o acendem inferiremos como o acendiam os povos primitivos.

Os principais modos elementares de acender lume são: fricção ou atrito de dois paus entre si; e percussão de duas pedras ou de duas pirites uma com a outra, ou de uma pedra com uma pirite. No rodar dos tempos a pirite foi substituida por um pedaço de ferro (por exemplo, um prego) ou de aço (*fusil*). A faisca produzida por aqueles dois modos recebe-se numa isca que se acende ou se inflama. Tambem se produz lume, mas menos usadamente, com espelhos ustorios, vidros bi-convexos, e compressão de ar (9). Como o que estou escrevendo é mera introdução ao que tenho de dizer de costumes portugueses, não preciso de descer a minudencias, que o leitor encontra nas obras indicadas nas notas.

Tanto os Gregos como os Romanos se serviram de percussão e fricção para produzirem lume, do que tratou com ampla informação de textos helenicos e latinos o D.or Planck na sua dissertação, que já citei, *Die Feuerzeuge der Griechen und Römer*, Estugarda 1884 (10). A nós importam-nos sobretudo os metodos dos Romanos, dos quais tambem tratou eruditamente A. Jacob no *Dict. des antiq.* de Daremberg & Saglio, s. v. «igniaria». Os Romanos chamavam *igniarium* (e *ignitabulum*) ao conjunto dos instrumentos ou utensilios com que acendiam lume (alemão *Feuerzeuge*): os habitantes da cidade empregavam de preferencia o metodo da percussão, os pastores e os *exploratores* do exército o da fricção. Nas povoações contudo fazia-se pouco uso de qualquer dos dois metodos, porque geralmente

tinha-se lume aceso em casa (11), e quem incidentemente o não tinha recorria a um vizinho: é bem conhecida nas nossas aulas de latim a fábula fedriana em que se diz:

> Aesopus domino solus cum esset familia,
> Parare caenam iussus est maturius.
> Ignem ergo quaerens, aliquot lustravit domus,
> Tandemque invenit ubi lucernam accenderet:

em III, 19 (12).

Dar lume aos que o pediam era um dever moral e religioso nos povos antigos, e ficava amaldiçoado quem o recusasse (13).

O uso de ferir lume, percutindo com um pedaço de ferro, ou aço, uma pedra, manteve-se universalmente até tempos modernos, em que novos metodos se descobriram e propagaram, e o substituiram em grande parte do globo. Todavia a Igreja, que conserva muitos habitos antigos, manda fazer *lume novo* em sabado de aleluia, com fusil, pederneira e isca, e benzê-lo com três orações (14). O *lume novo* é tradição pagã, pois os Romanos, como o lume, não só o do lar domestico, senão tambem o do templo de Vesta, onde sempre ardia, se tornava corrupto ao contacto do ar e das cousas, renovavam-no ou substituiam-no no comêço de cada ano (1 de Março) (15).

Ocupar-me-hei agora dos costumes portugueses.

(1) *De natura rerum*, v, 1091–1101, ed. de Monro, Cambridge 1886, t. I, pp. 238–239; vid. notas no t. II, pp. 336–337. O leitor português tem a tradução de Mendonça Falcão, *Os seis livros de Lucrecio*, Coimbra 1890, p. 207.

(2) v, 1102–1104.

(3) M. Planck, *Die Feuerzeuge der Griech. und Römer*, Estugarda 1884 (Programa do Gimnasio), pp. 5–6. Acêrca de Prometeu vid. tambem *Dict. des antiq. gr. et rom.*, s. v. «igniaria».

(4) A. Heilborn, *Allgemeine Völkerkunde* (Aus Natur u. Geisteswelt), I, 8 sgs.

(5) Obermaier, *El hombre fosil*, 2.ª ed., Madrid 1925, p. 106; e cf. Forrer, *Reallexikon*, p. 222.

(6) D.or José António de Sá, *Compendio de observações*, Lisboa 1783, p. 29. O mesmo diz Letourneau, *La Sociologie*, 3.ª ed., p. 566.

(7) *Ibidem*. Cf. tambem Letourneau, *loco citato*.

(8) Deniker, *Les races et les peuples de la terre*, Paris 1900, p. 178.

(9) Vid. sobre o assunto: Deniker, *Les races et les peuples*, já cit., p. 178 sgs.; e Heilborn, *Allgemeine Völkerk.*, já cit., p. 14 sgs.: obra em que ha gravuras que ajudam o entendimento do texto. Cf. tambem Dottin, *Anciens peuples de l'Europe*, p. 27.

(10) A obra consta de introdução e quatro capitulos. A. Jacob no lugar do *Dict. des antiq.*, que cito adiante, faz-lhe uma observação a p. 372, nota 11.

(11) Planck, *ob. cit.*, pp. 38–39.

(12) Ed. de Epiphanio Dias, Lisboa 1883, p. 62.

(13) Planck, *ob. cit.*, pp. 29–34.

(14) D.or Antonio de Vasconcellos, *Liturgia romana*, II (1902), pp. 465–467.

(15) Planck, *ob. cit.*, pp. 38–39, e nota 1 da p. 40.

(Continúa).

J. L. DE V.

Uma rua de Gáfete

No Alentejo é muito freqüente a cozinha ser no compartimento da entrada das casas, a um canto: por isso as altas chaminés de que as cozinhas são providas avultam para o lado da rua, e dão-

lhes aspecto imponente, como consta da gravura junta (feita de uma fotografia) que representa por 1905 a Rua da Carreira, em Gáfete, concelho de Nisa.

J. L. DE V.

Modos de avivar o lume

Ha muitas maneiras de fazer avivar o lume que se acendeu numa cozinha, num fogareiro, etc. A maneira mais natural é soprar, mas podem tambem empregar-se instrumentos para isso: um fole, um tubo de madeira, ou de ferro (por exemplo, um pedaço de cano de espingarda, como tenho visto no Alentejo); e principalmente *abanadores*, tambem chamados *abanos* e *abanicos*. Na *Historia* do Museu Etnologico aludiu-se, a p. 209, aos abanadores que aqui existem. Nas figs. 1, 2 e 3 reproduzem-se tres, respectivamente de S. Gião, de Sezimbra e de Vila Real de Tras-os-Montes: o primeiro, feito de vêrgas; os dois ultimos,

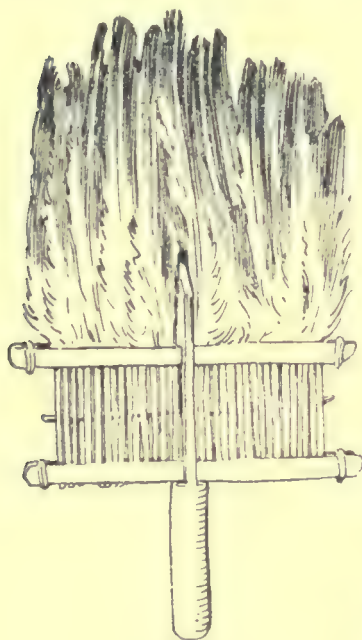
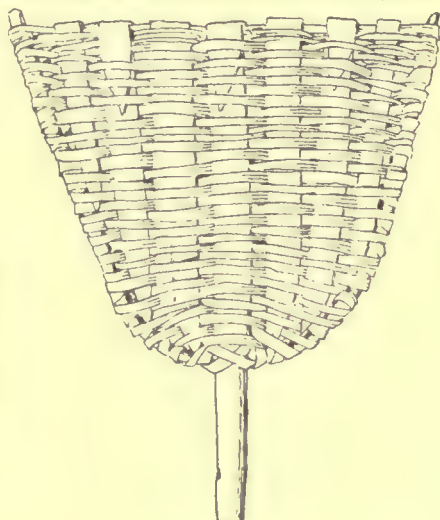
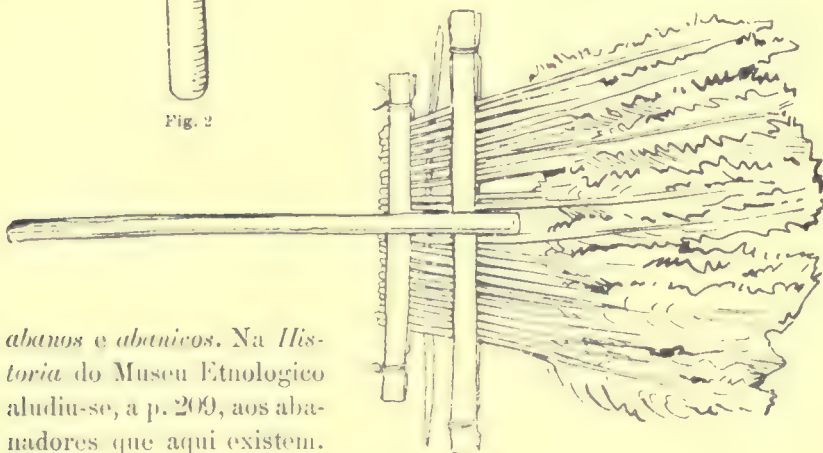



Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

de penas, fixas entre ripas de madeira: todos eles com cabos, igualmente de madeira.

No mesmo Museu existem tambem tres tubos de madeira, de assoprar ao lume, um com a nota de que se chama *assoprador* (Vilar Sêco de Tras-os-Montes), dois de *alandro* ou heloendro com a nota

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6

de que se chamam *canudos* (Alandroal). Nas figs. 4, 5 e 6 representam-se todos tres. O ultimo foi feito por um camponês de Vilar Sêco (Vimioso, na *terra de Miranda*), e tem uma inscrição distribuida pelas quatro faces do instrumento, a qual se transcreve integralmente na fig. 7: *J(esus) M(aria) J(osé). Saude i paz i graça devina Deus*

Fig. 7

nus a dê. V(iva o?) R(e)b(erend)o (na região confunde-se *b* com *v*) *Senhor Padre Antonio Cantinho* (por *Quintino*) . . . . . 30 d(e) Maio d(e) 1898. . . . . (Ha umas letras que não posso explicar).

Vem a proposito lembrar aqui uma superstição. Diz-se no Alto Alentejo que quem sopra bem ao lume mostra que tem boa madrinha, e que, pelo contrário, quem apaga uma luz com dificuldade tem madrinha má.

Os desenhos que serviram para as gravuras executou-os F. Valença, Desenhador do Museu Etnologico.

J. L. DE V.

ESTAMPA I

Fig. 1

Fig. 2

Tipos de Montalegre

Devo a um amigo a fotografia que serviu para se fazer a adjunta gravura, e que representa vários tipos de Montalegre (Barroso): homens de jaqueta ao ombro encostados a varapaus, e de chapeu

de pano; outros em mangas de camisa, e com carapuça (barrete); uma mulher, de *capucha,* sentada na escaleira de uma casa, etc. Quanto á capucha, cf. *O Arch. Port.*, XXII, 27 e 50.

J. L. de V.

Pertenças de uma quinta do Minho

Nos meus *Opusculos*, II, 268–269, insiro um breve vocabulario de Espòsende, onde aparecem varios termos respectivos a algumas dependencias da casa rustica do Minho. Não podendo ali acompanhá-los de gravuras, publíco estas agora como ilustração d'eles, e junto mais umas notícias.

As figs. 1 e 2 mostram-nos, da esquerda (do observador) para a direita:

1. Um *espigueiro,* coberto de telha. O *espigueiro* ou *canastro,* tambem chamado *caniço* (segundo as localidades), é muito conhecido,

e tem sido várias vezes descrito, e publicado, pelo que me dispenso de falar d'ele agora mais de espaço;

2. Uma casota de madeira para o cão, como guarda vigilante da eira e suas dependencias;

3. Um *varandão,* e respectivo *cobêrto,* de madeira: no *varandão,* ou compartimento superior, guardam-se e secam-se as espigas de milho; o *cobêrto* abre-se para a eira, e tem adiante uma porta larga, ou *empanada,* que se move horizontalmente;

4. Uma *eira;*

5. Um *cobêrto dos carros,* ou alpendre, onde, como o nome o diz, se guardam os carros de bois, e outras alfaias agrarias.

Fig. 3

Ao pé da eira fórma-se a *mêda,* piramide de *palha de milho,* d'onde esta se vai tirando pelo ano adiante para o gado. Póde ter 3 metros de altura, e $1^{m},5$ a 2 metros de diametro. Fórma-se acumulando as canas ou *palha* de milho em volta de uma coluna de pau, a que se encostam angularmente tres varas seguras por um arame. A uma mêda de *palha triga* ou *centeia,* formada de modo semelhante, mas de maior base, chama-se *barrela.* Quer a *barrela,* quer a *mêda,* tem um remate feito da mesma palha, chamado *corucho.*

A fig. 3 mostra-nos uma casa de caseiro, ensombrada por grande ramada ou latada, suspensa em *esteios* de pedra, de que se avista um, e junto da casa uma *cortêlha.* Esta palavra tem aqui a significação que noutras partes, por exemplo, na Beira-Alta, tem *cortêlho;* em Espòsende *cortêlho* é um campo pequeno de cultura.

Tudo aquilo de que tenho falado pertence á quinta da Seara, na frèguesia da Palmeira de Faro, concelho de Espòsende, onde de mais a mais ha um belo edificio para habitação, com escadaria exterior, e varanda soalheira.

As gravuras assentam em fotografias que me foram enviadas pelo meu amigo D.[or] Artur de Barros Lima, presentemente dono da quinta.

J. L. de V.

Pontão de segurar a tampa das caixas ou arcas

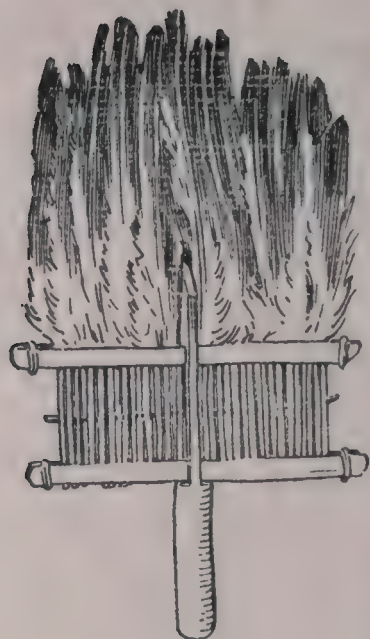
Quando se abre uma arca (ou um baú), e se deseja ter algum tempo aberta, para tirar qualquer cousa que lá esteja guardada, ou guardar outra, segura-se a tampa com uma haste de pau, ou des-

canso, que em algumas terras é artisticamente lavrada em parte da extensão.

Veja-se na figura junta um objecto d'estes, de Alcoutim, chamado *pontão* (desenho de F. Valença). As extremidades estão excavadas, para que a haste possa fixar-se numa das bordas da arca ou do baú, e noutra da respectiva tampa. Comprimento do *pontão*: $0^{m},32$.

J. L. de V.

ÍNDICE

Este número do *Boletim* contem 71 gravuras e 1 estampa.

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

DIRIGIDA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

N.º 4

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XXIX

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

BOLETIM

DE

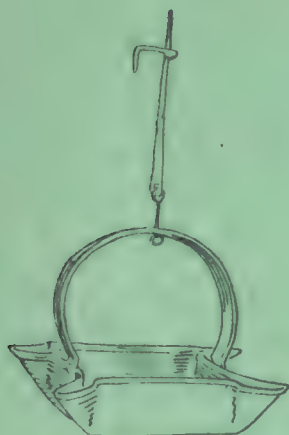
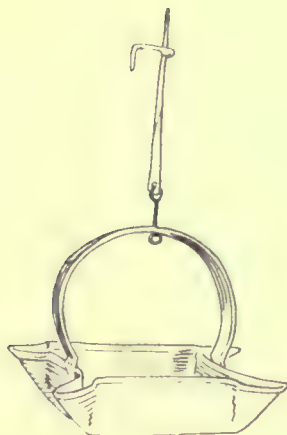
ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

DIRIGIDA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

N.º 4

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XXIX

A Antropologia portuguesa como fonte de investigação etnografica[1]

O ESTUDO SCIENTIFICO DA ANTROPOLOGIA começou, em Portugal, em 1857, ou mais exactamente em 1865: e quem quiser fazer com metodo a sua historia ha-de, primeiro de o apreciar no conjunto, isto é, na cronologia e no desenvolvimento interno, considerar em separado os três centros sociais em que o mesmo, ou sucessiva ou paralelamente, tem tido aceitação: Lisboa, Coimbra, Porto.

Antes de 1857 apenas se nos depararão cousas como as seguintes: observações avulsas, e em regra subjectivas, de medicos, corografos, historiadores, viajantes, etc., a respeito de caracteres fisicos, fisiologicos (temperamento, compleissão), patologicos e psiquicos, — do que, no decurso da presente obra, o leitor obterá amostras; artigos de vulgarização, sem importancia, por exemplo, no *Panorama,* 1842, «Anthropologia», de Ribeiro de Sá, pp. 320 e 362;

---

[1] Este artigo, redigido em 1928, faz parte da *Etnografia Portuguesa,* que o autor está escrevendo: Introdução, cap. III.

Abreviaturas aqui empregadas: *AP* (= *Archeologo Português*); *RL* (= *Revista Lusitana*); *RUC* (= *Revista da Universidade de Coimbra*); *TSPAE* (= *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*).

incompletas definições lexicais, por exemplo, no *Diccionario* de A. M. do Couto, de igual ano, o qual autor, ainda assim, foi talvez o primeiro que incluiu num dicionario português a palavra *Antropologia* em sentido «humano» (a princípio tomava-se só em sentido teologico).

Ajuntam-se nas linhas subseqüentes alguns apontamentos de historia e literatura antropologicas, que sirvam de orientação ao etnografo.

a) LISBOA:

Em 1857 (Decreto de 8 de Agosto) fundou-se na capital a Comissão dos trabalhos geologicos, de que era chefe Carlos Ribeiro, e a que pertenciam ao mesmo tempo o D.or Pereira da Costa, e Nery Delgado. A ela se devem não só trabalhos e publicações de Geologia, senão tambem de Arqueologia e Antropologia pre-historicas: cf. *Religiões da Lusitania*, I, 6–9. Entre as publicações de Antropologia pre-historica conta-se a de Pereira da Costa, *Da existencia do homem em epocas remotas no valle do Tejo*, 1.º (e unico) opusculo: «Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabêço d'Arruda». Temos nela, quanto sei, o mais antigo escrito de Antropologia publicado em Portugal.

Logo passados dois anos trouxe a lume Nery Delgado as *Grutas da Cesareda*, onde tambem se fala de Antropologia, e em virtude de grandes e fecundos esforços de Carlos Ribeiro, realizou-se em Lisboa, em 1880, um Congresso de Antropologia e Arqueologia pre-historicas, que impulsionou de novo os estudos antropologicos: *Gruta da Furninha*, de Nery Delgado (no *Compte-rendu* do Congresso); primicias de Paula e Oliveira (1880–1881), pouco depois, e tão cedo, arrebatado á Sciencia (vid. a lista dos seus trabalhos na *RL*, I, 386–388). É igualmente de 1880 a *Craneometria* de E. Burnay; de 1881 a *Anthropologia* de Oliveira Martins; de 1885 o 1.º volume das *Comunicações* da Comissão Geologica, onde ha várias dissertações paleoetnologicas; de 1886 o livro de Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, enriquecido com um estudo antropologico feito por De Quatrefages. Para o Congresso havia sido preparado na Comissão Geologica o Museu de Antropologia, que ainda existe, e que, ao lado de cranios e outros restos humanos, guarda copioso espolio arqueologico. Decerto não foi a fundação d'este Museu a menor vantagem que resultou da ideia de se celebrar em Lisboa o Congresso, posto que cronologicamente o precedesse!

O que até aqui se mencionou, concerne á Antropologia prehistorica, e a metodo antropologico, generalizações, e generalidades.

As primeiras investigações de Antropologia propriamente portuguesa partiram do D.or Ferraz de Macedo, que em 1882, sem dúvida instigado ainda pelo brilhantismo do Congresso de Antropologia e Arqueologia pre-historicas, reunido em Portugal dois anos antes, pediu autorização á Camara de Lisboa para medir certo número de cranios pertencentes aos Cemiterios oriental e ocidental: vid. o que

D.or Francisco Antonio Pereira da Costa
Geologo e Antropologo († 1889)[1]

escreveu nos *Varios ensinamentos,* Lisboa 1882, pp. 25–36, 349–393. O resultado das medições acha-se consignado nas «Taboas antropometricas», manuscritas, que, por falecimento do autor (1907), ficaram pertencendo á Faculdade de Sciencias de Lisboa; das mesmas oferecêra ele um extracto a Estacio da Veiga, que o inseriu em 1887 nas *Antiguidades monument.,* II, 492–493. Acêrca da vida e trabalhos

---

[1] Na gravura reproduz-se uma fotogravura existente no Museu Etnologico Português.

literarios de Ferraz vid.: *Portugalia,* II, 481 (F. Cardoso); *AP,* XIII, 186; *O anthropologista Ferraz de Macedo,* por Costa Ferreira, Lisboa 1908; *TSPAE,* IV, 85 (Bethencourt Ferreira). Cf. tambem *Revista*

D.or Francisco Ferraz de Macedo
Médico e Antropologo († 1907)[1]

de Sc. nat. e soc., II, 185–189. Ferraz dedicou-se com particular afinco á Antropologia criminal. Tanto em trabalhos que publicou sôbre esse assunto, por exemplo, *Crime et criminel* (1892), *Bosquejos de Anthropologia Criminal* (1900), Os *criminosos* «evadidos do Li-

---

[1] Gravura extraída do opusculo de Costa Ferreira, intitulado *O Anthropologista F. de Macedo* (vid. supra).

moeiro em 1847» (1901), como noutros, por exemplo, *Luzitanos e romanos em Villa Franca de Xira* (1893), dá-nos sempre algo de Antropologia nacional, — ainda que o que no último trabalho se lê de Lusitanos deverá pôr-se de reserva. A secção antropologica do Museu Zoologico e Antropologico de Lisboa, ou Museu de Bocage, pertencente á Faculdade de Sciencias, onde ha centenares de cranios portugueses, identificados, foi organizada por ele.

Costa Ferreira, amigo íntimo de Ferraz de Macedo, a quem apelidava de «mestre» (opusc. cit., p. 15), diz d'ele que com justiça se

Arruda Furtado

Antropologo e Etnografo († 1887)[1]

lhe chamará «o patriarcha da Anthropologia portugueza» (*ibid.*, p. 3), no que o acompanha Bethencourt Ferreira (in *TSPAE*, IV, 84–85). Acrescenta Costa Ferreira que foi nas observações e medidas feitas por Ferraz de Macedo que, tanto Alvaro da Silva Basto, como ele proprio, se basearam para escreverem as memorias que respectivamente escreveram sôbre o indice cefalico e a capacidade craniana dos Portugueses. Como discipulos de Ferraz, ou auxiliados scientificamente por ele, se declaram do mesmo modo Sant'Ana Marques, e Gonçalves Lopes.

---

[1] Na gravura reproduz-se um retrato que o D.or Carlos Arruda Furtado, filho do Antropologo, emprestou ao autor da presente obra.

Retomando a ordem cronologica que iamos seguindo, e que foi necessario interromper, encontramos agora outro antropologo, que, como Ferraz, trabalhou sòzinho: Arruda Furtado, o qual em 1884 publicou em Ponta Delgada *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos* («Observações sobre o povo michaelense»), seguidos, em 1886, de *Notas psychol. e ethnol. sobre o povo português.* Cf. *RL,* I, 386, onde porém a data do obito de Arruda saiu errada: «1877», em vez de «1887». Nos *Materiaes,* além da parte antropologica, anunciada no titulo, ha uma parte etnografica.

Em 1893 fundou-se o Museu Etnologico Português. Uma das secções d'ele destina-se á Antropologia, secção que, todavia, por muitos motivos, não adquiriu o desenvolvimento das restantes. Vid. *Hist. do Museu,* pp. 259–260 e 430–431, e cf. supra, pp. 000 e 000. Aos cranios antigos do Museu Etnologico se refere Sant'Ana Marques numa obra que adiante se cita (*Distribuição do indice cephalico, etc.*).

Ha pouco se aludiu a Costa Ferreira. Este antropologo principiou a escrever de Antropologia portuguesa em 1898, em Coimbra, cuja Universidade então freqüentava, e onde estudou Antropologia com o Prof. Bernardino Machado, que o iniciou na mesma sciencia. Por tal motivo o nome de Costa Ferreira poderia exclusivamente ser posto na secção *b,* respectiva a Coimbra; contudo incluí-o de preferencia nesta secção *a,* porque o nosso antropologo, exceptuando breves estadas em Paris, fixou-se em Lisboa em 1907, e aqui exerceu os cargos de Assistente-voluntario de Anatomia (1917), de Naturalista do Museu de Bocage e 2.º Assistente-efectivo de Anatomia (1919), e de Professor-livre de Anatomia Antropologica (1921). Da sua biografia e escritos, e do que mais importante se publicou a respeito d'ele depois da morte, ocorrida em 1922, tratou o D.or Victor Fontes no *Arquivo de Anatomia e Antropologia,* VIII, 563–595, e reporta-se a outros artigos do mesmo assunto (do D.or H. de Vilhena, etc.). Especificarei alguns dos trabalhos de Costa Ferreira: *Négroïdes préhistoriques en Portugal* (1907), *Crânes préhistoriques du type négroïde* (1908), *Contribuição antropologica para o estudo de alguns cemiterios antigos de Portugal* (1913), *Sur quelques crânes de l'Alemtejo et de l'Algarve* (1909), *Mésaticéphales du Sud de Portugal* (1910), *Cranios portugueses* (3 opusculos: 1898–1899), *La capacité du crâne et la composition ethnique probable du peuple portugais* (1903), *La capacité du crâne et la profession chez les Portugais* (1903), *La capacité crânienne chez les criminels portugais* (1905), *O povo português sob o ponto de vista antropologico* (1909).

Os outros dois discipulos, ou amigos, de Ferraz de Macedo, de que supra se indicaram os nomes, isto é, Sant'Ana Marques, e Gonçalves Lopes (hoje falecido), publicaram, o primeiro: *Estudo de Anthropometria portuguesa* (1898), *Distribuição do indice cepha-*

D.or Antonio Aurelio da Costa Ferreira
Medico e Antropologo († 1922)[1]

lico em Portugal (1909); o segundo: *Os Beirões*, «estudo antropologico» (1900).

Um dos primordiais actos, e mais notaveis, do Govêrno da Republica Portuguesa consistiu na reforma da instrução pública, decretada em 19 de Abril de 1911, do que resultou criar-se, melhor devia eu dizer, restaurar-se, a primitiva Universidade de Lisboa.

[1] Gravura reproduzida (com a devida venia) do *Arquivo de Anatomia e Antropologia* do Prof. H. Vilhena, vol. VIII (cf. supra).

Falo em *restaurar-se,* porque já aqui havia sido fundado em 1290, por D. Denis, como é sabido, um Estudo Geral, ou Universidade, que depois passou para Coimbra, restituindo-se em 1308 á capital, onde funcionou passante de dois seculos, isto é, no periodo mais estrondoso da nossa historia, e só voltando definitivamente para as margens do Mondego em 1537. Com a aludida reforma da instrução ficaram pois coexistindo, não rivais, mas amigas uma da outra, duas Universidades: a de Coimbra, herdeira da antiga olisiponense; e a moderna de Lisboa. A par criou o citado Decreto terceira, no Porto.

Em 12 de Maio de 1911 novo Decreto organizou as Faculdades de Sciencias, e não esqueceu os estudos antropologicos, pois deu uma cadeira de Antropologia ás Faculdades de Sciencias de Lisboa e Porto; em Coimbra já havia uma, como logo se verá. Devendo apenas ocupar-me agora de Lisboa, direi que a recente cadeira a regeu de princípio o Prof. Baltasar Osorio, a quem, depois que falecêra, sucedeu o Prof. Artur Ricardo Jorge. De 1926 a 1928 foi regida pelo primeiro Assistente, D.or Frade Viegas da Costa, que a rege ainda.

Em 1912 saiu á luz, como orgão do Instituto de Anatomia de Lisboa (Faculdade de Medicina), o vol. I do já citado *Arquivo de Anatomia e Antropologia,* dirigido pelo Prof. H. de Vilhena. Neste *Arquivo* têm aparecido, de Antropologia, ou de assuntos relacionados com esta sciencia, além do trabalhos do Director, outros de Costa Ferreira, Mendes Corrêa, Joaquim Fontes, etc. Á data em que escrevo (fins de 1928), estão publicados onze volumes, sendo o XI de 1927.

Ao mesmo tempo que o Decreto de 1911 atendeu aos estudos antropologicos, atendeu aos etnologicos, estabelecendo nas Faculdades de Letras das três Universidades cadeiras de Etnologia. Os respectivos professores tratam naturalmente algumas materias antropologicas.

b) Coimbra:

O ensino oficial da Antropologia começou em Coimbra em 1885, em que uma Carta de Lei criou na Faculdade de Filosofia da Universidade uma cadeira de *Antropologia, Paleontologia humana e Arqueologia prehistorica,* em substituïção da de Agricultura, que lá existia. O respectivo projecto de Lei deve-se aos D.rs Bernardino Machado, e Corrêa Barata. Estava então ainda muito viva na mente dos nossos homens de letras e de sciencia a lembrança do Congresso de Lisboa, de 1880, e continuava pois a produzir frutos.

A cadeira inaugurou-se no ano lectivo de 1885-1886, sendo o D.or H. Teixeira Bastos quem primeiro a regeu, como Professor

substituto. Seguiu-se-lhe como Professor proprietario o D.or Bernardino Machado, e a este o actual Professor catedratico D.or Eusebio Tamagnini. A cadeira, como vimos acima, p. 12, ficou posta paralelamente ás de Lisboa e Porto, criadas pela reforma de 1911.

Da actividade dos alunos, na primeira fase da cadeira, isto é, na regência e sob o incitamento do D.or Bernardino Machado, dá

D.or Bernardino Machado

Primeiro Professor proprietario da primeira cadeira de Antropologia que houve em Portugal, e que a ele principalmente se deve. Foi tambem o D.or Bernardino Machado quem, por Decreto de 23 de Dezembro de 1893, criou o Museu Etnologico Português[1].

conta um volume de 320 páginas, de dissertações, intitulado *Aula de Anthropologia*, vol. I (e unico), Coimbra 1904. Abrange dissertações que vão de 1885 a 1904. De algumas, ou de todas, se fizeram edições separadas. Foi pena que não se publicassem outras disser-

---

[1] (Com o titulo de «Etnográfico»). A gravura reproduz um retrato que o S.or D.or Bernardino Machado ofereceu ao autor da presente obra em 1895, pouco tempo depois da criação do Museu.

tações. Naquele volume se inclue o trabalho de Silva Basto a que acima, p. 9, se aludiu, acêrca dos indices cefalicos, e tambem o de Costa Ferreira sôbre cranios portugueses, pois como se disse supra, secção *a,* Costa Ferreira começou em Coimbra os seus estudos antropologicos.

Em 1898 fundou-se na mesma cidade uma Sociedade de Anthropologia, já planeada em 1896, em sessão do Instituto de Coimbra, presidida tambem pelo D.^or^ Bernardino Machado: vid. os *Estatutos,* Coimbra 1899, p. 3, nota. Esta Sociedade ainda dura, mas com pouca vida, como me informou um dos seus mais ilustres membros.

Á cadeira de Antropologia está anexo um Museu, um Laboratorio, e um Instituto de Antropologia. Aquele começou a organizar-se em 1890: vid. *O Instituto* (revista), xli, 44. Consta de cranios, e esqueletos, e tambem de artefactos de várias proveniencias (etnografia colonial, etc.). Antes de 1890 já havia alguns objectos referentes a Antropologia e sciencias correlativas, mas estavam distribuidos por várias salas: *ibidem.*

No ano lectivo de 1908–1909 abriu-se na Faculdade de Sciencias um curso de Antropometria, de que se publicou o programa na *RUC,* i, 203. Não se mencionou o nome do Professor.

Sendo dificil relatar aqui quanto de Antropologia se tem feito ou publicado em Coimbra sob a egide da veneranda e vetusta Universidade, remete-se o leitor para a *Revista* que a mesma publíca, e ha pouco citada, onde tem aparecido uns tantos artigos sôbre o assunto: por exemplo, vol. ii (Ribeiro Gomes), iii (Barros e Cunha), iv (Tamagnini), v (Tamagnini & Vieira de Campos), ix (Costa Ferreira), x (A. Themido). Tambem no *Instituto* (revista), da Sociedade de igual nome, ha varios trabalhos, do vol. xliv (1897) em diante, de AA. já mencionados nesta resenha da literatura antropologica portuguesa, e de outros.

Como sucessora da *Aula de Antropologia* (trabalhos dos alunos), de que antes se falou, encetou ultimamente o Instituto de Antropologia a publicação de uma serie de *Contribuições para o estudo da Antropologia portuguesa,* que até 1926, data do último fasciculo publicado, constava de: vol. i, fascs. 1 e 2, vol. ii, fascs. 1 a 4: separatas da *Rev. da Universidade.* Segundo indicações que recebi do Instituto, este tem para sairem do prelo, ou em preparação, varios trabalhos dos D.^rs^ Tamagnini, Barros e Cunha, e A. Themido. Alem d'isso, o mesmo Instituto conserva ainda ineditos muitos outros (sôbre indices cefalicos, pigmentações, etc.).

Vid. tambem: de A. A. Themido: *Sobre um quadro padrão para a diagnose sexual nos humeros portugueses*, 1925; *Le trou marginal ou perforation osseuse sus-épitrochléenne*, 1926; de Barros e Cunha: *Sur les différences sexuelles dans les indic. céphal. horizontal, vertic.*

Fonseca Cardoso

Oficial do Exercito e Antropologo († 1912)[1]

et vertico-transvers., 1927; *Observações sobre a população do Algarve oriental*, 1927; *Quelques nouvelles observations sur les crânes préhist. de Cascaes*, 1928.

c) PORTO:

Por 1887 organizaram no Porto varios moços, entusiastas da Sciencia, uma Sociedade intitulada «Carlos Ribeiro», que tinha como um dos seus alvos o estudo da Antropologia. Vid.: *Rev. de Sc. nat. e soc.*, I, 199 (R. Peixoto), e *AP*, XVIII, 203 (J. Fortes). D'entre os aludidos moços apreciavam dois particularmente a Antropologia: Ricardo Severo, e Fonseca Cardoso. A mesma Sociedade começou

---

[1] Gravura extraída do *AP*, XVIII, 201 (cf. adiante).

a publicar em 1889–1890, como orgão proprio, a *Revista* agora citada, de que sairam a público cinco volumes; o último data de 1898. Nela porém a Antropologia portuguesa teve quasi nenhum cabimento; só outras sciencias, como a Etnologia, estão aí um tanto representadas. A Sociedade veio depois a extinguir-se.

Para seguidamente acharmos melhor representada no Porto a Antropologia, devemos consultar a *Portugalia* («Materiaes para o estudo do povo portuguez»), que principiou a ver a luz nessa cidade em 1888–1889, e durou até 1908: dois volumes. Fôra seu fundador e director Ricardo Severo, que associou a si Rocha Peixoto (redactor-chefe), e Fonseca Cardoso (secretário da redacção). Apareceram na *Portugalia,* além de artigos menores (I, 338, 598), os seguintes trabalhos antropologicos: «O Minhoto d'Entre Cávado e Ancora», «Castro Laboreiro», «O Pòveiro», por Fonseca Cardoso; e «O ossuario da frèguesia de Ferreiró», pelo mesmo, de colaboração com Ricardo Severo.—Em 1908 deu a lume Fonseca Cardoso um conspecto de «Antropologia portuguesa» nas *Notas sobre Portugal,* I, 58–72: como penso, o seu último trabalho antropologico. Fonseca Cardoso faleceu em Timor em 1912. Vid. a biografia, com o retrato, no *AP,* XVIII, 201–205 (J. Fortes).

Com haver cessado de publicar-se a *Portugalia,* não acabou de todo na cidade o gôsto da Antropologia, antes em breve se reacendeu.

Acima se disse que no Porto estabelecêra o Govêrno em 1911 uma Universidade, que foi constituida em parte com escolas que ali pre-existiam. A ela se agregaram depois outros estudos. Da nova Universidade ficou sendo elemento integrante, como em Lisboa e Coimbra, uma Faculdade de Sciencias, com uma cadeira de Antropologia, para a qual se decretou no mesmo ano a fundação de um Museu, que porém só começou a organizar-se em 1913, e consta de três secções: Antropologia, Arqueologia e Etnografia. Como complemento d'estes estudos criou o Govêrno em 1923 um especial Instituto de investigação scientifica de Antropologia. Tambem na referida Faculdade ha um Laboratorio antropologico.

Escolhido para reger a cadeira de Antropologia o D.or A. A. Mendes Corrêa, que tinha para isso preparação médica, inaugurou o seu ensino logo em 1911, como Assistente, passando a Professor proprietario em 1921. Foi tambem ele o nomeado para organizar e dirigir o Museu e o Instituto. Mãos á obra,—ou ás obras! e ei-lo, desde 1912, data do seu primeiro trabalho (*Indice cephalico dos criminosos*) até o presente, a publicar trabalhos após trabalhos sôbre

Antropologia geral, Antropologia nacional, Antropologia criminal, a Antropologia nas suas relações com a Arte, etc. Como mais importantes para o nosso intuito, particularizarei os seguintes:

— *Antropologia,* Porto 1915, por ser um resumo das lições professadas pelo A. na sua cadeira, ainda como Assistente, e porque a generalidades (conceito da Antropologia, etc.), indicações do metodo antropologico, origem do homem, classificação das raças humanas, e outros assuntos, agregou um capitulo consagrado á Antropologia portuguesa;

— *Os povos primitivos da Lusitania,* Porto 1924, por conter um resumo do que o A. publicára até então a respeito de Portugal, e porque na obra se expõem muitos factos e ideias que ele ainda não havia exposto antes. Veja-se principalmente o cap. VIII («Raizes profundas»), e o cap. VII, em que se faz um ensaio retrospectivo, e se esboça a antropologia fisica do Português actual.

Posteriormente aos *Povos primitivos* trouxe a público Mendes Corrêa: *Essai sur l'Ethnologie pré-romaine du Portugal,* 1925 (separata da *Rev. d'Anthropologie*); *O problema eugenico em Portugal,* 1828 (separata do *Congresso Nacional de Medicina,* Porto).

Não se tem circunscrito a actividade do nosso autor em ensinar ou escrever. Á sua iniciativa se deve a fundação de uma agremiação scientifica (1919), com sédo no Porto, e denominada «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», com estatutos aprovados em 1918, a qual publíca uma revista, *Trabalhos da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia,* até agora (1928) três volumes, estando o 4.º em comêço. Contém, por exemplo, artigos de Mendes Corrêa, Alfredo Ataíde (Assistente de Antropologia), Santos Junior, e uma secção bibliografica destinada a informar o leitor dos progressos da Antropologia portuguesa e geral. Ao mesmo tempo que Mendes Corrêa ensina, e escreve, — e subentende-se que, para escrever e ensinar, precisa de colhêr materiais para o Museu, e dar-se a trabalhos de laboratorio —, instiga os alunos a produzirem dissertações baseadas em investigação original, algumas depois entregues ao prelo: vid. o mencionado Santos Junior, in *TSPAE,* vol. II («Estudo antropologico e etnografico da população de S. Pedro do Mogadouro», de que se fez edição separada, Porto 1924), e A. Medina na *Rev. dos estudos da Univ. do Porto,* vol. I («Cranios portugueses: relações cranio-faciais»). Já em 1922 se apresentaram ao Congresso luso-hespanhol as conclusões de vinte trabalhos originais de alunos do curso de Antropologia da Universidade do Porto, como consta do *Curso de Antropologia da Universidade do Porto,*

2

do nosso autor, Porto 1922. Vid. tambem o mesmo in *TSPAE*, III, 18–42.

Outro Instituto scientifico portuense, que contribue para os estudos antropologicos (e etnograficos) é o de Anatomia, da Faculdade de Medicina, dirigido pelo Prof. J. A. Pires de Lima, que no abrilhantamento d'ele, isto é, no enriquecimento do respectivo Museu, e no estímulo, instrução, e exemplo dados aos alunos tem posto sempre o maior empenho.

A súmula geral dos trabalhos de investigação anatomica executados desde 1911, em que eles começaram mais activamente, até 1925, data das festas do 1.º centenario da mesma Faculdade, consta do opusculo publicado por ocasião d'essas festas com o titulo de *O Instituto de Anatomia:* vid., no que toca á Antropologia e Etnografia, o cap. I, pp. 13-20 (Alfredo Ataíde, Costa Santos, E. Valença, J. A. Pires de Lima, etc.).

De 1925 em diante, novos trabalhos sairam do Instituto de Anatomia, por exemplo: de Constancio Mascarenhas (Assistente), *Le ptérion chez les Portugais;* de Hernani Monteiro & Amandio Tavares, *Sur l'occipitalisation de l'atlas chez les Portugais;* de Luís de Pina, *Le muscle présternal chez les Portugais.*

Em teses ou dissertações apresentadas á Faculdade de Medicina, por Costa Santos, *O angulo facial dos cranios portugueses* (1924), E. Valença, *A fronte nos Portugueses* (1925), A. J. da Cunha, *Camptometria nos cranios portugueses* (1926), os autores manifestam-se reconhecidos ao auxílio que receberam dos dois Institutos. Outro trabalho apresentado á Faculdade de Medicina do Porto é o de D. Adelia Seirós da Cunha, intitulado *Grupos hemáticos nos Portugueses,* Porto 1926, cujo valor é enaltecido pelo D.^or^ Santos Junior in *TSPAE,* IV, 110–112.

Com o titulo de *Revista de Antropologia criminal* iniciou-se em 1902 uma publicação do antigo Posto antropometrico portuense; porém teve vida efémera. Este Posto chama-se hoje Repartição de Antropologia criminal, e está a cargo do já várias vezes mencionado D.^or^ J. A. Pires de Lima, Professor da Faculdade de Medicina.

*

Do que fica dito infere-se que na historia da Antropologia nacional se distinguem três fases: 1) de 1857(–1865) a 1880, ou dos primordios; 2) de 1880 a 1911, como conseqüencia da ideia que motivára a celebração do Congresso de Lisboa, e da propria realiza-

ção d'este; 3) de 1911 para cá, ou fase moderna, resultante da reforma da instrução pública. Alguem desejaria acaso levar a 2.ª fase apenas até 1885, ano em que se instituiu em Coimbra o ensino oficial da Antropologia, e fazer começar a 3.ª nesse ano. Os especialistas que julguem[1].

Não obstante faltar fazer ainda muitas investigações parciais, em todo o sentido, e resolver dificeis problemas impendentes, alguma cousa importante, como fica dito, se tem cá feito, — e o etnografo colhe desde já na literatura antropologica portuguesa elementos que o esclarecem a certos respeitos, e subsidios indispensaveis: por exemplo, no que toca á nossa génese, aos nossos caracteres somaticos e fisiologicos, e ás subdivisões do povo.

J. L. de V.

Objectos feitos de cabaço e cabaça

Nos usos populares encontramos a cada passo objectos de caracter primitivo, de cujo estudo podemos ás vezes concluir quais seriam muitos que devia haver em tempos pre-historicos, mas de que nos faltam amostras directas. Nas figuras seguintes representam-se objectos actuais d'esse caracter:

Fig. 1 — Funil feito de uma cabaça, para passar vinho de uma vasilha grande para uma pequena (Tolosa). Comp. 0m,21. N.º de entrada 6:616, do catálogo 406.

Fig. 2 — Recipiente feito d'outra cabaça, para ter os fosforos em casa («cabaço dos lumes», — ou cabaça? Baixo-Douro). O suspensorio da parte superior é a propria haste da cabaça. Alt. 0m,267. N.º de entrada 2:519, do catálogo 1:918.

Fig. 3 — Recipiente feito de cabaço, para ter garfos, geralmente garfos de ferro (Baião). Chama-se «cabaço ou *colondro* dos garfos». Comp. 0m,39. N.º de entrada 5:435 *bis*, do catálogo 1:899.

Fig. 4 — *Cabaço* de tirar agua, de cabo muito comprido, fixo no cabaço por uma travéssa interior (Caldas da Rainha). Cf. *His-*

---

[1] O meu amigo e colega D.or A. A. Mendes Corrêa, que fez o favor de ler todo este artigo, assim que o escrevi, disse-me concordar plenamente com a divisão tripartita.

toria do Museu Etnologico, p. 228. Comp. do cabo 1^{m},84, do cabaço 0^{m},54. N.º do catálogo 420.

Fig. 5 — *Botelho* ou recipiente para pimenta em pó, com tampa de cortiça (Medelim). Alt. 0^{m},13. N.º do catálogo 1:925.

Fig. 6 — *Cabaço* para azeitonas. Tem como ornamentação no

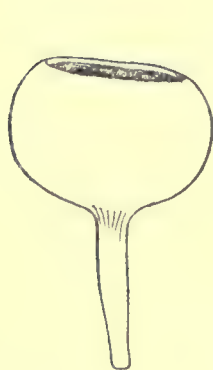
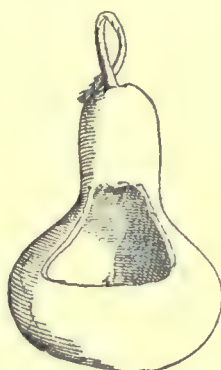
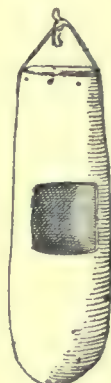



Fig. 1 Fig. 2 Fig. 3

bojo o escudo das quinas, encimado de uma coroa, que se entende ser coroa real. Tampas de cortiça, uma na parte superior, maior, outra na inferior, menor, — aquela com um preguinho de ferro que serve de puxador. Propriamente feito de meia cabaça. Alt. 0^{m},112. N.º do catálogo 1:928.

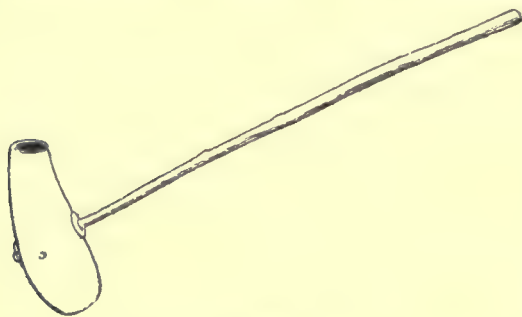



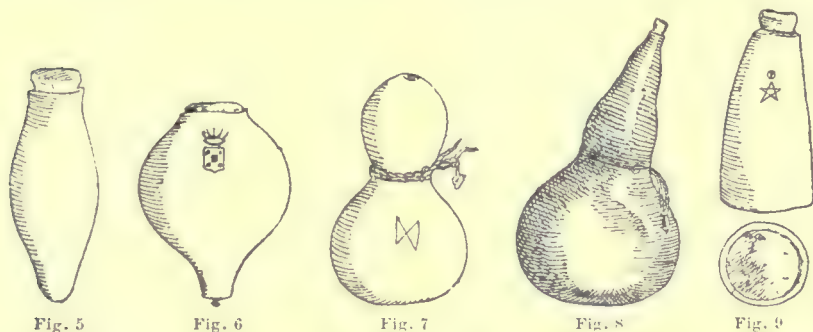
Fig 4

Fig. 7 — Cabaça ordinaria para vinho (Baixo-Douro). Tem no bojo inferior uma marca (dois triangulos ligados pelo vertice). No colo da cabaça ha um cordão para ela poder andar suspensa. Alt. 0^{m},145. N.º de entrada 5:518, do catálogo, 1:906.

Fig. 8 — Outra cabaça com rôlha de cortiça. Está achatada artificialmente, o que se efectuou durante o crescimento, pondo-a entre talas (Castelo Novo). Alt. 0^{m},182. N.º do catálogo 1:919.

Fig. 9 — *Cabaço* para sal. O fundo é formado por uma roda de cortiça. A abertura superior tem uma tampa ou rôlha da mesma

substancia. No bojo vê-se um pentalfa ou signo-saimão, encimado de um ponto; este sinal mágico tem por fim evitar que alguem faça

Fig. 5 Fig. 6 Fig. 7 Fig. 8 Fig. 9

maleficio no sal. Cf. *O Arch. Port.*, XXIII, 240. Alt. 0^{m},10. N.º do catálogo 1:926.

*

Todos os objectos que ficam descritos e desenhados pertencem ao Museu Etnologico Português. O catálogo de que se fala é o do mesmo Museu.

J. L. de V.

Etnografia colonial

I

Quando eu regi, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a cadeira de Arqueologia, costumava ás vezes, para explicar objectos pre-historicos ou proto-historicos, mostrar objectos similares usados por selvagens, ou reproduções: metodo etnografico. Adiante se publicam algumas d'estas, segundo fotografias que me comunicou o S.or Pereira, de Paderne (Melgaço), e informações que me deu o S.or D.or Artur de Barros Lima. Nem todas as reproduções que obtive se destinavam ao intuito indicado, mas creio não ser inutil agregá-las ás restantes.

A. — Africa Ocidental

1. Preto de Angola (Benguela), de turbante, o que representa influencia maometana.

2. Caçador Quissama (Angola) que tem na mão direita uma azagaia, provida inferiormente de penacho, que serve para ajudar o mo-

Fig. 1

Fig. 2

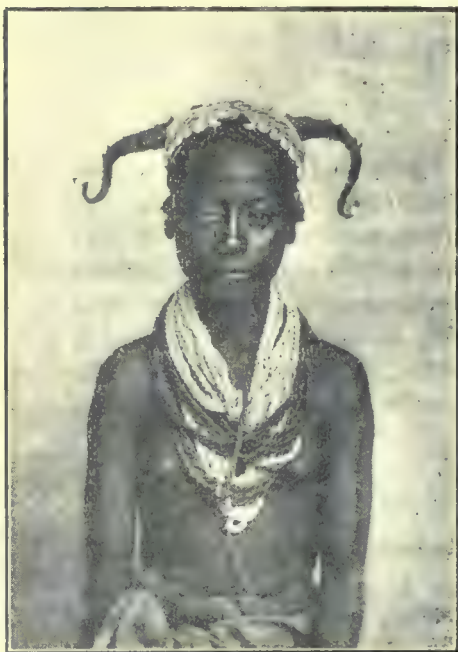



Fig. 4

Fig. 5

vimento de arremêsso. Á cinta tem uma bôlsa ornamentada, na posição em que anda a cartucheira dos nossos soldados.

3. Preto montado em boi-cavalo, em viagem pelo interior de Angola. Assim se viaja vulgarmente. O cavaleiro leva na cabeça um barrete, tomado dos costumes maometanos.

4. Rapariga solteira, de Novo-Redondo (Angola): tem colares de

Fig. 3

conchas ao pescoço. Toucado: cabelo enrolado a modo de dois chifres, e tornado consistente com auxilio de pomadas e oleo.

5. Rapariga solteira de Angola: tem tambem colares de conchas ao pescoço, e no braço um bracelete de arame. Toucado: cabelo calamistrado, e consistente tambem com oleo e pomadas.

6. Mulher casada, do Humbe (Angola). Usa coifa, *vel simile*, que lembra um enfeite egipcio.

7. Preta do Humbe (Angola). Tem na cabeça um enfeite que lembra asas de borboleta; talvez enfeite de festa.

8. Mulher de Libolo (Angola), com *quito* de azeite. O *quito* é feito pelos pretos. A mulher usa xorcas na parte inferior das pernas.

9. Preta do litoral de Angola, no acto de dar de mamar a uma criança. Esta costuma-a trazer ás costas, mas aqui tem-na por diante, para comodidade da amamentação. Pois que a mama é grande e comprida, permite que a criança mame de lado.

Fig 6

Fig. 7

Fig. 8

Fig. 9

Fig. 10

Fig. 11

Fig. 18

10. Familia de pretos de Benguela. Cinco das pessoas que estão de pé, e uma das crianças sentadas, têm á cabeça esteiras e sacos de manufactura indigena.

11. Familia do Zaire (Angola), junto de uma palhota. Na extremidade da esquerda do observador está um manipanso com *relicario* (?) ao peito. Pelo chão vê-se loiça indigena e europeia.

Fig. 19

12. Pescador da ilha de Loanda (Angola), que trabalha em rêde numa palhota de canas forrada de barro e lodo (como nos tempos

Fig. 12

calcoliticos). Na costa oriental chamam-se tais habitações *palhotas maticadas;* são sempre assim, por confôrto, de Zanzibar para cima.

B. — **Africa Oriental**

13. Preto de Inhambane (Moçambique), com cabelo rapado atrás, e poupa adiante. A operação de rapar faz-se com um vidro. Cf. o meu livro *A barba em Portugal,* Lisboa 1925, pp. 21–22.

14. Preto de Téte (Zambezia Alta, Moçambique), com penteado resultante de rapagem feita com vidro (rapagem parcial). O preto está sentado numa cadeira, vendo-se as bordas das costas d'ela atrás dos braços do preto.

Fig. 13

Fig. 16

Fig. 15

Fig. 14

Fig. 17

15. Muleque de Quelimane (Zambezia, Moçambique). Leva no ombro direito, amparada pelas duas mãos, uma bilha cafreal, isto é, feita pelos pretos, de barro vermelho.

16. Caçador de elefantes (Zambezia, provincia de Moçambique); talvez *cipai*.

17. Palhota situada na margem direita do Chue (Manica, provincia de Moçambique).

18. Povoação indigena da Zambezia Baixa.—Vid. p. 26.

19. Mulheres que pilam arroz com pilões (Zambezia, Moçambique). Emquanto elas trabalham, os homens costumam descansar, quando não vão servir, ou não andam na guerra. Por detrás vê-se uma palhota entre coqueiros. É curioso observar que, como são árvores altas, dois d'eles têm degraus entalhados para se subir a apanhar o côco (tipo de escada primitiva, semelhante ás que usam no interior do Alentejo, as quais porém não são talhadas na propria árvore, mas num pau que se lhe encosta).—Vid. p. 26.

20. Grupo de indigenas das margens do Chue (Moçambique). No chão vêem-se cestos de fibra vegetal com raiz de mandioca, alimento predilecto dos pretos. O muleque, que está de pé, conduz ás costas uma *cangarra*, especie de gaiola para levar galinhas, feita de vêrga; tem a cabeça rapada com poupa na frente (á *pierrot*), e vai quasi todo envolvido num pano, á moda arabica, em vez de levar tanga (*capelana*). Todas as mulheres têm xorcas ao pescoço,

Fig. 20

e nas pernas ou nos braços. O preto que está sentado á direita do observador mostra, atravessado sôbre os joelhos, um cachimbo.

II

Objecto de madeira usado pelos Macondes, que habitam o Norte (Nyassa), na provincia de Moçambique

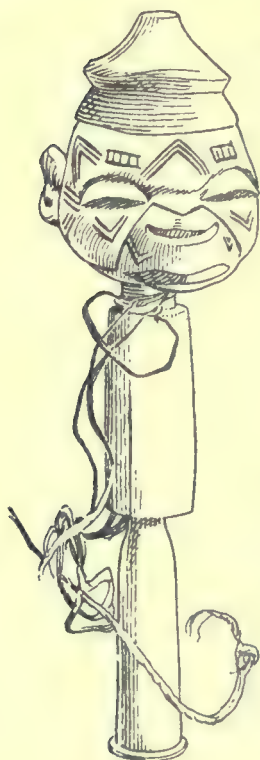



Fig. 21

Representa uma cabeça humana, pescoço e tronco, sem braços. Adaptou-se-lhe na parte inferior uma capsula de bala de espingarda, em que anda polvora, ou tabaco para se mascar. A figura tem na cabeça um chapelinho do feitio de tronco de cone, e ao pescoço um fio vegetal, para suspensão, o qual se prolonga muito pelo boneco a baixo. O mais curioso d'este é o prognatismo da face, muito bem especificado, e a tatuagem de que a adornaram, formada de linhas rectas, dispostas de diversos modos.

Este objecto, pertencente hoje ao Museu Etnologico, foi-me oferecido pelo meu amigo o S.or Fernando Canedo, Capitão de Infantaria, que o trouxe de Africa.

Vid. a fig. 21: um terço do tamanho natural (desenho de F. Valença).

J. L. de V.

Etnografia do Cadaval

Quem diz Cadaval, diz Extremadura Cistagana. Nada ha ali que não se encontre, mais ou menos, noutros concelhos da provincia: por isso, com o titulo do presente artigo quero apenas significar que as cousas, cuja notícia constitue este, foram observadas no Cadaval, propriamente no Peral, lugar pertencente ao mesmo concelho.

1. *Cabana* ou *acabana* (fig. 1):

Arma-se no campo, ao pé de uma eira, de um meloal, etc., para o respectivo guarda dormir, e tambem para aí se guardarem petrechos agrarios. O povo pronuncía *acabana;* «durmo *na acabana,* vem *da acabana*».

Fig 1

Temos primeiramente dois *esteios* ou *espeques* encruzados á frente, e presos um ao outro com um atilho, vimes, por exemplo; do ponto de cruzamento parte para trás uma trave ou *trísia* (isto é, *trísia de cima*), que, ou pousa obliquamente no chão (o mais usual), ou noutro cruzamento de esteios paralelos aos primeiros. As paredes da cabana são formadas por tres ou mais varas, dispostas paralelamente á trave, chamadas *trísias dos lados,* e atadas do mesmo modo; a elas se encostam giestas, fetos, caniços, ou palha de milho, colocando-se por fóra outra ordem de trísias que apertam este chumaço contra as primeiras, e o mantêm na devida posição. As varas são de pinho, salgueira, etc. Não entra aqui prego algum, o que dá á construção aspecto muito primitivo.

Quando acontece existir perto da eira uma árvore, a cabana encosta-se a ela posteriormente, quer haja dois pares de espeques, quer só um.

2. *Duas casas de habitação, contiguas* (fig. 2):

A da esquerda do observador tem *varanda* de parapeito e escada dupla, uma de cada lado, e dirigidas ambas para a rua pública.

Fig. 2

Este tipo encontra-se freqüentes vezes noutras terras. A casa do Peral, de que se está falando, apresenta chaminé alta, de base redonda.

A casa da direita tem tambem *varanda*, mas com escada unilateral, mais baixa que a de cima. A chaminé piramidal, de base quadrangular.—Ao lado da escada fica a *pocilga*, encostada á parede, onde está o porco, de dia e de noite: é um telheiro, de pequeno tamanho, com vedação, porém, até meia altura, formada de tábuas paralelas entre si, um pouco afastadas umas das outras.

Ambas as casas são caiadas, como é usual nas povoações do Sul de Portugal.

Por estes sitios a *varanda* não é corrida, nem de balaustres de madeira, como no Norte e no Centro (Beira): compõe-se apenas de um *patim* com *guardas* ou *encôsto* de alvenaria ou com grades de ferro. Corresponde ao que noutras localidades se chama *balcão*, *peitoril*, etc. Aqui chama-se *peitoril* a uma tábua assente na parte superior da cantaria da janela, e onde se encosta o *peito* de quem aí está ao pé.

3. *Casa baixa* (fig. 3):

Uma das entradas tem um postigo na porta; outra entrada tem *meia-porta,* que fica adiante da porta verdadeira. Ao lado da primeira

Fig. 3

fica o *poial,* espécie de bancada una, onde as pessoas se sentam para tomar o fresco ou descansar, e onde tambem podem pousar-se transito-

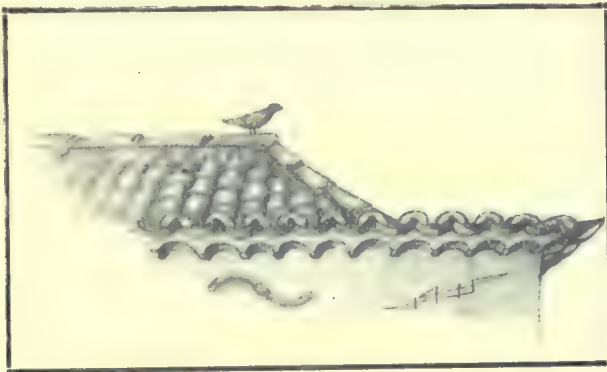



Fig. 4

riamente objectos que se levam na mão (uma cesta, etc.). O *poial* apresenta uma interrupção, para dar passagem para outra entrada. — Creio que no predio habitam dois moradores.

4. *Telhado de pombinha:*

O telhado que se desenhou na fig. 4 tem no alto, como adôrno uma pombinha feita de argamassa (cal e areia).

No *Mês de sonho,* Junho de 1926, p. 40, me referi a este adôrno das casas, que observei nos Açores, e tambem tenho observado noutros locais da Extremadura. Nos Açores o havia já observado o D.[or] Leite de Ataíde, como digo *ibidem.*

5. *Arribana:*

A *arribana* é um *telheiro* ou «cobêrto» extenso, construido numa das extremidades de um *pátio*: serve para logradoiro da casa, e para aí arrumar alfaias agrarias ou outros objectos relacionados com a vida do campo. Geralmente ficam proximos da arribana o fôrno, a adega,

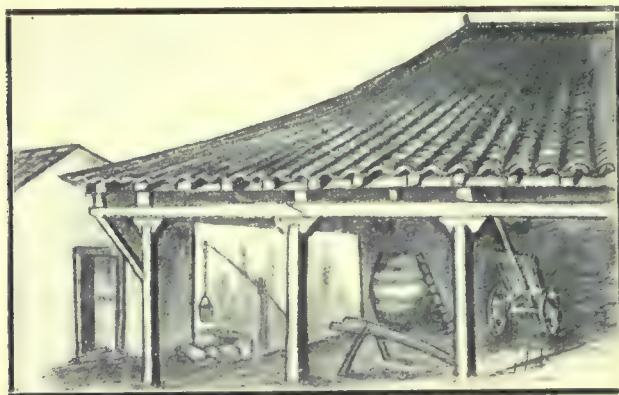



Fig. 5

o celeiro, um *pocilgo* (vid. § 2), capoeiras e currais.—Debaixo da arribana, representada na fig. 5, e pertencente a meu primo e afilhado Antonio Leite Pereira de Melo, estudante de Medicina, e natural do Peral, vê-se um carro de bois, um *balseiro,* uma escada encostada a este, e um *burro* de serrador. Fóra da arribana, por uma das suas aberturas laterais, divisa-se parte de um quintal em que ha um pôço com seu *cambão* ou engenho de tirar agua. De engenhos analogos se fala em *De terra em terra,* I, 75.

Telheiro é um espaço pequeno e quadrangular, coberto de telhas, em regra fechado só por um lado e aberto pelos tres restantes, estando o telhado encostado a uma parede da casa, e suspenso pelo outro em espeques. O telheiro, que em algumas terras se chama *cobérto* e *cobêrto,* serve para resguardar da chuva, por exemplo, um pôço, um lavadoiro, um fôrno, etc. Na Beira e no Minho póde abrigar tambem um cruzeiro.

6. *Adega* e *lagar* (fig. 6):

Na Estremadura a adega costuma ter uma porta muito alta e larga para facilmente passarem os toneis que para lá se levam

Fig. 6

quando vazios, e lá se enchem de vinho, e guardam. Tem ao mesmo tempo frestas largas para se arejar o ambiente, mas baixas, ainda que feitas de modo que os ratoneiros não possam caber por elas.

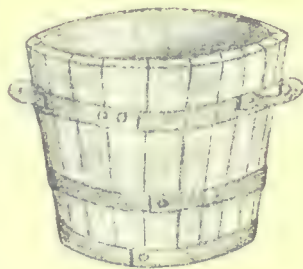
Quando o lagar se construiu na adega, o que é o caso mais freqüente, esta tem uma janela na direcção d'aquele, a qual janela serve para por aí se descarregarem as uvas que vão no carro para o lagar. Na parte inferior da janela, por fóra, ha uma pedra saliente da parede, onde o *lagareiro* que descarrega as uvas põe um pé, ficando o outro pousado no carro. *Lagareiros* se chamam todos os homens que trabalham no fabrico do vinho.

7. *Cesto de madeira* (fig. 7):

Fig. 7

O *cesto* que se representa na figura, feito de aduelas, que costumam ser de castanho, pinho, carvalho, ou outra madeira, semelhantes ás das *tinas, celhas,* etc., tem fórma de tronco de cone invertido; as aduelas estão fixas entre si com *arcos* de ferro, e estes ligados nas suas duas extremidades por pregos do mesmo metal, que se chamam *rebites* ou *cravos*. No *arco* superior cravam-se, em posição oposta uma á outra, duas *asas* tambem de ferro. O *fundo* do cesto é formado por uma ou mais tábuas.

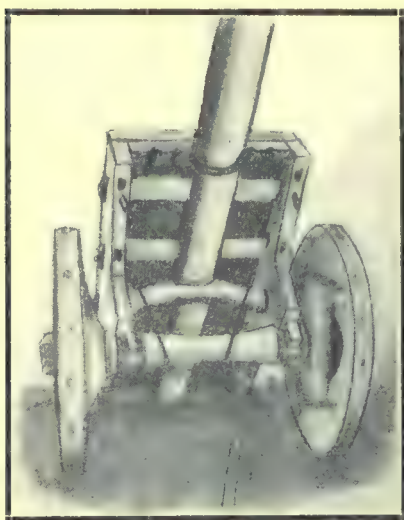



Fig. 8

Altura do *cesto:* $0^m,29$; diametro da bôca: $0^m,36$; do fundo: $0^m,27$.

O *cesto* serve para nele se acarretarem as uvas da vinha para a *tina* (§ 5), que, na ocasião em que se realiza a vindima, está num carro ao pé.

8. *Carro de bois:*

A fig. 8 mostra um carro empinado, e visto pela parte inferior.

Para se poder compreender a estrutura do carro, é necessario ter presentes outros desenhos de pormenores, os quais me faltam agora. Em os obtendo, farei novo artigo no *Boletim.* Refiro-me ao carro do Cadaval, pois d'outras localidades tenho muitos apontamentos.

9. *Canga de bois* (fig. 9):
   1 — *tamoeiro,* correia de couro;
   2 — *cangalhas,* de madeira;
   3 — *piarça* (piaça), de couro;
   4 — *brócha,* correia de couro;
   5 — *sobre-brócha* ou *ganga,* de couro;

Cf. *Boletim,* n.º 2, pp. 57-58.

A expressão vulgar *trazer alguem á brocha,* por trazê-lo submisso, é tirada da nomenclatura da canga, pois a *brócha* passa por

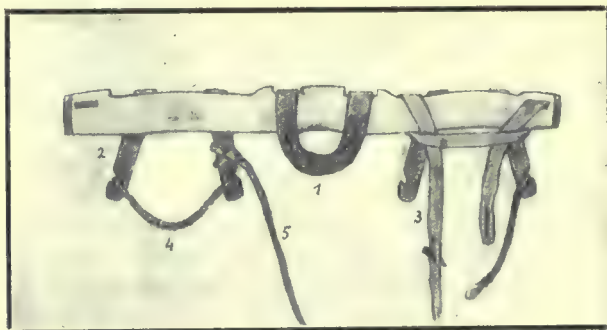



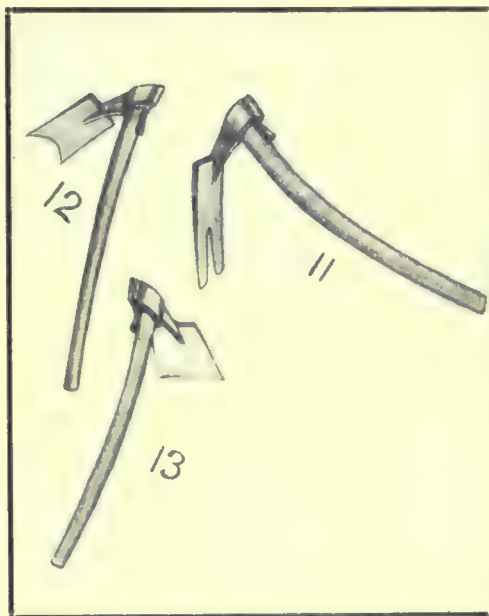
Fig. 9

baixo do pescoço do boi, e não o deixa escapar-se. Tambem se diz: *andar á brocha*, por «andar forçado».

10. *Padiola* (fig. 10):

Utensilio de madeira, constante de um rectangulo encurvado (com a curva para cima), os lados maiores do qual se prolongam um

Fig. 10

pouco, para diante e para trás, e servem para se pegar no utensilio. Estes prolongamentos chamam-se porém *pernas*. A padiola utiliza-se para transporte de pedra, estrume, terra, etc., a curta distancia.

Figs. 11, 12 e 13

11. *Enxada e sacho:*

Uma *enxada* consta das seguintes partes:

1—*cabo*, de pau (carvalho, salgueiro, freixo, oliveira, *urmo* etc.);

2—*ôlho*, abertura onde se introduz o cabo;

3—*garganta*, a parte que liga o ôlho á pá;

4—*pá*, espalmada, que serve para rasgar a terra;

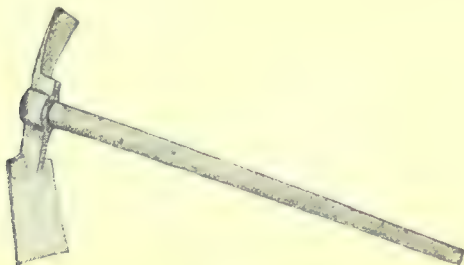



Fig. 14

5—*pescaz*, cunha exterior, que faz firmar a extremidade do cabo no ôlho;

6—*cunha* propriamente dita, ou interior, que se introduz no proprio cabo, comprimindo-o contra as paredes internas do ôlho.

A pá recebe varios nomes, conforme o seu tipo:

faqueira, as de ponta de faca;

de meia-lua;

rasa, chamada tambem *sacheira*, por servir para sachar.

Vid., respectivamente, figs. 11, 12, e 13.

Um *sacho*, fig. 14, é menor que a enxada vulgar, com uma pá pequena, oposta á verdadeira. Emprega-se para sachar hortas, dispôr flores, etc.

Todos os desenhos que serviram para as gravuras que ornamentam este artigo foram executados pelo S.or João Herculano Pereira, natural do Peral, antigo aluno da Escola Industrial de Rodrigues Sampaio, e apreciado jornalista, a quem mais uma vez os agradeço.

J. L. DE V.

Mouros e Judeus na arte portuguesa

I

Mouros

Tomo aqui *Mouro* na acepção usual, pois esta palavra entre nós tanto significa Mouro propriamente dito, como Arabe.

Antes de 1496, data da provisão manuelina que os expulsou do nosso solo, a qual atingiu tambem os Judeus, creio serem muito raras

Fig. 1

em Portugal representações artisticas de Mouros. Todavia já no meu livro *A barba em Portugal*, Lisboa 1925, p. 63, falei de um capitel de Amorim, do sec. XII, hoje no Museu do Porto, no qual se representa um guerreiro cristão que ostenta com a mão esquerda uma cabeça de Mouro decepada por ele: vid. a fig. 61 a p. 64 da mesma obra. Aqui reproduzo agora em ponto um pouco maior a mesma figura, mercê de um desenho que me ofereceu o meu amigo o S.or Emanuel Ribeiro, distinto Professor de Desenho de uma Escola Industrial d'aquela cidade. Vid. fig. 1.

No brasão de Evora, em que se memora o conhecido feito historico de Giraldo Sem-pavor, aparece o heroi tambem como mata-Mouros, visto que lhes conquistou a cidade. O brasão apresenta várias fórmas ao longo dos seculos: vid. Gabriel Pereira, *Estudos Eborenses*, n.º 10, onde trata minuciosamente do assunto, citando a Cronica dos

Fig. 2

Godos, como fonte historica mais antiga do feito, e outras obras de seculos posteriores, alusivas ao proprio brasão.

D'este existem hoje varios exemplares, de pedra: um, que está no claustro da Sé eborense; outro, que está no subterraneo de uma casa da Rua do Raimundo, n.º 4; outro, que esteve em tempo na frontaria da antiga casa da camara, e hoje se guarda no Museu de Cenaculo: vid G. Pereira, *ob. cit.*, p. 8, onde se atribue ao primeiro como data o sec. XIII, ao segundo o XIV, e ao terceiro proximamente os principios do XVI.

No brasão da Sé está Giraldo a cavalo, vendo-se no campo do escudo, superiormente, uma cabeça de Mouro, e outra de Moura. Vid. fig. 2, extraida, com a devida venia, da *Democracia do Sul*, de 1 de Janeiro de 1925, segundo um *cliché* do S.^{or} Inacio Caldeira.

No do Museu de Cenaculo as duas cabeças são imberbes, «não se conhece bem a masculina e a feminina»: G. Pereira, p. 12.

Do brasão da Rua do Raimundo mandou o mesmo erudito investigador, com louvavel patriotismo, tirar um molde de gesso, depois de haver limpo a pedra da grossa camada de cal que a cobria. Este molde guarda-se hoje no Museu de Cenaculo, e aqui o reproduzo na fig. 3, segundo um desenho do S.ºr Mario dos Vultos, que o S.ºr Tenente Pombinho Junior teve a bondade de me obter. Eis a descrição dada por G. Pereira, p. 10: «os emblemas, como no escudo da Sé, estão num todo ogival; o cavalleiro armado de espada erguida, galopa á esquerda. A esculptura é grosseira, ingenua, mas minuciosa. A cabeça da Moura á esquerda, a do Mouro á direita; .. inferiormente, sob o cavallo, outras duas cabeças mouriscas. O escudo do cavalleiro mostra cinco objectos tão rudemente feitos, que não se percebe o que representam». A data que, como vimos, G. Pereira lhe atribue, o sec. XIV, «bem antes do findar», deduziu-a ele da fórma do escudo real que se colocou acima do cavaleiro.

Fig. 3

A *Ilustração Alentejana*, n.º 1, Maio de 1925, publicou tambem uma fórma do brasão eborense, «segundo o *Livro de nobreza e reyno de Portugal*, de Brás Pereira Brandão, 1583»: Giraldo a cavalo, a mão direita erguida, com a qual devia empunhar uma espada, e a esquerda no acto de agarrar pelos cabelos uma figura de Mouro. O cavaleiro tem na cabeça um turbante. Reproduz-se aqui, com a devida venia, na fig. 3.

Depois do capitel de Amorim, as mais antigas representações que possuimos de Mouros são, que eu saiba, as tres de Evora, provenientes ainda, pelo menos as duas primeiras, do periodo em que eles cá estavam, ou como dominadores, ou como Mouros fôrros, ou como escravos, ou como Mouriscos, isto é, convertidos ao Cristianismo. O brasão do *Livro de nobreza* é já bastante tardio.

Outros especimes de representações de Mouros, igualmente tardias, os devemos á heraldica. A *Armaria*, códice do sec. XVIII, existente na nossa Biblioteca Nacional, simboliza o brasão dos Botetos, fls. 118, num busto de Mouro, imberbe, em posição de lançar uma pedra com a mão direita (vid. fig. 4); e a fls. 240, simboliza-se

o brasão de Belchior Vieira, de Ternate (India), noutro Mouro, de cara barbada e bigodada. Em ambos os casos estão de turbante (vid. fig. 5). Cópias feitas pelo S.or F. Valença, Desenhador do Museu Etnologico. Acêrca d'estes brasões vid. tambem: Villasboas, *Nobiliarchia Portuguesa,* Lisboa 1676, pp. 245 e 340; e Braamcamp Freire, *Armaria Portuguesa,* pp. 83 e 505. O Mouro do brasão dos *Botetos* diz porém Villasboas que tem barba longa, ao passo que no códice da Biblioteca Nacional, como vimos, não tem nenhuma. — Incidentemente notarei que *Boteto* é apelido vindo de fóra; conheci na Catalunha um escritor, hoje falecido, de nome *Botet.*

Se nos dois ou tres primeiros brasões de Evora os artistas tiveram em mente os inimigos de ao pé da porta, habitadores do proprio solo nacional: nos dois ultimos os Mouros eram já de fóra, por isso que, depois de os escorraçarmos do Continente, continuámos a persegui-los na Africa e em regiões orientais. Figuras de Mouros não antigas as acharemos porventura em azulejos e gravuras ou esculturas alusivas a outras lendas patrias, como as de que falei no *Boletim da 2.a Classe da Academia das Sciencias,* VIII, 248–250. Aí mencionei um painel da igreja da Senhora dos Martires de Castro Marim, datado de 1572, realmente com um Mouro. Cf. tambem a minha obra *De terra em terra,* II, 10–11.

Fig. 4

Fig. 5

Á parte o que acontece nestas lendas, a imaginação popular impressionou-se sobretudo com os Mouros do Continente. Para o povo, tudo aquilo que cheira a antigo ou parece extraordinario data do *tempo dos Mouros,* isto é, do tempo em que dominaram o territorio que hoje é nosso. Encontra por acaso um trabalhador, ao cavar um campo, uma cabeça de pedra, resto de escultura romana ou pre-romana, é uma *cabeça de Mouro:* tenho ouvido isto muitas vezes. Quando descobri em Baião o curiosissimo baixo-relêvo lusitano-romano que publiquei nas *Religiões,* III, 483, fui guiado por me haver dito um aldeão que possuia á entrada de um curral uma pedra em que se via *um Mouro e uma Moura.* Certos ornatos esculturais da frontaria da igreja romanica de Paderne são *malguinhas dos Mouros.*

As modestas estatuetas pertencentes a relogios de sol, publicadas neste *Boletim*, n.º 1, p. 24, já sabemos que o povo da localidade as considerava retratos de Mouros, e que no pedestal de uma d'elas até se gravara uma palavra designativa d'isso.

J. L. de V.

Desmanteia

O «mandar da manta»

Chama-se *manta* ao conjunto de quatro cavadores que cavam ou *desmanteiam* em fila um terreno para certas culturas que exigem cava funda, por exemplo, vinha. Perto da *manta*, no sentido em que

Fig. 1

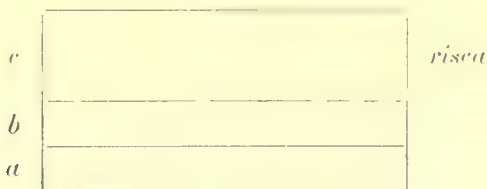
esta caminha, vai o *estonador* cortando á enxada, a *tona* da terra, na profundidade de um golpe, para enterrar as ervas e varios detritos superficiais: assim se prepara e delimita o chão que a *manta* tem de cavar.

Um dos quatro cavadores da *manta* (fig. 1), o da direita ou o da esquerda, conforme a direcção do trabalho, regula este, e dão-lhe por isso o nome de *mandador:* emquanto todos estão ainda com as enxadas no ar, diz ora a meia voz, ora alto, ora ás vezes até cantando, umas palavras (o *mandar da manta*), que servem para indicar a sucessão e especie dos golpes no *banco*, ou porção de terreno mais

ou menos rectangular, que os quatro cavadores abrangem sem se deslocarem. Estas palavras têm ritmo algo gracioso, o que anima o trabalho, como as que no presente *Boletim*, n.º 3, pp. 21 sgs., se publicaram a respeito do tirar do vinho.

Podem trabalhar muitas *mantas* ao mesmo tempo, mas a certa distancia umas das outras, por causa do trabalho que os *estonadores* de antemão executam.

Quando, por exemplo, para semear batatas, a *desmanteia* se faz a pouca profundidade, muito embora com as regras que ficam especificadas, recebe o nome de *mantinha*, continuando cada grupo de quatro trabalhadores a denominar-se *manta* como acima. Temos pois *manta*, grupo de trabalhadores, e ao mesmo tempo designação de acção, e *mantinha*, apenas designação de acção: *cavar á manta, cavar á mantinha; manta*, falando dos homens, não porém *mantinha*, neste sentido.

Eis agora as palavras do *mandador*, ou «mandar da manta». Representemos o banco pelo seguinte esquema:

tres tiras, sendo A e B iguais e quasi iguais e C maior.

1.ª versão

a) Comêço: quando os trabalhadores estão para *ferrar* no chão a primeira vez as enxadas, diz o *mandador:*

Vamos com Deus,
E cada um conte co'os seus! [1]
Anda, rapaz,
Outra [2] no fundo, e uma para trás!

---

[1] Querem dizer: com as suas fôrças; *seus* é provocado por *Deus*. Isto é: *com o que é seu,* quanto á fôrça fisica.

[2] *Scilicet:* cavadela.

b) No meio do banco:

Alto, e dobra
Que é terra nova[1].
Uma para o fundo e duas para trás.
Cada qual come do que traz[2].

VARIANTE:

Cada qual come do seu cabaz.

c) No ultimo golpe do banco:

Venha, o risco[3],
Que é um corisco[4].

Outra como esta,
E lava-lhe a testa[5].

2.ª versão

a) Volta e vira[6]
Stá o dono á mira!

b) Dobra o passo, e venha o meio[7],
Borrachinho[8] do seio[9]!

Torna as mãos a apertar,
Que é para afundar.

c) Venha a risca,
Fura, fadista!

---

[1] Isto é, outra parcela de terra que não cortar.

[2] Porque andam a sêco, e necessitam pois de trazer de casa a comida.

[3] O *risco* marca a largura do banco.

[4] Para rimar, e tambem para imitar a fôrça do corisco.

[5] Isto é, lava e deixa lisa a rampa do banco.

[6] Voltar e virar a terra.

[7] Venha o meio do banco.

[8 e 9] Não explicaram bem. Será «bebedinho de dentro: do meio dos quatro, que está entre os outros dois». Ouvi esta expressão várias vezes.

Torna a fundar
Que é para lavar[1].

Abica[2]
Que até a pele da barriga estica.

3.ª versão

a) Venha gente
Sardinha assada, café quente!

b) Corta ao meio,
Borrachinho do seio[3]!

c) Vamos á risca,
Que é fadista!

Torna a puxar para trás
Puxa e manda rapaz!

Agora, carrega e manda,
Maltês da Alhandra!

4.ª versão

a) Venha!
Dá-le do cabaço
Ferra abaxo!

Dobra o passo
Venha o pedaço.

b) Córte que é meio.

c) Altas engaleadas
Na *marca*[4] bem mandadas
risca.

---

[1] Limpar.
[2] Para aprumar mais o golpe.
[3] Ouvi a vários. Inexplicado.
[4] Marca, isto é, «risca».

Expressões que ouvi avulsas

Venha gente!
Sardinha assada, café quente!
Mete p'ra frente!
Abaxo! que é o vinho do Cartaxo!
Á risca, || que é fadista!

Vamos a puxar, que é galinha
temos que a gramar!

Puxa e vira, bogalhão[1],
Puxa a leiva, deixa o torrão!

Puxa, camarada,
Senão não ganhas nada!

Mete e puxa,
Senão não ganhamos para a bucha.

E tornemos a puxar
Que é para outro banco irmos cavar.

Puxa, por rente,
O fraco ajuda o valente.

Para a frente,
Brinca a gente!

Carrega abaxo,
Como a manta do Cartaxo.

*

Posto que os trabalhadores andem a sêco, isto é, comam á sua custa, e não á do dono da *fazenda*, este dá-lhes agua-pé para beberem durante o trabalho. Bebem geralmente por um copo de corno (fig. 2) ou direito, ou encurvado, como o que se representa na fig. 3 (comp.: 0,155: diametros na boca: 0,068 × 0,057; fundo é quasi

---

[1] Bogalhão de terra.

sempre de cortiça). Ha-os de outros tamanhos. O copo, por causa da sua solidez, pois tem de andar de mão em mão, quando cheio, e ás vezes quando vazio, de envolta com talheres, pão, etc., em cestos, emprega-se não só neste trabalho, mas em todos os rurais, e até

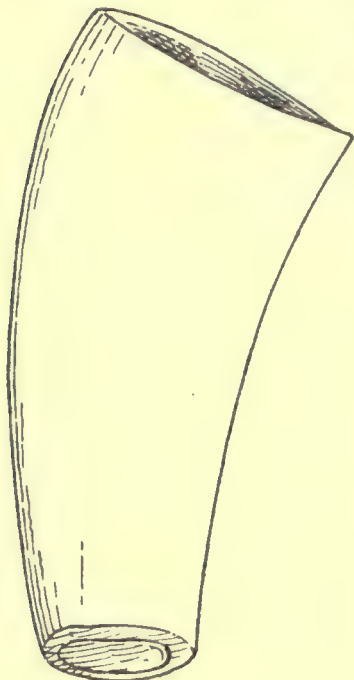



Fig. 3

Fig. 2

serve para estar na adega, ao pé do tonel, onde os visitantes bebem de quando em quando,—costume muito corrente nestas terras de vinho.

⁂

Maltês é o trabalhador que vem de fóra da terra, ou que, habitando aqui, vive sòzinho, sendo ele proprio quem trata da sua casa e comida. Quando vêm muitos de fóra dormem todos numa mesma casa que se chama *quartel*[1]. Cada um faz então a sua comida, mas ás vezes alguns reunem-se em sociedade, para a fazerem em comum.

Malta é o conjunto de trabalhadores rurais, sejam *malteses* ou não. Por extensão de sentido chama-se *malta* a um adjunto de quaisquer pessoas, e sobretudo chama uma mãi assim aos filhos quando são muitos: «a minha malta».

---

[1] Em Lisboa: casa de malta, mas com maior aplicação.

Tudo o que fica dito refere-se ao Peral, concelho do Cadaval. Quanto a considerações gerais, reporto-me ao que fica dito no *Boletim*, ibidem. As figs. 1 e 2 assentam em fotografias de meu primo e afilhado Antonio Leite Pereira de Melo.

J. L. DE V.

«Ex-libris» manuscrito

Dos 130 *ex-libris* manuscritos de caracter popular, que constituem o opusculo que em 1918 publiquei[1] sobre esta materia etnografica, aí tratada pela primeira vez entre nós, no conjunto, e com algum desenvolvimento, nenhum tem caracter artistico: o seu caracter é apenas literario, e freqüentemente poetico.

Este Livro he de Luiz Antonio Gomes da freg.ª do Salvador de Padreiro, Se Em algum dia o perder o Snr. que lho achar, terá a honra de lho Intregar, que Elle o seu travalho the ha de pagar

Ha tempos, já depois de publicado o opusculo, obtive porém um *ex-libris*, onde ha um pouco de arte: vid. a figura adjunta. Consta de uma parte, toda literaria, que aqui se reproduz tipograficamente, e de um coração estilizado, que encerra a assinatura do dono do livro, e a data em que aí foi posta (esta parte artistica vai reproduzida em tamanho natural, por zincografia). O livro intitula-se: *Tratado ceremonial* pelo P.e Manoel Correa, Coimbra 1733.

O coração é tema tão corrente na nossa arte popular, que não admira que pudesse servir para compôr um *ex-libris*. Acêrca d'este tema vid.: *De terra em terra*, II (1927), 142–144. No Alentejo até tenho encontrado, em habitações de gente camponesa, tampas de cortiça cordiformes, postas em vasilhas destinadas a agua ou a outros liquidos!

J. L. DE V.

---

[1] Separata da *Revista Lusitana*, vol. XXI.

Amuleto de coral

O coral póde usar-se como amuleto, ou informemente (ramo, ou pedaço), ou sob fórma de conta, ou de figa. Em vez de coral propriamente dito emprega-se ás vezes tambem uma substancia vermelha que o imita: cf. o meu livro *A figa,* Porto 1925, p. 100. O modo mais vulgar de o usar é sob fórma de conta, ou para melhor dizer, de colar de contas.

O povo entende que o coral anuncia melancolia ou prazer na pessoa que o traz, conforme está baço ou limpido: vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal,* § 259. Por outro lado pensa, como ouvi contar em Vila do Conde, que vale o mesmo que o azeviche, contra Bruxas e mau olhado, e que uma conta, sob a influencia d'este, estala como a de azeviche. Analogamente cuida que um colar de contas, tiradas de um mesmo polipeiro, e posto no pescoço, «tira a icterícia»: superstição de que colhi notícia algures.

1. USOS PORTUGUESES DO CORAL, ANTIGOS:

No Museu do Bispo (Coimbra) ha uma figura da Virgem que amamenta o Menino Jesus, e tem ao pescoço um raminho de coral. O S.^or António Gonçalves, Director do Museu, atribue-a ao sec. XIV.

No mesmo Museu guarda-se igualmente um ramo de coral, com ornamentação, e tem em cima um relicário com o santo lenho. Dizem-no tambem do sec. XIV (dádiva de Santa Isabel ao mosteiro de Santa Clara), mas o brasão das armas reais, que nele se vê, mais parece do seculo seguinte.

São estes os apontamentos mais antigos que possuo do uso supersticioso do coral entre nós.

Num *titulo* de 1510, das cousas de prata da ermida de Nossa Senhora da Troya (defronte de Setubal) no sec. XVI, conta-se «hũu corall encastoado ẽ prata»: vid. P. de Azevedo in *O Arch. Port.*, III, 262.

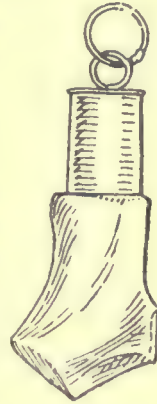
Uns versos d'*O Lyma,* de Diogo Bernardes, sejam d'este ou não, dizem:

> ... hum *crespo galho*
> de vermelho coral,

isto é, um ramo: vid. p. 63 da ed. de 1820 (a 1.ª é de 1596).

Fr. Manuel de Azevedo (sec. xvii), na *Correçam de abusos,* t. ii, 1705, pp. 88–89, preconiza o coral contra o quebranto, para o que se apoia na opinião de varios AA. antigos, Galeno, Aviceno, etc.

Tambem em Bluteau, *Vocabulario,* t. i, 1712, p. 542, se lê: «dizem que (o coral) trazido por homem he mais vermelho, do que trazido por femea, e accrescentão que muda de côr quando a pessoa que o traz adoece, significando com a sua pallidez a enfermidade», — com o que um pouco se conforma a tradição actual.

Outros antigos medicos portugueses, além de Fr. Manuel de Azevedo, já citado, conheceram ou inculcaram as virtudes do coral. Fonseca Henriques, *Medicina Lusitana,* Amsterdão 1731, diz que este livra de quebranto a quem o traz no braço e no pescoço, e que os pós, tomando-os os meninos antes de outra cousa, quando nascem, os preservam de gota coral (analogia do nome!), pp. 163 e 259, baseando-se em parte em autores estrangeiros antigos. Bernardo Pereira, *Anacephaleosis,* Coimbra 1734, em apoio da «propriedade do coral», transcreve de Mardobeo Gallo: «umbras Daemoniacas Thesalaque monstra repelli» (vid. p. 214).

2. A superstição lá fóra:

Cf. *Religiões,* i, 88, onde menciono um trabalho de Simpson, que a proposito de qualidades magicas atribuidas na Escocia ao coral cita Discorides e Plinio. A superstição na Hespanha no sec. xvii alude o *Tesoro* de Covarrubias, e no xviii o *Diccionario de autoridades:* vid. Osma, *Azabaches compostelanos,* Madrid 1916, p. 25, e nota 1. No seu trabalho sôbre *The evil eye,* p. 368, fala Ellworthy de amuletos antigos de coral que protegiam as crianças, e hoje se encastoam em prata; e cf. a nota 598. Ser-me-hia facil juntar aqui outras referências ao coral em obras, que possuo, em francês, alemão, etc., sôbre Etnografia; mas que valeria isso em comparação com o que brevemente, de certo, aparecerá no *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens,* que se está publicando em Berlim? De mais a mais o S.or John Palingren, Docente da Universidade de Upsala, escreveu-me em 1922, pedindo-me informações portuguesas acêrca do coral para uma obra em que ao tempo estava trabalhando: aí virá tambem muita cousa (não sei se a obra já apareceu a lume).

*

Na figura adjunta reproduz-se de tamanho natural um amuleto feito de um pedaço de coral, encastoado em prata, e provida de duas argolas, uma fixa, outra movel, para andar pendurado. Faz parte da colecção que organizei no Museu Etnologico, e obtive-o no concelho dos Arcos em 1928.

3. APENDICE:

Não só coleccionei no Museu Etnologico Português grande número de amuletos nacionais (cfr. a *História* do mesmo, pp. 233–235), senão que possuo, eu proprio, nas minhas pastas etnograficas apontamentos descritivos, literarios, e comparativos concernentes aos seguintes (pelo menos):

AGNUS-DEI; ALHO (cabeça, dente); AMBAR; AMENDOA; AMULETOS CONSIDERADOS EM GERAL OU NO CONJUNTO (arreliques ou arrelicas, diches, cambolhada); ANCORA; ANEL; ANIMAIS VARIOS; ARGOLA (argolinha) METALICA; ARMAÇÃO DE CARNEIRO (vid. corno); ARRELICAS, ARRELIQUES, CAMBOLHADA (vid. supra); ARRUDA (ramo); AZEVICHE; AZOUGUE (vid. mercurio); BATATA; BENTINHOS; BICHA (vid. vibora); BICHO (das sezões, dos dentes, etc.); BOI (corno de); BOLOTA; BOLSINHAS VÁRIAS; «BREVE»; BREVE-DA-MARCA; BRIZIO; CABEÇA (vid. alho, saudador, vibora); CABRA (corno de); CAMBOLHADA (vid. arreliques); CAMPAINHA, CHOCALHINHO; CANUDO COM AZOUGUE; CARNEIRO (armação de, corno de); CAROCHA (corno de); CAROÇO (de tâmara, etc.); CASTANHA; CASULO; CEBOLA; CHAVE; CHAVELHO (vid. corno); CHIBO (corno de); CHOCALHO (vid. campainha); COBRA D'ÁGUA (pedra de); CONCHAS; CONTAS DE VÁRIAS SUBSTANCIAS; CORAÇÃO (de vidro, de latão, etc.); CORAL; CORDA DE ENFORCADO; CORDÃO UMBILICAL; CÔRES; CORNACHA; CORNACHO; CORNÊCHO; CORNICHA; CORNICHO DE CARNEIRO BRANCO; CORNIPO; CORNO DE VEADO, CARNEIRO, etc. (vid. chavelho); CORREIA; CRUZ; CRAVO (metalico); CRESCENTE LUNAR (vid. lua); DENTE DE ALHO; DENTES DE VARIOS ANIMAIS (lobo, etc.); ESCAPULARIO; «ESCRITO»; ESPELHO; ESTANCA-SANGUE (pedra); FERRADURA; FERRO; FIGA; FITA; FÓRMULAS MAGICAS E RELIGIOSAS; GALO (esporão de); GARRAFA; GRÃO-BESTA (unha da); HEXALFA (vid. moeda e sino-saimão); HIPOCAMPO; JAVALI (dentes soltos, ou dispostos semi-lunarmente); LACRE; LAGARTIXA; LEITUARIO; LETRAS DE VIRTUDE; LUA

(meia-lua); MÃO (de toupeira); MASCOTE; MEDALHAS (veneras, veronicas); MEDIDA; MEIA LUA (vid. lua); MERCURIO; METAIS VARIOS; MOEDAS COM ORIFICIO (vintem de Santo Antónío, etc.); MOEDA COM HEXALFA; NÓ; NÓMINA; NOZ DE TRÊS ESQUINAS; ORAÇÕES; OSSO; OURIÇO (queixo de); PALAVRAS DE VIRTUDE; PEDRAS VÁRIAS (de ara, de raio, etc.); PENTALFA (vid. sino-saimão); PONTA (vid. corno); «PORTE-BONHEUR»; PREGO METALICO; QUEIXO DE OURIÇO (já s. v. OURIÇO); RABADA (vid. vassoura); RABO DE BOI; RAMOS (raminhos) DE VEGETAIS; ROSARIO; SAL; SANTOS (imagens de); SAPO ESPETADO NUM PAU (no campo); SAPO (pedra de); SAQUINHO (lat. *sacculus*); SATOR-AREPO (medalha com esta fórmula); SAUDADOR (cabeços de), ISTO É, CABEÇA DE CRISTO TRAZIDA POR SAUDADOR; SINO-SAIMÃO; TALISMAN; TERRA DE SEPULTURA; TESOURA; TOUPEIRA (mão de); TREVO DE QUATRO FOLHAS; UNHAS (de varios animais); VASSOURA OU RABADA; VEADO (corno de); VEGETAIS VARIOS; VENERA (medalha religiosa); VERONICA (medalhinha); VESTES SACERDOTAIS (fragmentos); VIBORA (cabeça de).

A respeito de *Sator-arepo*, do sino-saimão, e da figa dei já a lume um folheto e dois livrinhos especiais, em 1918 e 1925. A respeito da meia-lua estou preparando, como alguns amigos sabem, trabalho analogo, que entregarei ao prelo assim que possa. O estudo geral dos amuletos, bem como o estudo parcial dos que não estiverem ainda estudados por mim, conto fazê-los na *Etnografia Portuguesa,* respectivamente no livro III, pt. III (vida psiquica), e no volume consagrado ás Superstições.

J. L. DE V.

Estampas etnograficas

A grande quantidade de materiais que tenho colhido em todos os campos dos meus estudos obriga-me não raro a usar de muita concisão, quando tenho de escrever a respeito d'eles, e me falta tempo para desenvolvimentos. Isso acontece agora com os que constituem o assunto do presente artigo, e ha-de continuar a acontecer em numeros subseqüentes do *Boletim,* e porventura noutros trabalhos que publicar. Vale mais porém ser conciso, do que deixar os materiais em esquecimento.

Fig. 1

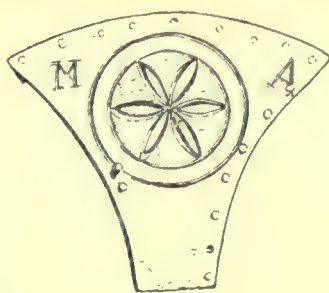



Fig. 10

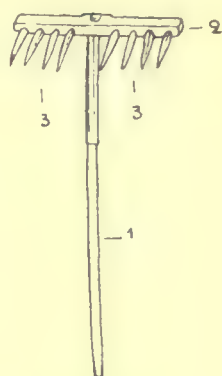



Fig. 2

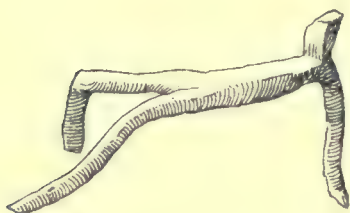



Fig. 3

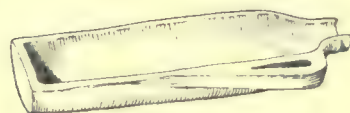



Fig. 4

Fig. 6

Fig. 5

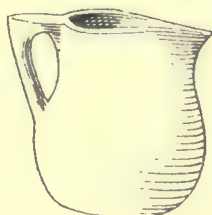



Fig. 7

Fig. 8

Fig. 9

As figuras que se vêem nas estampas juntas representam os seguintes objectos pertencentes ao Museu Etnologico, de Belem, para onde os adquiri:

1—Barrete açorico, espécime de trabalho feminino: barrete de algodão, de côres várias, muito em uso no Arquipelago, na gente do povo, geralmente em rapazes. Fig. 1.

2—Modêlo de ancinho ou engaço barrosão; consta de três partes:

1, *cabo;*

2, *travesseiro,* por ser posto de través (transversarius), relativamente ao cabo, e não porque os que assim o denominaram pensassem no «travesseiro da cama», embora esta palavra tivesse a mesma origem;

3, *dentes,* inseridos no travesseiro.—Fig. 2.

3—Banco de cozinha, feito de um tronco de arvore, inteiriço. Comprimento: 0^m,91. De caracter muito tosco e primitivo. Fig. 3. Em uso no Sul, onde se chama *cavalo* (Alentejo Central) e *burro* (Alentejo Baixo, e Alcacer do Sal). A fórma do objecto lembra a posição de um homem estendido no chão, sôbre as pernas e os braços, de abdomen para o ar. Várias vezes, quando eu era môço, vi na Beira Alta, como parte de espectaculo dado nas ruas por *comediantes,* um homem assim deitado, com uma grande pedra (granito) sôbre o peito e abdomen, na qual outro batia com um malho. A pobre vítima chegava a deitar sangue pela bôca, e não raro tinha de intervir a autoridade local para proïbir a scena.

4—*Pingadeira* de barro, para onde escorre o *pingue* da carne de porco, ao lume. Comprimento: 0^m,286. Fig. 4. Obtive-a no Alentejo.

5—*Esfolhador* de madeira, que serve para rasgar o *folhelho* das espigas do milho, quando se vão malhar. Fig. 5. Foi-me oferecido pelo Rev.do Silva Maia, Abade de Canidelo (Vila do Conde).

6—Garrafa de barro vidrado de amarelo, feita numa fábrica de Vila-Viçosa. Altura: 0^m,34; n.º de entrada: 1:815. Fig. 6. Obtive-a numa casa particular do Alentejo.

7—*Bicado,* vasilha de barro vidrado. Altura: 0^m,116. Leva meio litro, e usa-se nas tabernas. Fig. 7. Obtive-o tambem no Alentejo.

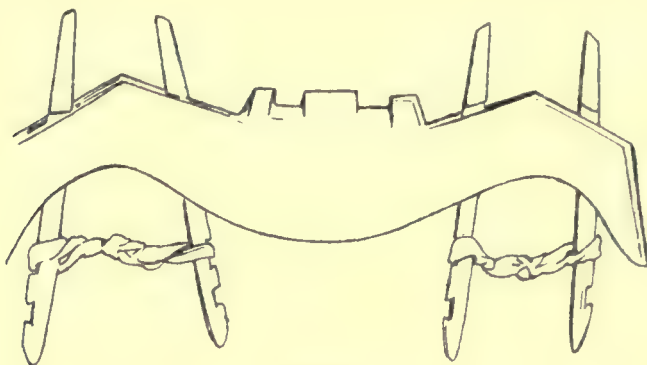



Fig. 11

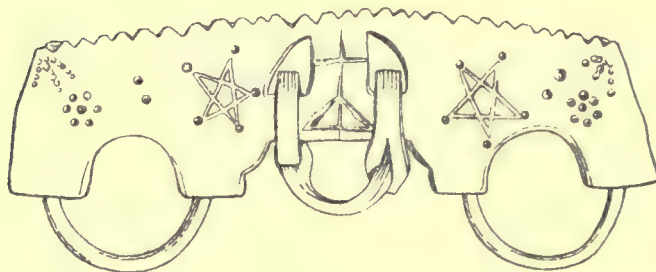



Fig. 12

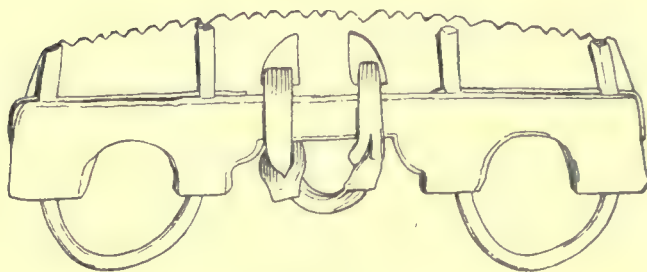



Fig. 12-A

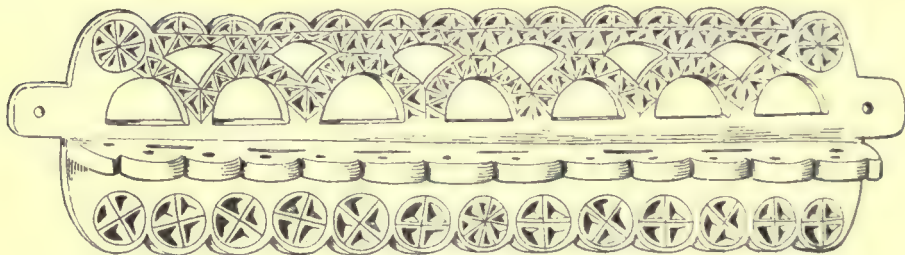



Fig. 13

8 — Outro *esfolhador*, como o do n.º 5, mas de osso. Usado em Baião (S. Tomé de Covelas) para *esfolhar o milho*. Comprimento: 0m,147. O objecto aqui representado tem uma concavidade na parte oposta á ponta, e nela se encaixa uma especie de cunha de madeira, tambem aqui figurada. Fig. 8. No catalogo etnografico do Museu tem o n.º 311.

9 — *Cabrita* de madeira, usada em Baião. Serve para andar pendurada á cinta, e o trabalhador trazer nela a foice; a lamina d'esta segura-se no encaixe, ficando o cabo a geito de se lhe poder pegar com facilidade. Altura do objecto: 0m,079. Fig. 9.

Tem no catalogo etnografico do Museu o n.º 300.

Cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 405, fig. 155.

Comparavel a este objecto, é o que se representa na fig. 10, usado no Alentejo, e aí chamado *borsal*; para machado. É de cortiça, e tem de cada lado da estrela central uma letra que representa uma inicial de nome, ou do artista, ou da pessoa a quem ele destinou a sua obra. Comprimento: 0m,15. N.º de catalogação: 80.

10 — Modêlo de canga açorica: apõe-se aos bois quando puxam o *trilho*, instrumento da debulha dos cereais na eira. Ilha Terceira ou de Jesus Cristo. Fig. 11.

11 — Modêlo de canga de bois, dos Arcos de Valdevez, visto por dois lados. Figs. 12 e 12-A. O que aí temos mais notavel é a representação dupla do sino-saimão, simbolo magico muito querido do nosso povo, como consta do meu livro intitulado *Signum Salomonis*, Lisboa 1918 (separata d-*O Arch. Port.*, vol. XXIII).

12 — *Garfeira* alentejana. O Alentejo, quanto ao caracter dos objectos caseiros de que faz uso, toca os extremos: ora estes são toscos, simples, como o banco que se representou na fig. 3, e como muitos outros, de cortiça, cabaça, etc., que neste *Boletim* temos visto; ora podem chamar-se belos produtos de arte popular, como o que se representa na fig. 13: especie de descanso, de madeira, suspenso da parede da cozinha, e em que se penduram os garfos de ferro: chama-se *garfeira*, e tem de comprimento 0m,38. O uso do objecto vai em decadencia, porque a civilização faz que os garfos de ferro singelos, como os de que se aqui fala, estejam sendo substituidos por outros mais apurados.

J. L. DE V.

OBSERVAÇÃO FINAL

A figura emblematica do frontispício, bem como todos os outros desenhos que serviram de base ás gravuras cuja procedencia não se declara nos respectivos artigos, e que são a maior parte, devem-se a Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnologico.

ÍNDICE

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO

DO

MUSEU ETNOLOGICO DO D.OR LEITE DE VASCONCELLOS

Dirigida por -- J. L. de V.

N.º 5

LISBOA IMPRENSA NACIONAL MCMXXXVIII

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO

DO

MUSEU ETNOLOGICO DO D.OR LEITE DE VASCONCELLOS

DIRIGIDA POR J. L. DE V.

N.º 5

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XXXVII

Fontes de investigação etnografica[1]

1. Generalidades

ARA se escrever um tratado de Etnografia portuguesa importa, primeiro que tudo, submeter à observação directa e imediata a terra, e o povo (isto é, o conjunto dos Portugueses, e não só o vulgo, embora o vulgo constitua o principal objecto da Etnografia); depois as cousas e actos do mesmo; investigar tudo aquilo em que se exterioriza tipicamente o seu modo de pensar, sentir e querer; e ao mesmo tempo fazer farta colheita na messe da tradição oral.

Se o tratado abranger, como no nosso caso, já o presente, já o passado, tem tambem de se consultar a literatura antiga, e documentos e monumentos arqueologicos ou arqueologico-artisticos.

Como porém, de um lado, possuimos obras importantes, no que toca ás sciencias auxiliares da Etnografia, e já ha seculos se coligem entre nós tradições populares (não se alcunhará de pobre a nossa literatura folkloristica), e se publicam a cada passo descrições, desenhos, fotografias de objectos, de tipos populares, de monumentos, ou estes se reproduzem plasticamente; e do outro existem museus de Etnografia, Arqueologia, etc., e de vez em quando se organizam

[1] Este artigo é extraido da *Etnografia Portuguesa* que o autor d'ele está compondo para o prelo.

exposições industriais, artisticas, agrarias, onde algo aparece que convem ao etnografo: está claro que ele não deve deixar de beber em tais fontes.

Rigorosamente falando, quasi não ha manifestação colectiva, obra scientifica, literaria ou artistica, produto algum, emfim, da vida, psicologia, e civilização de um povo, que directa ou indirectamente, e mais ou menos, não apresente ao estudioso da Etnografia uma faceta digna de contemplação. Muitas vezes acontece que uma cousa ou um fenomeno etnografico se transforma por seu turno em fonte de Etnografia relativamente a outras cousas ou fenomenos. Um tumulo medieval, que é em certo sentido objecto etnografico, póde, quando nele se representa esculturalmente uma scena venatoria, contribuir para o estudo da caça: cf. *De terra em terra,* II, 162–163. Uma feira, que é fenomeno economico-social, mas que ostenta, pela qualidade e disposição das suas partes componentes, e por outras razões, grande cunho etnografico, está no mesmo caso que uma exposição como as de que acima se falou: cf. o que de uma feira de Vila do Conde se diz na citada obra, I, 37–38, e o que de uma de Evora se diz nos *EE,* IV, 315 sgs. De uma feira de Vila Real de Trás-os-Montes, chamada *dos pucarinhos*, fala o D.or Claudio Basto na *Lusa,* IV, 118–121. Especies de museus de Etnografia são certas ruas de vilas e cidades: a respeito de uma de Chaves assim, vid. tambem *De terra em terra,* I, 67–70.

Na impossibilidade de atender aqui a tão extensa materia (muita cousa se enumerará no decurso da presente obra), e restringindo-se apenas a certos pontos essenciais, considerará o autor as seguintes especies de fontes: observação directa da terra e do povo, e do viver d'este; museus e exposições; fontes escritas (literatura geral, e literatura especial ou etnografica propriamente dita).

Com a literatura desejaria ele emparelhar, se isso se lhe tornasse facil, menção de obras de arte, pois raro será o artista, antigo ou moderno, que não dirigisse ou não dirija, ao menos por incidente, uma faisca do seu talento a um tema etnografico: a uma torre lendaria, a uma igreja cercada da devoção popular, a um mercado, a uma cerimonia tradicional, a uma lavoura, a um recinto de uma aldeia, a uma oficina rustica. Só pelo que toca a azulejos dos seculos XVII e XVIII, que manancial de informações acêrca dos nossos avós! Já do azulejo que tem data, já do azulejo em geral, diz um grande conhecedor da nossa industria artistica, o S.or Joaquim de Vasconcellos, na *Rev. da Soc. de Instrução do Porto,* III, 187–188: «..o azulejo *datado* é .. uma preciosidade, mórmente quando os

assumptos que elle representa se relacionam com a vida nacional, com os factos da historia, com as tradições e lendas religiosas, com os usos e costumes do nosso povo, porque ha de tudo. Geralmente suppõe-se que o azulejo serviu apenas para illustrar a paixão de Christo, a vida da Virgem, o martyrologio dos santos. O valor da obra seria, nestes casos, secundario, porque não é dificil provar que esses assumptos representam muitas vezes copias mais ou menos disfarçadas de gravuras allemãs e flamengas do seculo XVI a XVIII . . As scenas da vida profana, as grandes caçadas, as touradas, as merendas ao ar livre, os encontros galantes, as batalhas de terra e mar, a vida dos officios: tudo forneceu elementos ao artista peninsular». Podem ainda especificar-se: jogos, pescarias, actos da vida juridica, e por outro lado, trajos, móveis, jardins, edificios[1]. O mesmo se dirá não só de vinhetas, iluminuras, desenhos varios que exornam antigos livros e pergaminhos[2], senão tambem das produções dos barristas: imagens e «bonecos» de Estremoz[3], e de outras procedencias[4]; o *presepio,* «poetico grupo de barro da Natividade, o alpendre tôsco forrado de palha, o Menino Deus sorrindo no feno da mangedoira, e as figuras classicas dos pastores e das alimarias compassivas»[5]. A proposito d'isto escreveu já o S.^or^ Joaquim de Vasconcellos em 1883: «Em Portugal foram celebres os presepios de figuras de barro. Cada convento de freiras tinha o seu; era assunto indispensavel para as senhoras devotas. Hoje é raro encontrar algumas poucas figuras dispersas, — e essas mutiladas, geralmente. As mesmas mãos habeis do operario popular, que fazem hoje as figurinhas de costumes, executaram as dos presepios, ingenuas na sua expressão, mas mal modeladas, em geral»[6].

Artistas propriamente ditos temos tido em Portugal — sensiveis impressionistas — que mais particularmente até se inspiraram na

---

[1] Cf. *Boletim de Etnografia,* n.° 2, pp. 55–57; n.° 3, pp. 13–14.

[2] Cf.: *Anais das Bibliotecas e Arquivos,* I, 270 (artigo de Julio Dantas); II, 284 (artigo de Aquilino Ribeiro); *Boletim de Etnografia,* n.° 2, p. 13, n.° 3, p. 5; *Anais,* já cit., I, 182 (artigo de Julio Dantas).

[3] Vid., adiante, Literatura especial (Ergografia).

[4] Nas feiras vendem-se com freqüencia figurinhas de barro, fabricadas em varios locais. No Museu Etnologico ha muitas. Vid. o que d'estas figurinhas se diz adiante, secção B (trecho de um artigo do S.^or^ J. de Vasconcellos).

[5] Matos Sequeira, *Relação de varios casos,* Lisboa 1925, pp. 1–2.

[6] Na *Rev. da Soc. de Instrução do Porto,* III, 541.

Etnografia: omitem-se, por brevidade, brilhantes nomes que o leitor conhece de sobra e venera. Mereceria no entanto a pena que um especialista pusesse ombros a resenhar critico-etnograficamente os valiosos subsidios que para o conhecimento da vida popular dá a arte culta: a pintura, a escultura, a gravura, a caricatura.

A propria caricatura, sim! Falando-se nela, evocar-se-ha por fôrça a individualidade do genial e complexo artista que foi Bordalo Pinheiro († 1905), a leveza do seu lápiz travêsso e original no fazer sobressair as feições comicas mais definidoras de uma personagem, e inteiramente adequadas ás circunstancias de certo momento social.

Criticos e historiadores analisem as aptidões artisticas de Bordalo, e a função politica que desempenhou na nossa sociedade; o autor sòmente pretende lembrar que tambem nos trabalhos do fecundo caricaturista alguma cousa se depara ao etnografo. Bordalo criou a figura do *Zé-Povinho* (fig. 1)[1], crua sem dúvida, e pouco lisonjeira para o vulgacho e para todos; mas imaginou-a com agudo conhecimento das fraquezas do proximo, e dos habitos nacionais. Esta figura, a que deu varias fórmas, transportou-a ele amiude do papel para o barro, porque a par de caricaturista exerceu Bordalo com esplendor paralelo a arte de ceramico, igualmente plena de etnografia: lavadeira montada em burro, velha de capote e lenço, pescador, vendedor de peixe, varina dançante; artefactos, por exemplo, canastra, alcatruz, rede de pescar. Em jornais que fundou e dirigiu, *O Antonio Maria* (1879), *Pontos nos ii* (1885), *Parodia* (1900), abundam alusões a divertimentos populares, superstições, festas, costumes caseiros, gestos, trajos — tudo sempre vivificado por inexcedivel chiste[2].

Passemos a especificar algo das fontes acima indicadas. A estas fontes não se agregam, como já se disse, e pela razão declarada, as obras de Arte; mas haverá bastas vezes ensejo de incidentemente falar d'elas (vid. Literatura artistico-industrial, e Ergografia) e de no corpo da obra aproveitar muitas.

---

[1] Figura extraida do *Antonio Maria,* de 12 de Janeiro de 1882: O *Zé-Povinho* no momento de falar satiricamente com um cão. Este tipo do *Zé-Povinho* é um dos mais suaves que Bordalo criou.

[2] Acêrca do nosso artista vid.: *Raphael Bordallo Pinheiro,* I, «O caricaturista, desenhos escolhidos por Gustavo B. P., com um estudo de M. de Sousa Pinto», Lisboa 1915. O artista João Saavedra Machado começou tambem a publicar um trabalho (ainda não terminado) acêrca do nosso caricaturista.

Fig. 1 Zé Povinho

2. Observação directa da terra e do povo, e do viver d'este

O estudo da superficie da terra é da competencia especial do geografo; a do homem, sobretudo como ser fisico, é da competencia especial do antropologo. O etnografo recebe de ambos, e bem assim de outros especialistas, relacionados de perto ou de longe com estes, as noções que mais lhe importam, e que completam as que por si mesmo naturalmente colhe: na secção das fontes literarias se enumerarão algumas obras a tal respeito. Só o trabalho de observação dos elementos tradicionais, que fazem parte do viver do povo, pertence ao etnografo como proprio d'ele. — Aqui tem-se em mente apenas a observação directa ou imediata.

Observar é sempre, sem dúvida, o melhor metodo («.. mais se aprende observando que lendo ..», diz o *Peregrino da America,* I, 8), porque, o que aparece espontaneo possue caracter mais genuino. Queremos conhecer um serão, uma romaria, um *balharico,* uma esfolhada, — vamos assistir! Queremos saber como funciona um moinho, qual o interior de uma habitação, — entremos! quais as peças de um carro de bois, os aprestos de um oleiro, o vestuario de um serrano, — examinemo-los! qual o perfeito teor de uma canção, de uma xácara, das fórmulas de um jôgo infantil, — escutemos, e num caso ou outro sem que ninguem suspeite que estamos a escutar! Contudo, nem sempre se apresenta aos olhos e aos ouvidos do etnografo o que ele deseja saber. Para remediar a falta utilizará fotografias e desenhos exactos, consultará pessoas fidedignas, ou interrogará ele mesmo o povo. No lidar com o povo, no perguntá-lo para o observar etnograficamente, use de muita precaução, pois de contrário sujeita-se a ser informado de modo incompleto, ou a ser enganado.

O povo, quando fala com estranhos, supõe freqüentemente que o iludem, ou lhe pretendem extorquir assuntos que depois sirvam de galhofa em jornais ou no teatro. Convem que o etnografo, que vai estudar uma localidade onde o desconhecem, se acompanhe de pessoa da terra que o familiarize com a gente de lá. Ao autor já aconteceu suporem em várias povoações que ia lançar impostos, causar maleficios, ou preparar campo para roubos. Cf. *De terra em terra,* I, 55. Se o observador não é novo, empregue um eficaz argumento, de que quem escreve isto lança mão muitas vezes: — Então uma pessoa da minha posição e idade, com estas barbas

brancas, esta cabeça luzidia, vinha agora escarnecer de Vossemecê?

Uma ocasião, na Estremadura Transtagana, ao desejar averiguar de uma horda de Ciganos, que encontrou num caminho, se usavam certo amuleto, conseguiu isso mostrando-lhe um que levava pendente da cadeia do relogio como enfeite: os Ciganos, vendo o amuleto, ficaram convencidos que as perguntas que lhes eram feitas não tinham mau intuito.

Já em 1882 nas *Tradições Populares de Portugal,* p. xv, se recomendou que para se obter de uma pessoa do povo, principalmente de uma mulher, uma narrativa completa (oração, perlenga, etc.) ou notícia da existencia de um costume, de uma superstição, devia primeiro falar-se-lhe de cousas analogas, e até recitar versos ou definir qualquer particularidade. Assim ha quasi a certeza de chegar a resultados positivos. Não faça todavia o observador por outro lado, em certas circunstancias, ao seu interlocutor, ou interlocutora, perguntas directas: siga *linhas travessas.* O povo tende para responder a tudo *que sim* (ob. cit., ibidem). Que pena que as mulheres mostrem tanta relutancia, como em regra mostram, para comunicarem ao etnografo o peculio tradicional que guardam em si! Desculpam-se umas com outras: — Fulana é que sabe, eu não sei, ou já não sei nada. Com as da cidade então, pôsto que originarias do campo, chega a perder-se a paciencia. Respondem petulantes, a cada passo: — Cantigas, só nas aldeias!

Naturalmente cada classe constitue a fonte de observações mais valiosa no que toca ás respectivas tradições. Rapazes, são quem melhor informa acêrca de jogos usados por eles. Maritimos, acêrca da vida do mar. Raparigas, acêrca de canções e adivinhas. Caçadores, pescadores, pastores, lavradores, acêrca da caça, pesca, etc. Artifices, acêrca dos seus mesteres. Benzedeiras, acêrca de deitar cartas e de recitar ensalmos e rezas. Mulheres idosas, acêrca de contos e romances. O P.^e^ Bluteau, ao compor o seu precioso *Vocabulario,* tão rico e tão atraente, andou pelas «officinis mechanicas, para colher os termos proprios das artes», como declara no vol. I, na dedicatoria ao Rei. Já Cicero disse que as mulheres conservam as tradições antigas, — pensamento trasladado para a *Côrte na aldea:* vid. *EE,* I, 147. E D. Francisco Manuel alarga identico papel ás velhas: *Cartas de guia,* p. 122. Tambem Fernão d'Oliveira consultou velhas para esclarecer significados de dicções desusadas: *Grammatica de linguagem portuguesa,* cap. 36; e aí se lembra igualmente de Cicero. Anteriormente ainda a Cicero, observou Platão no *Crátilo,*

pela bôca de Socrates, ao falar com Hermógenes, que as velhas mantêm pronúncia arcaica de vocabulos: *Dialogos,* § 74.

Os romances populares estão em grande decadencia: são sobretudo graves matronas quem ainda os conserva, e não raro apenas em fragmentos. «Muyto sabe hũa velha», diz em sentido geral o

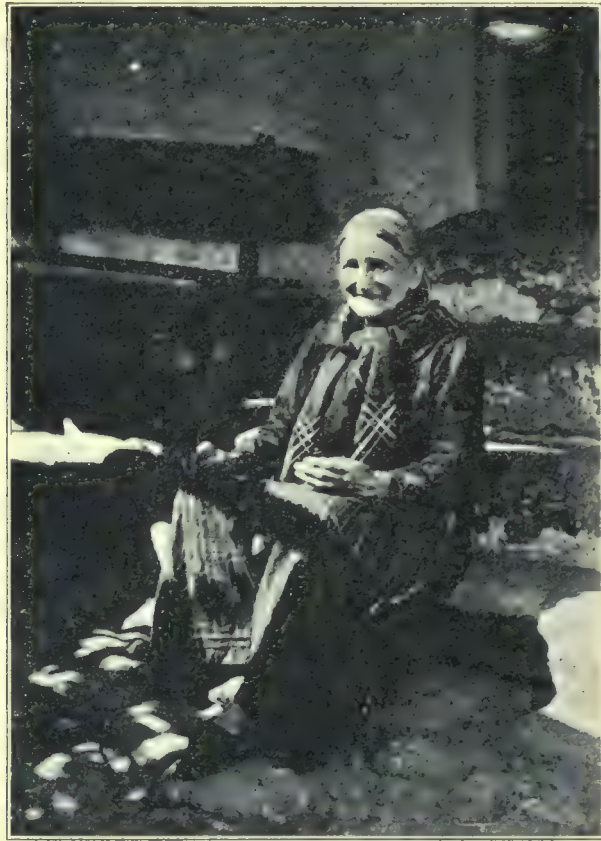



Fig. 2 — A tia Miquelina

autor das *Ribeyras do Mondego*, fl. 65. Na *Menina e môça,* p. 21–22, é uma velha quem conta historias. Lê-se no cod. 1147, da Torre do Tombo, fl. 106 (informação de Pedro de Azevedo): «quando uirmos a noiva no tamho (ou tambo: *tálamo*), então lha mão beijarei, que assi dizem na minha terra as uelhas». Nos *Vilhalpandos,* I, 2, p. 175, fala-se de «mèzinha de velhas». Referindo-se a individuos que não têm capacidade genesiaca, informa o D.or Mirandela, *Luz da medicina,* p. 268, que «alguns buscão os remedios das velhas

e feiticeiras». Foi tambem na linguagem das velhas que Curvo Semedo, *Polyanthes*, p. 67, n.º 27, colheu certo vocabulo anatomico: «sotura coronal, aonde as velhas chamão *moleira*», vocabulo ainda existente.

Vem a proposito notar que existem mulheres de prodigiosa memoria. O autor, quando era estudante, copiou da bôca de uma rapariga minhota tantas canções e romances, que davam para um livro não pequeno: ela estava num quintal a lavar roupa num tanque, em Guimarães, e ele ao lado a escrever num caderno. Não havia tema que a moçoila não esgotasse.—Margarida Rosa, venham de lá cantigas ao *lenço,* ao *anel,* á *fonte!* E saía uma torrente. Depois encontrou entre muitas mulheres de sabença analoga duas que merecem especial reparo, porque, sendo ambas idosas, a possuiam ainda mais vasta.

Uma das referidas mulheres, antiga criada do autor, costumava a cada palavra que ouvia, a cada acontecimento que soava, responder com um adagio. Assim se explica que Jorge Ferreira introduzisse tantos na *Eufrosina,* e na *Olisipo:* é que sabia muitos de cór! Além de adagios, a mulher de que se está tratando guardava no cérebro materiais com que se podia formar outro não menor livro: contos, superstições de toda a especie, notícia de costumes, nomes de animais marinhos, receitas mágicas.

A segunda mulher, a tia Miquelina, de Golães (Melgaço), (retrato na fig. 2)[1], era parteira muito considerada, no concelho, e por longe: contava 76 janeiros quando o autor a conheceu, e recitou-lhe, em três conversas, todo o dialogo extenso de uma comedia; muitos trechos de uma narrativa da guerra da Liberdade (em prosa); versos historicos; cantigas, orações, romances ou xácaras, ensalmos, profecias de D. Sebastião, pormenores da Revolução de 1640. Pessoa muito agradavel, viva, desembaraçada. Era vê-la, e ouvi-la, de chinelas, sem meias, lenço caido da cabeça em volta do pescoço, chambre azul, saia preta mosqueada de verde e branco, mandil, sentada nos degraus da varanda, a falar, a falar...

Se quanto a *folklore* os velhos ficam inferiores ás velhas, nem por isso são leigos na materia. Lembremo-nos do ditado: *muito sabe o Diabo, porque é velho;* com frequência os nossos maiores tinham na

---

[1] Este retrato foi amavelmente tirado pelo S.or A. V. de Castro Silva, da Covilhã, a pedido do Rev.do Celestino de Figueiredo. Abade da Sé primacial de Braga. A ambos dou cordiais agradecimentos.

bôca a expressão: *como diz o sengo,* ainda que as duas expressões podem tomar-se em sentido geral, e não só a respeito dos varões.

É certo que nas pessoas de idade a memoria se enfraquece; esta lei fisiologica tem porém ás vezes excepções, sobretudo quando o exercicio ajuda a manter aquela.

Conheceu o autor um velho em Baião, o moleiro Elias, repertorio inexaurivel de anedotas e sentenças tradicionais: não raras vezes, para o ouvir, lhe foi bater á porta do moinho, que se alcandorava pobremente sôbre o Ribeiro Largo, — e o velho acudia de pronto, baixinho e trôpego, encostado a um pau, e discorria longamente como um filosofo grego!

Tais memorias permitem entender melhor o que Cesar, *De Bello Gallico,* VI, XIV, informa dos druidas: que aprendiam de cór grande número de versos, e se demoravam na aprendizagem vinte anos.

*

Com quanto por toda a parte haja homens, mulheres e gente môça que o etnografo consulte lucrativamente, sabe-se, ainda assim, de regiões mais ferteis de tradições do que outras, — isto é, de feição mais arcaica, por exemplo, lugarejos remotos, solidões do *inland* ou sertão, montanhas, costas maritimas pouco freqüentadas de banhistas. Cfr. *EE,* II, 150 sgs., acêrca da Beira, e *De terra em terra,* I, 3-4, 20-21, 65, etc., acêrca de várias provincias. Nos mesmos *EE,* IV, 349-350, se referiu o autor a Trás-os-Montes, como provincia tipica a este respeito, por estar em contacto com Lião e Galiza, «duas regiões muito conservadoras de costumes do passado, armazens incalculaveis de riquezas ethnographicas». No liv. IV da presente obra se tratará desenvolvidamente do assunto.

A fertilidade etnografica a que se fez referencia é contudo relativa. Muitos romances ou xácaras, segundo já se disse, estão meio obliterados, e o mesmo acontece ás *cantigas retornadas* ou paralelisticas. Cousas que ainda vigoravam na primeira metade do sec. XIX, desapareceram: por exemplo, a çanfona[1]. A propria gaita de fole, tão sentimental, ouve-se hoje quasi sòmente no Alto-Minho e na raia transmontana, mantida pela vizinhança da Galiza. O milho miudo quasi só se come nas margens do Coura, e sob fórma de papas. Curiosos jogos correlacionados com festas anuais, e outros, su-

[1] Bordalo Pinheiro no *Antonio Maria,* n.º 5, referindo-se ironicamente á çanfona, já não a soube pintar, e pintou um órgão.

cumbem perante o *foot-ball*. O actual Bispo de Portalegre proscreveu a entrada do *boi de S. Marcos* numa das capelas do Santo. A macadame atravessa já Barroso! Não vale a pena acumular exemplos. Urge pois continuar a colhêr e a estudar, com o maior afã, o que nos resta das tradições e costumes do passado, porque a civilização tende para destruir tudo isso.

. . . .

3. Vista da secção etnografica do Museu Etnologico, de Belem

A gravura dá um aspecto de parte da secção etnografica do Museu Etnologico, de Belem, ou salão de Almeida Garrett.

Da esquerda para a direita do observador encontramos um modelo de *espigueiro* do Minho, de que porém só se divisa metade;

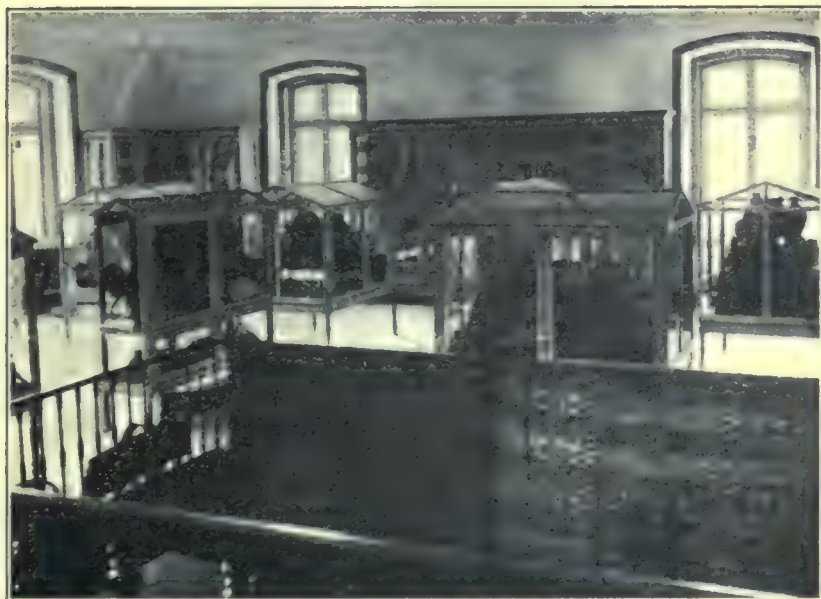



Fig. 3 — Vista parcial da secção etnografica do Museu Etnologico, Belem

depois, encostados á parede, dois armarios com apetrechos de costura, ferragens (espelhos de porta, etc.), faianças portuguesas do seculo XVII–XVIII; ao meio do salão, mostradores com instrumentos musicos, brinquedos infantis de barro e de lata, vasilhame vário

moderno, uma colecção de objectos chamada *mondinense* (veu de caliz, de seda, impresso com *conclusiones* academicas, seculo XVIII; um foral de 1504 —não de 1540, como por êrro tipografico se lê na *Historia do Museu*, p. 257—; *dobadores*; e outras cousas); junto da grade, um *jugo* de madeira, tambem do Minho; e penduradas de outro lado da grade colchas coloridas (industria caseira açorica: de Nordeste).

J. L. DE V.

Estampas etnograficas

(Continuação do *Boletim*, n.º 4, p. 57)

13—*Mantilha.* Mulheres de Gáfete (Crato), trajadas de mantilha, a caminho da igreja, ou vindas de lá, em dia de missa. Fig. 4, que assenta num desenho tirado de uma fotografia.

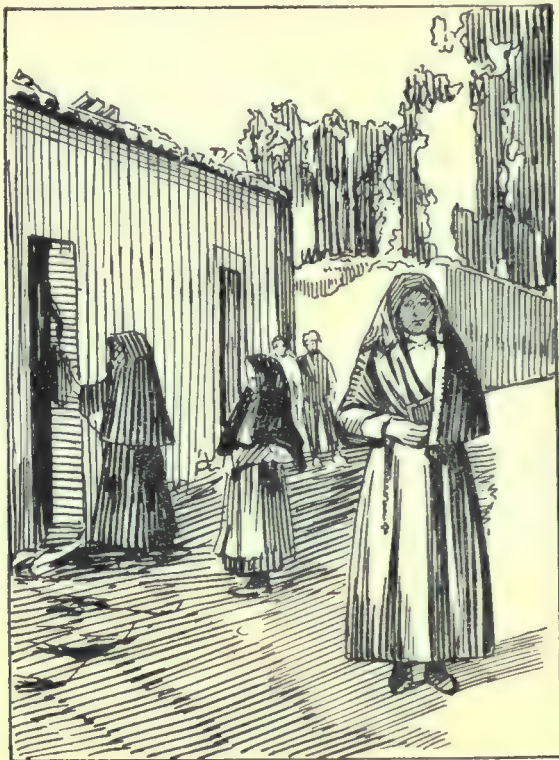



Fig. 4—Mulher de mantilha, Gáfete

14—*Procissão* em Arcoçó, ao pé de Vidago (Trás-os-Montes), no momento de sair da igreja. Vai a imagem agigantada de S. Cristovão, de pau, conduzida por um homem. O santo leva ao ombro direito a imagem do Menino Jesus, muito pequena, amparando-a

Fig. 5.—Procissão em Arcoçó

com a mão do mesmo lado.—Junto do santo vê-se parte de um andor. Na rua algum povo, tendo duas pessoas guarda-sóis abertos. Fig. 5. A gravura assenta numa fotografia.

15—Outra *procissão,* que desfila ao pé de uma capela, situada a uns 3 ou 4 quilometros de Montalegre. Vai uma mulher a cavalo numa burrinha, a qual mulher representa a Virgem quando fugia para o Egipto. Á arreata devia ir S. José, que porém não figura na fotografia d'onde se extraiu a gravura. Muitas mulheres ao pé, e um rapaz. A procissão costuma fazer-se em 15 de Agosto. Fig. 6 (de uma fotografia).

Fig. 6.—Procissão em Montalegre

16—*Caldeireiro ambulante,* fotografado em Folgosinho (Serra da Estrela), na rua, ao pé da sua habitação, de que se vê parte de uma parede e os degraus fundeiros de uma escada que sobe para ela.

Fig. 7.—Caldeireiro ambulante

Fig. 7, extraida (com a devida vénia) de um bilhete-postal da papelaria de Borges, de Coimbra.

17 — *Fuso* ou *furador*, de laranjeira, para fazer *ilhóses* (ilhós) nos coletes das mulheres, nos coadores de leite, em sacos, etc. Alandroal.

Fig. 8. — Fuso de fazer ilhóses

Este instrumento tem o nome de *fuso* no campo; chama-se porém *furador* na vila, como noutras terras. O nome de *fuso* provém da analogia do instrumento com o fuso de fiar. Fig. 8. De 0^m, 170 de comprimento.

O original guarda-se no Museu Etnologico, para o qual o obtive em 1930, estando no Alandroal.

18 — *Fôrcas* de fazer cordões, que se empregam para entiar em bôlsas (onde se mete fato, se leva uma merenda, etc.):

a) Fig. 9 (Alandroal). De 0^m,195 de comprimento. Objecto feito de piôrno.

b) Fig. 10 (Fronteira). De 0^m,145 de comprimento.

Ambos estes objectos pertencem ao Museu Etnologico, e devo-os á amabilidade, respectivamente, da Ex.ma S.ora D. Mariana Rosado Belo, do Alandroal, e do Ex.mo S.or Carlos Moreira Pinto, de Fronteira. O primeiro objecto obtive-o em 1930, o segundo anteriormente.

Fig. 9
Fôrca de fazer cordões

Fig. 10
Fôrca de fazer cordões

No Alandroal usa-se tambem com a mesma aplicação da *fôrca*, e igualmente assim chamado, outro instrumento muito mais simples, feito de um esgalhinho de arvore.

J. L. de V.

Um bobo do seculo XIV

Reproduz-se na fig. 11 um desenho que parece representar um bobo, e se extrái da *Chancelaria de D. Afonso IV*, Liv. III, fl. 3, existente na Torre do Tombo, segundo indicação dada por Pedro de Azevedo no *Boletim da 2.ª Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa*, VI, 184. O desenho no pergaminho da Chancelaria mostra ter sido feito com a mesma tinta dos titulos que encabeçam os documentos.

Fig. 11

O bobo está esboçado comicamente: descalço, talvez de calção até o joelho, cauda, cabeção, e a cara e cabeça protegidas por um envoltorio, que se prolonga posteriormente, adelgaçando-se e arqueando-se sobre a cabeça, como gôrro, a modo de chifre que sai do *occiput*: quereria o desenhador ridiculizar neste último caso um capacete?

Não conheço nenhuma representação artistica de bobos em Portugal; por isso o desenho despertará certa curiosidade no leitor.

O gôsto, ou mau-gôsto, de ter bobos e anãos em casa para divertimento, como se fosse um cãozinho de raça ou outro animal, passou da antiguidade classica para a idade-média, e d'esta para tempos posteriores, e para diferentes partes. De bobos escreveram entre nós, sobretudo, que me lembre: Julio Cardoso, *Os bobos*, Lisboa 1891 (n.º 192 da «Bibliotheca do povo e das escolas»); Conde de Sabugosa, no *Diario de Noticias* de 1–I–1922; idem, *Os bobos da côrte*, Lisboa 1924. Vid. tambem: breves noticias em Bluteau, *Vocabulário de nomes*, p. 55, s. v. *Balâla*, e *Panasco*; e a *Enciclopedia* de Maximiano Lemos.

Na literatura portuguesa ninguem ha que não lesse, ou ouvisse mencionar, *O Bobo*, romance de Herculano, publicado a primeira vez no *Panorama* em 1843, e depois em volume á parte: 9.ª edição, 1919. Eis aqui porém mais umas indicações literarias, que julgo menos sabidas. O *Pinto Renascido* de Th. Pinto Brandão, Lisboa 1732, contém a pp. 425–429 um romance com este assunto: *Acção de graças a certo Fidalgo, que lhe*[1] *deu hum vestido, e lhe pedio, que fizesse hum retrato a hum mulato chamado Roldão, que he anão*

[1] Isto é: ao autor.

do Conde da Ribeira. Por ser extenso, não transcrevo na integra o romance, e só umas estrofes caracteristicas:

Roldão, sahe cá para fóra,
que es o nada do meu thema,
e não he justo em tal dia
estar debaixo da mesa.

Este pequenino monstro,
eu jurara que nascera
de cachorro com bugia,
ou de mono com cadella.

Ora sahe, em quanto eu tiro
os oculos da algibeira;
mas ainda com quatro olhos
receyo que te não veja.

Quando corre pela sala,
parece, todo em cambetas,
hum . .
. . . .

No *Anatomico Jocoso* (sec. XVIII) lê-se tambem:

. . testemunhas que forão:
. . o anão do Duque . .

I, 162. E:

(bobo) Não destes que andão nas seges
Á garupa de seus amos . .

III, 252.

O D.or Jordão de Freitas, Director da Biblioteca da Ajuda, teve a bondade de me dar cópia da seguinte certidão de obito antiga, que se refere a um anão de luxo do Duque do Cadaval, o qual, porém, podia não ser bobo propriamente dito, e apenas servir de riso.

«Aos dous dias do mes de Dezembro de mil e sette centos e sincoenta faleceo Diogo Brunel, solteiro, Anam do Duque de Cadaval, morador no lugar de Pedrouços[1]; não recebeu os Sacramentos por se achar no Estado da Innocencia havia mais de dous an.os Enterrouse no Jazigo da Irmandad.e do Rozario no Conv.to do Bom Sucesso. -O Reitor Henrique Garcia Galhardo».

(Liv.º 4.º dos Obitos da Freguesia da Ajuda, fl. 251 v).

Este anão, como consta do apelido, tinha origem estrangeira. O seu defeito fisico e o seu oficio fizeram que dementasse anos antes de morrer: isso significam os dizeres do reitor: «por se achar no estado da innocencia».

---

[1] Em Pedrouços era o paço do Duque do Cadaval.

O Marquês de Castelo-Melhor ainda nos fins do seculo XIX, como me informaram, tinha um anão á porta do seu palacio, em Lisboa, ao pé do porteiro. O Conde de Sabugosa, *Os bobos da côrte,* p. 9, falando do mesmo anão, diz que ele «se colocava sobre a meza de jantar para d'alli apodar os convivas».

Num armazem ou loja de venda da Rua do Ouro esteve algum tempo, já ha anos, um anãozinho, fardado, á porta, como chamariz de frègueses: uma vez, em que estava um magote de pessoas diante d'ele, mirando-o, e acaso escarnecendo-o, vi-o eu chorar, o desgraçado. Tantos são os contrastes neste *diablo mundo!*

J. L. DE V.

Lume e iluminação

(Vid. *Boletim*, n.º 3, pp. 39-42.

I

Produção de lume

No Alentejo, por exemplo em Tolosa, os camponios produzem lume, introduzindo isca em um canudinho de cana, tapado com rolha de cortiça: fig. 12. A isca é trapo queimado. *Petisca-se* ou produz-se o lume batendo, de lado, com um fusil num pedaço de *cascalho* (quartzo).

II

Isqueiro de bogalho

Os bogalhos têm ás vezes umas excrescencias tais, que, quando se encaram duas que fiquem proximas uma da outra, o bogalho

Fig. 13

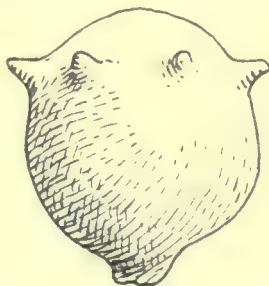



Fig. 14

toma o aspecto de cabeça de toiro, com galhos: e por isso se dá aos bogalhos, no Alentejo Alto, o nome de *toiros*. Vid. as figs. 13 e 14; na última ao lado dos galhos até se vêem as *orelhas!*

O povo faz isqueiros d'estes toiros. Aparam-se as excrescencias com uma navalha, e pratica-se na parte superior uma especie de coroa eclesiastica, fazendo-se um morrão no miôlo que fica á vista. Depois, com o usual fusil e pederneira, tiram-se faiscas junto do morrão, que em seguida as recebe: e assim se tem lume para acender um cigarro, etc.

Observei o costume em Tolosa ha ainda pouco tempo, e de lá trouxe para o Museu Etnologico dois exemplares dos bogalhos que serviram para os desenhos.

Ha várias especies de isca, segundo se dirá noutro lugar.

III

Vendedor de «mechas»

Mecha, diz Moraes no seu *Diccionario*, s. v.: «tira de papel enxofrada: e assim astilhas de pao enxofrado, para se tomar o fogo da isca, e accender chamma de candeya, carqueja, ou fogo de lenha, ou carvão».

Fig. 15

As mechas vendiam-se d'antes pelas ruas. A fig. 15 é extraida de uma colecção de litografia de tipos e usos populares intitulada *Ruas de Lisboa*, n.º 3, est. 17, que possuo na minha livraria. Cf. Ferreira Lima, *Costumes portugueses*, p. 14 (aqui a figura vem no n.º 3). O meu exemplar não tem data; o d'ele tem a de «1819».

Como ilustração do assunto transcreve-se do *Dicc. bibliographico*, de Inocencio, IX, 267-268, a seguinte noticia a proposito do escritor Francisco Baptista de Oliveira de Mesquita, o *Mechas:*

«N. na provincia da Beira, de paes pobres, e veiu para Lisboa procurar fortuna pelos annos de 1804. O seu primeiro negocio foi o trafico das *mechas*, de que hoje poucos leitores do *Diccionario*

Fig. 18

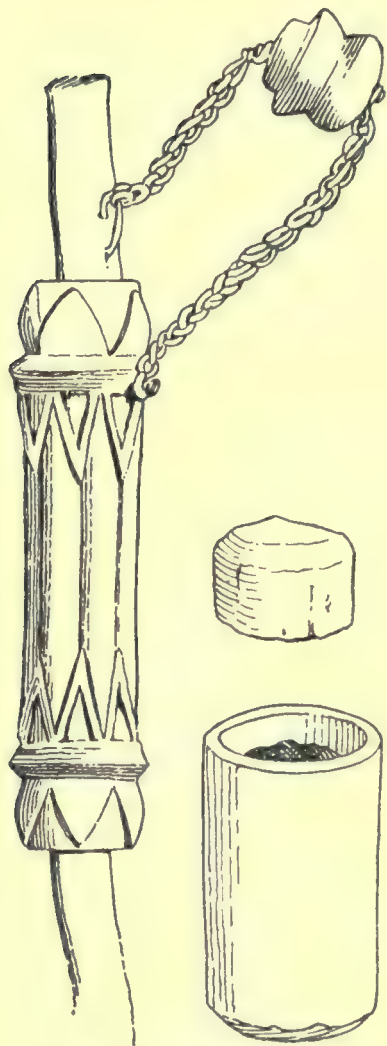



Fig. 22

Fig. 20

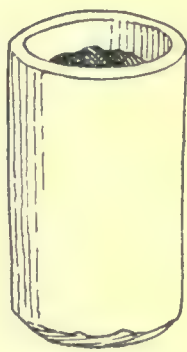



Fig. 12

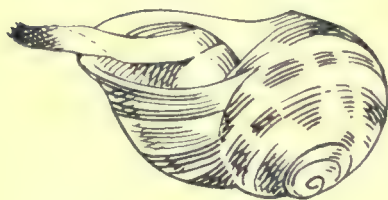



Fig. 16

Fig. 21

Fig. 17

podem fazer idéa, mas que era pouco mais ou menos comparavel ao que tem sido modernamente o dos *phosphoros*. Elle mesmo se mandou retratar depois, trazendo ás costas uma alcofa com as taes mechas. Como fosse ladino e muito esperto, conseguiu n'aquella especie de industria lucros que em breve o habilitaram para estabelecer-se com uma casa de compra e venda de livros novos e usados, a qual teve em Lisboa por alguns annos, e n'ella ganhou com que sustentar-se e á sua familia, estendendo e generalisando o seu commercio até ás provincias ultramarinas».

O citado escritor S.^or Ferreira Lima, meu confrade na Academia das Sciencias, que foi quem me chamou a atenção para este passo do *Diccionario bibliographico*, levou a sua amabilidade a comunicar-me mais o seguinte:

«Possuo trez pequenos impressos que costumam aparecer colados no interior das pastas das encadernações de varios livros, como se fossem ex-libris, e que são do teor seguinte:

Lisboa
Esta Obra (ou Este Livro) foi comprada em casa de F. B. O. de M. o Méchas
na Travessa dos Romulares N.º 8, A.
junto ao Caes do Sodré; onde tambem compra, vende e troca Livros de todas as qualidades; assim como tambem vende tudo quanto he necessario para uso de hum Escritorio de Commercio.

IV

Iluminação de caracois

Ha pouco tempo (escrevo em 1931), por exemplo, na passagem de uma procissão nocturna, faziam-se em Tolosa (Alentejo Alto) candeias de *cascas de caracoles*[1], providas de torcida e azeite. Vid. fig. 16.

Estas candeias ou se pousavam ás portas, sobre uma cortiça, em que se faziam cavidades para elas se meterem e não cairem, ou

[1] Assim diz o povo.

se fixavam em canas, de uns $0^m,595$ de comprido, rachadas em varios lugares, segundo a disposição dada pela fig. 17.

Adquiri exemplares que trouxe para o Museu Etnologico e serviram para as gravuras.

V

Para serviço dos soldados

Na *Milicia pratica,* de B. Gomes Coelho, Lisboa 1740, t. I, p. 68: «He obrigação, do cabo de esquadra.. levar na sua patrona fuzil, isca, pedreneira, e mecha de enxofre, porque a ele toca.. o conservar candea, e lume: e servem-lhe estes instrumentos para acender luz..».

VI

Outros apetrechos de petiscar lume para uso dos fumadores

1. *Fusil,* de aço, moderno. Fig. 18; de tamanho natural.

2. *Pederneira,* quandrangular, comprada numa feira, onde é costume vendê-las. Fig. 19, de tamanho natural.

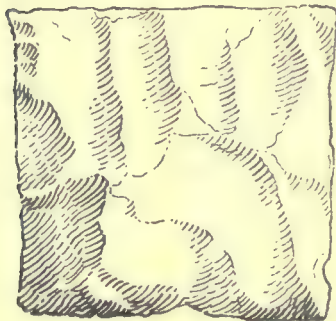



Fig. 19

3. *Isqueiro.* O corpo é de madeira, e tapado em cima com uma rolha da mesma substancia, a qual rolha se liga a ele por uma correntinha metalica. Todo o corpo tem ornatos angulares, e está excavado e atravessado pela *isca.* Serve a rolha para apagar a chama e deter o morrão, depois de aceso o cigarro. Fig. 20, de tamanho natural. O respectivo objecto veio da Figueira da Foz para o Museu Etnologico, onde se guarda com os restantes.

VII

Comparação de fusis

A fig. 21 mostra-nos um fusil de aço, vindo do Fundão para o Museu Etnologico.

É-lhe comparavel, por causa dos ornatos que lhe servem de péga, o da fig. 22, que representa um *briquet* romano do Museu de St.-Germain (França): vid. Cagnat & Chapot, *Manuel,* p. 464.

J. L. DE V.

Arte & Etnografia

Três «estudos» de Malhôa

O ilustre artista José Malhôa deu-me a honra de me oferecer um *estudo* que tinha feito para o quadro que se intitula *A caminho da romaria*, o qual estudo, que representa um «fogueteiro», será publicado na *Etnografia Portuguesa;* além d'isso teve a bondade de me emprestar, para sairem no *Boletim,* três outros *estudos*, que são:

1. Zé-Pereira. Homem que toca bombo. Segue-o o *gaiteiro,* com a gaita de fole. Aquele só deixa ver a perna esquerda, porque assim convinha ao quadro; mas a outra perna está esboçada. *Estudo* pertencente ao quadro anterior.—Vid. a fig. 23.

2. Promessas. Várias mulheres fizeram promessa de ir de joelhos dar volta a uma igreja: uma porém ficou tão abatida e cansada, que foi preciso duas das companheiras ampararem-na. *Estudo* feito para o quadro que tem o mesmo titulo d'este paragrafo.—Vid. a fig. 24.

3. Meninos em cestos. Rua da aldeia (Figueiró dos Vinhos), onde é costume as mulheres, emquanto trabalham em casa, depor os filhinhos na proxima rua, ao sol, uns em berços de madeira, outros em cestos. Este *estudo,* que serviu para o quadro que se intitula *Assim se criam,* mostra um dos meninos dentro de um cesto, e protegido da violencia do calor por um guarda-sol aberto. Ao lado ha esboços parciais que não fazem parte do quadro.—Vid. a fig. 25.

Comentario:

Ao § 1.º—O Zé-Pereira figura com freqüencia nos *arraiais* festivos do Norte e da Beira. Nas festas da Agonia, em Viana do Castelo, assistiu uma vez o autor d'estas linhas a um arraial em que tocaram a um tempo dezenas de bombos, que faziam estrondo ensurdecedor, verdadeiramente selvatico. O nosso Artista observaria o costume em Figueiró, terra em que habitualmente passa o verão. É bom lembrar que Figueiró dos Vinhos pertencia outr'ora á comarca ou provincia da Beira.

Ao § 2.º—Promessas religiosas em circunstancias práticas da vida, executadas de joelhos, fazem-se tambem muitas nas mencionadas regiões. Uma das mais brutais de que tenho notícia é dar voltas uma pessoa a uma igreja, de joelhos, lambendo a parede, pelo que não raro a lingua lhe fica a escorrer sangue.—Ha muitas especies de *promessas,* v. g.: 1) actos que a propria pessoa executa ou manda executar em seu nome, como os que ficam indicados, e bem

Fig. 23

Fig. 24

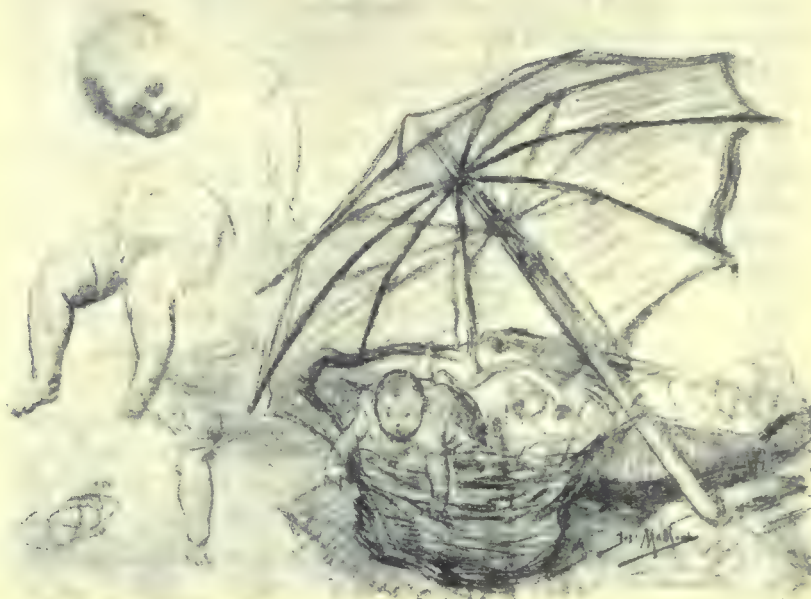



Fig. 25

assim ir em simples romaria ou *cirio*, ir amortalhada, ir em um caixão, como morta, ir em peregrinação á Terra Santa (do que em documentos medievais se dá por vezes testemunho); 2) actos eclesiasticos realizados a expensas de quem faz a promessa: responsos, missas rezadas ou cantadas, sermões, festividades, etc.; 3) oferenda de objectos de maior ou menor valor: simbolicos (de prata, de cera, etc.), velas, coroas, andores para procissões, e quadros ou *retabulos* em que se relatam ou pintam milagres — são aos objectos d'esta última especie e os simbolicos que costumam chamar-se *ex-votos* propriamente ditos; 4) oferenda de generos (milho, etc.) e animais, para festividades, ou em beneficio de santuarios, a fim de serem vendidos em leilão ou de outro qualquer modo; 5) oferenda de primicias: cachos de uvas que se penduram em andores, ramos de *folhelho* que se colocam junto de imagens em altares ou tambem em andores; 6) oferenda para festas, por exemplo, dar o *fôgo*, pagar á musica; 7) oferendas várias: cf. *Ensaios Ethnograficos*, II, 164, 70.

Ao § 3.º — Acêrca do uso de *canastras* que servem de berço normal ou acidentalmente, vid. *Revista Lusitana*, X, 16. Ao que eu aí já disse de várias terras, acrescentarei que tenho notícia de que em muitas outras partes as mulheres, quando vão trabalhar para o campo e levam consigo os filhinhos, deitam estes em quaisquer canastras perto de si, para dormirem ou repousarem e elas os poderem vigiar.

*

Malhôa é um dos nossos pintores que mais têm tomado por tema os usos tradicionais. Mal póde o etnografo prescindir de pelo menos conhecer algumas das suas inspiradas e admiraveis telas e *estudos*.

J. L. de V.

Esmolas para S. Lazaro

No *Anatomico Jocoso*, I, 285, falando-se de um letreiro, diz-se: «como letras de almagre[1], *como cruz de S. Lazaro*».

A cruz de S. Lazaro, de que se tratou no *Boletim*, n.º 3, pp. 19-20, era pois tão conhecida, que a côr servia para se estabelecer com ela uma comparação trivial!

J. L. de V.

---

[1] Isto é, *vermelhas*.

Espécimes de Etnografia por provincias

I

Entre-Douro-e-Minho

1. Sino de Romarigães

Ao referir-se á igreja de Romarigães, frèguesia do concelho de Paredes de Coura, diz o P.e Narciso A. da Cunha, na monografia intitulada *Paredes de Coura*, Porto 1909, p. 536, que ela «não tem torre. O sino pende de uns paus ou vigas, espetados no adro». O desenho que serviu de base á fig. 1, traçado a lápiz, do natural, pelo habil escultor-estatuario o S.or Julio Vaz Junior, que fez o favor de m'o oferecer, mostra-nos o sino pendente de uma travéssa de madeira, que se fixa ao mesmo tempo em paus como os de que fala o P.e Narciso, e em pernadas grossas de uma oliveira que está perto da igreja.

Quando soube d'esta especie de campanario, supus que tal maneira de colocar o sino fosse provisoria, até haver campanario verdadeiro ou torre; mas do que averiguei, e do que diz o P.e Narciso, vê-se que o sistema é antigo, embora na origem certamente provisorio, como muita cousa em Portugal, que depois se torna definitiva.

2. Musica popular

a) *Castanhetas* de madeira, que obtive no Gem, frèguesia de S. Tomé de Covelas, concelho de Baião (fig. 2). Alt. 0m,215. Exemplar pertencente ao Museu Etnologico, de Belem. Não é este o tipo mais usual. Cf. outro na *Hist. do Museu Etnolog.*, p. 409, fig. 163, tambem do Museu. O tipo mais usual está naturalmente sem ornamentação.

b) *Pandeiro* usado nas romarias do Minho (fig. 3). Alguns, pelo menos, vêm da Galiza, como este, que comprei em Braga para o Museu Etnologico, em 1904. Diametro 0m,230. Os discos metalicos que rodeiam o aro do instrumento, e que produzem som quando este é batido e agitado com as mãos, recebe o nome vulgar de *soalhas*.

Fig. 1 — Sino de Romarigães

3. Côfo

Especie de cesto (fig. 4), feito de *vêrga* (salgueiro, carvalho, etc.), que se adapta ao focinho dos bois, a modo de açamo para estes, quando andam no trabalho, não *amarrarem* á comida, e poderem trabalhar á vontade. Exemplar do Museu Etnologico[1].

---

[1] Para se indicar pequenez, costuma-se dizer no Minho (Barcelos): *cabe de baixo d'um côfo.*

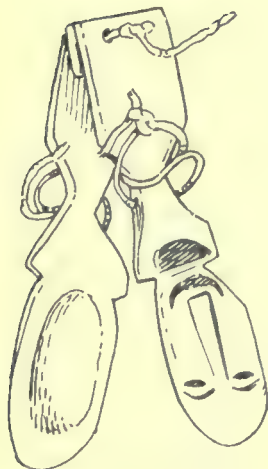



Fig. 2. Castanhetas

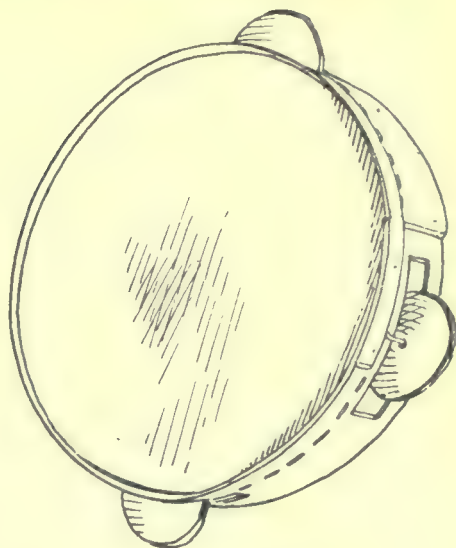



Fig. 3. — Pandeiro

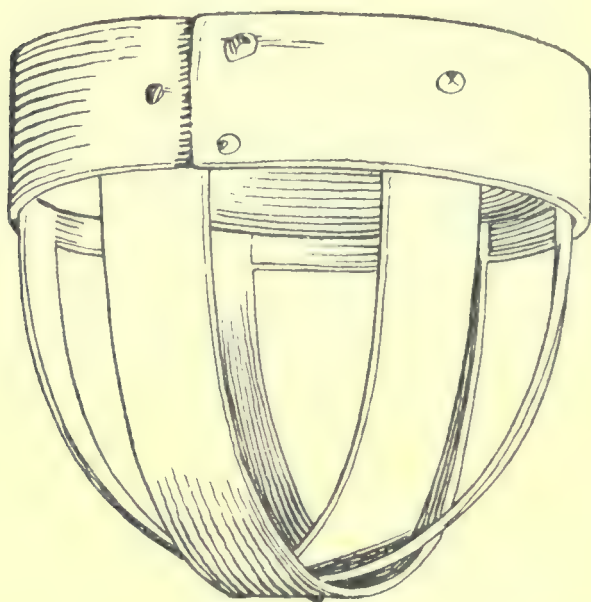



Fig. 4. — Côfo

Os desenhos em que assentam as gravuras dos §§ 2 e 3 devem-se a F. Valença, Desenhador do Museu Etnologico.

II

Trás-os-Montes

1. Malha de centeio

A gravura adjunta (fig. 5), extraída de uma fotografia, tirada em 1928 e que me foi oferecida pelo D.or Alexandre de Faria, de Bragança, representa uma malha de centeio nos arredores d'aquela

Fig. 5. — Malha de centeio nos arredores de Bragança

cidade: o sitio fica nas abas de um monte denominado o *Cabêço do Mendonça*. Os malhadores estão em mangas de camisa e chapeu de palha.

O trabalho do centeio, sobretudo a *segada* e a *malha*, serve de tema a curiosas poesias populares, tipicas do Norte de Trás-os--Montes.

2. «Boeiras» do telhado

Rigores de clima hibernal obrigam o homem a defender de muitas maneiras a casa em que habita, — precaução que sobretudo é necessaria onde eles se tornam mais sensiveis, por exemplo, em Bragança. Usam aqui o seguinte. Conjunto de telhas postas a pino e cobertas

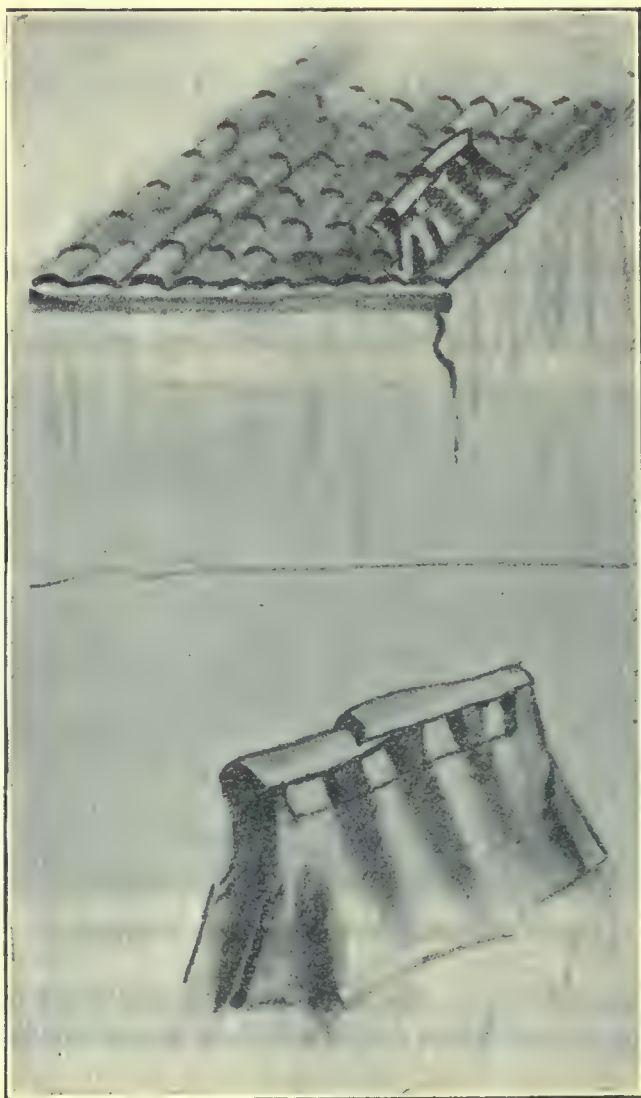



Fig. 6. — «Boeiras» do telhado

de argamassa. Sobre elas ha uma serie de dentes formados tambem de argamassa e de pedaços de telhas, na qual assentam duas telhas inteiras. Isto serve para evitar que a chuva penetre na cozinha.

Vid. as gravuras adjuntas (fig. 6), conformemente a desenhos do S.or Acacio Cruz, Professor do Liceu da cidade de Bragança, feitos em 1932.

III

Beira

Usos de Vilar Sêco (do concelho de Nelas)

Artigo consagrado, como preito de saudosa amizade, á memoria de Alvaro de Albuquerque, autor das «Matinais» (volume de sentidas poesias: 1895), e falecido em 12 de Setembro de 1934, na sua casa solarenga, existente naquela povoação.

1. Fontes de chafurdo, de mergulho, ou cobertas[1]

a) *de S.to Antonio.*

Tanque de pedra enterrado, e cujas paredes se prolongam para cima (fig. 7). Agua nascidia, que se extrái para uso doméstico, mergulhando nela os cantaros. Por isso é o menos higienica possivel. A pedra inferior da dianteira apresenta um desgaste, devido ao roçar das vasilhas. Ao lado vê-se um poial para estas se pousarem. Á volta, paredes de campos; e ao longe, oliveiras.

Houve certamente ali uma imagem do santo, hoje desaparecida.

b) *do Castanhal*[2].

O tecto era abobadado, e por isso se via adiante um arco. Temos pois aqui um tipo de antiga *fonte arcada:* vid. o que diz a este respeito o P.e Vasco de Almeida Moreira, *Cernancelhe e seu alfoz,* Porto 1929, p. 242 (cf. figs. de pp. 32 e 136), e as minhas adições, a p. VIII do mesmo volume (proemio): povoações com esse nome[3].

Ao lado da Fonte do Castanhal, de Vilar Sêco, avulta uma casa de varanda, com entrada pelo interior; o telhado é de angulo muito agudo, talvez imitação do Centro da Europa, trazida por emigrantes (fig. 8).

---

[1] Nenhuma d'estas expressões se usa porém em Vilar Sêco. O povo só dá nomes proprios ás fontes de que se aqui trata.

[2] Hoje quasi destruida. Restaurada de memoria no desenho.

[3] Na toponimia tambem ha *Fonte Coberta,* como vestigio local de antigas fontes d'este tipo.

2. Engenho de tirar agua nos campos

Já neste *Boletim*, n.º 1, pp. 32–33, se falou de um engenho do mesmo genero, existente em Grandola: *ibidem*, fig. 48. Cf. tambem *De terra em terra*, I, 74-75, onde se figurou um engenho romano ou *tolleno*, e se citaram variados nomes dados aos nossos engenhos, a que podem acrescentar-se outros, como *zabumba* (Carregal do Sal), *burra cega* (Cebolais, concelho de Castelo Branco), *sarangonha* (al-

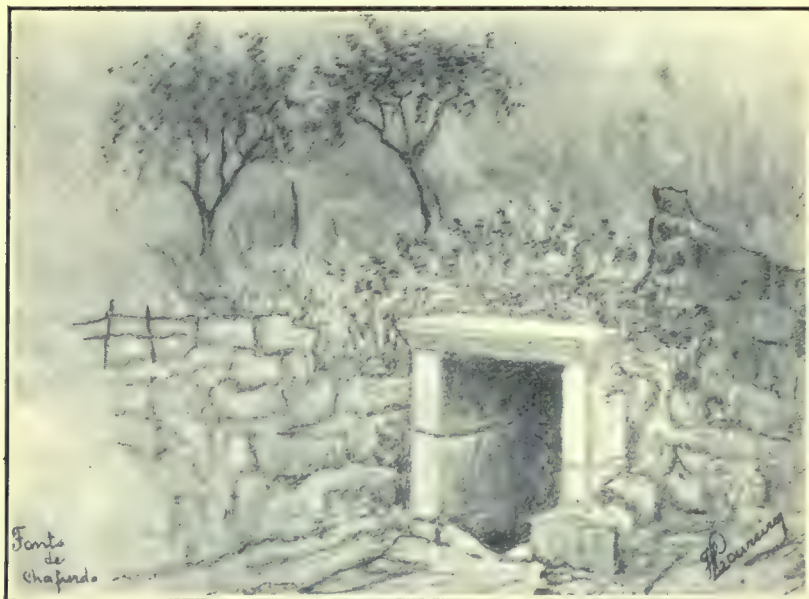



Fig. 7. —Fonte de Santo Antonio, em Vilar Sêco (vid. p. 35)

gures), *zangarela* (Arganil), *varola* (palavra derivada de *vara:* na Sobrena, concelho do Cadaval). Em Vilar Sêco dizem *cavaleiro,* que é propriamente o nome da haste d'onde pende o pêso e o balde.

Vid. fig. 9. Ao pé do engenho está uma pia rectangular de granito, onde se deita agua para se lavar roupa, etc.

É freqüente haver ao lado dos poços vasos de flores, como aqui. Pois que os jardins tomam terreno, que póde dar lucro, o povo substitue-o muito por vasos de flores, na disposição que vimos agora, e tambem pousados ao longo da parte superior de paredes que dão para hortas ou para caminhos, sobre o parapeito de uma janela, sobre uma tábua assente em duas pedras saídas *(cachorros)* de cada lado d'esta, etc. Os vasos de que se fala estão encostados a uma grade de madeira.

Fig. 8. — Fonte do Castanhal, em Vilar Sêco (p. 35)

Fig. 9 — **Engenho de tirar agua em Vilar Sêco** (vid. p. 36)

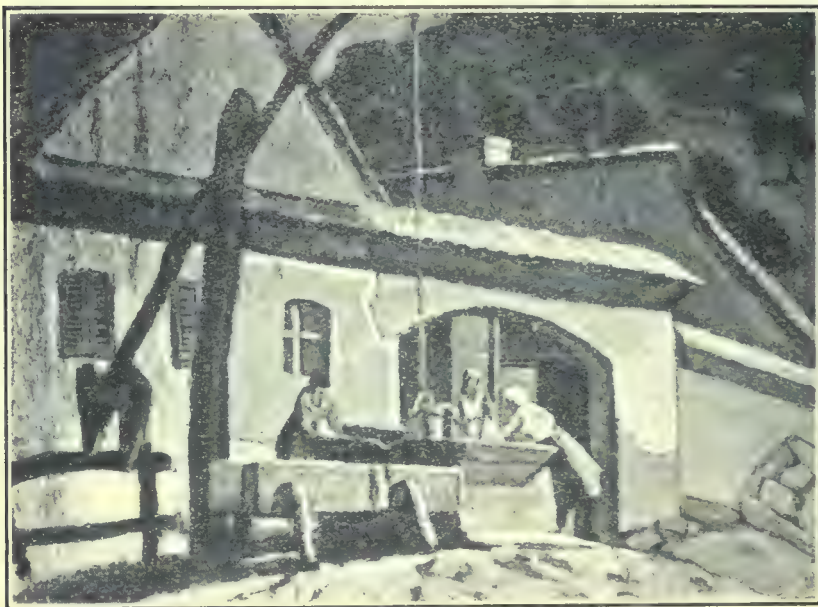



Fig. 10. — **Engenho de tirar agua em Cugir, Transilvania** (vid. p. 44)

3. Desenho de casas

a) Casa de varanda (de entrada interior), e chaminé do tipo meridional. Vêem-se dois *postigos* e um *janêlo*[1], em cima, e uma *portinhola* de lagar em baixo. Num dos janêlos ha uma taboa exterior e horizontal com vasos de flores, costume muito vulgar.

Fóra ha um *páteo*, com porta de entrada (porta dupla), de grade, de madeira (fig. 11.)

b) Casa de *balcão*, a qual dá para um *patim*, ou patamar, coberto de *alpendre*. *Balcão* chamam por estes sitios a uma escada exterior, de pedra, com degraus; e tambem ás vezes a uma interior, de madeira (*escaleira* é uma escada de mão, volante). Ainda que os degraus de pedra sejam três ou dois, recebem o nome de *balcão*[2]. No nosso caso o *patim*, com grades, balaustrada e *alpendre*, passa a denominar-se *varanda*. Por este se entra para a casa. Em frente da casa estende-se um *páteo* fechado, onde se vê, á direita, segundo *alpendre*, térreo, que serve para arrumação de objectos agrarios: corresponde á arribana estremenha (vid. *Boletim*, n.° 4, p. 34). Á esquerda da casa, no *páteo*, está um *curral*, que significa «loja» (fechada) de qualquer animal, boi, burro, porco, etc. (fig. 12).

c) Casa alpendrada, que dá para a rua. Dois *alpendres*, cada um dos quais protege sua entrada, isto é, portas situadas ao cimo de *balcões*, sem *patins*.—Fig. 13.

---

[1] O *postigo* é estreito; o *janêlo* é largo, quási janela pequena, que é o que quer dizer *janêlo*.

[2] Noutras terras *balcão* é o patamar da escada (Fozcoa, Celorico da Beira, etc.; em Trás-os-Montes: *Rev. Lusit.*, v, 29, artigo de A. Moreno). O povo canta em Vilar Sêco duas cantigas que dizem seguidas, como uma oitava:

Liberdade, liberdade,
Quem na tem chama-lhe sua:
Eu não tenho liberdade
Nem de pôr os pés na rua,

Nem de pôr os pés rua,
Nem de chegar ao *balcão*:
Liberdade, liberdade,
Amor do meu coração!

Para as pessoas de Vilar Sêco, «chegar ao *balcão*» quer dizer «chegar á escada». Se a cantiga se cantar, como é natural, em povoações onde *balcão* tenha outro sentido, com ele muda tambem o da poesia. Em todo o caso as cantigas são muito expressivas: pintam bem o recato, quasi arabigo, com que as mulheres, sobretudo graves matronas, d'antes viviam. Cf. *Boletim*, n.° 1, p. 7.

d) Duas casas contiguas, cada uma com sua escada exterior ou *balcão*. Em frente d'elas, do outro lado de uma *quélha,* ou rua estreita[1], que passa junto das casas, ha uma propriedade (terra de milho), de paredes toscas, na qual avulta uma casinhola (*palheiro*), de que só porém se vê parte.—Fig. 14.

e) Entrada ou portal de *pátio,* olhada de perfil, por onde entra o carro de bois, que se avista dentro, a pouca distancia. Ao pé, um

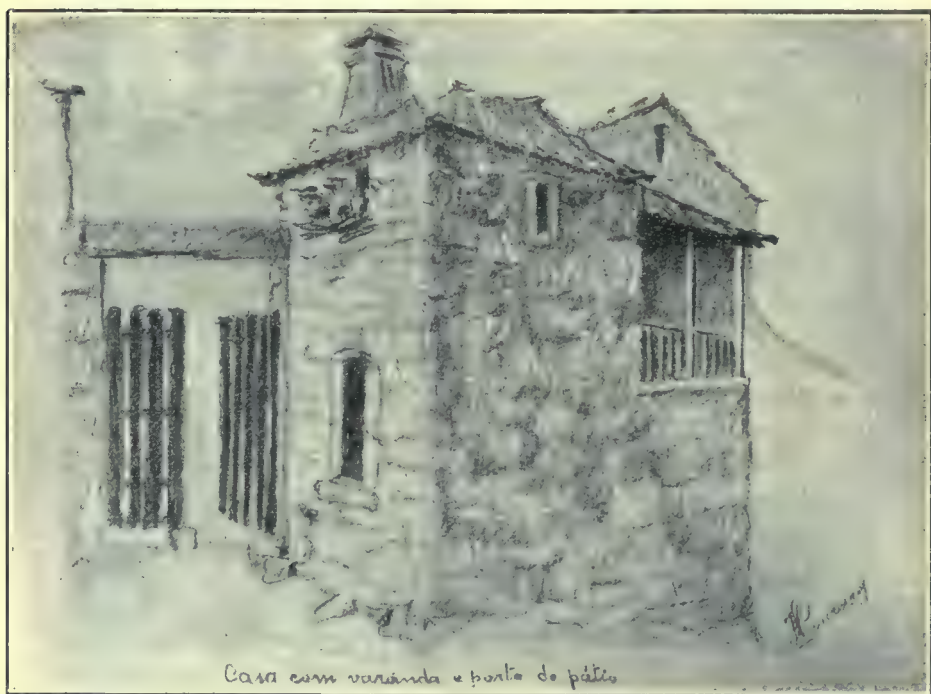



Fig. 11. — Casa de varanda em Vilar Sêco

porco e duas galinhas. Mais longe, casa de varanda (de entrada interior); debaixo d'esta, uma dorna a pino.—Fig. 15.

f) Cozinha. A *lareira,* quadrilateral, posta em nivel inferior ao do sobrado, que fórma bancada por dois lados (o que o desenho não mostra). Ao fundo da lareira, em frente de quem se aproxima directamente do lume, avulta a *pilheira,* onde se recolhe a cinza, e em cuja parte superior, de fórma de mesa, pousa alguma lenha para secar, e utensilios culinarios. Uma mulher, á esquerda do observador, sopra

---

[1] A respeito de *quélha* vid. as minhas *Memorias de Mondim da Beira,* p. 470.

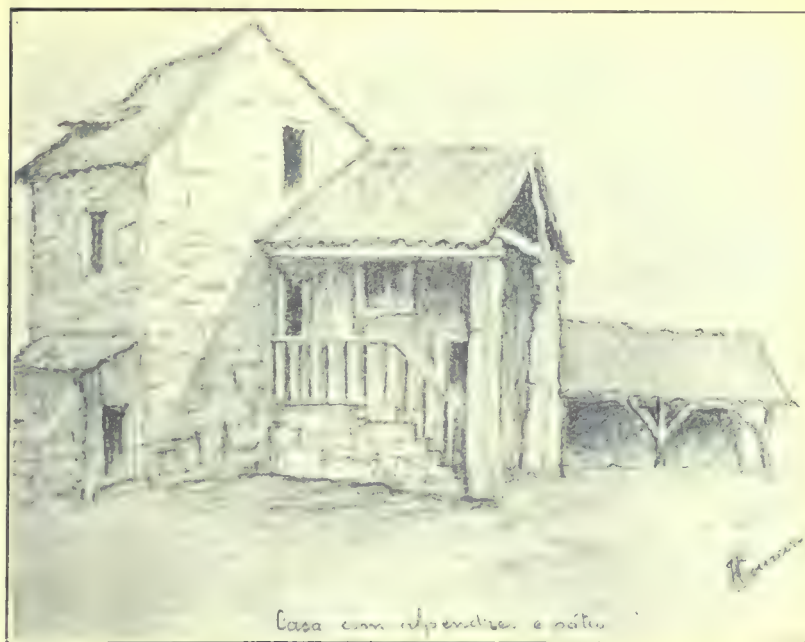



Fig. 12. — **Casa de balcão em Vilar Sêco**

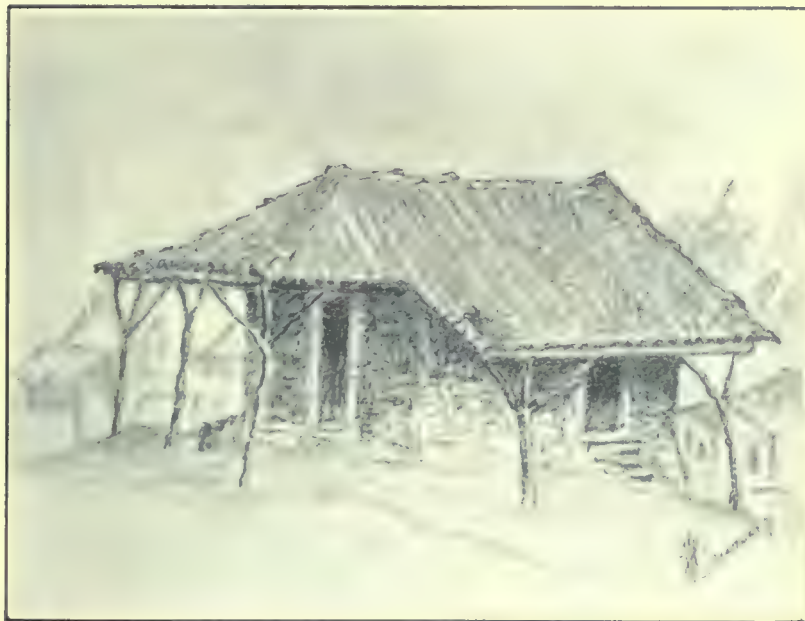



Fig. 13. — **Casa alpendrada em Vilar Sêco**

Fig. 14.—Duas casas contiguas em Vilar Sêco

Fig. 15.—Entrada de um patio em Vilar Sêco

ao lume com uma cana furada[1]. Adiante da pilheira vê-se o *cambeiro*, que é o cabide das panelas[2]. Junto da parede, do lado direito, está a *cantoneira*, com os cantaros da água, em baixo, e um armario para a loiça, em cima. Sobranceira á pilheira fica a chaminé, de cujo bôrdo anterior pendem as murcelas e chouriços (*enchido*) que estão em

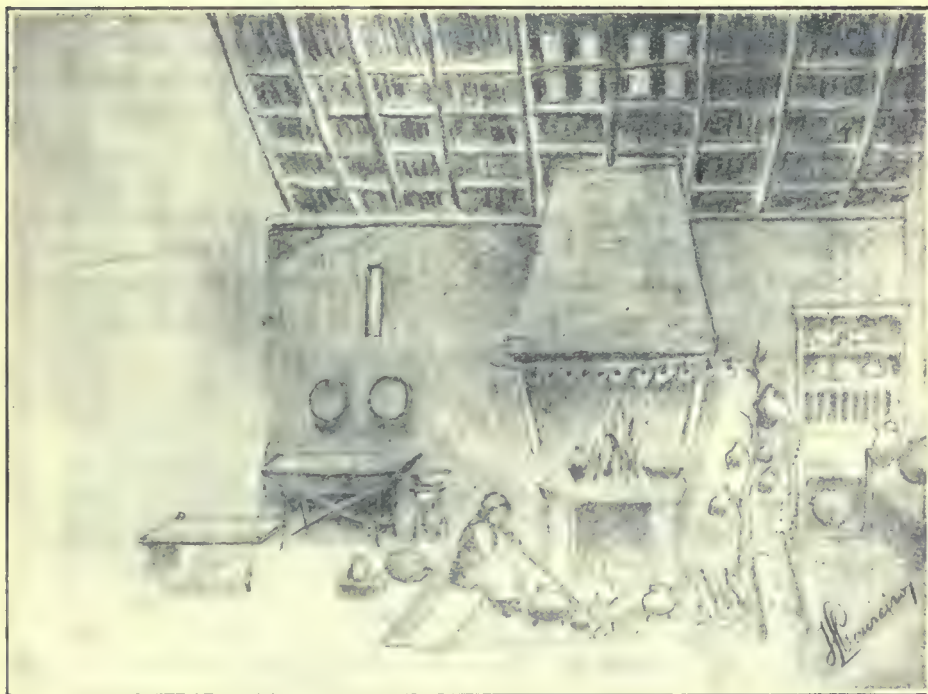



Fig. 16. — Cozinha de uma casa de Vilar Sêco (p. 40)

fumeiro. Ao canto esquerdo da cozinha encontramos a *masseira*, especie de caixa onde se amassa a farinha de que se fabrica o pão (de milho); e na parede, superiormente á masseira, duas peneiras, e á direita d'ela um banquinho com um alguidar. Finalmente, temos pendurada na parede da esquerda uma mesa levadiça, muito estreita que, quando posta horizontalmente se segura na parede, num ganchinho que mal se avista.—Fig. 16.

---

[1] Costume usual no Alentejo, onde ás vezes e para isto se servem de um cano de espingarda velho.

[2] Noutros pontos da Beira-Alta (Mondim) dizem *galheiro*, por ser um pinheiro com esgalhas, fixo no chão; nos esgalhos metem os pucaros.

4. Fogaceiras da procissão da «Senhora do Ó»

A festividade da *Senhora do Ó*, que está a cargo de uma irmandade da mesma invocação (que data de 1644)[3], e a que assisti em 18 e 19 de Agosto de 1934, consta de *compasso,* na vespera, geralmente em sabado, e da festa *propriamente dita* (missa cantada, sermão, e procissão). O *compasso* é já de si uma procissão, que sái da igreja matriz e a ela recolhe, depois de ter percorrido algumas ruas da frèguesia, que tem a sua séde no Outeiro, um dos lugares da mesma: constituem o *compasso* os membros da irmandade (de *capa* ou opa branca), com o seu *reitor* ou presidente[4].

Dá-se o nome de *fogaceiras* a meninas que levam *fogaças* á cabeça, isto é, açafates cheios de cereais (trigo, milho, centeio), prometidos á Senhora, e vendidos em leilão em proveito d'esta, os quais açafates têm por cima uma armação com flores artificiais e fitas de várias côres. Vid. uma *fogaceira* na fig. 17.

*

Os desenhos que serviram para as gravuras foram feitos do natural pelo S.^or^ Henrique Loureiro, habil e culto Professor de ensino oficial no Montijo, que veraneava em Vilar Sêco quando eu lá estive.

Apendice a este capitulo

Como ampliação do § 2.º reproduz-se na fig. 10 um desenho do S.^or^ Paul Scortesco, insigne artista rumeno, que em 1935 fez uma exposição de quadros seus em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, onde me relacionei com ele. O desenho representa um pôço de Cugir (Transilvania), a que está adaptado um engenho de tirar água, igual aos nossos. Tendo eu lembrado na minha obra *De terra em terra,* I, 75 (mencionada supra p. 36) que o uso dos engenhos ou *cegonhas* se estendia da Asia, da Grecia, do Egipto, de Roma, em

---

[3] A designação de «Senhora do Ó» provém de se cantarem sete antifonas da *Magnificat* que começam pela interjeição «ó»: vid. Bluteau, *Vocab.*, s. v. «ó». Os Estatutos da irmandade foram aprovados por alvará do governador civil de Viseu de 7 de Agosto de 1867, e impressos em Coimbra em 1891. Tenho presente um exemplar, e d'ele constam muitos vocabulos locais, por exemplo, *compasso* e *reitor,* já citados.

[4] O cargo é exercido por um secular.

Fig. 17. - Fogaceira da Senhora do Ó (Vilar Sêco)

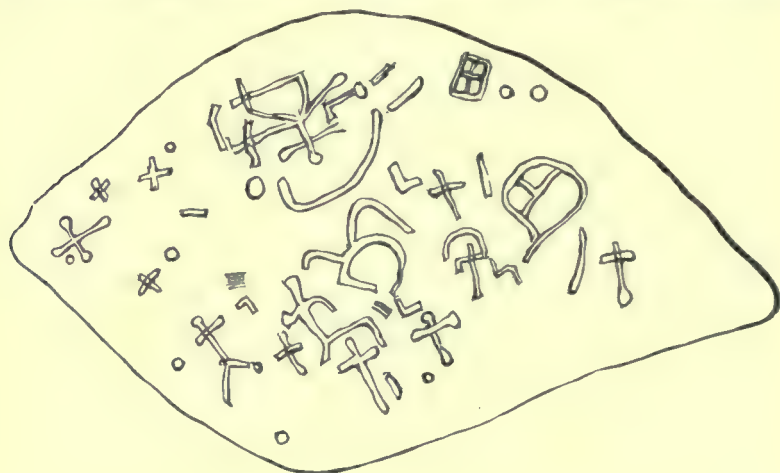
tempos antigos, á Peninsula Iberica, onde já se assinala no sec. VII da nossa era, fica assim indicado aqui mais um paralelo de fóra. O desenho do S.or Scortesco apareceu a lume primeiramente num folheto ou prospecto em francês, de que teve a bondade de me oferecer um exemplar, e de lá se extrai a presente gravura.

IV

Estremadura

1. Marcas de propriedade de objectos

Os vindimadores, em muitas terras, marcam com sinais proprios as asas dos cestos com que vão á vindima. Aqui se reproduzem alguns, observados em Alguber (Cadaval), numa quinta do meu amigo J. M. das Neves Fogaça.

Fig. 1.ª—O sol dentro de um *halo*. Em cima as iniciais do nome do vindimador ou vindimadora. Fig. 2.ª—Arvore ou ramo. Fig. 3.ª—Estilização humana. Fig. 4.ª—Cruciforme, mas que é estilização ainda maior que a anterior: distingue-se a cabeça, os braços, os seios, o tronco. Fig. 5.ª—Ou *guião*, ou melhor: bandeira das almas. Fig. 6.ª—Outra, como creio, bandeira (na parte central parece que se quis representar uma capela).—Tudo isto constitue temas usadissimos em cousas de arte popular. A fig. 4.ª faz lembrar certos desenhos ou insculturas de arte pre-historica que os arqueologos que tratam do assunto denominam *rupestre:* cf. *Relig. da Lusitania,* I, 364, fig. 78. Esta figura está ali ao invés, devia ficar da seguinte maneira:

Em *De t. em terra*, ii, 38–39, dei notícia de muitas *marcas* de pescadores, não porém gravadas em objectos de pesca, e sim em uma cómoda ou mesa de sacristia, a modo de *registo*. O nosso povo faz muito uso de marcas congéneres, gravadas em foices, em acinchos

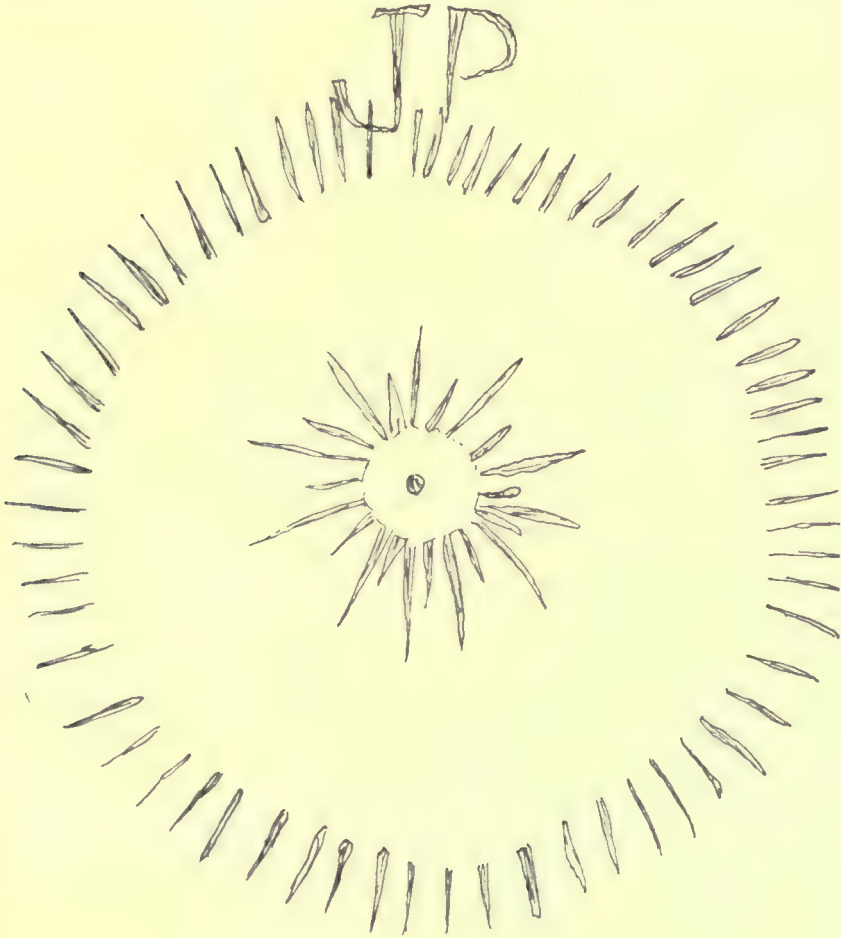



Fig. 1

(do queijo), em aros de peneiras, em manguais, para quando esses objectos se emprestam não se confundirem com outros, ou para quando se perdem se saber de quem são, etc. Igualmente marca animais (gado lanigero, cavalar, e outros).

O uso das *marcas* leva-me a aludir a **sinais de conta**, ou **assentos**, abertos com canivete em instrumentos de uso (cajados, cabos de sacho, aros do queijo), em pedacitos de cana, ou de pau prepa-

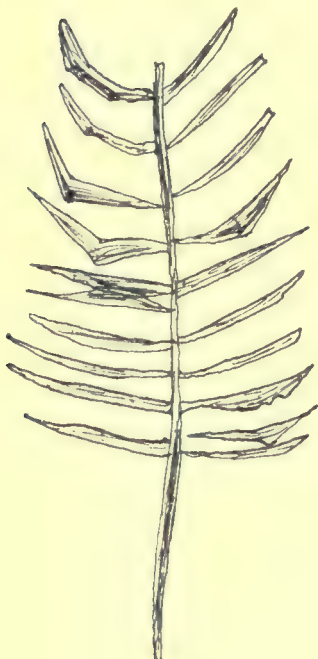



Fig. 2

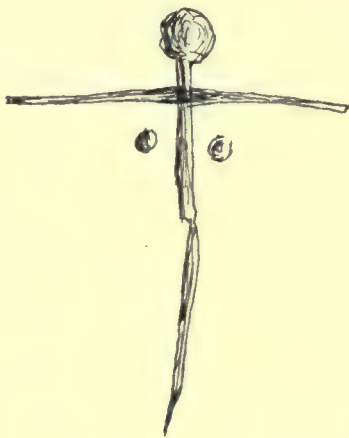



Fig. 4

Fig. 3

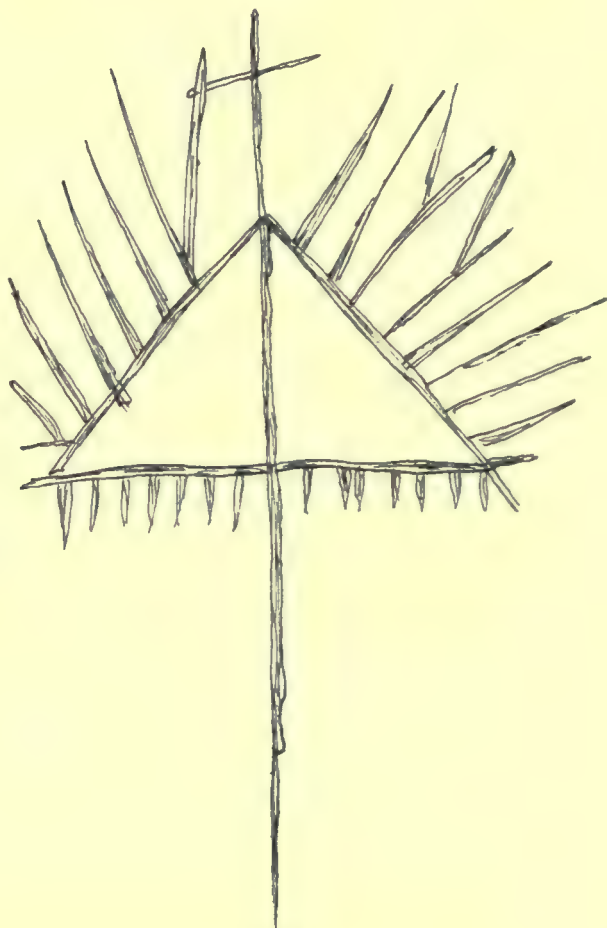



Fig. 5

rados *ad hoc*. Em Trás-os-Montes ha para estes ultimos o nome de *talas:* vid. *Hist. do Museu Etnolog.*, pp. 235–236; e cf. o *Elucidario* do P.e Viterbo, s. v. «talha de fuste». Tambem se fazem traços em simples papeis, com lapis ou tinta, e em paredes, em tampos de vasilhas, etc., com gis, carvão, sabão.

Em algumas povoações do Sul usa-se *verdadeira escrita convencional* na indicação do preço de certos frutos, e em assentos de divida a merceeiros que não sabem escrever: uma cruz significa um tostão (originaria nos antigos tostões de prata), e traços verticais, um vintem ou dez reis, consoante o tamanho, por exemplo: + | ; ı = 150 reis. Noutro sistema X representa 20 centavos, ○ dez centavos, etc. Curiosa maneira de indicar que uma divida, no primeiro sistema, está paga, é envolver a conta dentro de um circuito traçado com lapis ou pena. Em pedaços de pau, utilizados como fica dito, em cabos de sacho, e em cajados, indica-se, por exemplo:

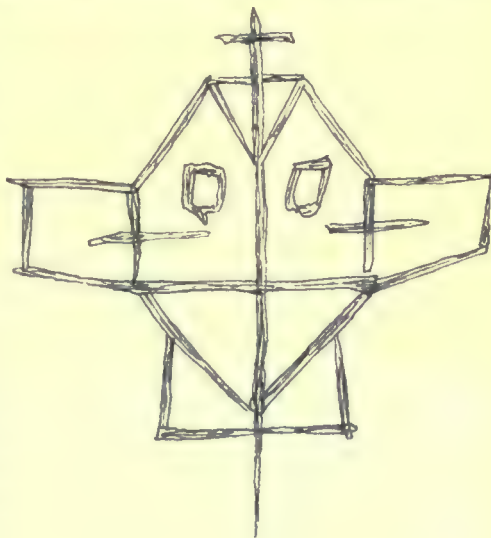



Fig. 6

o número de carradas de adubo que uma parelha de muares levou para o campo, ou o número de geiras que ela executa lavrando;

o número de cestos que um homem acarretou na vindima para o lagar, ou o numero de *tinas* de uvas levadas para lá em carros de bois;

o número de *cabanejos* que uma mulher apanha de azeitona;

o número de dias que uma *mondadeira* ganha ou perde;

o número de cantaros de azeite que se tiram do lagar;

o número de vasilhas de vinho que se lançam num tonel ou numa pipa, ou d'aí se tiram;

o número de borrêgos que nascem num rebanho;

o número de cabeças de gado que se vendem de um rebanho; etc.

De tudo isto possuo muitas noticias, e tambem apontamentos literarios e comparativos. No Liv. III da *Etnografia Portuguesa* tratarei do assunto metodicamente, e com algum desenvolvimento.

As talas trasmontanas, os assentadores, etc., fazem lembrar um *registre de comptes* prehistorico de França, de osso, que citei nas *Religiões*, I, 344, e outros que Max Verworn desenhou num artigo publicado em 1911 no *Correspondenz-Blatt der deutschen Gesellsch. f. Anthropolog.* etc., n.º 7, pp. 53-55. Na citada *Hist. do Museu Etnologico,* p. 408, n.º 162, dá-se o desenho de um *assentador* de Baião, que póde a proposito aqui lembrar-se. —Para o conhecimento da escrita e contagem primitivas ministra pois a investigação dos costumes do nosso povo, no campo indicado e por comparação, alguns elementos dignos de aprêço. Ainda que nem sempre semelhanças etnograficas importam necessariamente comunidade de origem, importam pelo menos comunidade de operações psicologicas.

2. Preparativos de casamento

D'antes, quando estava para haver um casamento nas povoações rurais do concelho de Mafra, eram os noivos quem ia á vila comprar o enxoval, que costumava ser conduzido para o respectivo *lugar* ou

Fig. 7.—Preparativos de casamento

povoação em carro de bois enrameado. A gravura adjunta, que assenta numa fotografia que me foi oferecida pelo D.or Carlos Galvão, mostra uma scena d'estas: carro de bois, com enfeites; *carreiro,*

ou condutor do carro, de *barrete* ou carapuça na cabeça, e botas; o noivo, tambem de *barrete,* e calças de «boca de sino», com joelheiras.

Parte decorativa e casual da scena: olmeiros da praça de Mafra; uma casa de habitação; curiosos.

3. Festeiros de «cirios»

Na *Rev. Lusit.*, XXX, 5 sgs., começou o signatario a publicar um artigo a respeito de cirios estremenhos, desacompanhado porém de gravuras. Remedeio agora um pouco a falha.

As figs. 8 e 9 reproduzem fotografias em que se representam varios festeiros de dois cirios da Senhora do Cabo, no momento de irem para o Cabo de Espichel, concelho de Sesimbra, onde ha um

Fig. 8. Cirio de Montelavar

santuario em que a Senhora se venera: a fig. 8 é de um cirio de Montelavar, de 1910; a fig. 9 é de um cirio de S. João das Lampas, de 1930. Tanto Montelavar como S. João das Lampas são frèguesias do concelho de Sintra. Antigamente iam ao Cabo cirios de vinte e

Fig. 9. — Cirio de S. João das Lampas

cinco frèguesias. Hoje a concorrencia é menor, pois a imagem da Senhora passa ás vezes de frèguesia para frèguesia, sem ir de cada uma em pompa até o santuario.

As duas fotografias devo-as ao obsequio do meu colega e amigo D.or Carlos Galvão, de Mafra, a quem já me referi.

4. Casas da Praia de Vieira

Suspensas em estacas, como as das estações prehistoricas, que se construiam em lagos (habitações lacustres), e tambem em terra firme (em italiano *terramare*, plural; em português podemos dizer *terramaras*): umas e outras com muitos vestigios de civilização da idade da pedra e do bronze.

Paralelos a estes sistemas de construção temo-los em varios povos selvagens do Dahoméi, America do Sul, Malásia, etc.; e já AA. gregos se referiram ao mesmo sistema.

Por brevidade omito citações, que tenho feito, ou farei noutros lugares.

Depois que o nosso notavel geologo, e ao mesmo tempo um dos primeiros que entre nós cultivaram scientificamente o estudo da Prehistoria nacional, Carlos Ribeiro, no *Relatorio do Congresso de*

Fig. 10

Fig. 11

Fig. 12

Bruxelas, Lisboa 1873 (o Congresso foi em 1872), falou de cabanas portuguesas construidas á beira-mar sobre estacaria, alguns dos investigadores da Etnografia portuguesa tomaram conta do caso, e hoje conhecem-se entre nós muitos exemplos de tais tipos de construção. No proprio *Boletim de Etnografia,* n.º 3, pp. 33–38, se falou de casas

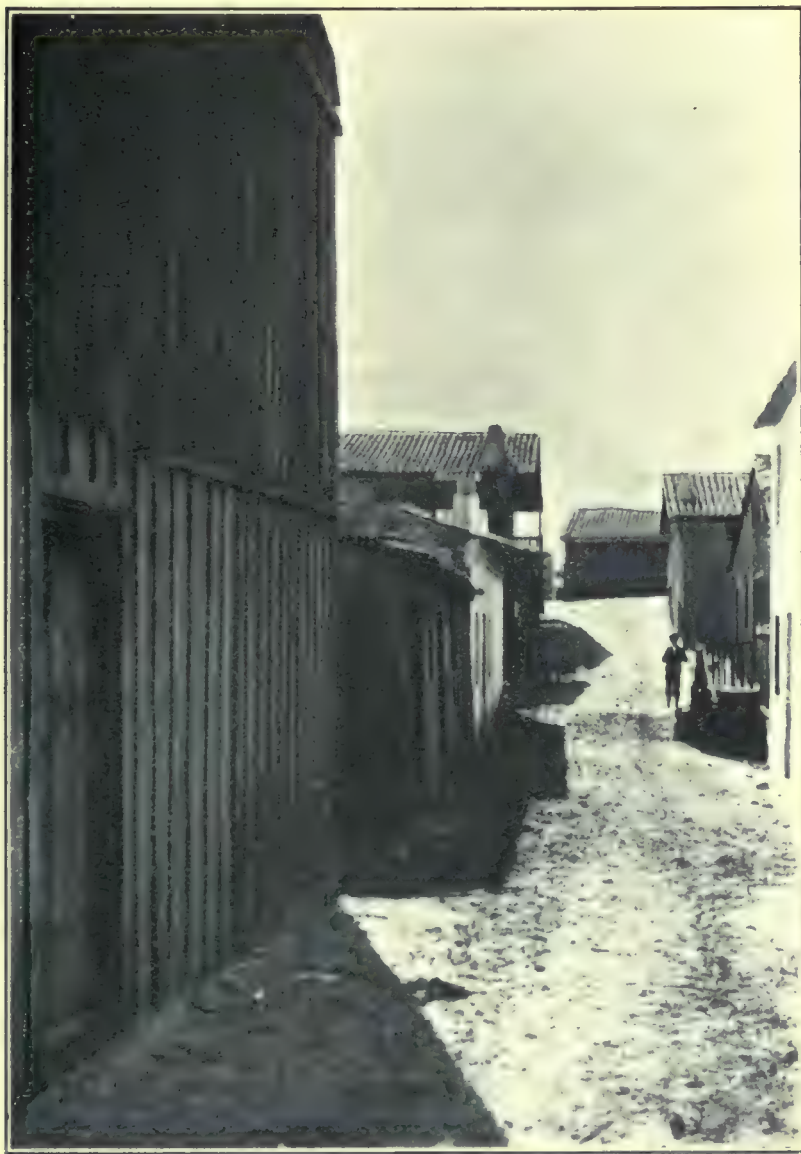



Fig. 13

da Praia de Vieira (Leiria), mas como a fotografia de que se fez a gravura da fig. 2 deu apenas um leve aspecto de *barracas*, e como estas vão a desaparecer, o que já aconteceu totalmente aos *palheiros* da Costa Nova (Aveiro), não hesito em publicar aqui cinco amplas fotografias de casas d'aquela localidade, as quais fotografias me fo-

Fig. 11

ram enviadas pelo meu amigo, e ilustre publicista, João Tomé Fèteira, de Vieira de Leiria[1]. Vid. figs. 10 a 14.

[1] O S.or Fèteira é, por exemplo, autor de um bem arquitectado soneto etnografico, intitulado *Numa tourada,* que faz parte das *Primeiras Rimas* (1927), e que penso reproduzir em ocasião conveniente.

5. Costumes da vindima (Lourinhã)

I

Os cachos que se cortam das videiras deitam-se em cestos, e os cestos despejam-se em *tinas* ou dornas, que, depois de calcados aí os cachos pelos vindimadores com os pés, são levados para o lagar, em carros de bois. Empregam-se dois carros, mas só serve uma junta. Emquanto está um carro a encher na vinha, vai-se despejando no lagar o que para lá havia sido levado, e depois a junta que trouxe aquele leva este já vazio.

O carreiro marca numa haste de cana delgada (*caniço*) ou de vide, abrindo móças com um canivete, o número de tinas que vão para o lagar, onde depois tornam a marcar-se as que entram nele. Tambem ás vezes, em lugar de utilizar o carreiro uma haste especial (fig. 15: haste de vide, de tamanho natural, com 23 golpes), aproveita para isso um varapau de trazer na mão, como arrimo, um angulo do carro, ou do escadote que serve para subir a este, quando se lançam os cestos das uvas dentro da tina.

A *marcação* das tinas que entram no lagar faz-se no tampo dianteiro do tonel que há-de por fim receber o vinho (fig. 16).

No mesmo tampo, quando o tonel está cheio de vinho, e d'onde este se tira, aos *cascos*, para venda, marcam-se com traços de gis os cascos vendidos, como se vê na mesma fig. 16.

Com o que fica dito cf. o que de contagem se lê no § 1.

II

Terminada a vindima, os donos da casa dão a *adiafa* aos *caseiros*, *lagareiros* (os homens do lagar, isto é, do trabalho do lagar no fabrico do vinho), *abegões* (os que trabalham com os bois), *carroceiros* (que, como os abegões guiam tambem carros, mas puxados por burros ou mulas).

A *adufa* consta de bacalhau com batatas, azeitonas, pão, e vinho, cozinhado com tanta abundancia, que chega ainda para o dia seguinte.

O preparo das batatas com o bacalhau é feito pelos próprios trabalhadores junto da adega; e a refeição é tomada

Fig. 15

dentro d'esta, estando eles sentados em bancos que arranjam *ad hoc* (tábuas assentes ao acaso, etc.). Naturalmente reina grande anima-

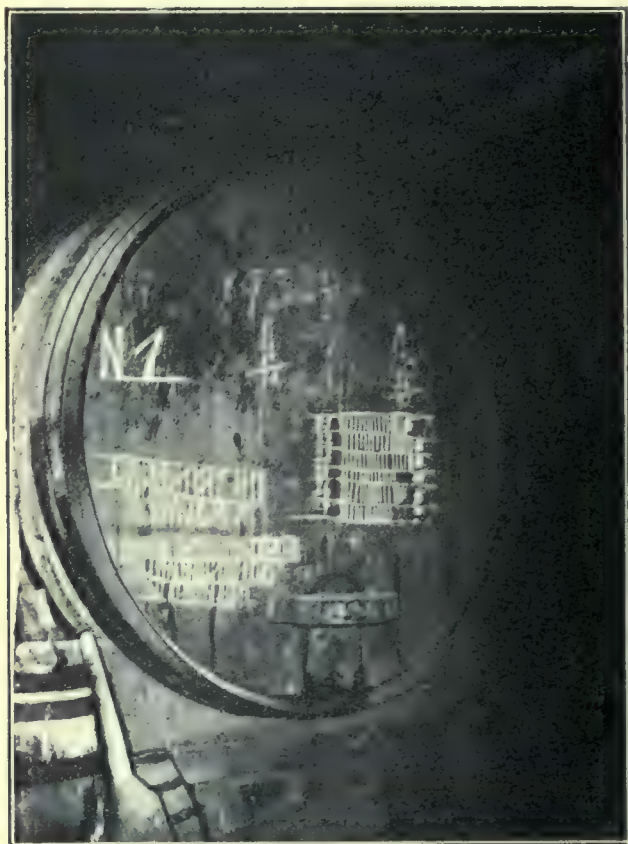



Fig. 16

ção em todos os convivas, motivada sobretudo pelo espumante licor, que já os Gregos adoravam como dom de um deus.

*

O que na primeira parte d'este artigo se diz da contagem das tinas de uvas observei-o eu proprio na Lourinhã, em 1934, na quinta em que habita o meu ilustre amigo o D.or Mario Braga, que com muita amabilidade me havia convidado para ir lá passar dois dias, e a cujos filhos devo a fotografia que serviu para a fig. 16. A haste representada na fig. 15 ofereceu-m'a o caseiro da quinta. A segunda parte do artigo baseia-se em informações que lá tomei.

V

Alentejo

1. Penedo dos casamentos

Na herdade do Montinho, á beira da estrada que conduz á Aldeia do Mato, concelho de Reguengos de Monsaraz, e perto da povoação, ha um monólito de granito, de pouco mais de um metro de alto, com uma saliencia em cima, que faz lembrar um chapeu.

Rapazes e raparigas solteiros que por ali passem, e desejem saber se casarão nesse ano, tomam três pedrinhas do chão, sobem acima de outro penedo mais baixo, que dista d'aquele cinco ou seis metros, para o Sul, voltam as costas ao primeiro penedo, e *aventam* as pedras, seguidamente, com a mão esquerda, para cima da saliencia de que se falou: se as três pedras ficam lá, casam todas; se não, não.

Outra versão diz que, se se deitam abaixo pedras que já para o penedo haviam sido atiradas, permanecem os consulentes ainda solteiros tantos anos, quantas forem as pedras caídas.

Tambem alguns dizem que as pedras podem *aventar-se* de frente, o que indica decadencia da superstição.

Temos aqui varios ritos:

—número três;

—costas voltadas;

—mão esquerda;

—arremêsso a distancia: o que tudo dificulta o acto.

Deve notar-se que no monólito está gravada uma cruz grosseiramente. Não deve ser cristianização do rito pagão, senão mais facil teria sido derrubá-lo; deve ser reforço da superstição.

Esta vai entrando em decadencia, já porque nem todas as pessoas contam o facto, tal qual acima se expôs — foi preciso ouvir muitas para apurar o que se disse — já porque, segundo outra versão, basta atirar as pedras de frente.

Ao penedo dão-se três nomes: *pedrejêra*, ouvido a um rapazito; *penedro do sombrêro*, ouvido a uma velha; *primêro sombrêro*, o mais usual.

Pedrejêra está por *apedrejêra*, acto de *apedrejar*; cf. *brincadeira*, de *brincar*.

Sombrêro não me é fácil explicá-lo, porque nesta região não se usa essa palavra, isto é, *sombreiro,* nem no sentido de «guarda-sol», como, por exemplo, na Beira, nem no de «chapeu», como no Minho (cf. hesp. *sombrero*). Apenas se usa como sinonimo de *sombracho,*

Fig. 1

especie de tôldo, ou pano, posto sobre paus, no campo, para os trabalhadores se recolherem á pressa, e momentaneamente, do sol, ou da chuva.

Usar-se-hia algum tempo *sombrêro* no sentido de «chapeu», ou tomar-se-hia do hespanhol a palavra, por zombaria? O mais natural seria em verdade denominar metaforicamente a saliencia do penedo pensando em chapeu. Tão semelhante é ela a este, que eu, no meu caderno de apontamentos, ao descrever o penedo, empreguei ins-

tintivamente, como comparação, a palavra *chapeu*, antes de ter ouvido o nome que o povo emprega.

Quanto a *primêro*, ou *primeiro*, provirá o epiteto de estar o penedo antes do outro de que se falou, e que serve para se subir a ele, ou provirá, como alguem me explicou, de ser ali a primeira paragem dos acompanhamentos quando os cadaveres iam d'antes a enterrar á igreja de S. Pedro, antiga matriz, que fica solitaria no *monte* (rural) de S. Pedro (hoje a matriz é dentro da Aldeia do Mato: orago a Senhora do Rosario)?

Quem escreve estas linhas esteve *in loco* em 19–x–1932, e de lá trouxe, como curiosidade, uma das muitas pedrinhas que juncavam o chão junto do monólito.

Por falta de tempo, abstenho-me de juntar paralelos d'este uso, que conheço, de cá e de fóra.

*

A fotografia em que assenta a gravura foi tirada pela Ex.ma S.ra D. Maria Inacia Perdigão, prendada e gentil filha do meu amigo o S.or Inacio Carneiro Perdigão, rico proprietario em Reguengos de Monsaraz.

2. Chocalhos e objectos congeneres

Os objectos gravados nas figuras adjuntas são todos eles de metal, e trazidos pelo gado ao pescoço:

a) *chocalho* de *debrum*, e *badalo* de madeira, para bois, vacas, eguas: alt. 0m,25[1] (fig. 2);

b) *esquila* para cabras: alt. 0m,075 (fig. 3);

c) *chocalho* para cabras: alt. 0m,19 (fig. 4);

d) *chocalho* para porcos: alt. 0m,11 (fig. 5);

e) outro *chocalho* para porcos: alt. 0m,105 (fig. 6);

f) *chocalho* sem *debrum* (e *batente*), tambem para porcos: alt. 0m,95 (fig. 7);

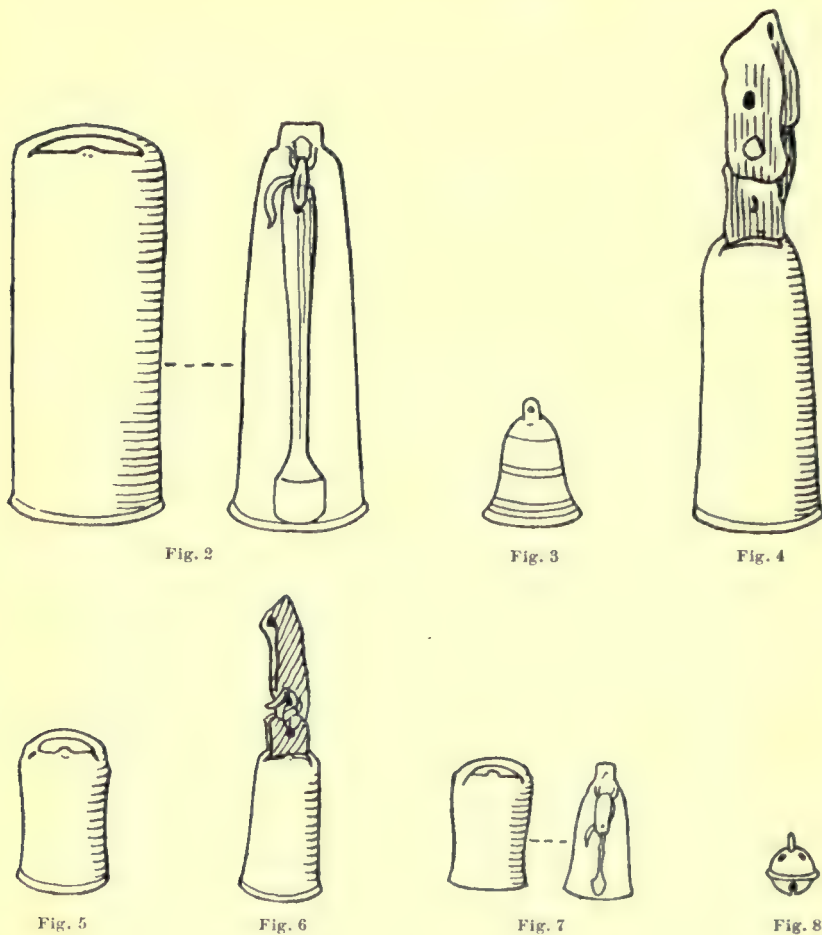
g) *cascavel*, para fazer parte de *guiseira* de gado muar: alt. 0m,04 (fig. 8).

*

As gravuras assentam em desenhos feitos no Sibôrro, em 1933, por F. Valença, Desenhador do Museu Etnologico.

[1] Tambem ha *chocalhos* sem debrum, de badalo de metal.

Fig. 2 Fig. 3 Fig. 4

Fig. 5 Fig. 6 Fig. 7 Fig. 8

VI

Algarve

1. Carrinha

É multipla em Portugal a nomenclatura do instrumento de transporte, chamado, de modo geral, *carro*.

No Alto-Alentejo (Tolosa), por exemplo:

— *carro*, por excelencia; puxado por duas mulas, com ou sem toldo, o qual carro serve para condução de pessoas, e de fardos. Corresponde ao que noutros sitios do Alentejo

se chama vulgarmente *carro alentejano,* e que quando tem toldo se chama *carro de canudo,* por causa do aspecto que apresenta.

— *carroça,* menor que o antecedente, e com uma tábua atravessada, que serve de assento; é puxado por um só animal (burro, etc.).

— *carrêta.* É o carro de bois.

Todos êstes carros têm duas rodas[1].

No Algarve distinguem-se os seguintes tipos.

— *carro de carga,* de duas rodas, e de molas d'aço. Raramente sem molas. A um carro que não tem molas d'aço chamam por graça, tanto no Algarve, como no Alentejo, *de molas de azinho.* O *carro de carga* é de duas especies:

a) *de bêsta só*[2], e por tanto de *varais;*

b) *de parelha,* e por tanto de *príteca* (prítica), especie de timão (temão) ou cabeçalho.

O *carro de carga,* como o nome bem o indica, serve só para transporte de fardos; raramente o utilizam para transporte de pessoas.

— *carrinho de Lagos.* Em regra tem duas rodas, raras vezes tem quatro. O *carrinho de Lagos* é como o *carro de carga,* mas menor, e mais aperfeiçoado. De varais, pois o puxa um burro ou um muar pequeno. Serve apenas para transporte de pessoas.

— *carrinha,* que vai ocupar-nos um pouco mais: vid. a fig. 1. Tem duas rodas e dois assentos laterais, e um na dianteira para o cocheiro. De cortinas, e *capota* ou *tejadilho.* Com ou sem molas, puxado por um cavalo. O leito sobre o comprido, e de uns 2 metros $\times$ 1^{m},20, é de pinho; os *limões* (vigas longitudinais onde assenta o madeiramento do carro, e transmitem o pêso da carga ao eixo) e os varais são de eucalipto; os raios das rodas são de mangue, ou de azinho; a príteca, de castanho.

— *carreta,* ou carro de bois.

---

[1] Carro de quatro rodas, só o trem; mas êste pertence á civilização geral.

[2] *Bêsta* no Algarve designa propriamente um equino, um asinino, um muar.

Fig. 1 — **Carrinha algarvia**

Fig. 2 — **Venda de batata doce em Lagos**

2. Venda de batata doce

A batata está em um panelão de lata, de duas asas, e tampa correspondente, o qual é levado num *carro de mão,* puxado por um rapazinho, rapariguinha, ou mulher, que volta as costas para o panelão, e segura com as mãos os varais. O panelão tem estas dimensões: altura $1^{m},5$; diametro $0^{m},55$. Pendente d'ele vão as balanças; e ficam ao pé os pesos.

Vid. a fig. 2, que nos mostra que quem conduz o carro é, no nosso caso, uma rapariguinha descabelada. Temos aí representado ao mesmo tempo um cabaz, que pende de um dos varais. Este é de cana, e contém *bôlos* (doces), que se vendem a par com as batatas.

Um kilo de batatas custa um escudo; antes da actual crise economica vendia-se por 20, 30 reis. Os bolos custam, cada um, 10 centavos; outr'ora vendiam-se a 5 reis.

A venda de batatas doces faz-se, mais ou menos, por toda a Beira-mar algarvia, mas algures o panelão não vai em carro: levam-no dois rapazitos, segurando-o cada um por sua asa.

3. Chaminé

No vol. III da *Revista Lusitana* (1893–1895), num artigo reproduzido depois na *Historia do Museu Etnologico,* p. 56, escreveu o autor d'estas linhas o seguinte: «Em chaminés ha grande variedade: no Alentejo parecem tumulos (por exemplo, em Ponte-de-Sôr), no Algarve semelham elegantes zimborios e minaretes; com alguns tijolos e um pouco de cal, o Algarvio edifica sobre o telhado ás vezes obras de arte verdadeira». Posteriormente alguns especialistas e curiosos trouxeram a lume varios desenhos de chaminés, e escreveram a respeito das mesmas. O proprio signatario publicou desenhos, por exemplo, na mencionada *Hist. do Museu,* pp. 385–387, no *Bolet. de Etnografia,* n.º 1, p. 39, n.º 3, p. 12, e cf. n.º 4, p. 32; na *Alma Nova,* de Lisboa (artigos reproduzidos nos *Opusculos,* v, 491–495).

A fig. 3 mostra-nos belo exemplo de chaminé algarvia, a qual existe em uma casa de Monchique; difere dos tipos usuais.

Muitas casas do Algarve não têm chaminé. O fumo sai por três fendas do telhado formadas pela elevação de tres *cobertores,* que recebeu para isso um pouco mais de argamassa.

Nota.—Em tecnica de Arquitectura, *cobertor* é a telha (telha curva) voltada com a concavidade para baixo; *canal* é a telha voltada com a concavidade para cima.

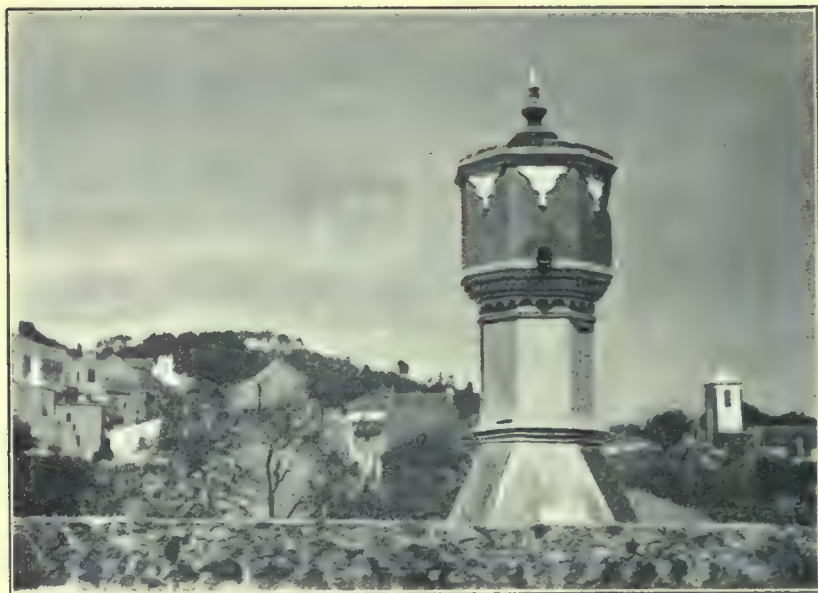



Fig. 3 — Chaminé algarvia (em Monchique)

Fig. 4 — Casa popular do Algarve

4-5. Casa popular e fôrno

Fig. 4: tipo de casa algarvia, dos arredores de Faro (S. João da Venda), — aspecto exterior. A casa tem de frente a porta de entrada, entre duas janelas baixas; na parede do lado abre-se outra, de serventia; do telhado sobressai elegante chaminé. Casas de rés-do-chão, com a porta de entrada posta entre duas janelas

Fig. 5 — Fôrno dos arredores de Portimão

baixas, como aqui, são freqüentissimas por todo o Sul de Portugal, e o seu uso chega até os Açores: cf. *Mês de sonho,* est. x.

Pois que estamos falando de casas algarvias, demos na fig. 5 a vista, tambem exterior, de um forno do Monte de S. Sebastião (arredores de Portimão), construido de per si, fóra de casa, como tambem acontece no Alentejo, ao contrario do que geralmente se usa no Centro (Beira) e no Norte de Portugal.

6. Cabanas de pescadores de Monte-Gordo

Monte-Gordo é uma povoação de 218 fogos (Censo de 1911), que fica ao pé do mar e tem praia de banhos. Grande parte dos habitantes dedicam-se á pesca.

Alguns pescadores vivem num areal, afastado da praia, em cabanas cobertas de colmo. A um grupo de cabanas chamam *bairro.*

Fig. 6

Ha outras que são sôltas. Figs. 6 a 8. Estive de fugida num d'estes *bairros* em 15 de Abril de 1933, em companhia do meu prezado amigo, o ilustre Engenheiro José de Sousa Nunes. Tomei apenas, pela rapida demora, breves notas etnograficas.

As cabanas são de junco, e, como já se disse, com tecto de colmo. A armação faz-se sem ferro: *travéssas* de canas encruzam-se em *traves.* O chão é de ladrilho. Cada cabana possue dois compartimentos: um de entrada, onde estão comestiveis e outros arranjos domesticos, bem como, a um canto, a cozinha; e um compartimento interior, que serve de quarto de dormir. Se bem me lembro, os dois compartimentos separa-os um tabique onde existem aberturas fechadas por cortinas em vez de portas. Compartimento total da cabana, desde a porta de entrada, que é de madeira, até o tôpo, uns 5 metros; largura 3 a 5 metros. A cozinha forma-a uma caixa de

Fig. 7

Fig. 8

pedra, alvenaria caiada, de paredes muito pequenas: 0,80×0,50; o fumo sai pela porta de entrada, unica abertura da habitação.

Para a chave da porta não se perder atam-na á ponta de um *entrançado* de cordel, a que se prende na outra ponta um *buzio:* a tudo chamam *cabo* ou *cobónho da chave*. O mesmo se faz *plus minus* em todo o Sul de Portugal. A este emprêgo de uma concha, materia prima que gente maritima tem sempre á mão, fica paralelo o servirem-se os pescadores de Monte-Gordo de outras conchas para vasilhas de azeite.

Em pouco mais de um quarto de hora que estive no local não pude colhêr número maior de apontamentos; nem eu aqui publicaria tão pouca cousa, senão fosse o querer corresponder á amabilidade do S.or Engenheiro Sousa Nunes, que por minha causa, mas em beneficio do estudo etnografico tirou as fotografias, não sòmente das cabanas senão todas as outras que exornam o § 5 deste artigo (Algarve).

Historia e Etnografia

Por poderem servir de utilidade a algum leitor, publicam-se adiante uns extractos do t. v, inedito, e incompleto, da *Hist. da administr. publica* do D.or Gama Barros, os quais tomei com permissão do D.or Henrique da Fonseca Barros, filho do grande historiador, e meu amigo de há longos anos [1].

Se os referidos extractos — como de materia ainda pouco estudada — têm principalmente valor historico, ou historico-geografico, tem-no tambem etnografico, segundo o plano que adoptei na *Etnografia Portuguesa* [2]: pelo que cabem muito bem no presente *Boletim,* que eles sobremaneira enriquecem e honram.

---

[1] Quando tomei estes apontamentos, destinava-os a meu uso particular, para os aproveitar, citando, já se vê, o manuscrito — como fiz, por exemplo, na *Etnografia Portug.,* I, 20 — e por isso não os transcrevi todos, na integra; depois foi que pensei que valia a pena trazê-los a lume, assim mesmos.

[2] Vid. o vol. I, p. 24: divisões tradicionais do territorio português, antigas e modernas. No nosso caso: divisões antigas. A respeito do t. V de G. Barros, cf. o que se diz *ibidem,* p. 119.

A José Leite de Vasconcellos.

Recordação do seu
affectuoso amigo
H. da Gama Barros

17 de março
de 920.

O lugar do t. v donde se extrairam os trechos tem o seguinte cabeçalho:

LIVRO IV — *Administração geral*[1]. Titulo I — *Organização administrativa;* Capitulo I — *Divisão do territorio;* Cap. II — *Agentes da administração:* 1, *Condes;* 2, *Meirinhos.*

G. Barros costumava juntar no fim dos seus volumes notas extensas ou anotações, como já Herculano fizera. Nos meus extractos segui o mesmo metodo, formando dois capítulos: um com os extractos do corpo da obra, o outro com os das notas finais. Por brevidade resumi em todos eles várias vezes a matéria, mas as palavras textuais do A. coloquei-as entre comas. De modo que não deve o artigo levar no fim assinatura. — Alguma leve observação que fiz, ou acrescento, vão entre colchetes.

J. L. DE V.

I

Extractos do corpo da obra

Do cap. I — *Divisão do territorio:*

Resumo:

As circunscrições em que se dividia a região peninsular onde veio a constituir-se a monarquia portuguesa eram nos seculos X e XI:

territorio

terra menos vezes que *territorio,* mas foi a que prevaleceu depois do sec. XI.

urbs ou *civitas* } muito excepcionalmente

comitatus é raro, pôsto que *comes* seja freqüente.

Entre *territorio* e *terra* não se fazia diferença. Um mesmo territorio se chama assim em uns documentos, e *terra* noutros, p. exemplo, Alafões (*Dipl. et Ch.,* de 1030 e 1083, documentos 268 e 621, 640. — Fls. 1. Em 1059, chamava-se *terra Portucale* a vasta região onde existiam as propriedades do mosteiro de Guimarães. — Fls. 1 *v.*

[1] [Como seqüencia do Liv. III, que constítue o vol. IV, impresso, da *Historia da administração*].

Conquanto não digam respeito propriamente á divisão do territorio, não julgou descabido fazer algumas observações a respeito das seguintes palavras:

comissorium

mandacio. Parece-lhe sinonimo de *mandamentum*.

mandamento. «É a nosso ver terra senhorial, um grupo de vilas, casais, cujos moradores estão sujeitos a jurisdição do mesmo senhorio e obrigados portanto para com ele a serviços pessoais ou outros encargos».

urbs, civitas, onde havia igrejas catedrais. Ás vezes *urbs* no sentido de territorio e de reino.—Fls. 6 *v*.

suburbio significação mais extensa que hoje.

concilium, fls. 9.

«*Provincia*, na significação de circunscripção mais vasta do que a indicada ordinariamente por *territorio* ou *terra*, é termo que se vê na Peninsula ibérica em documentos dos seculos IX, X e XI, alguns dos quais se referem á que chamam portugalense».

.. Em 915 Ordonho II doa a villa Corneliana, nas margens do Lima, e a igreja de S. Thomé, á Sé de S. Tiago, e diz ser esta situada na provincia da Galiza .. «in finibus Amaeo» (*DC*, n.º 18—*DC*, n.º 866) fls. 23 *v*.

«Na doação feita por Ordonho II em 922 ao bispo Gomado o mosteiro de Crestuma, usa-se o termo «Portugale», ora no sentido que parece ser de territorio ou provincia, ora no de villa» (*DC*, n.º 25.—Fls. 23-A).

«[No sec. x e] Nos primeiros anos da ultima decada do seculo XI o territorio *Portugale* fazia ainda parte da Galliza .. (933, *DC*, doc. 37, «o mosteiro de Lorvão, *in finibus Galleciae*». O doc. de 986 põe aí o mosteiro de Guimarães; em 1092 o de Arouca, doc. 152 e 790). Fls. 24 *v*.

Provincia portugalense no tempo de D. Henrique, doc. 871, de 1098.

D. Afonso Henriques: «principe de toda provincia portugalense, *Diss. chron.*, III, pt. 1.ª, p. 94, n.º 273, e p. 108, n.º 223, p. 116, n.º 355 .. Ainda depois de Affonso I dar a si o titulo de rei, ha exemplo de ele chamar *provincia* a Portugal (*Leges* I, p. 432 .. Nos primeiros anos da ultima decada do seculo XI o territorio *Portugale* fazia ainda parte da Galiza .. [desenvolve]». Fls. 24 *v*[1].

[1] [O ultimo periodo é repetição do que está supra. Como revejo estas provas sem ter presente o original do A., deixo estar o que está].

territorio ainda no seculo XII no sentido antigo, mas *terra* predomina. E cita exemplos.—Fls. 25.

«Aproximadamente até findar o seculo XIII as mais graduadas circunscrições administrativas, judiciais e militares em que se dividia o reino, umas maiores do que outras, chamavam-se *terras*, e o superior governo de cada uma (ás vezes de mais) estava a cargo d'um chefe, *tenens*, escolhido pelo rei entre a ordem mais elevada da nobreza, os ricos-homens. As terras comprehendiam um ou maior numero de *julgados*, e estes constavam de *freguesias*. Depois que, no correr do seculo XIV, a existencia dos *concelhos* foi abrangendo todo o paiz, são estas instituições mais vezes designadas nos actos officiais do que os *julgados*, e a designação fazia-se muitas vezes pelo nome da villa que era o centro do concelho, sem mencionar esta palavra.

»Pelos districtos dos ricos-homens estendiam-se também os coutos e honras com as suas imunnidades, os concelhos, e os *prestamos*, isto é, como já definiu Herculano (*H. de P.*, III, 1858, p. 300)=casaes, aldeias ou freguesias cujos rendimentos, no todo ou em parte, revertiam em beneficio de um *prestameiro* (prestamarius): eram a retribuição de um encargo publico, geralmente militar, mas ás vezes civil=.

»Desde o governo de Affonso III encontram-se os *meirinhos mores* de várias circunscripções; ao districto da sua jurisdicção chamavam *meirinhado*, mas commummente designavam-no pela natural divisão chorographica do paiz, determinada pelos rios ou montanhas, e á qual, em parte do seculo XIV e no seguinte se dava também o nome de *comarca*. Em 1342, á circunscripção territorial a que pertencia S. Martinho de Mouros, onde um *corregedor* exercia jurisdicção, ainda chamavam *meirinhado* ou *comarca do meirinhado* da Beyra (Costumes de S. Martinho de Mouros, nos *Ined. de Hist. Port.*, IV, pp. 579 e 607)» .. Fls. 25-A a 25-C.

«.. Alem de *meirinhos do reino*, depois *meirinhos da côrte*, havia duas classes de meirinhos: os *menores*, que representavam uma instituição antiga, já existente no principio da monarchia, e na qual não consta haver-se dado mudança d'atribuições; e os *mores* (os de districto), que em Portugal só apparecem desde o reinado d'Affonso III, e eram os ministros que os soberanos enviavam em correição por determinadas circumspcrições com poderes extraordinários para que não se faltasse á justiça, e cumprissem as leis». Fls. 27 e 27 *v*.

Extintas as *tenencias*, as suas atribuições passaram, crê G. Barros, no reinado de D. Denis, para os *meirinhos mores*. Fls. 27-C.

Ao nome de *terras* sucedeu o de *meirinhados*: fl. 28.

«Para o fim do reinado de D. Diniz ha exemplo não só de se usar a palavra *comarca*, em sentido de circunscripção administrativa superior ou julgado, mas também de se chamar *corregedor* ao meirinho-mor»: fl. 28.

D. Diniz dá licença «a Mem Rodrigues de Vasconcellos, meirinho-mor de Alem Douro, de fazer uma casa forte [i. é, «fortificada»] no couto de Penagati, para ter ahi o corpo salvo quando lhe cumprisse e ter ahi a mulher e os filhos, isto, por se temer de alguns que viviam entre Douro e Minho e lhe mostravam má vontade pelo serviço que fizera a elle D. Diniz .. Allude de certo à revolta do herdeiro da coroa .. ». Fls. 28-A e v.

Na *Monarch. Lusit.*, v, escritura 35.ª, fls. 331 vem o codicillo do 1.º testamento de D. Diniz, 1299, e aí se faz referência aos concelhos:

D'antre Tejo e Odiana e de Moura e de Serpa;

Da Estremadura;

D'antre Douro e Mondego, onde se refere a Coimbra;

Da Beira, onde se refere à Guarda;

D'Antre Douro e Minho.

«Omitte-se o Algarve, como nota G. Barros, que talvez andasse então aggregado a Entre Tejo e Guadiana; tambem não falla de região transmontana, acaso por estar unida n'esse tempo ao governo d'Entre Douro e Minho; e refere o territorio. Entre Douro e Mondego, a que só achamos nova referência na proposta feita pelas cortes de Coimbra de 1385. Das villas de Moura faz o codicillo menção especial, proprovávelmente por haverem estado usurpadas pela coroa de Castella, que as restituiu a Portugal em 1295 [.. *Monarch. Lusit.*, v, liv. 17, caps. 26, 27 e 28][1].

«Depois que desde o princípio do séc. XIV, o uso da língua portuguesa nos documentos publicos, em substituição do latim, se tornou mais geral, a palavra *comarca* apparece com differentes significações». Fl. 29.

»Chamavam *comarca* a divisão territorial a que depois do séc. XV foi dada tambem a denominação de *provincia*; e neste sentido já em 1406 as comarcas existentes eram as que seguidamente enumeramos, e que correspondiam em numero, e aproximadamente em nomes, às

---

[1] [Esquèci-me de tomar nota das páginas a que pertenciam estes dois trechos, que estavam àparte, mas pertencem cronológicamente aqui].

provincias dos seculos posteriores até o estabelecimento do regimen constitucional em 1834:

»Antre Tejo e Odiana, e aalem d'Odiana, reyno do »Algarve; Estremadura, como parte de Lisboa inclusive, e pollo »Rio do Tejo ataa o mar, e ataa Coimbra inclusive, como ora anda »a correiçam, que traz Martim de Santarem, Corregedor por nós na »dita Comarca; Beira, como parte por essa correiçam e Antre o »Tejo e o mar atee o rio do Doiro, e como parte com Castella; »Antre Doiro e Minho; Tralos Montes». (Lei de 30 de Agosto da era 1444=anno 1406, sobre coutos d'homisiados, nas *Ord. Aff.*, v, tit. XL, 2 e 24). Fls. 29 e 29 *v*.

Nas *Ord. Aff.*, II, tit. LXXXI, 24, no regimento do arraby mor dos Judeus, diz-se: Viseu para os da comarca da BEIRA D'AQUEM DA SERRA, e Covilhã para os de *Riba de Coa*, pela *Serra aalem* ataa contra o Tejo»[1].

*

[Correição corresponde ás vezes a comarca]:

1391: «Vasco Gil, corregedor na correição da Estremadura», fl. 29-A *bis*.

1336: «Affonso Annes .. corregedor no reino do Algarve». Fls. 29-B.

1414: «Comarca e correição da Estremadura», fls. 29, n.º 2.

« .. se havia na comarca (provincia) mais de um distrito a cargo de corregedor, o que suppomos ter sido pouco vulgar até o fim do sec. XV, davam o nome de *comarca* a qualquer d'essas circunscripções». Fl. 32.

«Alem da significação restricta de provincia, ou de circunscripção a cargo de corregedor, tinha tambem a palavra *comarca* um sentido lato».

Do cap. II — *Agentes da administração:*

1. Condes:

«A organização administrativa da provincia portugalense antes de constituida em condado sobre si, quasi nos fins do seculo XI, era de certo muito semelhante, senão identica, á da Galiza, de que fazia parte até então. Na portugalense, ao governo das circunscripções

[1] [Este apontamento estava noutro lugar, mas fica melhor aqui].

maiores presidia um *conde*, e assim chamavam tambem nos outros distritos de Leão e Castella ao magistrado que exercia n'elles a auctoridade suprema por delegação do rei, como já temos por vezes allegado. (Por exemplo tomo I, p. 108 a 118, e 112 e 120 a 130..»

(Tambem aos condes se chamava ás vezes *duces*, sem que se descubra diferença, e remete para Amaral, VII, 148–149, notas 170, 171).

E cita varios exemplos de condes no nosso territorio: *DC*, n.º 259, de 1025; n.º 384, atribuido aí a 1053; n.º 42, 33 e 34.

— n.º 420 condes e condessas: — Fls. 1

Villa de Comite, sec. X a XI, fls. 1–A

— n.º 782.

Outros exemplos, e significação de *conde*, fls. 2–B *bis*.

Diz que no govêrno de D. Henrique aparecem nos documentos algumas vezes condes, mas como confirmantes, e jamais expressamente como presidentes de districtos administratívos. No govêrno de D. Henrique, do Minho ao Tejo, foi ele o unico, fls. 4, e cf. fls. 6.

2 *Meirinhos:*

Maiorini regis, maiorini maiores. [Dificil a diferença]: fls. 1.

«O nome de *terras*, dado aos districtos em que se dividia o reino, deixou de se usar no govêrno de D. Diniz, e julgamos que nos fins do seculo XIII». Fls. 26 *bis*.

A fls. 26 cita um doc. de 1283 em que D. Diniz fala já de um seu *meirinho*.

1323: meirinho mor de entre Douro e Minho, e remete para as *Reflexões hist.*, de Ribeiro, pt. II, p. 40 in fine. Fls. 26 *v*.

1303: *Pero Esteves meu meirinho*, fls. 26 *v*.

1327: «meirinho mór de Entre Douro e Minho». Fls. 31–B.

1331. «As côrtes de Santarem de 1331 é que mostram existirem já os corregedores como instituição permanente». Fls. 31–B

Os cargos de meirinho mór de comarca representavam primeiramente uma comissão extraordinaria de serviço público, e portanto não faziam parte da organização administrativa e judicial que tinha o caracter de permanente. Fls. 31 *bis*.

Cita Amaral, VI, p. 161.

*

No reinado de Afonso IV, 1325-1357, os corregedores de comarca, nome que nos fins do reinado antecedente se encontra aplicado a um meirinho-mór, sucederam aos meirinhos-mores, .. mas aqueles encontram-se na organização administrativa e judicial com caracter de magistrados de exercicio permanente; contudo a instituição dos meirinhos-mores não acabou logo. Em documentos que vão até D. João I aparecem ainda, não poucas vezes, em exercicio, principalmente no reinado de D. Fernando os meirinhos-mores. Fls. 31 *bis v*.

É preciso que meirinho-mór se declare expressamente, porque só meirinho pode ser o menor. *Ib.*

«Pelo fim do reinado de D. Diniz, e sem a natureza de cargo permanente, já há exemplos de se dar o nome de corregedor a um magistrado, a quem el-rei commette attribuições que não differem das que se incumbiam aos meirinhos-mores».

. . . .

II

Extracto das Notas do fim do volume

Da «Nota I. Para o fim do vol. V que está para imprimir. Referencia ao Borrão, fl. 3 *v*.

Territorios e terras.

> Em igual sentido, de que fazem menção os *Port. Mon. Hist., Diplomata et Chartae*, até o fim do sec. XI. Não se compreendem senão, com poucas excepções, as villas ou logares a cujo respeito os documentos declaram expressamente o territorio ou terra onde existiam. Para se estender a Nota a todas as villas e logares a que fosse possivel fixar a situação, apesar da obscuridade da materia, seria necessario um grosso volume».
>
> E tem a lapis ao lado: «São 49 territorios».

Depois menciona:

Aguiar—ver Aquilar.
Alaphoen, Alaholeines etc.—Alafões.
Alvarenga.—Proximo do Paiva (vila de Alvarenga, conc. de Arouca).
Anegia.

Aquilar, terra.—no concelho de Paços de Ferreira. .. Do antigo concelho de Aguiar de Sousa.

Arauz.—No concelho da Lousã, Serpins. Rio *Arouce*.

Arouca.

Baian, terra.

Basto: territorio, doc. n.º 755, de 1091. Fala-se de povoações pertencentes hoje a Cabeceiras e Celorico de Basto, talvez tambem a Penafiel.

Bemviver, terra. Igreja de Tuías, no territorio de Bemviver, hoje no conc. de Marco de Canavezes.

Bracarense

Calambrie. Doc. 877, de 1098: Freg. de S. Pedro de Castellões, concelho de Macieira de Cambra: *villa Castellanus*.

Castro-Portella. Doc. 870 de 1098. Não localiza.

Centum Cortes. Doc. 660, de 1086. No curso do Vouga.

Colimbriense

Condeixa. *Anlubria villa*, Doc. 658, «*Anlubria* suppomos ser a actual freguesia de *Anobra*, concelho de Condeixa a Nova».

Ezebreiro. Doc. 12, de 897. Noutro doc. *Zebreiro*.

Faria, terra.

Ferraria.

«Por *territorio Ferraria* significava-se talvez alguma das regiões em que era maior a industria do ferro. As Inquisições gerais de 1220 comprehendiam a freguesia de S. Pedro das Ferrarias, terra de Celorico, onde se pagavam foros ao rei em objectos de ferro». Remetto para o tomo III, p. 69-71.

Territorio Fornos. Doc. 438 de 1064

No concelho de Castelo de Paiva.

Territorio Gironzo.

territorio *Inter ambas aves*.

Doc. 31 de 926.

territorio Karnota. Doc. 12, de 897.

territorio Labrense. Doc. 281 de 1033.

Lamego, Lamecense, Lamicense.

Doc. 484 de 1069

Freguesia de Covelo de Paivó

Lattite territorio.
Remete para Bracarense.
Miranda. Doc. 127, de 980
Miranda do Corvo
Muro, mons Muro fracto etc., territorio. Cimphanes, doc. 538 de 1076.
Montis Maioris, doc. 385, de 1311
Panoias. Doc. 764, de 1091: territorio
Pávia: territorio
Penafidel ou Penafiel
Penafidele de Covas
Pennadele doc. 211, de 1009

«Parece-nos que *territorio Pennadele* em 1009 se pode julgar denominação puramente chorographica.

Portugalense:

«Territorio portugalense: até ser dado ao Conde D. Henrique tinha a significação não só de provincia, que fazia parte da Galliza, mas também, n'alguns casos, a de circunscripção administrativa existente nessa provincia; não é raro, porém, que a distincção seja difficil, senão impossivel, de attingir.

.. Ainda no meado do sec. XII aparecem exemplos da mesma expressão [*territorio portugalense*] posto que já de longa data não representasse nenhuma ligação com a Galliza.

.. Não pode haver duvida em que já nos principios do sec. X o territorio portugalense, que ficava até uma certa região ao Norte do Douro, e que se extendia para o Sul até onde iam chegando as conquistas .. mencionava-se ordinariamente só por si, embora como parte da Galliza; todavia em 1092 .. era ainda na *Gallitia* que se dizia ficar o territorío d'Arouca (Doc. 790). Quanto ao lado Norte do Douro faltam provas sufficientes para affirmar até onde chegava, anteriormente ao govêrno do Conde D. Henrique, essa terra que os documentos do sec. X e XI chamam portugalense». E cita Herculano, *Hist. de Port.,* 2.ª ed., 1853, p. 189, onde fala do districto do Porto (desmembrada d'ele a Feira) como pertencente ao districto de Coimbra do consul Sisnando.

»Delegada no Conde pelo sogro a administração da provincia, o territorio d'esta deixou de estar incorporado no da Galliza, e servia-lhe de limites, talvez já antes, as margens do Minho até o Tejo (Doc. 849 de 1097)».

Portus Carreiro, Doc. 179, de 1137, iuxta Sanctum Petrum de Canaveses.
Santa Cruz, Doc. 672.
Sancta Maria (Civitas), *DC.* n.º 977, *discurrente rivulo Mediano in territorio Portugalense.* — Feira.
Pinitelo, doc. 767. Pindelo, concelho de S. Pedro do Sul.
Sancti Salvator. — Cinfães Doc. 491.
Sause.
Sena.
Senabria, doc. n.º 459. Faria perto de Gironzo.
Seniorim.
Timillopus doc. 101 e 107.
Tulensis, doc. 778. — Desconhecido.
Varganense.
Velaria.
Visense[1].

Da «Nota II» do fim do volume:

Foraes dados por D. Fernando I de Castela a varias terras da provincia portugalense (S. João da Pesqueira, Penella, Paredes, Linhares, Ansiães): *Leges*, I, 343. — Remete para o texto ms. fls. 13 *v*.

Da «Nota III:»

«Nota III, Observ. sobre a data de documentos atribuidos ao sec. IX e alguns a respeito dos *Diplomata et Chartae*, Borrão, fl. 23».

Da «Nota IV: *Tenencias.*»

Tenencias de terras, desde o Conde D. Henrique, com designações de nome igual ao de territorios ou terras que existiam anteriormente ao seu governo. Aguiar, Alafões, Baião, etc.

Da «Nota V para o fim do tomo V»:

Referencias ao Borrão, fls. 29 A.

Provincias

Algarve:

1254: uma doação régia da Chancell. de D. Af. III, liv. I, fls. 81: *Petrus Iohanis de Portello tenens Algarbium.*

---

[1] [Nos manuscritos de Gama Barros há um maço que diz: «Villas, logares, etc., mencionados nos *Diplomata et Chartae*». Alfabetado. D'este maço foi que ele extractou o que fica dito das *terras*].

1266: doação de Miranda, e foral de Silves, com a mesma data: *Affonso Peris,* na doação como *teente o Algarue,* no foral como *tenens Algarbium. Leges* I, 707.

Sec. XV: correição do Algarve e d'Entre Tejo e Guadiana.

1482: corregedor do *reino do Algarve.* No mesmo ano: Conde de Faro, *adiantado em o reino do Algarve d'aquem e Entre Tejo e Guadiana.*
Chancelaria de D. João II, fl. 36 *v.*
G. Barros, fls. 1 e 1 *v.*

ANTRE DOIRO E MINHO:

1253: *a Minio usque ad Dorium* nas *Leges,* I, 192.

«Tambem na opinião de Ribeiro, *Reflex. hist.,* parte 2.ª, p. 4, lhe chamavam *Aquem dos Montes.* Já citámos um exemplo da era 1388 (anno 1350), alegado por Viterbo no Elucidario, vb. *Talha,* mas sem explicar a que provincia correspondia esse nome. Ribeiro, que tambem o aponta nas *Reflexões historicas,* é que lhes acha a correspondencia referida. [Faz referencia ao Borrão, fls. 28-B]. D'outro modo se lhe refere el-rei D. Diniz em carta de 16 de Janeiro de 1323, dirigida *a todolos Meyrinhos alcaides comendadores juizes tabaliões e a todolos meus vassalos e aos vassallos do Inffante Don Affonso meu filho e a todalas as outras justiças e aportelados e concelhos* d'ANTRE DOIRO E MINHO tambem d'AALEM DOS MONTES come D'AQUEM (Chancellaria de D. Diniz, liv. III, fls, 148 *v*).

As expressões d'*aalem dos montes come d'aaquem*[1], referidas a instituïções que ficavam entre Douro e Minho, parece-nos que se podem interpretar por alto e baixo Minho.

Em 1437 passavam a pertencer á correição d'Entre Douro e Minho os logares de Gaia e Villa Nova, que, por estarem na margem esquerda do Douro, se diziam situados na *Estremadura*». — Fls. 1 *v* e 2.

Corregedores d'*Entre Douro e Ave.*
[Cita Ribeiro, *Reflex. hist.,* pt. 2.ª, p. 3. Corregedores em 1328, 1330, 1388, 1409, 1429: *ib.,* pp. 54-55].

---

[1] [No parágrafo anterior está escrito *d'aquem* em vez de *d'aaquem*].

Inquirições de 1258 aí nessa região.

«Vê-se, pois, que a segunda comarca [Entre Douro e Ave] andava algumas vezes aggregada á de Entre Douro e Minho». Fls. 2-A, e 2-A *v*.

ANTRE TEJO E ODIANA:

«ALEMTEJO é designação do territorio já usada em 1271. D. João d'Aboim, mordomo do rei, exercia n'esse ano a tenencia ULTRA TAGUM (Chancell. de D. Affonso III, liv. I, fl. 105, e liv. III, fl. 7 *v*); ainda a conservava em 1273 (Foral de Montalegre e no dos Moiros forros d'Evora (*Leges et Consuet.*); e em 1278 com o cargo de mordomo do rei accumulava o de TEENTE ALEMTEGIO . . (Chancell. de D. Affonso III, liv. I, fl. 144). —Fls. 2 e 2*v*.

«Com o nome de RIBA DE ODIANA existia uma comarca em 25 de Maio de 1490 . . (Chancell. de D. João II, liv. XIII, fl. 53); mas não sabemos se existia só por si, ou fazendo parte da comarca de Entre Tejo e Odiana. Nem antes nem depois a tornámos a ver mencionada». —Fls. 2 *bis*.

BEIRA (*Beria*, TRANSSERRAM):

[Cita a minha explicação de *Beira* na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 52, e acrescenta:

«A lei de Affonso III . . que proibia exportação da prata, é favorável a essa etimologia: . . omnes *frontarias berias et portus tam per mare quam per terram* (*Leges*, I, 253, n.º 59)».

«BEIRA, sem data de anno, encontra-se . . na doação de Tendaes por D. Affonso III». (Chancell. de D. Affonso III, liv. I, fol. 17).

«No século XIII chamavam indistintamente BERIA, BEIRA ou TRANSSERRA à região cujo nome depois, mas só no seculo XIV, ficou sendo de BEIRA.

«Não se deve portanto confundir a provincia TRANS SERRAM com aquella que se designou primeiro pelo nome de PANOIAS, e mais tarde por TRALOSMONTES, mas abrangendo então um território muito maior».

[Menciona textos em que se faz distinção entre *Transserra* e *Panonias*, por exemplo, no *Archeologo Portug.*, VI, 1901, pp. 202 a 204].

Fls. 2 *v*. e 3.

1262: Martinus Egidii tenens de TRASSERRAM.
1268: Petrus Iohanis *tenens* TERRAM DE BERIA.
1270: O mesmo: tenens *Transserram.*
Fls. 4.

1265: «bens situados *in Beria*»; *Celorico de Beria,* in loco qui decitur Espedrada *in Beria.*
Fls. 3 A.

« .. parece não ter sido menos vulgar do que BEIRA o termo TRANSERRA para designar a *tenencia* a que davam ambos esses nomes. BEIRA é que se encontra menos vezes».
Fls. 3 *bis.*

«As *Reflex. hist.,* 2.ª parte, p. 56, citam (em 1363) .. um corregedor ENTRE DOURO E TEJO e RIBA DE CÔA ..
Nas *Orden. Affonsinas* (v, tit. LXI, 2 e 24) a BEIRA, segundo uma lei de 1406 .. estendia-se da correição de Estremadura entre o Tejo e o Mar até o rio Douro, e partia com Castella».

1463: comarca de RIBA DE COA (com um meirinho menor); e toda COMARCA DA BEIRA, cujo corregedor o investiria. «Ve-se, pois, que não tinha então Riba de Coa corregedor proprio, e era o da Beira que ahi superintendia».
Fls. 5 e 5 *v.*

« .. entendemos que se trata .. da correição da Beira, e que esta se estendia até as margens do Coa ..
«Ribeiro, *Reflex. Hist.,* parte 2.ª, p. 4, entende tambem que corregedor *entre Douro e Tejo* corresponde a corregedor da Beira».
Fl. 5 A.

ESTREMADURA:

«Até o seculo XIII, durante quasi todo o periodo da reconquista, a palavra *stremadura* designava os territorios onde já dominavam os christãos, mas fronteiros àquelles que estavam ainda sujeitos aos musulmanos».

Cita um doc. de 960, *Dipl. et Chart.,* n.º 81, em que se menciona: *in ipsa stremadura.*

«O conde D. Henrique e infanta sua mulher .. em 1114 diziam de si que reinavam em Portugal e na Estremadura, Coimbra, Viseu, e Seia». *Leges*, i, 359. «Contra a authenticidade d'este foral manifesta-se Ribeiro nas *Dissert. Chron.* iv, pt. 1.ª, p. 15, e a favor Herculano, *Hist. de Port.*, i, nota vii no fim do volume».

Portugal e Estremadura: 1130, *Leges*, i, 368.

1145: *Longrovia in Extrematura*, *Eluc.* vb. Tempreiros, t. ii, nota de p. 353,

1169: Extrematuram tenens: *Eluc.*, s. v. *Maiorino.*

1179: *Eluc.*, s. v. *Portatico.*

Talvez 1211: *Orden. Aff.*, tit. xxxi; *Leges*, i, 164, n.º 32.

1235, *Mon. Lus.*, iv, fls. 273 *r* e escrito xiii (aliás xvii).

«Tornadas definitivas até Lisboa as conquistas que Fernando Magno levou até Coimbra, converteu-se a denominação Extremadura em nome proprio de provincia, na qual se comprehendia tambem a região chamada modernamente Beira Baixa, mas essa região pertencia á correição da Beira, e designava-se por Comarca de Riba-Côa.

»Ribeiro, (*Memor. authenticas para a Hist. do Real Archivo*, p. 168, nota 1) observa que no tempo do rei D. Manuel a Beira Baixa se representava *comarca* de Extremadura. Importa porém advertir que o sentido que o auctor usa aqui da palavra comarca, é indubitavelmente, a nosso ver, o de *provincia*, unica accepção que nos parece ella pode ter n'esse trecho. Nas *Reflexões historicas*, parte 2.ª, p. 3, tambem Ribeiro diz que no reinado de D. Pedro I a correição d'Entre Douro e Tejo se extendia a Riba-Côa, mas ahi também, p. 4, refere que a *provincia* de Estremadura terminava pelo Norte no Douro, comprehendendo toda a Beira Baixa até o reinado de D. Duarte, que d'ella desmembrou, para o Minho, Gaia e Villa Nova do Porto. Fez-se esta alteração por carta de 27 de Novembro de 1437, como informa o mesmo auctor a p. 116 dos Additamentos á *Synopse Chronologica*».

Orden. Affons., no regimento do arraby mor dos Judeus, distingue:

Antre Doiro e Minho.
Trallos Montes.
Comarca da Beira d'aquem da Serra (Viseu).

Riba de Côa pela Serra aallem (Covilhã).
Estremadura (Santarem).
Entre Tejo e Guadiana (Evora).
Algarve.
Liv. II, tit. LXXXI, 24.

1533. Uma carta regia de 12 de Março: Coimbra e varias vilas constituíam «uma correição e ao mesmo tempo provedoria apartada das da Extremadura».

1572. Um alvará régio diz que a comarca de Coimbra está na comarca da Beira. — Fls. 6 a 8 *v*.

Tras-os-Montes:

«Na última década do sec. XI apparece um documento citando *Panonias*, como territorio onde existiam varias propriedades (*Dipl. et Chart.*, doc. 764, de 1091). Sob esse nome abrangia-se um terreno que podemos dizer vasto, pois as inquirições gerais de 1220 já registaram n'elle trinta e tres freguezias (I, p. 39 a 40); mas não comprehendia todo o espaço que pertence ao actual distrito de V. Real.

Para designar todos os mais territorios que entestavam com o de Panoias parece que não havia então um nome especial, e que tambem o não tinha o territorio do moderno distrito de Bragança, que forma agora com o de V. Real a província de Tras-os-Montes. Era porém Bragança uma terra já de certa importância antes de lhe ser concedido o foral de 1187 (*Leges*, I, 463), que lhe chama algumas vezes *villa*, mas ainda mais *civitate*, e conclue declarando que por elle dá o soberano á cidade de Bragança e aos seus povoadores integralmente e para sempre a cidade de Lampazas com seus termos. O foral foi confirmado por D. Aff. II em 1219 (*ibid.*, p. 464) e por D. Aff. III em 1253 (N. Malta, I, 486, nota»).

1258. Inquirições: *terra de Bragança*, N. Malta, I, 485, § 279. (G. Barros, fls. 9-A).

Importancia de Bragança: Revordanos[1] *de Bragancie*, isto é, talvez dependente de Bragança. Tenencia de Bragança é das que mais vezes se citam nos documentos.

---

[1] [Rebordãos].

«Quando foi que se principiou a usar d'essa denominação [Tras-os-Montes], que comprehendia toda a provincia limitrophe de Entre Douro e Minho, por lado do Occidente, e da Beira, pelo Sul, não o sabemos. Vemos porem que na carta régia de 10 de Janeiro de 1335 e na de 4 de Julho de 1340, relativas a inquirições e confirmações de jurisdicções, já D. Affonso IV denomina d'Alem dos Montes a provincia cujo nome corrente foi depois Tralos Montes: Ribeiro, *Mem. das inquirições e das confirmações régias:* docs. n.º 42, p. 121 das *Inq.*, e n.º iv das *Confirm.*, p. 8».

1385: cortes de Coimbra, num dos capp., menciona-se *Tralos Montes*.

1395: *Tras os Montes*, carta regia, na Chancell. de D. João I, liv. ii, fl. 132.
(Fls. 8 *v.* a 9 A *bis*).

Àquem Douro e Alem Douro:

«São expressões, usadas nos documentos, principalmente do século xiv, relativas a divisão de territorio, e cuja significação portanto importa que procuremos definir.

Aquem Douro. Em 2 de Outubro de 1307 (era 1345) occupava o cargo de meirinho-mór d'Aquem Douro Estevam Rodriguis, e d'Alem Douro Pedro Esteveins .. Nessa data participa-lhes El-Rei D. Diniz que enviava ahi Appariço Goncalvis .. com as instruções que havia de observar contra o facto de posteriormente ás inquirições realizadas sobre a existencia de logares privilegiados (etc.)». E cita Ribeiro, *Mem. das Inquir.*, docs. 23 e 24.

Os julgados onde Appariço Gonçalvis exerceu o mandato do Rei eram na Beira, em Tras os Montes, e Beria.

De Tras os Montes restam só as cartas relativas a Mesão Frio e V. Real. E cita Ribeiro, *ob. cit.*, p. 82.

Parece do texto que os julgados eram:

Entre Douro e Minho — Lanhoso.
B. Alta, Lamego.
B. Baixa, Trancoso.
Traz os Montes — Penaguião, V. Real, Mesão Frio.

Fls. 10-10 *v*, e outra sem numero.

Seguem-se duas pastas com Aquem Douro e Alem Douro.

ÀQUEM DOURO:

«Para acrescentar em Beira».

Resumirei:

Em tempo de D. Diniz dava-se o nome de AQUEM DOURO a um *meirinhado* que não sabemos se abrangia toda a provincia da Beira, ou só parte d'ela.

Em 1321 compreendiam-se nele os julgados de Lamego, Castro Rey, Pena Juyam (=Penajóia), S. Martinho de Mouros, Aregos (concelho cuja cabeça era a actual freg. de Anreade), *e muytos outros lugares*. Cita Ribeiro, *Mem. das inquir.*, doc. 35.

Em 1307 era meirinho-mór de Aquem Douro Estevam Rodriguis (*Mem. das Inquir.*, doc. 23.º, p. 61).

Depois cita o *Eluc.* s. v. *Algo, I: Castrorrej que foi chamado Tarouca*[1].

ALEM DOURO:

«Para artigo separado»

Resumirei:

1050, *Dipl. et Chart.*, n.º 378: *Tras Doiro,* e acrescenta G. Barros: «é preciso dizer . . onde os prédios aí citados ficam situados».

1321. O julgado de Penella, entre Douro e Minho, em Ponte de Lima e Villa Verde fica neste territorio de Alem Douro, *Chancell. de D. Diniz,* liv. III, fl. 134.

«ALEM DOURO. Este nome abrangia a região d'*Entre Douro e Minho*, e aquela que se designou primeiro por Panoias».

Alem Douro: { Entre Douro e Minho
Panoias.

1286: Garcia Rodrigues, «meirinho-mayor d'Alemdoyro». G. Pereira, *Docs. de Evora,* I, 32, n.º 22.

1318. «Ainda aparece exemplo de se abrangerem na expressão Alem Douro as duas provincias de Entre Douro e Minho, e a que depois se chamou Tralos Montes»: *Chancell. de D. Diniz,* liv. III, fl. 197 *v*

---

[1] [Das relações entre Castro-Rey e Tarouca, e das ruinas d'aquele perto da povoação de Dalvares, fala-se no *Livro da fundação do mosteiro de Salzedas,* de Fr. Baltasar dos Reis, Lisboa, Imprensa Nacional, 1934: vid. a Introdução que fiz a esta obra, p. XXIV].

1339. *Alem Douro* numa carta regia: *Chancell. de D. Aff.* IV, liv. IV, fl. 39 *v*.

«O termo Alem Douro não é de applicação forçosamente restrita, porque o que é *Áquem* para os habitantes de uma margem, é *Alem* para os da margem oposta. Compara com Alem-Tejo.

«Servem estas considerações para abonar a possibilidade de que no seculo XII a expressão Alem Douro tivesse um sentido opposto ao que lhe deram depois».

[O maço é conjunto de apontamentos].

Da mesma Nota V:

Algarve . . . . fls. 1
Antre Douro e Minho . . . . fls. 1 *v*
Aalem dos Montes = Alto Minho. . . . fls. 1 *v* e 2
Aaquem dos Montes = Baixo Minho . . fls. 1 *v* e 2
Antre Tejo e Odiana . . . . fls. 2
Alentejo . . . . fls. 2
Beira, Transerram . . . . fls. 2 *v*
Riba de Côa . . . . fls. 5
Estremadura . . . . fls. 6
[Traz os Montes, sem nome] . . . . . fls. 8 *v*
Alem dos Montes . . . . fls. 9 e 9 *v*
Aaquem Douro, aalem Douro . . . . . fls. 10

Em pasta separada, outra vez:

Aquem Douro.
Alem Douro.

Num maço de generalidades (divisões do territorio).

«Circunscripções especiais que não tinham a qualidade de permanentes, e apparecem portanto só durante o tempo em que se exercia a missão para a qual se tinham creado. Corregedorias que não correspondiam a provincias, nem a correição ordinaria de corregedor.

Alguns exemplos até o fim do sec. XV:

Meirinho mór de Alem Douro em 1286 *Reflex. hist.*, 2.ª pt., p. 40, «nota minha».

Meirinho mór antre Douro e Mondego 1324. *Ib.* p. 42.

Meirinho mór entre Douro e Tamega 1325 *Ib.* p. 42.

Meirinho mór aquem Douro, 1282, 1284, e muitos outros, dos quais o mais moderno é de 1326, *Ib.* p. 43.

Meirinho mór entre Douro e Tejo, 1345, 1359, 1366. *Ib.* p. 43.
Corregedor entre Douro e Ave, 1328, e outros .. *Ib.* p. 54.
Corregedor entre Douro e Tejo, 1345, *Ib.* p. 55.
Corregedor entre Douro e Tejo e Riba de Coa, 1363, *Ib.* p. 56».

«Um doc. de 1053, n.º 384, *Dipl. et Chart.*, chama *terram portugalensis* a um logar entre Douro e Vouga».

«Para certos effeitos houve uma divisão especial. Por exemplo, houve um *tabelliado* d'Entre Doiro e Mondego. 1482. *Chancell, de D. João II,* liv. III, fl. 60.

Seguem-se outros maços ou pastas, com apontamentos:

Condado. Varios sentidos d'este termo.

Julgados, villas, concelhos, vintenas, e *freguesias:* «Chamavam condados a grandes terras, dadas pelos reis aos fidalgos» (Linhagens); *condado* talvez no sentido local, onde havia caça grossa; nome de terras.

Vintena. «Era a infima divisão administrativa». Remete para: «Administração geral: agentes da administração geral: *vintanarios*». (Da Nota V).

Comarca dos contadores, e almoxarifados:

Divisão de territorio: *almoxarifado da Guarda,* 398; *de Leiria e Obidos,* 1473, etc. Para os efeitos fiscais.

Contador da comarca de Tralos Montes pertencia-lhe: Moncorvo, 1435.

Termina a nota V e o volume ou maço grande da *Historia da Administração* de GAMA BARROS

Mouros e Judeus na arte portuguesa

II

Judeus

O que aqui poderia dizer, ainda que resumidamente, da historia e vida dos Judeus conto dizê-lo um pouco mais de espaço no Liv. II da *Etnografia Portuguesa,* Pt. II. Cf. já tambem o cap. IX da minha *Antroponimia,* pp. 387–421.

Zacuto Lusitano

Para contudo não ficar este artigo sem n.º II, visto que o n.º I o consagrei a Mouros, reproduzo de um livro português, *Zacuto Lusitano*, de Maximiano Lemos, Porto 1909, uma gravura com que este distinto historiador da nossa Medicina o adornou artisticamente: vid. a fig. adjunta. Zacuto Lusitano nasceu em Lisboa em 1575, de pais judeus, e faleceu em Amsterdão em 1642. Tendo estudado

em Salamanca e Coimbra, e tendo-se formado em Siguenza em Medicina, notabilizou-se nesta sciencia, já como clinico, já como autor de várias obras. Depois de viver entre nós por vinte anos, retirou-se para Holanda, impelido por perseguição religiosa. Além do que o D.or M. Lemos escreveu d'ele no mencionado livro, já do mesmo médico ele falara na *Hist. da Medicina em Portugal*, II (1899), 30–40.

J. L. DE V.

Expediente

Conquanto editado pela Imprensa Nacional de Lisboa, o n.º 5 do presente *Boletim,* continua a sair a lume sob a égide do Museu Etnologico. Por isso podia figurar no frontispicio o nome do actual director efectivo do Museu, o D.or Manuel Heleno; mas o ilustre professor e arqueologo quis declinar de si aquele direito, transferindo-o inteiramente para mim, como unico responsavel, que sou, da publicação: e muito lhe agradeço a condescendencia que teve comigo, e que devo á sua amizade.

Lisboa, 13 de Abril de 1938.

J. L. DE V.

Observação final

A figura emblematica do frontispicio foi extraida da *Hist. do Museu Etnologico Português.* Lisboa 1915, p. 393, n.º 127: brinquedo infantil, feito de casca de nóz, e denominado *réla* ou *arréla.*

As gravuras que embelezam o texto das páginas 19 (n.os 8, 9, 10), 22 (n.os 13, 14), 24 (página inteira), 26 (n.º 19), 32 (página inteira), 47 (n.º 1), 48 (página inteira), 49 (n.º 6), 57 (n.º 15), 62 (n.os 2 a 8), assentam em desenhos executados do natural, com o costumado esmêro, pelo S.or Francisco Valença, desenhador do Museu Etnológico. Quanto ás restantes gravuras diz-se a proveniencia dos desenhos nos respectivos artigos.

J. L. DE V.

ÍNDICE

Índice alfabético do «Boletim» n.os 1 a 5

C

D

E

F

M

N

P

Q

R